**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS
HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

ALUÍZIO LINS DE OLIVEIRA

Erudição e cultura popular na atividade intelectual de Luís da
Câmara Cascudo

São Paulo
2012

ALUÍZIO LINS DE OLIVEIRA

Erudição e cultura popular na atividade intelectual de Luís da
Câmara Cascudo

Tese apresentada a Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade
de São Paulo para obtenção do título de
Doutor em Sociologia.

Área de Concentração: Sociologia da
Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Sergio Miceli Pessoa
de Barros.

São Paulo
2012

Nome: OLIVEIRA, A. L. de. **Erudição e cultura popular na atividade intelectual de Luís da Câmara Cascudo**. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

À minha mãe, Alba de Paula Oliveira, lembrada nuns desenhos em exposição no Mam/Usp, na hora em que partia. E a meu tio Geraldo Tavares. Saudades e memória.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Sergio Miceli, pela simplicidade que sempre demonstra quando queremos superdimensionar a prática do conhecimento e outras práticas. Simplicidade que não cede ao que tem que ser feito. Nem a maior sutileza e complexidade desarmada que já presenciei em análise sociológica. Busca de um parto que não sei se seremos capazes de realizar no quadro científico brasileiro. Agradeço a recepção à minha proposta, ao ensino de alguns modos de desviar golpes para o combate sociológico e ao espaço de convivência que me proporcionou no programa de pós-graduação.

Agradeço aos professores Leopoldo Waizbort, Maria Arminda do Nascimento Arruda e Brálio Sallum Júnior, dos quais fui aluno em disciplinas que muito acrescentaram ao meu universo intelectual e científico.

Agradeço ao professor Fernando Pinheiro pela cordialidade com que me recebeu e escutou. Aos professores Fernanda Peixoto e Luiz Carlos Jackson que participaram do exame de qualificação.

Aos professores e colegas do Projeto Temático sobre o desenvolvimento da indústria cultural no Brasil, pelas instigantes discussões que proporcionaram sobre livros, texto e projetos.

Ao programa de pós-graduação em sociologia, seus professores, sua organização e seus funcionários. A Ângela, a Evânia, a Vicente, a Gustavo.

Aos professores do Departamento de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, que possibilitaram a liberação para o curso de doutorado. Agradeço à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte pela liberação remunerada e um suplemento a que tive direito, sem os quais tudo seria impossível. Ao setor de Capacitação Docente, na pessoa de Almir, sempre pronto a ajudar nos andamentos burocráticos. E a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, na pessoa do pró-reitor Carlos Ruiz e ao vice-reitor Aécio Cândido, com história longa no trabalho de capacitação docente na Uern.

A Jane Janete Alves, também professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, na outra ciência, que em tudo me ajudou e incentivou na transferência para São Paulo. A Rejane Vilela, amiga nossa e que muito incentivou igualmente.

Agradeço muito a Isabel Cristina de Oliveira e Pedro Lins de Oliveira, mulher e filho que seguraram os trancos domésticos.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, e ao Programa de Pós-Graduação de Sociologia, que proporcionou uma bolsa de pesquisa com a qual pude me manter em São Paulo durante a realização do curso.

A Ademir, natalense professor de cosmologia na Usp, que tive a alegria de conhecer logo no difícil início da morada em São Paulo. Ele e a Rose, sua mulher, melhoraram nosso clima na cidade.

RESUMO

OLIVEIRA, A. L. de. **Erudição e cultura popular na atividade intelectual de Luís da Câmara Cascudo**. 2012. 165 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

A descrição de alguns aspectos da vida intelectual de Luís da Câmara Cascudo visa contribuir para análise sociológica de aspectos culturais da sociedade. O autor produziu escrito nas áreas de história, biografia, memorialística e folclore. Com a produção intelectual folclórica se colocou no mercado editorial brasileiro em formação. Procurou-se concentrar análises em alguns documentos culturais relacionados à perspectiva intelectual de Cascudo. Produzidos pelo próprio ou sobre ele. Detalhando características desses documentos bem específicos, tentou-se ver neles alguns elementos das estruturas sociais. Essas produções intelectuais, apesar de diferentes, encerraram no autor uma perspectiva comum de fundo. Tomando alguns pontos específicos das realizações do autor, procurou-se contribuir para as questões culturais que envolvem a intelectualidade brasileira no século XX.

Palavras-chave: vida intelectual, cultura, documentos culturais, perspectiva cultural.

ABSTRACT

OLIVEIRA, A. L. of. **Scholarship and popular culture in the intellectual activity of the Luís da Câmara Cascudo**. 2012. 165 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

A description of some aspects of the intellectual life of Luís da Câmara Cascudo aims to contribute to sociological analysis of cultural aspects of society. The author has produced writing in the areas of history, biography, memoirs and folklore. With the intellectual folk stood in the Brazilian publishing market in the making. We tried to focus analysis on some documents related to the intellectual culture of Cascudo. Produced by himself or on it. Detailing very specific characteristics of these documents, we tried to see in them some elements of social structures. These intellectual products, although different, the author ended a shared background. Taking some specific achievements of the author, sought to contribute to cultural issues involving Brazilian intellectuals in the twentieth century.

Keywords: intellectual life, culture, cultural documents, cultural perspective.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. CONDIÇÕES CULTURAIS DE UMA RELAÇÃO ENTRE O ERUDITO E O POPULAR.....	26
1.1 CONDIÇÃO DA FAMÍLIA E FORMAÇÃO EDUCACIONAL.....	37
1.2 “LUÍS NATAL”.....	60
1.3 CASCUDO E MÁRIO DE ANDRADE.....	72
1.4 INTEGRALISMO E FOLCLORISMO.....	84
2 – O VAQUEIRO, O INTELLECTUAL E O POLÍTICO.....	96
2.1 ENTRE O REGIONALISMO E O FOLCLORISMO.....	98
2.2 A VAQUEJADA NORDESTINA.....	113
2.3 DEFINIÇÕES DOS TRABALHOS FOLCLÓRICOS.....	116
2.4 O HISTORIADOR DO RIO GRANDE DO NORTE.....	121
2.5 SOBRE O LIVRO <i>HISTÓRIA DA CIDADE DO NATAL</i>	124
3 – LIVROS E IDÉIAS DE CASCUDO.....	127
3.1 PUBLICAR É PRECISO.....	127
3.1.1 Um quadro geral da quantidade das publicações de Cascudo em jornal.....	129
3.1.2 Um quadro geral da quantidade das publicações de Cascudo em revistas...	131
3.1.3 Um quadro geral da quantidade das publicações de Cascudo em livro.....	132
3.2 UM EXEMPLO: INTELECTUALIDADE DO AÇÚCAR E DO FOLCLOR.....	143
CONCLUSÕES.....	151
REFERÊNCIAS.....	156

INTRODUÇÃO

Caracterização folclorista

As fontes principais para a aproximação compreensiva sobre a trajetória intelectual de Câmara Cascudo¹ foram os livros e artigos publicados por esse escritor entre as décadas de 1920 e 1970. O exame de alguns fatos que envolveram Cascudo durante as décadas de 1920, 1930 e 1940 permite visualizar o processo de formação do intelectual e a “escolha” do folclore como uma área de atuação no mercado intelectual e editorial brasileiro. Elementos culturais provocaram o tipo de produção intelectual. Envolveram o regionalismo e o folclore na erudição do autor e a definição de folclorista que acabou encerrando a presença dele no mercado intelectual e editorial brasileiro. Essa presença se iniciou com a publicação do primeiro livro dele sobre cultura regional folclórica, em 1939, *Vaqueros e Cantadores: folclore poético em Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará*, e outras ações do período da década de 1930 a 1950. A publicação em 1954 de um *Dicionário do Folclore Brasileiro* coroa, mas não finaliza, esse processo e é hoje o trabalho mais associado ao seu nome. É essa caracterização de folclorista que ganha o autor, por exemplo, em um *Dicionário Crítico Câmara Cascudo*, publicado em 2003.

¹ O nome não é o elemento dominante na compreensão. O nome, a persona, se enquadra e se explica num conjunto de relações sociais. Existe porque existem essas relações sociais. O “eu” é um produto da cultura. O “eu vou além”, “eu estou a serviço”, “eu cumpro ordens”, etc., são a prova da feitura do social do eu. O “eu sou o que sou” é um ponto vazio. “Relações sociais” é um ponto incontestável das conquistas da ciência social.

Figura 1 – Capa folclórica e página com o desenho das marcas de gado.

O organizador do *Dicionário Crítico Câmara Cascudo*, professor Marcos Silva do Departamento de História da USP, nascido em Natal, também publicou outro livro em que aparece o nome de Cascudo no título: *Câmara Cascudo, Dona Nazaré de Souza & Cia. (Guerras do Alecrim)* (SILVA, 2007, p.). O dicionário foi publicado em 2003 em edição conjunta envolvendo a editora Perspectiva, a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, a Fundação de Amparo a Pesquisa do São Paulo, a Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e a Fundação José Augusto do Governo Estadual do Rio Grande do Norte. Aparecem em destaque na página de catalogação do livro o Governo do Estado do Rio Grande do Norte, com nome da governadora e do Diretor-Geral da Fundação José Augusto e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com os nomes do reitor, da vice-reitora e do diretor da editora. Os bonecos de mamulengo aparecem nas ilustrações de capa. O fundo preto tenta passar a seriedade da obra e a importância da produção folclórica de Cascudo. Trata-se de uma reunião de resenhas dos livros de Cascudo escritas por diferentes pessoas: professores universitários, jornalistas, e outros. Cada verbete é um título de livro de Cascudo. No interior do livro na abertura dos grupos de verbete pela ordem alfabética, encontram-se desenhos dos símbolos com que se marcavam o gado no sertão nordestino. “As letras do alfabeto foram desenhadas por Virgílio Maia, sobre marcas de ferrar gado, a partir de idéia original de Ariano Suassuna” (SILVA, 2003a, p. II). Reproduzo ao lado da capa, página que aparece no início e no fim do livro com os desenhos dessas marcas. A representação social de Cascudo como um autor do folclore sertanejo fica bem marcada no livro.

Outras caracterizações

Dos trabalhos publicados por Cascudo, os trabalhos de história, a maioria sobre o Rio Grande do Norte, e os memorialísticos da última fase de produção, bem como o de biografias de pessoas do Rio Grande do Norte em artigos de jornais de Natal e livros, medem de alguma forma o contexto de relações em que esteve envolvido no Estado do Rio Grande do Norte. Apesar de alguns desses trabalhos terem sido publicados em editoras de outros estados, em termos de referência no mercado intelectual e editorial nacional são os trabalhos folclóricos que marcam a figura de Cascudo. Esses aparecendo como os principais. Mas Cascudo manteve em paralelo essas duas vertentes de escrever sobre o folclore para o mercado editorial nacional e de escrever sobre pessoas e histórias da sociedade do Rio Grande do Norte. Os dois pólos de trabalhos intelectuais, no entanto, não são diferenciado nos fundamentos, se coadunam perfeitamente nos modos de organização, apresentação, e também nas concepções sobre o homem e a sociedade. Tudo é folclore em todos os sentidos da palavra.

É possível ler os textos produzidos por Cascudo, mostrando como e o que queriam dizer, e o quanto eles e o autor se explicam e se justificam dentro de variados contextos em transformação e de permanentes históricos. Os contextos têm constâncias de funcionamento, mas variações, que mesmo que sejam consideradas pequenas dão nova cor às estruturas sociais permanentemente refeitas. Em diversos textos, Cascudo explicitou algumas informações e julgamentos sobre agentes do meio intelectual e justificativas e características do trabalho intelectual, principalmente em prefácios, introduções e posfácios.

A maior parte das publicações de Cascudo aparece quando ele tem mais definido suas posições sociais em empregos remunerados. O primeiro livro, por exemplo, caracterizado como folclórico publicado em 1939, quando tinha quarenta anos de idade, é um momento em que já assumia a função de professor de história em escolas de Natal e secretário do tribunal de justiça do Estado. Quando publica o maior número de livros nessa área na década de 1950, já está com mais de cinquenta anos e na década de 1960, quanto continua essas publicações embora diferenciadas dos da década anterior, já é o momento de sua aposentadoria.

O folclore na trajetória intelectual de Cascudo

De início a atenção se voltou a fazer um painel geral dos variados momentos da trajetória intelectual de Cascudo. Abordou-se o processo de formação social de um *habitus* intelectual no sentido do escrever e do publicar. E as modalidades de escrito produzido por Cascudo desde o início da década de 1920 até a sua primeira publicação mais extensa que pode ser incluída na literatura folclórica no Brasil, em 1939. As referências feitas a partir da produção posterior de Cascudo visaram prioritariamente esse período histórico. Mas em Cascudo não há fases muito diferentes. Em termos da produção intelectual propriamente dita há diferenciações devido o andamento da atividade de professor e a transformações no mercado intelectual e editorial brasileiro. Definições de temáticas e de pesquisas nessas temáticas. Fixação de espaço particular de trabalho com ampliação de biblioteca. Fixação da relação com editoras importantes no mercado editorial nacional, como a José Olympio, que acabou sendo a editora privada em que mais publicou. Editora privada mais com muitos laços com o poder estatal e os seus donos conjunturais.

Os primeiros escritos de Cascudo podem ser abordados como de crítica literária e muito voltados para a consideração de publicações no estado do Rio Grande do Norte. Logo em seguida, sua formação em Direito em 1928 e seu início de profissão como professor de história do Brasil no ensino secundário podem ser colocados como provocadores de livros que se vinculavam com a temática histórica brasileira, inclusive com dimensões de escolhas políticas. Mas o trabalho não resultou apenas no arrolamento de um conjunto de informações sobre a história da trajetória sócio intelectual de Cascudo nos anos 1920 e 1930. Tentou-se caracterizar o tipo de intelectual que Cascudo realizou. A leitura das publicações dele foi feita em busca de elementos que ajudassem a fazer essa caracterização.

Em seguida considera-se o processo que causou o abraço da questão folclórica em Cascudo na década de 1930. O primeiro livro totalmente identificado com a temática folclórica: *Vaqueiros e Cantadores*, foi publicado em Porto Alegre pela editora Globo, dentro da coleção Biblioteca de Investigação e Cultura, N. 6, dirigida por Josué de Castro, de quem em outro momento Cascudo declara ser amigo e brinca dizendo que abordava o alimento e não a falta dele, a fome.

Para permitir uma melhor compreensão da trajetória intelectual, abordei todos os livros identificados com a temática folclórica que Cascudo foi publicando durante as décadas de 1940, 1950, 1960 e 1970. Indico modificações no teor dos escritos durante esse período. As publicações das décadas de 1940 e 1950 apresentam características diferentes das décadas de 1960 e 1970. Nesse último período, por exemplo, o projeto dos intelectuais folcloristas se dilui, o mercado editorial entra numa nova fase, a vida política e social sofre mudanças de rumo. O que refrata nas características da produção escrita.

Procurei expressar quais as características do folclorismo de Cascudo. A produção desenvolvida por Cascudo tem laços com os acontecimentos institucionais do período que assistiu uma organização sem precedentes de intelectuais dispostos a produzir na área do folclore e com uma presença do aparato estatal, estadual e nacional, o que nos leva a visualizar o negócio do folclore como completamente vinculado aos negócios do estado. A motivação de Cascudo pelo folclore tem raízes sócios-culturais profundas, mas só se desenha enquanto uma especialização de estudo com resultados práticos em publicações de extensos livros e antologias, num quadro de demandas e incentivos editoriais.

A produção em livro de Cascudo dentro da temática *histórica*, em diversos momentos de sua trajetória, e *memorialística*, publicada nos finais dos anos 1960 e inícios dos anos 1970, foi uma produção muito seletiva e muito eivada de componentes de moralismo no sentido de oferecer lições de vida. A religiosidade cristã aqui também aparece com muita força. Resolvi aproximar a produção histórica da memorialística porque elas estão realmente deveras imbricadas. Os estudos “históricos” estão muitos freqüentemente voltados para a narrativa biográfica individualista e personalista e muito reafirmados pelas lembranças do senso comum na cotidianidade.

Um mito em Natal

As referências a Cascudo como mestre folclorista, maior expressão intelectual do Estado, com alcance internacional e universal, estão nos discursos do poder público e da imprensa. A permanência da lembrança de Cascudo também se faz sentir nas nomeações de diversos espaços urbanos e construções arquitetônicas. Vários espaços da cidade do Natal recebem o nome de Luís da Câmara Cascudo: rua; um museu de antropologia e arqueologia (Museu Câmara Cascudo, da Universidade Federal do Rio

Grande do Norte); a maior biblioteca pública do governo estadual; um memorial, ocupando prédio histórico, com alguns de seus pertences pessoais e de sua atividade intelectual. O memorial, localizado no tradicional centro da cidade, no bairro Cidade Alta, tem na frente uma estátua de corpo inteiro de Cascudo, sustentada pela mão de um braço que sai da terra. Diversas placas comemorativas estão presentes nestes monumentos. Também seu nome é sempre citado nas escolas primárias e secundárias em suas “semanas do folclore”. O próprio circuito turístico da cidade, o tem citado e tenta-se colocar sua casa e o memorial como atração turística a ser visitada. A casa recentemente virou a sede de um instituto. Jornais locais o citam constantemente em artigos, reportagens, matérias, etc. Praticamente anualmente livros são publicados com textos dele ou autores destacando alguma perspectiva de sua obra. Recentemente um CD foi lançado, com realização de fundações privadas, patrocínio do Ministério da Cultura, apoio da Prefeitura de Natal, com poesias de Cascudo da década de 1920, com as seguintes participações: Alceu Valença, André Menhari, Arrigo Barnabé, Augusto de Campos, Cid Campos, Dácio Galvão, Diogo Franco, Dominginhos, Gereba, Hélio Delmiro, Heraldo do Monte, Joca Costa, José Celso Martinez Corrêa, José Midlin, Júlio Medaglia, Jussara Silveira, Luiz Brasil, Ná Ozzetti, Orquestra Sinfônica do RN, Oswaldinho, Paulinho Boca de Cantor, Raimundo Fagner, Roberto Corrêa, Suzana Salles, Vânia Bastos, Virgínia Rosa, Walter Franco, Xangai. Isso mostra o interesse de agentes sociais, “individuais” ou de empresas privadas e órgãos públicos, na reprodução de uma representação social que coloca a figura de Cascudo e o discurso que o acompanha sempre em evidência. O autor é um artefato vivo da cultura oficial e da cultura dominante. Talvez um exemplo máximo de intelectual erudito não crítico, totalmente inserido e legitimado no arco cultural dominante. Produtor de uma cultura para florir e decorar.

Em orelha de um livro diz a filha de Cascudo: “Lendo as cartas de Luís da Câmara Cascudo ao professor Alléguede, mais uma vez constato, com emoção, que o mundo ficou melhor porque ele viveu e espalhou tanta sabedoria. É incrível sentir a imensa bondade, o total desinteresse material e a ausência de egoísmo que caracterizavam a personalidade diferenciada do meu pai.”(Silva, 2002). Mas o pensamento favorito “de papai”, mostra que o intelectual se faz com um trabalho duro e constante: de Arthur Rimbaud (1854-1891): “Escrevi silêncios, noites, anotei o que não se pode exprimir. Fixei vertingens...”. Outro exemplo: “Segundo o escritor de ‘Bibliotecas vivas do Rio

Grande do Norte’, todos eles [os proprietários de bibliotecas particulares abordadas] abriram as portas das suas casas sem impor restrições. Uma das pesquisas que mais o emocionou foi durante uma visita à biblioteca de Câmara Cascudo. ‘Daliana me recebeu muito bem e fiquei comovido com paixão com a qual ela cuida das coisas do avô. Acho que Cascudo é maior agora do que antes de morrer e ela é uma das responsáveis pela continuidade do ideal cascudiano, projetando sua obra para o mundo’, declarou.” (Gurgel, 2004: 21).

Nilo Pereira publicou um livro com o sugestivo título *Espírito de Província*. O livro foi publicado em 1970 pela Universidade Federal de Pernambuco com prefácio de Silvio Rabello. Há um capítulo sobre Câmara Cascudo: “Cascudo, a província e o mundo”. Escreve sobre um “gôsto provinciano”. Escreve sobre o gabinete de trabalho de Cascudo: “seu gabinete de trabalho, que é oficina da inteligência brasileira” (Pereira, 1970, p. 192). E sobre o trabalho de Cascudo: “... muito que fêz sòzinho, no silêncio da sua reflexão ...” (idem, p. 196).

O livro traz um capítulo sobre “O Espírito Provinciano”. Nilo Pereira escreve: “... um homem de pensamento cria a sua paisagem própria e é ele mesmo, até certo ponto, a medida de tôdas as coisas” (Pereira, 1970, p. 16). E sobre a palavra o significado de “província”: “um sentimento da terra”; “um modo de ser e de entender a vida. Não se estiola nos seus limites nem se esgota nas suas tradições...” (idem, p. 17). Mau provincianismo é aquele “que isola a Província, que faz dela realidade, uma realidade egoística ou complexada, êsse é o mau ...” (idem, p. 19).

Figura 2 – Representação de Cascudo em imagem

Esta ilustração do chargista do Rio Grande do Norte, Emanuel Barreto, encontra-se numa do livro *História da Cidade do Natal*. Terceira edição, realizada pela Prefeitura Municipal de Natal e lançada em 1999, dentro das comemorações dos cem anos de Cascudo. A primeira edição do livro, também pela prefeitura de Natal, é de 1947. Uma segunda edição, conjunta da editora Civilização Brasileira, Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Instituto Nacional do Livro do Ministério da Educação e Cultura, foi publicada em 1980. A imagem pode muito bem servir de exemplo do processo de representação social que se passa principalmente no Rio Grande do Norte, que constrói e mantém a figura de Cascudo. É o homem de sua terra, da cidade Natal: ao fundo temos a visão do Rio Potengi e da chamada Pedra do Rosário. Com jangadas e barcos passando, lembrando a procissão marítima da padroeira de Natal, Nossa Senhora da Apresentação. Uma jangada maior também ganha destaque do lado esquerdo superior da foto. A jangada e o jangadeiro é tema de dois livros de Cascudo. Do lado direito superior da foto, uma lua e uma coruja, lembra as noites e madrugadas em claro que o autor passava trabalhando no escritório de sua residência. Todo o ser de Cascudo é envolvido, traspasado e perpassado por coisas que se costumam associar à cultura popular. Do charuto que sempre o acompanhava nas últimas décadas, sai a fumaça que traz a imagem de um início de derrubada em vaquejada. Na gola da camisa a imagem de bonecos de mamulengo e abaixo da gola, de danças folclóricas. Na parte inferior direita o desenho de um jumento de madeira. Ao lado do rosto, a imagem de uma negra vestida

de branco com um ramo de folhas, na certa o arruda, fazendo pensar nas formas de religiosidades populares, no catimbó, por exemplo, tema de outro livro de Cascudo. A mão esquerda levantada segurando o charuto. A pose é simples e tranquila. O tom de cor predominante é o azul. Dando a imagem um ar também tranquilo. Cascudo é então simplesmente aquele homem que se dedicou as coisas culturais do povo. Sem conflitos, sem história, sem espaços sociais diferenciados.

Um mito social vai sendo constantemente alimentado retirando todos os aspectos históricos e sociais envolvidos nas estruturas de produção da vida intelectual. A vida de Cascudo é abordada como se não houvesse tensões sociais e fosse uma definição dele próprio. E observa-se que existem alguns Cascudos. E o que se usa em divulgação apenas atende a interesses que o próprio Cascudo assinaria. Câmara Cascudo se enquadra bem numa determinada visão da posição de “escritor”: uma aura de genialidade, de pessoa especial, de mestre, de um homem culto, sábio, uma personalidade grandiosa, incomparável, mais recentemente denominado “um clássico” em qualquer meio. Câmara Cascudo é nossa melhor moeda. Se tivesse nascido no Sul teria um reconhecimento muito maior.

Exemplo de visão encantada de Cascudo

Num “Prefácio” de 1968 ao livro *Prelúdio da Cachaça: etnografia, história e sociologia da aguardente no Brasil*, edição do Instituto do Açúcar e do Alcool, de Caribalte Passos, temos:

Poderíamos começar transcrevendo coisas da tradição popular. Mas *tanto os livros como a alma de Luís da Câmara Cascudo têm essência de povo*. Da costumeira leitura das suas obras germinou o nosso incurável namôro pelo *folclore*. Desse encantamento cultural nasceria o interesse pelos abalizados estudos do venerando pesquisador que *tem o coração e o corpo plantados no solo potiguar*. Isto tudo, sem dúvida alguma, torna difícil a tarefa de tentar escrever a apresentação para esta admirável *Sociologia da Aguardente*.

Procuraremos, no entanto, chamar a atenção para a presente iniciativa do Instituto do Açúcar e do Alcool de editar este inédito PRELÚDIO DA CACHAÇA, cujo autor dispensa maiores adjetivações e substanciosos elogios, sendo como todos sabem *uma glória da literatura brasileira contemporânea*.

Para que aparecesse êste livro sobre a ‘água que passarinho não bebe’, Luís da Câmara Cascudo retrocedeu no tempo até a carta-II de SÁ DE MIRANDA (1481/1558), onde faz-se menção da Cachaça em terras lusitanas e à fartura nas mesas das quintas fidalgas.

O retrospecto histórico é realmente soberbo. A caminhada do autor transcorre meticulosa e segura pelas estradas do tempo. Não observamos estacadas surpreendentes ou dissimuladoras. O que surge diante dos nossos olhos é somente o passo firme de *um dedicado apóstolo cômico da sua importante missão*.

Há trechos, neste livro, de uma comovida honestidade intelectual e nacionalista. Exemplifiquemos nesta frase de Câmara Cascudo: 'Atenda-se que o brasileiro é devoto da cachaça mas não é *cachaceiro*'. Predomina em cada página o cuidado de não desfigurar ou fantasiar, às vezes, impostas pelos parcos subsídios existentes no campo da pesquisa histórica ou sociológica atinentes ao aparecimento da aguardente de cana no Brasil.

Todavia a impressão deixada por este trabalho é de riqueza de detalhes e abundantes informações concernentes ao melhor conhecimento do produto. Sabe ilustrar as observações e pesquisas até mesmo nos flagrantes extraídos no campo da pitoresca e anônima poesia popular. Acompanham-no nessa peregrinação o encanto do irresistível clima folclórico que ninguém melhor do que Luís da Câmara Cascudo sabe utilizar.

Em determinadas ocasiões *atira contra nós um enorme vagalhão de bom humor nordestino* quando menciona, por exemplo, que 'a avó da avó do poeta Ascenso Ferreira dizia que fôra a Branquinha quem gritara a República de Olinda em 1710'. Demonstra, mais adiante, como a CACHAÇA conseguiu suplantar os vinhos habituais impotentes – quer na qualidade ou quantidade – ante o dominador impacto.

Sem constituir-se num alentado volume, PRELÚDIO DA CACHAÇA vem preencher uma enorme lacuna no seio da literatura do gênero. Tem-se veiculado bastante razões no tocante à dificuldade de subsídios que pudessem propiciar a desejada coordenação de dados para um livro completo em torno da aguardente.

Acreditamos e louvamos, porém, a objetividade oferecida aqui aos estudiosos e ao leitor comum pelo eminente Professor Luís da Câmara Cascudo, que nos distingue com a oportunidade desta edição e a quem o I.A.A. tributa sincera homenagem através do lançamento de PRELÚDIO DA CACHAÇA. (Passos in CSCUDO, 1968, p. 3-5).

Este texto não seria disfuncional em relação ao livro: natural que um “prefácio”, no caso, queira incentivar a leitura. É preciso observar melhor essa funcionalidade, já que não é um prefácio como outros. Duas coisas podem-se ver: primeiro, alguns argumentos podem ser incluídos na análise da apologia a Cascudo; segundo, as inverdades em relação ao próprio livro. Na verdade, o prefácio desmotiva a continuação de uma leitura. Pode-se apresentar um livro de formas diferentes sem com isso invalidar o trabalho que se introduz para o leitor. O livro apresenta-se limitado, imperfeito, com cortes abruptos inexplicáveis, dissimulando a proposta apresentada. Em si o trabalho ou o texto de Cascudo tem o seu valor. Mas tal trabalho, como qualquer trabalho, não pode - nem deve, nem corresponde à realidade processual das coisas, - ser tomado

isoladamente, mas num interior de vários níveis de relação. Auerbach (2004) lembra a linha contínua onde todo texto se coloca, como fração de um universo maior. O título do livro, ou melhor, o seu subtítulo não corresponde ao seu conteúdo. Não contente em louvar o texto o prefaciador chega à alma do autor e tudo tem “essência de povo”; esse “povo” é, no trabalho de Cascudo, reduzido a uma pequena parte de sua existência, e mesmo aí inventado na viabilização de uma perspectiva intelectual.

Fundamentos sociais e início de uma crítica

As realizações intelectuais de Cascudo aconteceram devido a determinadas relações sociais que a tornaram possível. A atividade intelectual apareceu como um componente no sistema de dominação social, embora assim não se percebesse. A percepção no meio intelectual é que fazia um trabalho penoso e desinteressado. Um trabalho especial e para poucos. Que não trazia recompensas nem objetivava a elas. E um trabalho alto porque entrava na esfera da alma, do espírito, da inteligência, da vocação. A atividade intelectual era uma atividade primordialmente espiritual.

Uma das coisas que um olhar crítico sobre Cascudo pode indagar é como uma pessoa especial que escreveu tanto, que fez trabalho como de gênio, nada dizia sobre o que escolhia para dizer. A cultura popular é realizada pelo povo e nada encontramos sobre as condições sociais de vida desse povo. Se se vai para a África, a ela não se vai. Se se estuda a alimentação, os pratos são entidades autônomas, com vida própria, com os gostos e aromas próprios. Se se vai para autobiografia a vida do autor não está lá. Como biógrafo não fez biografia.

Sobre as fontes

O material de pesquisa encontrou-se em livros, jornais, revistas e outros documentos. Muitos o próprio pesquisador já os tinha. Outros adquiriu em lojas de livros usados e livrarias. As bibliotecas da USP e particularmente a do Instituto de Estudos Brasileiros – IEB continham uma série de fontes em livros, revistas, jornal e algumas primeiras edições dos livros de Cascudo, importantes numa pesquisa dessa modalidade. Também pude consultar no Núcleo de Apoio a Pesquisa Histórica da FFLCH, o jornal *A República* que circulou no Rio Grande do Norte a partir do final do século XIX. A maioria das fontes utilizadas foram livros. As fontes, todas referidas ao

século XX, foram divididas da seguinte forma: os escritos publicados de Cascudo; as publicações sobre Cascudo; as publicações sobre a história intelectual do Rio Grande do Norte; as análises de uma perspectiva histórica e sociológica dos intelectuais, da cultura e da arte. Nas referências bibliográficas constam apenas as efetivamente citadas.

Os livros que Cascudo publicou, além do próprio registro das informações materiais que cada um traz, como editora, local de publicação, edições, ano de publicação, também são veículo privilegiado para a identificação dos temas preferenciais, das formas de tratar esses temas, das concepções sobre o homem. E sempre trazem alguma informação para um traçado de suas ligações de vida. E contam-se alguns voltados diretamente a memorialística. São fontes limitadas, parciais porque provindas de um ponto no interior de um jogo de pontos, mas contam numa aproximação compreensiva. O próprio Cascudo deixa explícito que a memória é daquilo que pra ele tem significado. E abandona as memórias e escreve sobre indicações morais e críticas culturais.

Segundo, têm-se uma coleção de livros e artigos, reportagens, pequenas notícias, entrevistas em jornais e revistas, que trataram de Cascudo. Produção frequentemente apologética, mas que pode ser tratada como fontes para um estudo sociológico. Principalmente para as formulações mais exteriores. Trazem diversas informações primárias que são fundamentais para um início de abordagem. Como se tratam de componentes de uma representação coletiva pode assumir elas próprias uma função fundamental. Essas fontes poderiam expressar a forma com que uma presença intelectual como essa se processou em uma determinada sociedade.

Terceiro, utilizou-se de estudos sobre a atividade intelectual no Brasil no século XX. Notadamente aqueles que se ocuparam mais intensamente do período das primeiras décadas e sobre questões culturais das espécies consideradas. Até a década de 1940. Um período em que se iniciou a formação do mercado editorial brasileiro e a definição de algumas características da vida intelectual. O período da década de 1930 e 1940 é o período em que se inicia efetivamente a atividade intelectual folclorista de Cascudo. E é com essa atividade que ele se insere no mercado editorial brasileiro em formação. Mas, o mais importante é o quanto esses estudos ofereceram para uma compreensão ou formulação de questões referentes às características da cultura intelectual brasileira. Os enovelamentos práticos que os indivíduos e grupos intelectuais realizaram com outras instâncias sociais, notadamente com os aparelhos estatais. As trocas simbólicas com o mundo político estatal em diversas conjunturas. São análises voltadas a pontos práticos

e específicos das trocas simbólicas que se processaram no campo frequentemente entendido como cultural.

Quarto, utilizou-se também de uma literatura sociológica que tem oferecido uma nova compreensão dos fenômenos tidos como cultural. Uma literatura muito baseada em acontecimentos bem práticos e em pesquisas específicas. Essas fontes de pesquisa foram consideradas para exemplificar a vida intelectual brasileira no século XX. Como estruturas sociais dessa vida intelectual se apresentaram num caso específico.

Motivou a pesquisa, além de um curso acadêmico, o fato do pesquisador estar vinculado a história dessa própria vida intelectual. E mesmo social, tendo em vista que o personagem em que se deu ênfase ser um componente do universo simbólico vivido pela sociedade. O fundamento social de uma atividade individual foi a tese que perpassou a cada momento da elaboração. E nisso, onde e como aparece o conflito social. Que funções sociais e que posições sociais desempenha tal atividade a primeira vista individual.

O principal não foi explorar um número, que seria sempre infinito, de documentos e de informações sobre as relações de vida da posição social indicada primeiramente com um nome próprio. Mas, em determinadas condições em que se encontra o pesquisador e a pesquisa, tirar o máximo no sentido proposto, dentro de um número possível de informações. Testar uma tese no maior número possível de documentos. Nessa apresentação, no entanto, vive a dificuldade de expor essas interações entre tese e documento em todos os números explorados, mantendo um sentido expositivo. Então, foi preciso muito selecionar.

Os livros e os artigos de jornais publicados serão considerados para se tentar clarear o modo como se apresentam algumas elaborações a que chegou esse autor, não em função do desenvolvimento subjetivo e de ideias de um criador, mas em função do jogo de vetores sociais que se cruzam e pedem a existência do escrito. O fato de determinados escritos se apresentarem publicados, impressos em forma de livros ou artigos, e de uma forma específica, só é possível num momento histórico determinado, dependente, por exemplo, das realidades técnicas no setor, mas também da situação e da existência de um mercado do livro e dos jornais e revistas. Tudo isso já se apresenta como um indicador social da produção aparentemente subjetiva do “autor”.

Pode-se fazer a entrada analítica pelo fato da publicação de escritos. Do lugar sócio-espacial de publicação. Cascudo teve a maior parte de sua vida ocupada pela leitura e pela escrita e pela publicação daquilo que escrevia. Para atender todos esses elementos foi necessária a existência de uma série de outros elementos que são sociais. Mas pode-se igualmente perguntar que leitura e que escritos são esses. Nenhum nem outro se apresentam como um elemento imutável na história e no espaço social. A leitura de início se define por uma seleção do que se vai ler, como se vai ler, com que objetivos e fins. Há quanto tempo à leitura se dedica o leitor? Que tipo de livro ou jornal ou revista? Que assuntos e autores atraem? Liga-se completamente a uma atividade paralela? Qual o peso dessa atividade para o ser social do leitor? E muitas outras e infinitas perguntas poderiam ser feitas. Todas podem ser enfeixadas na questão: em que conjunto cultural ou sociocultural se insere a leitura? E ainda temos as dimensões do escrever e do publicar.

A questão dos intelectuais

As “práticas intelectuais” dizem respeito aos elementos relacionais-institucionais que efetivaram um determinado tipo dessa atividade e a ação e o envolvimento de seus agentes. A referência a “práticas intelectuais” possibilita fugir as perspectivas de uma história das ideias, que sempre se insinua e se renova em análises sobre o pensamento intelectual. E o “discurso do popular” pretende dar vazão a uma análise que vê o real como um conjunto de construções discursivas muito enfronhadas com os sistemas de dominação, que inclusive são refratados no funcionamento das lógicas relacionais da vida intelectual. Ora, mesmo se nos mantemos na área dos estudos históricos e sociais, vemos que muitos são os trabalhos e as perspectivas de diferentes produtores que vicejaram em diferentes regiões do país, inclusive no interior de um mesmo local. Por que vamos encontrar uma série bem diferenciada de tipos de estudos, áreas de atuação, temáticas, perspectivas, etc.? Não por idiosincrasias subjetivas dos diversos produtores, mas pelas costuras de diferentes conjuntos relacionais-institucionais e diferentes momentos sociais e históricos de uma história cultural.

Outro ponto controverso é a própria remissão ao termo “intelectual”. As elaborações de Gramsci são uma contribuição importante no andamento de uma compreensão do intelectual na vida social. A palavra “intelectual” em si é vaga e remete a dimensões muito além do que comumente temos em conta. Claro que em nossa

cultura temos uma inculcação cada vez mais acentuada do significado do termo remetendo diretamente àquelas pessoas que praticam uma permanente leitura, que estão envolvidas no mundo das letras, que dominam uma grande erudição, que estão entre os livros, num mundo também à parte, e isso depois do abandono daquela dimensão de intervenção social que a França foi o principal exemplo no século XX e Sartre a sua encarnação maior. A função de professor é a que mais se associa a figura do intelectual e mais a publicação de livros. Hoje isso tudo ainda tem grande importância e o pensamento crítico e a referência a certas personalidades ainda é um fator de esclarecimento e de uma luta compreensiva, mas tudo vem se estabelecendo de uma forma bem diferente daquela concepção antiga. O exemplo maior aqui é a do sociólogo e filósofo, também francês, Pierre Bourdieu. Mas aqui há logo uma preocupação com o uso desse termo “intelectual”. Porque Gramsci trouxe uma percepção muito válida quando começou a conceber que a filosofia está contida em todos os níveis da estrutura social com modalidades bem diferentes, como a filosofia contida no senso comum religioso. Fazer essa referência a uma filosofia era abrir o movimento de que é possível transformar uma filosofia e de alguma forma a realidade que ela faz parte desde que se aproximasse dela e com ela dialogasse. Mas o que interessa aqui no ponto levantado é que Gramsci aponta além de uma dimensão técnica do intelectual, uma dimensão social. Como seres orientadores de uma filosofia em um determinado grupo existiriam diversos intelectuais na vida social, sem ser necessária uma vinculação a uma erudição. Conforme a época esses intelectuais desempenham um papel na vinculação de uma filosofia com graus diferenciados de complexidade e as diversas camadas e espaços sociais. Podemos imaginar, por exemplo, que um determinado professor em uma determinada época pode ter um raio de operação de pensamento de uma complexidade muito maior do que um determinado “filósofo” de uma época anterior. Não esquecendo que a função social aqui é mais organizativa com socializações permanentes de determinadas concepções que viabilizam a manutenção de uma situação histórica e social. Mas o que quero frisar é que a partir disso é preciso identificar a o que estamos querendo nos referir quando aludimos a um intelectual, para podermos fugir das compreensões reificadas da inteligência, do pensamento, da criatividade. Os estudos de Raymond Williams são fundamentais, também, nessa crítica deste último sentido e para um estudo crítico das estruturas dos meios culturais atuais.

O Discurso Sobre Cascudo

Em 1977, a Fundação José Augusto publica mais um livro de Cascudo. Um livro de oitenta e quatro páginas que reúne três textos de Cascudo, anteriormente publicados. Américo de Oliveira Costa, que escrevera um livro para um concurso da própria Fundação José Augusto e que se intitulou *Viagem ao Universo de Câmara Cascudo*, que é outro documento mais extenso de exemplo da construção de um discurso apologético de Cascudo, escreve uma *Notícia Liminar*. Neste texto podemos encontrar um exemplo desse discurso. Américo de Oliveira Costa, assim inicia esse texto introdutório ao livro que recebeu o título de *Três Ensaios Franceses*:

Comemorativo do recebimento, por Mestre Luís da Câmara Cascudo, da medalha da 'Ordre des Arts et des Lettres', no grau de cavaleiro, outorgada pelo Governo da França e entregue pelo embaixador Michel Legendre, em cerimônia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, a 17 de novembro de 1976, a Fundação José Augusto lança, em volume especial três ensaios do escritor, os três ensaios franceses, publicados separadamente, os dois primeiros na revista 'Ocidente' (Lisboa, 1962 e 1963) e o último na 'Douro-Litoral' (Porto, 1954); os três juntos numa plaquete (Recife, 1964); e incluídos, afinal, no livro 'Mouros, Franceses e Judeus'. (Editora Letras e Artes, Rio de Janeiro, GB. 1967). (Costa, 1977, p. 7).

E, no comentário que faz aos três textos, no terceiro instala-se a expressão “mestre”, muita usada em Natal para acompanhar o nome de Cascudo:

Mestre Cascudo, com a sua experiência e as suas antenas captadoras de ressonâncias as mais imponderáveis e sutis, arma, no seu trabalho, os diversos quadros em que se recompõem cenas e casos afins, num levantamento de coordenadas e referências que impressiona pela variedade, mobilidade e colorido das fontes e das manifestações. [...]

[...]
Mestre Cascudo, que tanto gosta, insolitamente, de conversar com bichos nos cantos de muros imprevisíveis, - amigo pessoal da donzela Teodora e da princesa Magalona, donas de amável convívio, expressões eternas da lenda e do cancionero universais, em cuja vasta, acolhedora e generosa sala de estudo e trabalho do casarão da Junqueria Aires, como na torre do castelo de Montaigne, todas as Musas estão vivas e presentes, não poderia resistir à provocação de tema tão rico e excitante, nas suas implicações folclóricas, e tão magnificamente estruturado na área de suas tarefas de escritor.

Eis um trabalho feito com ternura e amor, construindo sob as únicas influências e sugestões do gosto pessoal, em que erudição e memória se irmanam harmoniosamente, e por isso mesmo bem típico da paixão de seu Autor pelo folclore, naquele exato sentido em que Sainte-Beuve o chamava de 'poesia espontânea', e que não deixa de ser, por outro lado, sem pretensões nem metafísica, uma ciência de compreensão da vida, dos seres e das coisas, nas suas raízes, na sua

essência e nas suas constantes psicológicas universais. (Costa, 1977, p.11-3)

Trabalhos sobre Cascudo

Existe um número já considerável de trabalhos que tratam de Cascudo. A grande maioria na verdade se constituem em documentos de cultura que se juntam aos textos de Cascudo constituindo anexos aos trabalhos deste. Recentemente surgiram alguns trabalhos acadêmicos, mas mesmo aqui poucos trazem uma contribuição a uma análise mais realista da trajetória intelectual de Cascudo. E alguns são claros em suas orientações logo nas primeiras linhas. Como este de Maristela O. de Andrade “Anotações sobre a obra etnográfica de Câmara Cascudo”, que se inicia: “Este trabalho tem como principal motivação prestar uma homenagem à Câmara Cascudo na passagem do centenário de seu nascimento.” (ANDRADE, 1999, p. 15).

Sem fazer nenhuma consideração sobre a compreensão da “etnografia” o estudo de Andrade procura ver um “campo da etnografia” na obra de Cascudo e passa a abordar em suas partes as obras: *Civilização e Cultura*, para a concepção etnográfica; *Antologia do Folclore Brasileiro*, para as “fontes primordiais da pesquisa etnográfica no Brasil”; *Jangada, Rêde-de-dormir e História da Alimentação no Brasil*, examinando “três estudos etnográficos sobre a cultura material”; *História dos Nossos Gestos, Tradição, Ciência do Povo e Meleagro*, para três estudos de “cultura não material”. Insere assim, duas categorias recentemente surgidas em alguns setores universitários e estatais: “cultura material” e “cultura imaterial”. Essas categorias nunca foram citadas nem definidas por Cascudo. Como muitos outros estudos, os trabalhos de Cascudo não são localizados em nenhuma rede de demandas intelectuais ou editoriais e pairam num reino superior absolutizando ideias. E assim, todo o esforço de montagem do trabalho feito pela autora não consegue uma explicação sobre a modalidade intelectual produzida.

1 – CONDIÇÕES CULTURAIS DE UMA RELAÇÃO ENTRE O ERUDITO E O POPULAR

Na primeira metade da década de 1980 alguns livros de Cascudo foram reeditados pela editora Itatiaia de Belo Horizonte em conjunto com a editora da Universidade de São Paulo, dentro da Coleção Reconquista do Brasil². Seriam os últimos contratos de publicação³ dos livros de Cascudo com ele ainda em vida. Em 30 de julho de 1986,

² O volume 78, em 1983, foi o *Geografia dos Mitos Brasileiros*; o 81, em 1984, *Vaqueiros e Cantadores*; o volume 84, também em 1984, *Literatura Oral no Brasil*; o 79 e o 80, em 1983, *História da Alimentação do Brasil*, em dois volumes; o volume 91, publicado em 1985, reuniu três livros anteriores de Cascudo sob o título *Superstição no Brasil*; em 1986, os volumes 93, *Locuções Tradicionais no Brasil* e 96, *Contos Tradicionais no Brasil*; em 1987, o volume 104, *História dos Nossos Gestos*. A Itatiaia reeditou ainda o livro *Civilização e Cultura*, em 1983, o *Dicionário do Folclore Brasileiro*, em 1984, numa coleção de nome Clássicos da Cultura Brasileira e em 1988 na Coleção Reconquista do Brasil, Nova Série, volume 151; e *Prelúdio da Cachaça*, na Série Brasília, número 2, em 1986.

³ Numa carta de 1973 a Bernard Alléguede, um francês que iniciava um trabalho de tradução de livro com uma reunião de contos com o título *Contos Tradicionais do Brasil: confrontos e notas*, de 1946, Cascudo explica o modo como contratava a edição de seus livros: “Jamais cedo os meus direitos autorais em caracter permanente, sim em cada edição. Exgotada [sic] esta, retorno a plenitude da propriedade” (SILVA, 2002, p. 70). Esclarecia que era “o único possuidor de copyright” (SILVA, 2002, p. 71) dos livros. Depois, cita alguns dos livros publicados. A preocupação era referente a direitos autorais dos *Contos Tradicionais do Brasil*, que seria publicado com tradução de Alléguede em 1976, em Paris. Assim, Cascudo conclui: “Parece-me haver exposto com suficiente clareza a inexistência de outro possuidor dos direitos autorais do *Contos tradicionais do Brasil*, além do próprio autor, sem que tenha direito de intervir nenhum editor no Brasil ou Portugal” (SILVA, 2002, p. 71). É o próprio Cascudo que provoca o inicio desse trabalho de tradução e publicação. Numa carta de abril de 1973, ele escreve: “Ontem pela manhã, passando os olhos no catalogo da Librairie G.-P. Maisonneuve & Larose, 11, Rue Victor-Cousin, 75005 Paris, reencontrei LES LITTÉRATURES POPULAIRES DE TOUTES LES NATIONS, coleção de mais de 50 tomos editados, exceto o Brasil. Lembrei-me de apresentar uma sugestão e não proposta, tarefa de férias e dias de inverno, continuando a obra tranquila e solida de BERNARD ALLÉGUÈDE no Brasil em geral e Camara Cascudo no particular. Seria traduzir para o francês o meu *Contos tradicionais do Brasil*, dando título que mais conviesse, oferecendo-o à G.-P. MAISONNEUVE & LAROSE para incluir na sua coleção de contos populares ‘de toutes les Nations’. Não seria versão literal mas fixando o ‘espírito’ popular brasileiro que V. tão bem conhece. Nenhum interesse tenho nos direitos autorais que ficariam para os filhinhos do Duque de Angoulême.” (SILVA,

Cascudo faleceu em Natal. A debilitação de sua saúde se estendeu por muitos anos, desde o final da década de 1960 quando completou 70 anos. A visão e a audição foram paulatinamente sendo perdidas. A audição por completo. Problemas também no sistema circulatório⁴. Naquele mês de 1986, uma crise o leva ao hospital, onde falece. As cerimônias de despedida, “com honras de chefe de estado” (AZEVEDO, 1988, P. 117), são realizadas na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, fundada 1936 e naquele momento com sede própria localizada no bairro de Petrópolis. A ANL foi fundada com participação diretiva de Cascudo, embora não tenha sido presidente da instituição. Grande movimentação de pessoas pelas ruas da cidade no caminho para o cemitério do bairro do Alecrim. Cascudo teria feito o pedido de vesti-lo nessa última “viagem”, com as roupas de professor. Era a atividade que ele próprio já tinha escolhido como a que melhor expressaria o seu trabalho.

Há doze anos, ele me chamou com urgência à sua casa e fez um pedido:

- Quero que você mande fazer a minha roupa de viagem.
- O senhor vai pra onde?
- Você sabe mais do que ninguém. A viagem. Quero viajar com a roupa da universidade, como professor que sempre fui. Não quero aquela beca feia de vocês, de gola vermelha. Quero a de Professor Emérito, preta com arminho, que rima com velhice e com carinho.

Na tarde de 30 de julho de 1986, dona Dália lembrou-me do seu desejo. O corpo de Câmara Cascudo saiu da Academia Norte-rio-grandense de Letras, que ele fundara há 50 anos, vestido com arminho (LIMA, 1998, p.13)

Nas mãos o terço que pertenceu ao Padre João Maria, que o batizou em maio de 1899. O Padre João Maria se tornou uma figura de admiração, um santo em Natal. Há uma praça no centro da cidade onde se instalou o seu busto em bronze e lá se acendem velas e se realiza orações⁵.

2002, p. 59). Bernard Alléguede dirigiu a Aliança Francesa em Natal na década de 1960 e tornou-se amigo de Cascudo.

⁴ No período ele transformou em livro a estadia em um hospital de Natal: *Pequeno Manual do Doente Aprendiz (notas e maginações)*, 1969. Publicado pela Imprensa Universitária, UFRN, em Natal. Não bem um relato de experiência, esse pequeno livro apresenta-se cheio de indicações morais e éticas. Muito parecido com outros livros de memórias publicados no período. Há, no entanto, algumas poucas lembranças dos espaços urbanos de Natal. Comentando os médicos, Cascudo também faz algumas comparações entre uma medicina que acabava e outra que se apresentava em seus inícios. O livro divide-se em três partes: “Janela”, “Poltrona”, “Cama”. Os pontos são divididos em pequenas partes numeradas em algarismo romano. No início, já se vê que o tema mesmo não é as memórias: “I – Visite um Hospital para valorizar sua saúde. II – A fisiologia da Visão não explica o Olhar!” (CASCUDO, 1998, p. 15).

⁵ A Praça Padre João Maria, ponto de circulação permanente de automóveis e pedestres, até hoje é um local de pagamento de promessas ou orações, onde se encontra em seu centro esse busto e um pequeno nicho circular com uma armação em ferro ao lado onde são acesas muitas velas. O Padre João Maria

Sobre a fundação da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras em 1936, um amigo de Cascudo narra:

Formado o quadro inicial de sócios, acertados os detalhes essenciais, a Academia teve sua fundação no Instituto de Música na noite de 14 de novembro do mesmo ano de 1936. Oferecendo melhores condições para a continuidade das reuniões, Waldemar de Almeida, diretor do Instituto, colocara-o à disposição da Academia. Aclamado presidente, por proposta de Câmara Cascudo, que preferiu ficar na Secretaria Geral a fim de coordenar os entendimentos ainda necessários, Henrique Castriciano conseguiu reunir todas as semanas a Academia, num trabalho conjunto de condições para o seu desenvolvimento e prestígio. Em 15 de maio de 1937 foi solenemente instalada no salão nobre do Instituto Histórico por convite do seu Presidente Nestor

Cavalcanti de Brito, “Conhecido como ‘Pai dos Negros Forros’”, nasceu em Caicó, Rio Grande Norte, em 23 de junho de 1884 e faleceu em Natal, em 16 de outubro de 1905.

“O *‘Vigário de Natal’*”, em torno do qual foi criado todo um culto de origem popular, Pe. João Maria é um verdadeiro santo para as pessoas mais simples. Foi o filho caçula de Amaro Cavalcanti Soares de Brito, mestre-escola, e Maria de Barros Cavalcanti.

Teve mais quatro irmãos: Amaro Cavalcanti, Militana, Ana e Maria. Desde criança, trabalhava para ajudar os pais e estudava. Fez curso eclesiástico em um seminário de Olinda com ajuda de fazendeiros da região.

Ordenou-se em 1871, no Ceará, voltando a Caicó para celebrar a primeira missa. Foi vigário de Jardim de Piranhas, Flores, Acari, Papari e Natal. Em 1878, em Flores, participou do combate à seca e da epidemia de varíola. Ajudou na luta contra a varíola, em 1905, em Natal, onde trabalhou pela libertação dos escravos, o que lhe rendeu o apelido de *‘Pai dos Negros Forros’*.

Criou em Natal a Escola de São Vicente, para crianças pobres, foi o fundador da imprensa católica, editando o jornal *‘Oito de Setembro’*, e deu início à construção da catedral, na Praça Pio X. Batizou, entre milhares de outros natalenses, o historiador Luís da Câmara Cascudo. A cerimônia do batismo ocorreu no dia 9 de maio de 1899. Deu extrema-união a Auta de Souza, em fevereiro de 1901.

Sua morte abalou Natal. O poeta Apolônio Alves dos Santos, no cordel *‘Padre João Maria, o Santo de Natal’*, afirma: ‘Quando o Padre João Maria morreu/Foi uma imensa tristeza/Todos pobres de Natal,/ Que comiam em sua mesa/Banhando em lágrimas diziam: ‘Morreu o pai da pobreza’/ Cada um se lamentava, tristonhamente dizia: - ‘Meu Deus que será de nós?/Sem pão e sem moradia./Meu Jesus pra que levaste o nosso pai João Maria?’.

Pe. João Maria foi homenageado com busto e praça por trás da antiga catedral [bairro Cidade Alta, centro de Natal]. O busto, esculpido por Hostílio Dantas com pedestal em granito trabalhado por Miguel Micussi, foi Mandado erigir por Pedro Soares de Araújo Filho. Vários poetas populares, como Zé Praxedes, Vicente do Riachão, João Domingos da Silva, Apolônio Alves dos Santos escreveram cordéis inspirados na vida do *‘Vigário de Natal’*.

Em 07 de agosto de 1979 os restos mortais do Pe. João Maria foram trasladados do Cemitério do Alecrim [bairro de Natal] para a Igreja de Nossa Senhora de Lourdes, no Alto do Juruá, localizado no bairro de Petrópolis” (CARDOSO, 2000, p. 377-8).

No livro *História do Rio Grande do Norte*, publicado em 1955 em edição do Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, Câmara Cascudo traz um capítulo final, o vigésimo, intitulado *“Notas para a biografia norte-rio-grandense”*, que contém uma série de pequenas biografias sobre pessoas da história do Rio Grande do Norte. O destaque a pessoas e pessoas destacadas socialmente, já é uma indicação de um tipo de concepção da vida muito encontrável no Rio Grande do Norte e que determinado mundo intelectual reproduz. “João Maria Cavalcanti de Brito: — nasceu no Logradouro, município de Caicó, a 23-6-1848. Ordenou-se no Ceará em 1871. Vigariou Jardim de Piranhas, Flôres, St. Luzia do Sabugi, Papari e finalmente Natal onde tomou posse da freguesia em 7-8-1881. Pelo seu apostolado incessante e caridade inextinguível foi a mais impressionante e sedutora figura de sacerdote que tenha parido os natalenses. Em vida, cercava-o uma auréola de santidade. Seu busto em bronze, na praça do seu nome, foi inaugurado a 7-8-1921. É lugar da devoção popular, ali rezando e acendendo velas votivas. Faleceu em Natal a 16-10-1905” (CASCUDO, 1984, p. 505).

Lima. Já estava escolhido e adotado o lema AD LUCEM VERSUS⁶, de que se incumbira o Cônego Luís Monte (FRANÇA, 1969, p. 22).

E sobre a participação de Cascudo ele ainda acrescenta: “... A participação de Luís da Câmara Cascudo na Academia, como fundador principal, coordenador de elementos na altura de suas responsabilidades, organizador e membro efetivo tem sido nos destinos da nobre sociedade de letras constante e proveitosa” (França, 1969, p. 24).

No capítulo XL do livro *História da Cidade do Natal*, publicado pela Prefeitura Municipal do Natal, em 1947, cujo título é *Musa, canta os poetas e escritores*, Cascudo informa sobre a fundação da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras:

Em 15 de maio de 1937, atendendo a um apelo pessoal da Federação das Academias de Letras, juntei poetas e jornalistas amadores para beber café e conversar, discutindo a imortalidade acadêmica. Em 9-8-1936, com Aderbal de França tivemos plano para a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, com o lema de *Ad lucem versus* dado pelo cônego Luís Gonzaga do Monte (1905-44), fundada a 14-11-1936, no Instituto de Música que Waldemar de Almeida, intimado a ser imortal, emprestara para nosso abrigo. H. Castriciano foi eleito presidente (CASCUDO, 1999, p. 403).

Cascudo relaciona as pessoas que constituíram o primeiro quadro de membros na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras: Adauto da Câmara; Henrique Castriciano; Otto Guerra; Virgílio Trindade; Edgar Barbosa; Carolina Wanderley; Antonio Soares de Araújo; Matias de Araújo Maciel Filho; Nestor dos Santos Lima; Bruno Pereira; Januário Cicco; Juvenal Lamartine de Faria; Luís da Câmara Cascudo; Antônio Fagundes; Sebastião Fernandes; Francisco Palma; Dioclécio Dantas Duarte; Waldemar de Almeida; Clementino Câmara; Palmira Wanderley; Floriano Cavalcanti; Luís Gonzaga do Monte; Bezerra Júnior; Francisco Ivo Cavalcanti e Aderbal de França. Em 1943, com o falecimento de dois acadêmicos e sob a orientação da Federação das Academias que “sugeriu a elevação de 25 para 30 acadêmicos”, foram eleitos mais cinco membros: José Augusto Bezerra de Menezes, Américo de Oliveira Costa, Paulo Pinheiro de Viveiros, Esmeraldo Siqueira e Manoel Rodrigues de Melo. A fundação da ANL, atendia demanda da própria Academia Brasileira de Letras.

⁶ Em direção à luz.

*Informações sobre os primeiros membros da
Academia Norte-Rio-Grandense de Letras⁷*

Adaauto da Câmara. Adaauto Miranda Raposo da Câmara. Nasceu em Mossoró, em 1898. Político, advogado, professor, jornalista, historiador. Concluiu em 1924 curso na Faculdade de Direito de Recife. Nesse ano tornou-se deputado na Assembléia Legislativa do RN. Foi deputado na Assembléia Constituinte de 1926. Neste mesmo ano, foi nomeado para o cargo de Diretor do Departamento de Segurança Pública, no governo de Juvenal Lamartine. Em 1930 foi diretor da Imprensa Oficial e Chefe de Polícia. Foi redator-secretário do jornal *A Imprensa* do pai de Câmara Cascudo. Pertenceu à Ordem dos Advogados e ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Em 1930, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde lecionou e fundou colégio. Faleceu em 1952 no Rio de Janeiro.

Henrique Castriciano de Souza. Poeta, teatrólogo, jornalista, político, fundador da Escola Doméstica e dos Escoteiros do Alecrim, bairro de Natal. Irmão de Auta de Souza, e de Eloy de Souza. Câmara Cascudo publicou na década de 1960 biografias de Henrique Castriciano (*Nosso Amigo Castriciano, 1874-1947; reminiscências e notas*, publicação da Imprensa Universitária da Universidade do Recife, em 1965) e de Auta de Souza (*Vida Breve de Auta de Souza, 1876-1901*, publicação da Imprensa Oficial de Recife, 1961). Nasceu em Macaíba, cidade próxima de Natal. Concluiu curso de Direito em Fortaleza, em 1904. Jornalista, poeta, ensaísta, crítico literário, secretário de governo, vice-governador (1914 a 1920 e 1920 a 1914), presidente da Assembléia Legislativa, procurador-geral do Estado, deputado estadual. Publicou: *Iriações* (1889), *Ruínas* (1898), *Mãe* (1899), *Vibrações* (1903), *Educação da Mulher no Brasil* (1911). E peças de teatro: *Engeitado*, *A Promessa* e *Suprema Dor*. Criou a primeira lei de incentivo a produção literária. “Em 1909, preocupado com os seus problemas de saúde, seu amigo Afrânio Peixoto convidou-o a se consultar ao Dr. Theodor Kocher, Prêmio Nobel de 1903 e a visitar Roma, onde se consultaria o Dr. Machiafava, ‘médico do Papa e do Rei’ ... [Esteve em] Milão, Florença, Nápoles (onde visitou Aluísio Azevedo), Palestina, Egito, Grécia. Numa segunda viagem à Europa, foi apanhado pela Guerra. No Porto, Portugal, foi hóspede do Dr. Vale de Miranda. Tudo depois de ter visitado a

⁷ As informações foram coletadas em Cardoso (2000), Cascudo (1984c), Fundação José Augusto (2004), Wanderley (1965), Gurgel (2001), Oliveira (2005), Medeiros Filho (1983), Melo (1972).

Suíça onde realizou pesquisas na região de Lausanne para criar a Escola Doméstica” (Cardoso, 2000, p.308). Tinha problemas pulmonares que acompanharam a maioria da família, tendo Auta de Souza falecido muito jovem no início do século XX. Aos 17 anos, iniciou suas publicações no jornal *A República*, a convite do “chefe supremo”⁸ Pedro Velho, em 1892. Faleceu em Natal, em 1947. Cascudo o descreve como “uma das mais altas e formosas inteligências norte-rio-grandenses em todos os tempos” (CASCUDO, 1984, p. 502).

Otto Guerra. Otto de Brito Guerra. Advogado, professor e jornalista. Nasceu em 1912. Formado pela Faculdade de Direito de Recife. Foi Chefe de Gabinete e Secretário do Interventor Mário Câmara (1933-1935). Cargos e funções: Promotor Público em Natal (1935), Delegado Seccional do Serviço Nacional de Recenseamento, Consultor Jurídico e Diretor do Departamento das Municipalidades, Diretor do Departamento Estadual de Reeducação e Assistência social, Procurador Geral do Estado, no Governo Dix-Sept Rosado, no início da década de 1950, Chefe da Seção de Assistência Judiciária da LBA e Superintendente interino desta entidade, no Rio Grande do Norte (1945). Foi candidato a Deputado Estadual pela Ação Integralista Brasileira e candidato a senador pelo PTB/PRP. Faleceu em Natal, em 1996.

Virgílio Trindade. Virgílio Galvão Bezerra da Trindade. Nasceu em Natal em 1887. Poeta, jornalista, teatrólogo, funcionário público. “Foi durante décadas um funcionário público exemplar. Escrevente do Cartório de Órfãos, em Manaus/AM entre 1908/1910 e, em Natal, amanuense da Secretaria de Polícia, depois secretário da Chefia de Polícia (atual Secretaria de Estado da Segurança Pública), cargo em que se aposentou” (Cardoso, 2000, p. 779). Faleceu em Natal, em 1969.

Edgar Barbosa. Edgar Ferreira Barbosa. Nasceu em Ceará-Mirim, RN, em 1909. Jornalista, magistrado, professor, escritor. Conclui curso na Faculdade de Direito de Recife em 1932. Iniciou-se no jornalismo em 1937. Posteriormente foi magistrado no Rio Grande do Norte e professor universitário em Natal, além de diretor na Faculdade de Direito de Natal, em 1957 e outros cargos na futura Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Faleceu em Natal, em 1976.

⁸ O termo é de Cascudo. Pedro Velho (família dos Albuquerque Maranhão) dominou o poder estatal no Rio Grande do Norte nas primeiras décadas republicanas brasileiras. (CASCUDO, 2008, p. 72). No livro *História do Rio Grande do Norte*, na pequena biografia sobre pessoas do Estado, ao final do livro, Cascudo escreve sobre Pedro Velho como “o chefe mais poderoso das forças políticas do Estado” (CASCUDO, 1984, p. 518).

Carolina Wanderley. Maria Carolina Wanderley. Nasceu em Açú, em 1891. Professora e poetisa. Em 1914 fundou a revista *Via Láctea*, “primeira revista feminina de Natal” (Rejane, 2000, p. 153). A revista se encerrou no ano seguinte. Em 1919, publicou o livro de poesias “*Alma em Versos*”. Faleceu em Natal, em 1975.

Antonio Soares de Araújo. Nasceu em Açú, em 1879. Magistrado, poeta, jornalista, historiador. Formou-se pela Faculdade de Direito de Recife em 1902. Dirigiu diversos jornais em Natal. Promotor em diversos municípios. Chefe de Polícia e Juiz de Direito em Natal. Em 1935 é eleito presidente do Tribunal Regional Eleitoral. Faleceu em Natal em 1973.

Nestor dos Santos Lima. Nasceu em Açú, RN, em 1887. Professor, historiador, advogado, Procurador-Geral do Estado. Conclui curso de bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito do Recife, em 1909. A partir de 1909, desempenha a função de professor de pedagogia da Escola Normal de Natal. Em 1911, é diretor desse estabelecimento. Foi Secretário Geral do Estado na Interventoria de Irineu Jófili e de Aluísio Moura, em 1930 e 1931. Presidiu durante trinta anos o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Faleceu em Natal em 1959.

Bruno Pereira. Francisco Bruno Pereira nasceu em Mossoró, RN, em 1896. Jornalista, advogado, professor, instalou a Justiça do Trabalho no Estado. Jornalista crítico da política dos governos interventores na década de 1930, através dos jornais *A Tarde* e *A Razão*. Formou-se em direito pela Faculdade de Direito de Recife, em 1910. Trabalhou no jornal *A Imprensa* e foi proprietário do jornal *Correio da Tarde*. No Rio de Janeiro viveu entre 1924 e 1931, onde fundou e dirigiu a revista *Nossa Terra*. Cascudo o coloca como seu mestre de redação, juntamente com Francisco Ivo, já que ambos dirigiram *A Imprensa*. Faleceu em Natal em 1979.

Januário Cicco. Nasceu em S. José de Mipibu, RN, em 1881. Médico, escritor, fundou maternidades e serviços médicos públicos. Pioneiro na medicina social. Faleceu em Natal em 1952.

Juvenal Lamartine de Faria. Nasceu em Serra Negra do Norte, RN, em 1874. Político, advogado, escritor, jornalista. Lutou pelo Reconhecimento do voto feminino em 1927. Fundou o Aero Clube de Natal, em 1928. Deposto do cargo de Governador do Estado com a Revolução de 1930. Deportado para a França, lá vivendo durante três anos, regressando com a anistia em 1933. Passou a se restringir as colaborações em jornais. Maçom convicto. Terceiro presidente da ANL. Reeito várias vezes no período de 1943 e 1949. Faleceu em Natal em 1956.

Antônio Fagundes. Antônio Gomes da Rocha Fagundes. Nasceu em Canguaretama, RN, em 1896. Professor, escritor e diretor de colégio. “De 1930 a 1937, dirigiu a Escola Normal de Natal e ensinou no Ateneu Norte-Rio-Grandense, na Escola Normal e na Escola Doméstica de Natal. ... Em 1938, o governador Rafael Fernandes o nomeia como diretor do Departamento de Educação, equivalente, hoje, ao de secretário estadual de Educação. Publicou livros, sempre relacionados com a atividade docente e biografias. Ao longo de sua vida, lecionou as seguintes disciplinas: Matemática, Português, Francês, Moral e Civismo e Psicologia” (Rejane, 2000, p. 81). Faleceu em Natal, em 1982.

Sebastião Fernandes de Oliveira. Nasceu em Natal, em 1880. Advogado, escritor, teatrólogo, poeta. Irmão do poeta Jorge Fernandes (falar-se-á deste mais a frente). Formou-se na Faculdade de Direito de Recife, em 1902. Promotor público da comarca de Mossoró. Primeiro juiz distrital em Natal. Procurador Geral do Estado, interino. Fundou e dirigiu a Escola de Aprendizes Artífices, em 1910. Chefe de Polícia, de 1920 a 1924. Secretário geral do Estado no governo José Augusto, até 1926. “Voltou a sua comarca, de onde foi removido em 1929 para a Primeira Vara da Capital, sob a administração Juvenal Lamartine” (Rejane, 2000, p. 691, NP). Em 1934 decreto estadual o promove para o Superior Tribunal, depois Corte de Apelação, 1937-8. Em 1922, publicou *Estudos e Aplicações de Sociologia Criminal*. “Nas atividades literárias, como poeta, fundou o grêmio ‘Castro Alves’ e os jornais ‘Iris’ e Oásis’, este último, órgão da sociedade *Le Monde Marche*, que durante dez anos (1894-1904) teve atuação influente em Natal. A serviço do congresso Literário, fundou com outros intelectuais a revista ‘Tribuna’. Em 1906 publicou seu livro de estréia *Alma Deserta*, poemas. Foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e ocupou na Academia Norte-rio-grandense de Letras a cadeira de Pedro Velho, que ele mesmo criou”(idem, ibdem).

Dioclécio Dantas Duarte. Nascido em Natal, em 1894. Político, advogado, jornalista. De tradicional família de proprietários rurais. Coursou a Faculdade de Direito de Recife. Organizou e dirigiu a Imprensa Oficial do Estado de Pernambuco. Foi deputado na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte, representante do Partido Republicano Federal fundado por Pedro Velho. Diretor de “*A Republica*”, órgão desse partido. Fundou o “Diário de Notícias” e “O Diário da Manhã” no Rio de Janeiro. Colaborou no “Jornal do Brasil”, “A Noite” e “Rio-Jornal”. Trabalhou no Ministério das Relações Exteriores. Deputado Federal. Relator do Ministério da guerra e da Aeronáutica.

Apresentou projeto para restituir os troféus da Guerra do Paraguai. Apresentou projeto sobre Simon Bolívar. Condecorado pelos governos do Paraguai e da Venezuela. Secretário de Agricultura, secretário-geral do Estado e interventor federal no Rio Grande do Norte. Faleceu em 1975, no Rio de Janeiro.

Waldemar de Almeida. Nasceu em Macau, em 1904. Pianista, maestro, professor. Fundou o Instituto de Música em Natal na década de 1930, a convite do Interventor Bertino Dutra. Desde menino tocava piano. O pai Cussy de Almeida o enviou para curso na Escola Nacional de Música do Rio de Janeiro. O amigo Audifaz de Azevedo custeou estudos na Alemanha. Passou quatro anos na Alemanha e depois dois anos em Paris. Ensinou Canto Orfeônico no Atheneu, em Natal. Com a Revolução de 1930 não pode voltar a Paris. O pianista Oriano de Almeida é seu afilhado. Professor de Canto Orfeônico no Colégio Marista, em Natal. Editou, no Instituto de Música, Natal, a revista SOM, Sociedade de Música. Quando o governo reduziu a subvenção do Instituto de Música, mudou-se para Recife e foi o primeiro presidente da Ordem dos Músicos de Pernambuco. Em Recife formou-se em direito em 1955. Participou do V Concurso Internacional de Piano Frederic Chopin em Varsóvia, como observador. Fez composições para piano em Natal, abordando temas folclóricos. Faleceu em São Paulo, em 1975.

Clementino Câmara. Clementino Hermógenes da Silva Câmara. Nasceu em Tibau do Sul, 1888. Professor, jornalista, escritor, líder maçônico. “De família humilde”. Tentou a vida no Amazonas. Voltou a Natal e reabriu sua escola e deu aulas particulares. Foi redator do *Diário de Natal*. Fundou dois jornais “*Gazeta da Tarde*” e “*A Nota*”, logo encerrados. Estabeleceu-se com um colégio em Palmares (PE), logo fechado. Um dos professores fundadores do Externato Pedro II, em Ceará-Mirim/RN. Fixou-se em Natal como professor no Atheneu e na Escola Normal, vindo a ser diretor deste. Em 1930 foi demitido do Ateneu. Assinou telegrama ao governo protestando contra o interventor Irineu Joffili, que teria dito que o Rio Grande do Norte não possuía nenhuma pessoa capaz de governá-lo. Fundou e dirigiu os externatos “José Augusto” e “Sete de Setembro”. Autor de estudos nas áreas da Filosofia e da História. “Suas ‘*Décadas*’ constituem um clássico da memorialística potiguar”. Faleceu em Natal, em 1954.

Palmira Wanderley. Palmeira dos Guimarães Wanderley. Nasceu em 1894, em Natal. Poetisa, jornalista, teatróloga. Fundou a revista *Via-Lactea* que circulou entre 1914 e 1915. Publicou poemas, crônicas, discursos e saudações em jornais do Rio Grande do Norte e de outros estados. Estreou em livro em 1918: *Esmeraldas*. Em 1929 publica

Roseira Brava. Recebeu com essa publicação menção honrosa em Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras, em 1930. Tristão Ataíde indicou-a como a “o maior poeta feminina do Nordeste”. Faleceu em 1978, em Natal.

Florianio Cavalcanti. Florianio Cavalcanti de Albuquerque. Nasceu em Belém em 1895. Professor, político, desembargador. Formou-se em direito pela Faculdade de Direito de Recife em 1918. Nomeado professor do Ateneu em 1919, onde ensinou até 1930. Deputado estadual de 1925 a 1928. Ingressa na magistratura em 1930. Juiz de direito em Pau dos Ferros, em 1931 é removido para Canguaretama e em 1934 pra a comarca de Natal. Em 1941, assume cargo de Desembargador. Fundou a Faculdade de Direito de Natal, onde foi professor e diretor. Professor emérito pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Faleceu em Natal, em 1973.

Francisco Ivo Cavalcanti. Nasceu em Natal, em 1886. Teatrólogo, professor, poeta, jornalista e advogado. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Recife, em 1923. Em 1917, instala curso primário em sua casa; é o Mestre Ivo. De 1928 a 1930, nomeado pelo governador Juvenal Lamartine, Diretor da Educação no Estado. Em 1906 publicou livro de poesia, *Crisântemos*, prefaciado por Henrique Castricinao. Maçom da loja “21 de março”. Faleceu em Natal, em 1969.

Aderbal de França. Nasceu em Natal, em 1895. Cronista social em Natal. Estudou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, mas não concluiu. Faleceu em Natal, em 1974.

José Augusto Bezerra de Medeiros. Nasceu em Caicó, RN, em 1884. Político, professor, escritor, jornalista, governador. Formou-se pela Faculdade de Direito de Recife no início do século XX. Deputado estadual em 1913. Secretário Geral do Estado, 1914. Deputado Federal de 1915 a 1923. Governador do Rio Grande do Norte, de 1924 a 1927. Senador Federal. Deputado Federal, 1935 a 1937. Participou do Congresso de Escritores de São Paulo, em 1945. A principal instituição estatal que gerencia coisas da cultura no Rio Grande do Norte foi fundada na década de 1950, tendo o nome Fundação José Augusto. Faleceu no Rio de Janeiro, em 1971.

Américo de Oliveira Costa, Nasceu em Macau, RN, em 1910. Escritor, jornalista, crítico literário, professor, promotor. Secretário de Estado. Consultor Honorário da França. Colaborou com a Resistência Francesa na Segunda Guerra Mundial. Um dos fundadores da Aliança Francesa em Natal. Formado em Direito pela Faculdade do Recife, em 1935. Foi prefeito na cidade de Agrestina, Pernambuco, de 1935 a 1937, cassado pelo Estado Novo. “Em Natal, foi chefe de gabinete no governo de Rafael

Fernandes, promotor de justiça em Currais Novos e em Mossoró, diretor do Departamento de Estatística e secretário-geral do Estado nos governos de Dix-Sept Rosado Maia e de Sylvio Pedroza. Foi procurador do Estado e por duas vezes juiz do Tribunal Eleitoral. Professor do Colégio Diocesano de Mossoró, do Ginásio Sete de Setembro, da Escola Doméstica, da Escola Normal, da Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza e da Faculdade de Direito (Titular e Emérito) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte” (Rejane, 2000, p. 59). Escreveu em diversos jornais. Membro correspondente do Pen-Club do Brasil. Faleceu em Natal, em 1996.

Paulo Pinheiro de Viveiros. Nasceu em Natal, em 1908. Advogado, professor. Formado pela Faculdade de Direito de Recife. Primeiro diretor da Faculdade de Direito de Natal. Exerceu diversos cargos de chefia no governo estadual. Faleceu em Natal, em 1979.

Esmeraldo Siqueira. Esmeraldo Homem de Siqueira. Nasceu em Pedro Velho, RN, em 1908. Médico, professor, poeta, crítico literário. Concluiu a Faculdade de Medicina do Recife em 1933. Faleceu em Natal, em 1987.

Manoel Rodrigues de Melo. Nasceu em Macau, município na região oeste do Rio Grande do Norte, em 1912. Escritor e pesquisador. Faleceu em Natal, em 1996. Sua formação educacional é toda no Rio Grande do Norte. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Universidade do Rio Grande do Norte. Fundou e manteve diversos jornais e revistas em Natal. Foi uma das lideranças da Ação Integralista Brasileira no Rio Grande do Norte. Assumiu cargos funcionais em instituições médicas na universidade. Foi vereador de Natal em 1948, eleito pelo Partido de Representação Popular, na chapa do Partido Social Democrático. Sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, da Sociedade Brasileira de Folclore, fundada por Cascudo em 1941. Membro também do Instituto Histórico da Bahia e do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba. Professor de português e história do comércio. “Descendente de criadores e agricultores, a sua obra é toda inspirada nesses processos e técnicas de trabalho.” (WANDERLEY, 1965, p. 71).

A grande maioria dos acadêmicos da ANL realizou curso de Direito e praticamente todos na Faculdade de Direito de Recife. Recife com sua Faculdade de Direito, funcionando desde a primeira metade do século XIX, era o principal destino dos filhos das famílias das elites sociais no Rio Grande do Norte para realizar o curso superior. A maioria desses membros da academia estava, também, vinculada de formas variada as estruturas de poder estatal no Estado. As esferas do judiciário e do legislativo tinham uma fraca, ou se não nula, autonomia relativa e eram definidas pelo executivo, capitaneado principalmente pela figura do chefe.

O último trabalho de Cascudo objetivando se tornar um livro resultou na publicação em 1976 de *História dos Nossos Gestos*, pela editora Melhoramentos. Seria mais um livro que acompanharia uma das tendências mais forte do trabalho intelectual que realizou: a dicionarização do objeto de pesquisa. Não à toa o livro em que mais ficou conhecido foi exatamente um *Dicionário do Folclore Brasileiro*. A grande parte do conteúdo dos livros sobre folclore que produziu acabou tendo uma estrutura expositiva em forma de dicionário e outros não explicitamente acabavam seguindo essa forma.

A atividade que mais ocupou a vida de Cascudo foi a de escrever e publicar. Essas atividades foram provocadas por uma série de condições sociais e culturais. A começar pela localização social da família, pela localização sócio geográfica (a cidade de Natal, mas também a capital federal Rio de Janeiro, entre outras), pelas estruturas do poder oligárquico, pela formação educacional que conseguiu obter, pelas definições da vida afetiva na estrutura familiar, pelas alocações profissionais, pelas conjunturas do mercado editorial brasileiro. Enfim, pela organização cultural que o definiu.

1.1.CONDIÇÃO DA FAMÍLIA E FORMAÇÃO EDUCACIONAL

Luís da Câmara Cascudo nasceu em Natal em 30 de dezembro de 1898. Foi o terceiro filho do casamento de Francisco Justino de Oliveira Cascudo, comerciante e coronel da Guarda Nacional⁹ e de Ana Maria da Câmara Pimenta¹⁰. Provinham os pais

⁹ “O conhecido título de coronel, que muitos proprietários rurais ostentavam e que era sinal de poder e prestígio, principalmente nos municípios onde se localizavam suas fazendas, teve origem no processo de criação e instalação da Guarda Nacional no Brasil, no século XIX. Era uma patente militar concedida a grandes proprietários, ou por eles comprada, e normalmente herdada por seus descendentes.

de família de proprietários de terras na região. Nasceram no interior do Rio Grande do Norte, na cidade de Campo Grande, depois Augusto Severo. Município na região oeste do Estado. O casal ainda teria mais uma filha. Esses três irmãos faleceram na primeira infância, vitimados por doenças infectocontagiosas¹¹. Doenças que costumavam causar mortes de crianças na região. Assim, ele cresceu como filho único¹². Com as condições econômicas mais propícias do pai no início do século XX tudo foi providenciado para o bom crescimento desse “sobrevivente”. E o bom crescimento significava também uma formação educacional até o curso superior em Direito ou Medicina, os principais e

Controlando as Câmaras de Vereadores nos municípios, a Assembléia Provincial, os cargos de juízes, de chefes de polícia e a Guarda Nacional local, a oligarquia rural da província, assim como a de todo Brasil, sustentou sua dominação e hegemonia por todo o período do Império.” (MONTEIRO, 2007, p. 98-99).

Cascudo escreve numa crônica de 1939: “A Guarda Nacional, criada pelo grande Feijó, era uma forma inteligente de obter a solidariedade mandona das classes abastadas. Assim, outrora, o Rei de Portugal inventara as Milícias, úteis e dignas. Todas essas coisas sofreram deturpação pela política dos partidos e ignorância dos estudiosos” (CASCUDO, 1989, p. 62).

¹⁰ A mulher de Cascudo fala sobre a mãe dele numa entrevista de 1987: “A mãe dele, Donana (Ana Maria Câmara Cascudo), que era louca por ele, apesar de ser uma pessoa de interior, de ter pouca instrução, era pessoa muito extrovertida, comunicativa, recebia muita gente no Tirol, até a família imperial, Dom Pedro. ...” (LYRA, 1999, p. 84).

¹¹ Sobre um momento anterior ao nascimento de Cascudo, temos um registro de um historiador local: “Na pessoa daquele escritor, o Seridó sempre encontrou um dedicadíssimo amigo e admirador. Alguns anos antes do nascimento do Mestre, os seus genitores – o alferes Francisco Justino de Oliveira Cascudo e d. Ana Maria da Câmara Cascudo – fixaram residência no Caicó [cidade no Rio Grande do Norte]. A família Cascudo desfrutou, no seio da sociedade local, de um vasto círculo de amizades que, inclusive, levou o seu conforto moral ao casal, quando o mesmo foi atingido pelos falecimentos de seus tenros rebentos – Antônio Haroldo e Maria Otávia. É possível que a evocação, por parte do casal, daqueles tempos vividos no Caicó, tenha influenciado o seu filho Luís, no amor àquele rincão sertanejo...” (MEDEIROS FILHO, 2004, p.4.).

¹² Na “Introdução” ao trabalho intitulado *Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual – 1918/1968*, que registra a bibliografia de Cascudo por ano e tipo de publicação durante essas décadas, Zila Mamede (1970) escreve sobre alguns aspectos da infância e da socialização intelectual de Cascudo. Entre outros pontos, faz uma síntese da primeira infância de Cascudo.

“... A difteria promoveu a anjos do céu seus três irmãos. Por isso e a partir de então, seus pais o cobriram de asfixiantes cuidados defensivos, tentando libertar da lei da morte o terceiro rebento, magro, triste, amarelo e distraído como certas consciências. ...

Restou-lhe o direito de ver livro de figuras, colecionar estampas de santos e ouvir histórias de Trancoso...

Aos seis anos sabia ler. Não sabia como aprendeu e nem para que. Os livros enchiam-lhe a casa: presentes dos pais e dos amigos destes. Coleções, álbuns, revistas aos montões.

... Foi o primeiro menino, em Natal, a possuir um quarto para a biblioteca que era visitada, gabada, aludida nos jornais por gente grande. Dispensável é, pois, salientar a gabolice infantil e a natural afetação do ‘leitor de calças curtas e gravata crisântemo’.

O pai não o orientou, jamais, para tornar-se um homem prático, industrial, comerciante: uma dessas criaturas surpreendentes que sabem as quatro espécies de contas de alto manejo, para ele impossível.

Fê-lo, porém, estudar três anos de latim com João Tibúrcio (1845-1927), mestre das gerações ...

... Lia tudo, alternadamente, com a facilidade que possuía o seu pai de mandar buscar livros na Europa. Eram obras indicadas pelos amigos letrados, livros lidos sem muita percepção.

A história foi a sedutora inicial e o amor fiel inarredável, ensinando-lhe a velhice das novidades e a universalidade do regional.

Em 1922 aprendeu a ler o inglês para acompanhar os viajantes pela África e Ásia. A informação ampliou-se pelo conhecimento dos grandes continentes misteriosos.” (MAMEDE, 1970: 11-12).

quase únicos destinos escolares das elites da época. E que o colocaria em condições de galgar os andares superiores da sociedade.

Mas, de acordo com depoimentos de Cascudo publicados em livros e artigos, duas foram a sua infância. Uma de um menino magro e doente, cercado de cuidados, e outra de um menino correndo, brincando, nadando, caçando pelo sertão ou em contato com o Rio Potengi que passava por trás da casa onde morava no bairro da Ribeira em Natal. A primeira infância é cercada de muitos cuidados e de contatos permanente com livros ilustrados e revistas infantis. Relata no livro *O Tempo e Eu* de 1968:

Fui menino magro, pálido, enfermiço. Cercado de dietas e restrições clínicas. Proibiram-me movimentação na lúdica infantil. Não corria. Não saltava. Não brigava. Nunca pisei areia nem andei descalço. Jamais subi a uma árvore. Cuidado com fruta quente, sereno, vento encanado! Brincava com meninas. Um quarto cheio de brinquedos para exercício sedentário, tudo rodando no solo ou em cima de uma mesa de mármore, que ainda possuo. Aprendi a ler quase sozinho, aos seis anos, graças ao Tico-Tico, proezas de Chiquinho e jagunço, Juquinha e Gibi, solfejando as canções de Eustórgio Wanderley, que conheceria no Instituto Arqueológico Pernambucano, emocionando-o porque cantava muitas (CASCUDO, 2008c, p. 49).

E em outro trecho mais à frente:

A minha solidão, ausência de companheiros dariam hábitos decorrentes: falar só, abstração, timidez-repulsão ao grupo, silêncio pelo isolamento, intensidade de vida interior suprimindo a distância da convivência menina. Lia muito, mais do que apreciava os jogos materiais. Ficava horas e horas imóvel, num cadeirão de braços, com o livro na perna, viajando na imaginação. Deveria ser introvertido, ensimesmado, caladão. Foi ao contrário: sou extrovertido, palrador, derramado. Sem invejas, sem recalques, sem fiscalizar a vida alheia. A explicação é ter possuído o suficiente de utilização lúdica na meninice. Resta-me a virtude de dispensar estímulos... (CASCUDO, 2008c, p. 57).

Mas isso foi na primeira infância, porque na “Apresentação” do livro *Vaqueiros e Cantadores*, de 1939, Cascudo narra uma vida muito diferente. Falando da vida no sertão, ele estende:

Vivi nesse meio. E deliciosamente. Cortei macambira e xique-xique para o gado nas secas. Banhei-me nos córregos no inverno. Esperei a *cabeça do rio* nas enchentes. Desengalhei tarrafas nas pescarias dos poços. Dei ‘lanços’ nos açudes. Cacei mocós e preás nos serrotes. Subi nas ‘esperas’ de ema sob juazeiros. Persegui tatus de noite, com fachos e cachorros amestrados. Matei ribaçã a pau e colhi-a nas araracas. Ouvi o canto ululado da ‘mãe da lua’, imóvel nas oiticicas. Ouvi histórias de Trancoso, de cangaceiros, de gente rica, guerras de família, heroísmos ignorados, ferocidades imprevistas e completas. Também recordaram vida de missionários, de santos canonizados pelo Povo, superstições, adivinhações de chuva e bom tempo, rezas fortes

para ser feliz em tudo, para não cair de cavalo, para ficar-se invisível (CASCUDO, 1984, p. 17).

E no livro *Jangada: uma pesquisa etnográfica*, temos:

De 1905 a 1910 morei na rua do Comércio n° 44 em Natal. Era um sobradão com sótão. No livrecão de Mary Wright, 'The new Bazil', na parte dedicada ao Rio Grande do Norte, está uma fotografia da rua com a casa e meu Pai no meio, de bonèzinho de sêda preta e suspensórios, flanando. Negociava no andar térreo. A parte posterior do edifício dava para o rio Potengi. O cuidado de minha Mãe era evitar que o filho morresse afogado. Vivia eu fugindo para ir pescar morés a mão ou agarrar baiacus coçando-lhes a barriga para que estufassem (CASCUDO, 1957, p. 3).

O pai de Cascudo, que chegou a estudar letras e latim durante dois anos com o irmão, era o único agente do núcleo familiar que capitava novos recursos financeiros. Trabalhando na segurança pública no interior do Estado, combatia também os cangaceiros da época¹³. Cascudo registra o combate a Moita Brava e também a um movimento religioso que poderia ter se tornado um novo Canudos¹⁴. Chega ao final do

¹³ As informações sobre a trajetória social de Cascudo foram coletadas em diversas fontes. Além dos já citados podemos relacionar outros consultados: Almeida (1947), Assis (1979), Arrais (2005), Barreto (2003), Bloch (1964), Brito (1986), Cicco (1947), Costa (1969), Ferreira (1986), França (1947 e 1969), Gico (1996 e 1998), Góes (2007), Guerra (1947), Inojosa (1968), Leite (1992), Lima (1969), Lima (1967), Lima (1947), Lyra (2002), Melo (2004), Melo (2000), Melo (1947), Melo (1979), Melquíades (1992), Neves (2008), Nonato (1958 e 1960), Oliveira (1999), Pereira (1969 e 1970), Pereira (1992), Província (1998), Sales (2007), Saraiva (1969), Silva (2007), Silveira (1993), Sousa (1969).

¹⁴ Sobre o pai, Câmara Cascudo anota no livro *História do Rio Grande do Norte*, publicado em 1955: "Francisco Justino de Oliveira Cascudo: - nasceu na vila do Campo Grande a 27-11-1863. Pequeno negociante, prestou juramento no Batalhão de Segurança de 13-7-1892 no posto de Alferes, desempenhando comissões difíceis e de comprovada coragem. Na noite de 21-12-1894 cercou o bando do famoso cangaceiro Antônio Moita Brava, em S. Miguel de Pau dos Ferros [município no oeste do Rio Grande do Norte]. Moita Brava pereceu na luta. Tenente a 12-8-1895. Ajudante d'Ordens do governador Ferreira Chaves em 1898. Em agosto de 1899 dispersou os fanáticos da serra de João do Vale que se estavam tornando perigosos pelo fanatismo espontâneo ao redor de dois matutos hábeis. O senador Pedro Velho fizera o seu elogio público em discurso a 11-2-1898. Exonerou-se a 24-3 de 1900. Comerciante, coronel da Guarda Nacional, tornou-se um leader prestigioso de sua classe, presidindo inúmeras vezes a Junta Comercial e a Associação Comercial que reorganizou e elevou. Deputado nos triênios de 1918-19-20 e 1921-22-23, membro da Intendencia Municipal de Natal (1922) participou ativamente da vida social, econômica e política do Estado, com influência eleitoral em vários municípios. Fundou e manteve, de 1914 a 1927, o jornal 'A Imprensa', de profunda impressão cultural e política. Era profundamente generoso e bom, deixando mais de 1.200 afilhados. Rara será a iniciativa no seu tempo em que não tivesse ajudado. O Prefeito Municipal de Natal, por ato de número 280, de 13-1-1948, denominou 'Rua Coronel Cascudo' à antiga 'Rua Rui Barbosa' no bairro da Cidade. Faleceu em Natal a 19-5-1935." (CASCUDO, 1984: 499). Detalhes sobre o confronto com Moita Brava e sobre os "fanáticos da serra de João do Vale" podem ser encontrados nos livros "*Histórias que o tempo leva*" de 1924 e "*Flor de Romances Trágicos*" de 1966. "A 'República', no seu número 184, de 22 de Agosto de 1899, comentou o caso dos fanáticos de João do Valle, elogiando a energia e a presteza máscula com que o tenente Oliveira Cascudo acometera e dispersara o bando..." (CASCUDO, 1924, p. 214). A linguagem de reverência a certos homens sempre será encontrada na escrita de Cascudo: assim o pai "contava com o auxílio decidido do coronel Tito Jacome, uma bela figura de sertanejo inteligente, Luiz Florencio, um grande nome que o sertão respeita e o dr. Vicente Vêras, homem d'energia e vontade" (idem, p. 213).

século XIX a cargos mais centrais do poder estatal¹⁵. Também se tornou amigo da principal liderança do período e várias vezes governador do Estado a partir de 1889, quando se estabelece a república brasileira, Pedro Velho de Albuquerque Maranhão¹⁶. Obtendo a patente de coronel, ficou conhecido como o Coronel Cascudo.

No livro *Vida de Pedro Velho*, publicado na década de 1950, que foi uma encomenda do governador Dinarte Mariz, Cascudo comenta a influência de Pedro Velho na família dele. Também se registra aqui aspectos de época e local social, bem como uma visão do passado, com julgamentos que dão o tom de evidência bem justificada no próprio fato de existir.

[...] Criei-me no seio de família Pedro-velhista, ouvindo diariamente referências ao passado e saudades à figura desaparecida. Meu pai conhecera-o em 1882. Apresentara-o Luís Pereira Tito Jácome, chefe governista da vila do Triunfo, íntimo do governador. Nomeou Pedro Velho a meu pai, em julho de 1892, alferes do Batalhão de Segurança. Promovendo-o a tenente em agosto de 1895. Meu pai, caçador de cangaceiros, bateu o sertão de pedra com alpercatas de rabicho e *Comblain* na mão, batendo-se, com sua patrulha de valentes anônimos. Eliminou o famoso Antônio Moita Brava, em São Miguel de Pau dos Ferros, em 1894 e dispersou os fanáticos de Serra de João do Vale em 1899. Pedro Velho admirava-lhe a coragem serena, a agilidade de gato maracajá, os olhos azuis de xexéu inquieto, a fidelidade, o hábito do trabalho sem pausa. Em fevereiro de 1898, num banquete que o governador Ferreira Chaves lhe oferecia, dedicou a meu pai um dos cinquenta e cinco brindes ali distribuídos eloqüentemente. Em 1900 meu pai deixou o Batalhão e foi comerciante, com fortuna vária, até falecer. Morreu saudoso do chefe que o chamava ‘meu filho’. Frequentara-lhe a residência, ouvira-o conversar horas inteiras, recebia-o em sua casa, desvanecido. Nascera no mesmo dia 27 de novembro que Pedro Velho, sete anos depois. Acompanhou-o até Guarabira, na última viagem. Velou seu corpo. Nunca lhe encontrou defeito nem possibilidades de compara-lo a outro mortal. Compreende-se que tenha vivido minha meninice e

¹⁵ “Era governador do Estado o desembargador Joaquim Ferreira Chaves, secretario, Alberto Maranhão, chefe de polícia, Dr. E. Autran, ajudante d’ordens do governador, o tenente Francisco Justino de Oliveira Cascudo. Foi este o escolhido para dispersar na serra do João do Vale, o nucleo proteiforme de fanaticos.” (CASCUDO, 1924, p. 212).

¹⁶ Cascudo faz o registro dos anos em que Pedro Velho assume o governo: 1889, 1890, 1892, 1893, 1894, 1895. Depois são os homens de confiança, inclusive parentes de Pedro Velho. (CASCUDO, 1984, p. 453-4). O registro biográfico de Pedro Velho nesse livro é o seguinte: “nasceu em Natal a 27-11-1856. Médico no Rio de Janeiro, 1881. Clinicou em Natal, dirigindo o ‘Ginásio Rio Grandense’, de 1882-84. Inspetor de Saúde Pública em 1885. Professor de História no Ateneu do mesmo ano. Abolicionista, fundou o Partido Republicano do Rio Grande do Norte a 27-1-1889. Presidente aclamado na proclamação da República, foi depois deputado, governador, senador da República, e chefe mais poderoso das forças políticas do Estado. Faleceu à bordo do vapor ‘Brasil’, no pórto do Recife, a 9-12 de 1907” (CASCUDO, 1984, p. 518). Muito próximo da família, Pedro Velho será tema constante para Cascudo. Já no livro *História que o tempo leva* de 1924, há um artigo recordando-o na casa do pai quando era um garoto. Um artigo que teria sido anteriormente publicado na revista *Fon-fon* do Rio de Janeiro, em edição especial de luxo. Na década de 1950 organizou coletânea sobre Pedro Velho. Na de 1960, publicou uma biografia *Vida de Pedro Velho*. Há também artigos e passagens em outros livros.

mocidade num ambiente de intoxicação devota pelo organizador do Estado Republicano.

Já homem, difícil foi libertar-me das limitações para ver e entender as figuras que tinham combatido Pedro Velho. Foi preciso procurá-las nas abandonadas coleções de jornais e nas reminiscências dos últimos familiares. Desde 1921 iniciei pesquisas sobre a história política do Rio Grande do Norte, ouvindo os homens que tinham, no império e na república, participado dela.

Todo este prelúdio servirá para expor a documentação que possuo sobre esses assuntos tão queridos para mim. Documentação pequenina e precária comparada a que nasceria das leituras de arquivos pessoais desses chefes. Mas não conheço um só sequer. Restaram-me jornais, relatórios e lembranças de centenas de informantes, a maioria levada pela morte.

Quando o governador Dinarte de Medeiros Mariz desejou que escrevesse eu esta Vida de Pedro Velho no ano centenário do velho chefe, lamentei a ausência dos arquivos familiares desaparecidos ou inacessíveis para mim ou qualquer outro pesquisador.

Um escritor espanhol, Fernando Castan Palomar, escreveu a biografia do jornalista Mariano de Cavia (*Cavia el polígrafo castizo*, Editorial Gómez, Pamplona, 1956) e respondendo a uma entrevista do ABC de Madrid (12 de maio de 1956) explicou-se por que o fizera: - *Puede decir que lo que me há impulsado a escribir esta biografia era ver cómo iban desapareciendo los que podían hacerlo y no quería que se dejara de hacer.*

É justamente minha razão íntima.

Conversara, além de meu pai, com amigos íntimos e colaboradores de Pedro Velho; com Ferreira Chaves, com Alberto Maranhão, com Antônio de Souza, três governadores do seu tempo, com os seus deputados federais Eloy de Souza e Juvenal Lamartine. Lera o que pudera ler. Com essas flores diversas em aroma e forma fiz meu ramalhete votivo.

Neste 1956 completar-se-á o seu centenário, mas no próximo teremos o meio século de sua morte. Em 1907 o Estado arrecadara 1.376:546\$789 no ano. Natal possuía pouco mais de 20.000 habitantes. Não tínhamos senão a Cidade e a Ribeira. Os bondes a burros apareciam um ano depois. O primeiro cinema é de 1911. Andava-se a pé. Banho de mar quando o médico receitava. Trinta e sete municípios. O governador ganhava 17.000\$000 anuais. Não cito os preços de aluguel de casa, mercado e moeda porque desejo evitar suicídio ou incredulidade. Libra a 15\$ e dólar a 3\$. Viviam as serenatas e as modinhas. Segundo Wanderley declamava nos teatros aos artistas e Ferreira Itajubá às meninas bonitas que andavam equilibradas num arame sob a empanada do circo de cavaleiros. Gotardo Neto fazia versos ao Cordão Azul e ao Cordão Encarnado nos Pastoris. A República era diária, mas não havia em toda a cidade um só vendedor que soubesse apregoar o jornal. Foi necessário contratar dois gazeteiros no Recife, em março de 1908, para ensinar em Natal a difícil manobra de vender as folhas, gritando-lhes o nome. Possuíamos uma única paróquia. Um juiz de Direito e cinco desembargadores. Tínhamos, entretanto, água encanada, luz de acetileno, gelo e, depois de dez horas, tranqüilidade.

Pedro Velho foi o orientador administrativo e também o guia para os conselhos domésticos. Era ouvido na escolha dos intendentos e dos noivos. Todos os seus defeitos dão saudades. A concentração total com que dirigia os serviços era uma prova do amor ciumento, o cuidado na verificação, o interesse pela utilidade pública. Era o hábito do seu tempo. O chefe era responsável. Obrigação de receber, ouvir e aconselhar a todos. Dar suas horas. Ausência da impaciência lucrativa. O presidente e os intendentos municipais trabalhavam gratuitamente. Era quase pecado apresentar-se uma conta médica. O farmacêutico, seu Maranhão, vivia pobremente. O século XVIII continuou para nós até o primeiro decênio do XX. Quase não tivemos o século XIX. Pedro Velho foi o primeiro e último chefe com a mentalidade pacificadora, aconselhativa e serena dos juizes de paz, na letra reinol. Difícil encontrar a compensação em sua vida trabalhada e rápida. Deputado, governador, senador, influente, prestigiado, nome nacional, morre com 51 anos. Deixa 118:566\$000, um relógio e uma casa. Lutara desde os doze. Podia, como ninguém mais teve a ousadia de imita-lo, escrever humorismo no meio da tempestade. Veja na Antologia de Pedro Velho a força de sua verve e sua visão, nas três mensagens aos deputados que recebiam vinte mil réis de subsídio diário, durante um mês legislativo.

Outro tempo. Devotamento, alegria de servir, mística de trabalho, diga-se, também, falta de teima para construir, para renovar, para estabelecer. Não tínhamos em todo o Estado um único arado. Para quê? Tínhamos cereais e exportávamos, às vezes, milho, farinha, feijão. As leis trabalhistas de efeito intimativo estavam, potencialmente, nas obrigações da vizinhança e do compadrio, os dois complexos sociais que ajudam a compreender o ajustamento do compadre pobre e do vizinho pobre na terra ardente do sertão e do agreste. Ajustamento e comportamento.

Sentimos uma certa surpresa na simplicidade desses homens que fizeram a capitania, mantiveram a província e ergueram o Estado. A simplicidade era também equilíbrio e força repressiva ao delírio aquisitivo de utilidades dispensáveis. Valorizava-se a moeda pela sua prudente e cautelosa aplicação. Se os 25 deputados, comerciantes, fazendeiros, altos funcionários, industriais pensassem que, anos depois, tão fácil e farta seria uma moeda nacional que se tornaria natural apostar-se mil cruzeiros numa briga de canários, abandonariam a vida, convencidos da loucura coletiva.

Mas não devemos fazer a tentativa de viajarmos para 1900-1907, tempo feliz. Dizemo-lo feliz agora, na distância que lhe modifica a perspectiva na técnica da interpretação. Quando nos afastamos do objetivo é que o abrangemos em seu conjunto. Antes, incluídos no próprio elemento, não será possível compreender a extensão e profundidade. O peixe nunca saberá o aspecto exterior e total do mar.

Não podemos trazer para a nossa hora contemporânea a figura do senador Pedro Velho como quem retira uma porcelana entra o bric-à-brac num armário. Seria preciso deslocar todo o cenário, transportar a inteira paisagem humana de cinquenta anos atrás para os nossos dias. E, decorrentemente, o tempo presente se evaporaria substituído pelo pretérito. Assim deixemos, na frase de Jesus Cristo, que o passado sepulte os seus mortos. Essencial para nós é a vida nos exemplos naturais que eles deixaram na memória dos homens.

Pedro Velho governou dispondo de ambiente jamais alcançados outrora e menos ainda presentemente. Teve o que os liberais e

conservadores não conheceram e nunca pensaram que existisse: a unanimidade no Poder Legislativo.

[...]

Convidava a iniciativa privada a ocupar-se do progresso material porque, para ele, a missão suprema do governo era a manutenção da ordem. Nós ouvimos e lemos hoje que a missão do governo é a produção, promove-la, regula-la, faze-la circular. Produção mesmo sem ordem. Com essa ordem foi possível ao Rio Grande do Norte sobreviver para os nossos dias.

O pior critério é a comparação. Nada se pode comparar entre elementos humanos diferenciáveis na própria escala da variável mentalidade. E também impossível é avaliar o fenômeno em sua exata proporção totalitária. Cada um de nós dirige a visada num ângulo especial. Ou vê segundo as cores individuais da predileção. Às vezes essa predileção é inconsciente e o observador está convencido de sua imparcialidade soberana [...] (CASCUDO, 2008a, p.).

E impressionante é um texto escrito ainda em 1924. Cascudo com 25 anos tem já a velhice social e pode escrever “reminiscências”, o título do texto. Desde sempre encaixado nas estruturas das elites sociais, confundidas com o próprio poder estatal, era um idoso social, o que transparece nas próprias palavras do texto. Mas, há um hiato entre a infância de um menino cercado de cuidados médicos, que aprendeu logo a ler, e o escritor que publicava um livro em editora de São Paulo, com prefácio de um historiador do Rio de Janeiro, Rocha Pombo. Ele nada fala dos últimos dez anos de vida, em que morou, inclusive, em Salvador e Rio de Janeiro realizando curso de Medicina. Na verdade a “reminiscências” só comenta a infância do autor, depois um pouco da cidade de Natal e encerra com uma lembrança do chefe político local Pedro Velho e seguidores marcando o menino, filho do Coronel Cascudo.

Pedro Velho foi as minhas admirações. Era no Estado o senhor absoluto, tangível, palpável. Conseguira exercer um manso depotismo de Grande Amigo sobre todos. Conselheiro único, absorvera a energia de pensar e de agir. Do seu cérebro, todo o Estado recebia o santo e a senha. De tanto ouvir-lhe o nome, desejei vel-o. Foi em 1907, penso, que o vi pela primeira vez. Lembro-me muito bem do dia; dia sereno e claro, tal luminoso e seguro de côr e de aroma que obtivera permissão de soltar papagaio diante da chacara. Quando voltei, suado e satisfeito, vi, pela porta entreaberta, uma porção de senhores, fallando, passeando, com cerimonia e gravidade. Pelo terraço, onde eu folheava livrecos illustrados, seguido por outros, passou um homem alto, com o peito saliente, o busto largo e possante como de um guerreiro medievo, vestindo escuro, collarinho baixo e duplo, gravatinha de retroz preto, com um panamá entre os dedos: era Pedro Velho. Passou como um Rei. Eu nunca vira um Rei andando, porém, se encontrasse algum, elle andaria com a tranquilla majestade do velho republicano patricio. Fiquei, de dedo na boca, vendo-o atravessar o jardim, acompanhado pelo séquito, com a cabelleira ondulada e grisalha fluctuando ao vento, o timbre rolado e másculo da voz auctoritaria e

os crystaes dos óculos rebrilhando. D'ahi a pouco fui apanhado, esfregado, corrigido na roupa, ageitado na gravata de setim á Pompadour. O 'Chefe' queria ver-me. Levaram-me á sua presença. Encontrei-o sentado numa cadeira de vime, cercado, ouvido, gabado por uns trinta senhores solícitos. Meu pai mostrou-me. Pedro Velho baixou a mão poderosa na minha cabeça, numa rápida carícia de leão enfasiado. Olhei-o, affeito e confiado. Perguntou-me cousas de geographia e historia, prometeu-me, (e não cumpriu) soldados de chumbo e livros de figura. Em redor os homens guardavam nos labios um sorriso benévolo, pasmado para a graça de S. Exa. Queixou-se da saude. Ia mal, dormia mal. Lembravam que S. Exa. deixasse a mostarda. Era a mostarda que adoecia S. Exa. Meu pai recommendou uma ferias aos trabalhos, um descanso á politica que era tão corrosiva como a mostarda. Disseram que S. Exa. deveria ir para a Italia, á Sicilia, por exemplo, linda terra e lindo clima. S. Exa. sorriu. Entendi que devia oppor o meu voto consciente, ergui a vozinha estridula e clamei: *Se o dr. Pedro Velho vai para a Sicilia para ficar bom, escolheu mal.* Foi um espanto. Todos olharam-me aterrados de tanta audácia. Pedro Velho baixou a cabelleira omnipotente, para inquirir o como e o porque das cousas. Impertubavel conclui: *A Sicilia é uma ilha, ilha é uma porção de terra rodeada d'agua. A Sicilia é no sul da Italia e é sujeita a terremotos, vem um deles e não pode fugir...* Riram immenso. Meu Pai olhou-me orgulhoso de tanto saber. Foi só isto, porque, eu, animado pelo sucesso, queria ver o chefe brincando gôte [sic] e outras barbaridades. Arrastaram-me para casa.

Vi-o depois muitas vezes. Lembro-me sem grande sympathia de mim mesmo. Só recordo muito bem, o dia em que, na irresponsabilidade dos meus poucos annos, lembrei ao Senador Pedro Velho, que a Sicilia ficava ao sul da Italia, sujeita a terremotos e que uma ilha, era uma porção de terra rodeada d'agua. (CASCUDO, 1924, p. 222-5).

O Coronel Cascudo fixou residência em Natal na segunda metade da década de 1890. Em 1903, comprou uma loja no bairro da Ribeira. Bairro comercial, com porto nas margens do Rio Potengi. A loja de tudo vendia, inclusive tinha uma seção de objetos de luxo. Na loja *O Profeta* (em outro período com o nome *F. Cascudo*), também recebia pessoas e fazia empréstimos¹⁷. Negociava com distribuidores estrangeiros. Uma indústria alemã chegou a confeccionar espelinhos que traziam a foto do filho no verso para presentear e agradecer o comerciante. Monopolizava o comércio da carne. Também o

¹⁷ O pai de Cascudo era proprietário da maior loja do tipo que tinha, em Natal. No escritório no fundo da loja recebia visitas de autoridades e de trabalhadores da cidade. "A casa F. CASCUDO, com nove portas de entrada, vendia louças, ferragens e materiais de construção em grande escala." (LEMOS, 1978, p. 8). Esse texto de um amigo da família, registra ainda que todos podiam comprar as mercadorias que estavam à venda, devido ao preço baixo. Fala da generosidade do Coronel Cascudo com muitos que o procuravam para uma ajuda principalmente financeira. Usava o seu prestígio junto aos grupos dominantes para providenciar ajudas. Nunca colocava em justiça uma dívida e nunca informava a uma viúva a dívida deixada pelo marido. Tinha mais de mil afilhados espalhados pelo estado. O Coronel Cascudo estava totalmente inserido nas relações políticas estatais locais.

comércio de automóveis em seus inícios na cidade, fornecendo os autos da Ford. E a família possuiu três autos quando o número na cidade não chegava a dez. Liderou organizações dos comerciantes e ocupou cargos na legislatura estadual. Em determinado momento era “presidente da Associação Comercial, dono d’A Imprensa, deputado estadual” (CASCUDO, 2008, p. 42).

A família começou a usar o nome “Cascudo” com o pai. O avô ganhara o apelido devido à posição política de seguidor do partido conservador. Os liberais de Minas Gerais criaram essa denominação em relação aos “conservadores”. No livro *O Tempo e Eu*, que teve primeira edição em 1968, Câmara Cascudo comenta:

Cascudo não denomina realmente minha família paterna, constituída dos Justinos de Oliveira, Gondim, Ferreira de Melo, e Marques Leal. Meu avô, Antônio Justino de Oliveira, (1829-1894), filho de Antônio Marques Leal, (1801-1891), vindo do português do mesmo apelido, era, nos últimos anos, chamado ‘o velho Cascudo’, pela devoção ao Partido Conservador, também com essa alcunha.

Dois filhos, Francisco (1863-1935) e Manuel (1864-1909), tiveram a idéia de juntar o Cascudo ao nome, vocábulo que jamais meu avô pronunciou. Os demais irmãos, Antônio, o mais velho, e José, o mais moço, não os imitaram. Tio Manuel faleceu em São Paulo, major da Polícia Militar, comandante da Guarda Cívica, casado com uma moça alemã, Carlota Ester, e sem descendência. Meu pai viu morrer três crianças e apenas o terceiro, Luís, sobreviveu. Registrou-o Luís da Câmara Cascudo, para perpetuar a tradição, nascida com ele e o mano Manuel. Nos primeiros anos do séc. XX unicamente eu e um primo, Simplício, filho de minha tia Maria Severa e filho de criação de meu pai, éramos Cascudo. Ninguém mais. Depois o nome ‘pegou’ n’alguns primos, nem todos, tornando-se popular no Rio Grande do Norte.

Cascudo não é coleóptero, mas um peixe de loca, acari, *precastomus loricariae*, que incluí no meu *ex-libris*, com o moto *Dum spiro, spero* [Enquanto respiro, espero]. ... (CASCUDO, 2008a, p. 41-2).

“Cascudinho” era como chamavam o filho do Coronel Cascudo para diferenciar do pai, muito conhecido na cidade. Muitos faziam uso desse diminutivo. Em algumas cartas de Mário de Andrade para Cascudo, ele também aparece.

Em 1913, o pai de Cascudo adquiriu grande propriedade com casa ampla no bairro de Tirol. O bairro de Tirol e o vizinho Petrópolis resultaram da primeira ação de planejamento urbano em Natal. No bairro de Tirol se concentrou moradias das elites dirigentes da cidade e do Estado do Rio Grande do Norte¹⁸.

¹⁸ O estudo de Pedro Lima, um pesquisador e professor de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sobre a construção dos espaços urbanos de Natal durante o século vinte através da abordagem do livro de Cascudo *História da Cidade do Natal* publicado em 1947, atenta para o processo de segregação espacial urbana: “A leitura da obra de Luís da Câmara Cascudo mostra como, entre o final do século XIX e os anos vinte do século XX, foi se desenhando o primeiro esboço da distribuição social e espacial da população na cidade, embora, à exceção da Cidade Nova, ainda não

A maior parte da primeira educação escolar recebeu-a Cascudo em casa. Em seus trabalhos memorialísticos, descreve algumas situações dessa educação. Cascudo conta da professora das primeiras operações matemáticas que ao final marcou a formação com uma fitinha que amarrou ao pulso dele. E ele passou dias gabando-se e mostrando a todos que encontrava.

O professor Francisco Ivo Cavalcanti escreve o artigo “Luis da Câmara Cascudo, aluno primário” para uma publicação da Fundação José Augusto¹⁹ que homenageou

existissem espaços totalmente exclusivos. Os grupos de rendas mais altas habitavam a Ribeira e a Cidade Alta. Os trabalhadores e a população pobre em geral, em sua maior parte, estavam localizados nas aldeias de pescadores ou se dispersavam em assentamentos periféricos, sobretudo nas Rocas. O bairro do Alecrim, ainda em processo de formação, abrigava então viajantes, camponeses e operários ligados às estradas de ferro. O Plano da Cidade Nova, que corresponde hoje aos bairros de Petrópolis e Tirol, e cuja implementação implicou na expropriação de diversos posseiros, ... se constitui no primeiro espaço destinado exclusivamente à burguesia natalense” (LIMA, 2006, p. 46). E esclarece sobre os nomes dados aos bairro Petrópolis: “Alberto Maranhão foi também o irmão prestimoso, que reconhecia a importância e a ascendência de Pedro Velho, e queria preservar sua memória. Por isso, não hesitou em evocar a cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro, cujo nome homenageava um outro Pedro. ...” (LIMA, 2006, p. 79). Numa carta de Alberto Maranhão a Cascudo, registrada no livro *História da Cidade do Natal* e muito citada por Lima, há um comentário sobre o nome Tirol: “A denominação de Tirol, ao bairro, foi uma simples fantasia sem justificação real. Uma lembrança da província austríaca, qualquer coisa de reminiscência recalcada de leituras literárias, e nada mais. Era um pouco a mania do tempo.” (CASCUDO, 1980, p.333). No livro de Lima ainda se encontra outras passagens que esclarecem a segregação espacial na cidade: “...Desde então, morar dentro da Cidade Nova (vale dizer, em Petrópolis e Tirol) adquiriu uma carga de significados positivos, opondo uma parte da população que se representa como superior e aqueles que, por morarem em outros lugares, estariam excluídos da cultura, do poder, da sociedade, enfim” (LIMA, 2006, p. 83). “... na medida em que as ruas e avenidas iam sendo abertas, vieram residir as pessoas mais importantes da cidade. O governador Pedro Velho de Albuquerque Maranhão e seu irmão o governador Alberto Maranhão, o futuro governador Ferreira Chaves, o presidente da Intendência de Natal Joaquim Manoel Teixeira de Moura, responsável pela criação da Cidade Nova, entre outros, adotaram aquele novo bairro da cidade como o seu lugar de residência.” (LIMA, 2006, p. 108).

¹⁹ A Fundação José Augusto publicará diversos livros de Cascudo nas décadas de 1960 e 1970. Foi formada pelo governo de Aluizio Alves na década de 1960, com objetivos de praticar o ensino superior. Homenageia em seu nome, um governador do estado do período anterior a 1930. Contrapunha-se a Universidade do Rio Grande do Norte, fundada em 1959 pelo governo de Dinarte Mariz. Aluizio Alves se elegeu como opositor ao governo de Dinarte Mariz. A FJA tornou-se um órgão de gerência de bibliotecas e museus. Com gráfica própria, passou a publicar livros de alguns autores locais, jornais e revistas na área. Aluizio Alves é citado como fazendo parte da Sociedade Brasileira de Folclore na década de 1940 e, quando governador, encomendou diretamente a Cascudo um livro reunindo algumas crônicas diárias que este publicou em jornais de Natal. Cascudo também recebeu encomendas do governo Dinarte Mariz e de vários governadores de prefeitos durante sua vida. Significando financiamento para a realização desses trabalhos. Apesar do livro só ter saído em 1974, quando Aluizio Alves estava com os direitos políticos cassados devido ação de Dinarte Mariz junto as instâncias federais, um texto de Cascudo de 1965, quando aquele era governador, abre a edição e inicia-se lembrando conversa com o governador: “Em junho deste 1965, Raschid Hassan Laud, consul do Líbano, oferecia uma linda festa aos amigos, despedindo-se para sua visita à terra natal.

Na hora dos aperitivos, o governador Aluizio Alves senta-se junto a mim e pergunta-me, com a maior naturalidade serena, porque não publico um volume com algumas das *ACTAS DIURNAS*. Vendo-me sorrir, informa que o Governo fará a edição, de 150 crônicas, escolhidas pelo autor, solicitando que envie os originais quanto antes, para ele. Antes do indispensável agradecimento, desaparece, indo semear outros assombros noutros grupos. ... O Governador Aluizio Alves promovendo a edição consegue que as

Cascudo em seus “50 anos de atividade intelectual”. O professor foi contratado pelo pai de Cascudo, e se diz muito bem pago com uma “mensalidade de trinta mil réis”, para ensinar “o Cascudinho a ler bem, escrever e contar bem” em aulas de sessenta minutos. “Ler e contar bem foi por mim alcançado em pequeno espaço de tempo, mas fazer o Cascudinho ter boa caligrafia não me foi possível conseguir” (CAVALCANTI, 1998). Depois do “curso primário terminado”, Cascudo estudou com esse professor num “curso particular, Aritmética, Álgebra, Geometria, Geografia, História Geral do Brasil...” (idem, p. 51). Reproduzo todo o artigo pelo modo como descreve o espaço e o modo em que se deu o trabalho na casa de Cascudo, aproximando parte da vivência social.

Tinha o Desembargador Ferreira Chaves assumido o governo do Rio Grande do Norte, quando fui convidado pelo Cel. Francisco Cascudo para dar umas aulas primárias na sua residência, a um seu filho, que teria chegado da cidade do Martins, onde convalescera de pertinaz moléstia que, quase, lhe roubara a vida.

Morava, então, o Cel. Cascudo, na Praça André de Albuquerque [bairro Cidade Alta], no. 588, e, ali, comecei eu as aulas solicitadas.

Cascudinho, como chamavam ao filho do Cel. Cascudo, era um menino de atividade desmesurada e, profundamente, inquieto. E também vontadoso, qualidade essa que era alimentada com o fato de ser satisfeito em todos os seus desejos e pensamentos, sem que os pais lhe fizessem qualquer contrariedade.

Iniciei as aulas referidas, na certeza de que aquele meu trabalho demoraria muito pouco tempo, porque, apesar rêgiamente [sic] recompensado, pois, o Cel. Cascudo marcara-me a mensalidade de trinta mil réis, logo aos primeiros contactos com o aluno reconheci a sua rebeldia, o que não se coadunava com o meu regime de mestre-escola, habituado a dar cocorotes e puxavantes de orelhas, nas crianças que eram por mim lecionadas. E isto fazer, no Cascudinho, seria um crime de lesa majestade, perante os pais, especialmente a sua genitora.

E as nossas aulas começaram. À uma hora da tarde, como, naquele tempo, eram denominadas as treze horas de hoje, chegava eu à casa de residência do Cel. Cascudo, para, durante sessenta minutos, ensinar o Cascudinho a ler bem, escrever e contar bem.

Ler e contar bem foi por mim alcançado em pequeno espaço de tempo, mas fazer o Cascudinho ter boa caligrafia não me foi possível conseguir.

O Cel. Cascudo obtém, por compra, em Tirol, a casa que foi do engenheiro Herculano Ramos, onde, hoje, é a séde do ‘Brasil Clube’.

Preparada a nova residência, transferiu a família para aquela aprazível vivenda, de modo que já não me era possível, dada a distância, que a separava do centro da cidade, continuar a fazer o ensino primário ao Cascudinho.

Mas, o menino queria que eu continuasse sendo o seu professor, e, logo, ficou assentado o seguinte: subiria eu depois das duas, (hora

ainda daquele tempo), e, quando o bonde chegasse ao ponto terminal da linha, tornasse à Ribeira, e voltasse ao Tirol, na sua descida, à procura da cidade eu teria terminado a aula, e tomaria o mesmo de retorno ao centro principal de minhas atividades.

De começo, tudo muito direito: ao chegar, na residência do Cel. Francisco Cascudo, já o Cascudinho me estava esperando, em um gabinete que o pai lhe preparara e onde funcionavam as nossas aulas. Meses depois, porém, quando eu, ali, chegava, o aluno ainda dormia, e a sua genitora exclamava: 'ah! Professor, meu filhinho passou a ler até alta madrugada!' E Cotinha era encarregada de acordar o menino...

Despertado, o Cascudinho aparecia-me, depois do asseio da boca e lavagem do rosto, pedindo a D. Ana, sua mãe, que lhe mandasse servir o café, convidando-me a assistir e mesmo a tomar parte, na sua primeira refeição, que era constituída de uma terrina de alface, com batata inglesa e ovos cozidos e um grande pedaço de 'rost-beef'.

Resultado: quando o Cascudinho terminava essa refeição, já o bonde do Tirol devia alcançar-me, e eu voltava à cidade.

E, assim, passavam-se os meses. O meu aluno fazia ótimas descrições a respeito de fatos que eu lhe apontava, para servir de elementos ao seu poder imaginativo; fazia correspondência epistolar sem qualquer defeito; e, em assuntos relativos à nossa história, nada lhe saía da memória.

Em um fim de mês, não me lembro qual teria sido êle, fui à Vila Cascudo, levando a certeza de que, terminada a aula, apresentaria as minhas despedidas ao aluno, que, além de inteligente, era respeitador e tinha pela minha pessoa uma particular estima, apesar de alguns 'agrados' que lhe fiz.

E, assim, aconteceu. O exercício da leitura fôra feito em um livro 'Lições de Coisas', e, terminado aludido exercício, peguei uma tira de papel, escrevi algumas linhas depois do que, entregando ao Cascudinho, o meu escrito, disse-lhe que aquilo eram as minhas despedidas, pois, o julgava com o curso primário terminado, aconselhando-o a procurar um professor que lhe desse ingresso, no curso secundário, propondo-me eu mesmo a lhe ministrar alguns conhecimentos, especialmente, de Matemática, que era matéria de minha predileção. O aluno emocionou-se, e essa emoção a transmitiu êle à sua genitora.

Cascudinho estudou comigo, em meu curso particular, Aritmética, Álgebra, Geometria, Geografia, História Geral do Brasil, e, terminado o seu curso de preparatórios, depois de haver estudado Medicina, formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais, na Faculdade de Direito da cidade do Recife.

Passaram-se os anos. Em 1914, tendo terminado eu a minha peça dramática 'RENÚNCIA', que o 'Grêmio Dramático de Natal' encenou, em um dia de Domingo, entendi que a devia ler, para, sôbre a mesma, ter a opinião, do escritor Luís da Câmara Cascudo. Li-a, e êle felicitou-me, lembrando-me outras peças de teatro por mim escritas, algumas das quais nem me lembrava mais do assunto, porque perdi a quase totalidade do meu 'teatro'.

Depois de amistosa conversa, onde, juntos tomamos um café feito para dois, o Cascudinho declarou-me desejar lecionasse eu alguma coisa ao seu filho Fernando Luís, de modo que êle também tivesse lições que lhe fôsem dadas pelo antigo professor, hoje, seu amistoso amigo e colega. Aceitei a lembrança.

Tudo combinado, Cascudinho levanta-se, vai a uma de suas estantes, tira um livro, que me é apresentado, aberto em uma de suas páginas, dizendo-me: ‘foi esta a última lição de leitura que lhe dei’. E virando a derradeira página do livro aludido, ali se encontrava a despedida que eu escrevera, no dia da última lição de curso primário que lhe dera, e que êle guardara, demonstrando que, naquela época, já o espírito do historiador existia, latente, no seu organismo de criança que, talvez, não contasse ainda a idade de dezesseis anos. (CAVALCANTI, in *Província*, p. 50-3).

Em Natal, o trabalho intelectual, como todas as outras coisas da vida social, era muito dependente e relacionado com as estruturas do poder oligárquico e essas eram muito pouco diversificadas²⁰. Desde o final do século XIX, a produção maior era em poesia. A maioria para ser tocada e cantada como modinha. Existia em alguma medida um cultivo do gosto literário com referências a autores nacionais e estrangeiros. Um exemplo desse cultivo cultural literário foi o de Henrique Castriciano²¹. Castriciano escrevia poesia e artigos. Devido a ligações familiares galgou altos cargos nas estruturas de poder, chegando à vice-governadoria. Na década de 1960, Cascudo dedicou um livro a ele, *Nosso Amigo Castriciano*, publicado em 1965. Na Europa, foi conhecer experiências de educação feminina e acabou criando em Natal uma escola até hoje existente, a Escola Doméstica, com o intuito de preparar as mulheres para os afazeres domésticos e para a boa função no lar²². Irmã de Henrique Castriciano foi a poetisa Auta de Souza, que faleceu muito jovem devido a tuberculose, depois de uma vida cercada de tragédias familiares, como o do irmão que morreu em chamas. Também posteriormente “biografada” por Cascudo no livro a que deu o título *Vida Breve de Auta de Souza*, publicado em 1961. Os poemas de Auta de Souza foram registrados em um único livro, *Horto*, com primeira edição em 1900, impresso na gráfica do jornal A

²⁰ Ainda na década de 1950, temos um exemplo: um prefácio a um livro sobre a Faculdade de Direito de Natal, Otto de Brito Guerra escreve que o mesmo “descreve, com minúcias, a sucessão curiosa de professores duma escola ainda por funcionar, suas nomeações e exonerações pelos governadores do Estado. Tudo decorrente das querelas da sempre agitada política partidária do Rio Grande do Norte, que se reflete nos mais diferentes e insuspeitados setores. Cada governador que ascendia, nesse período, promovia alterações no quadro do professorado, segundo os ventos políticos. ...” (GUERRA, 1988, p.10).

²¹ “Henrique Castriciano, muito novo, teve a paixão pelo livro. Septuagenário e doente, lia sempre. Viveu rodeado, mergulhado, abafado de livros. Teve, anos e anos, a média de um livro por dia. Lia tudo. Foi uma das culturas gerais mais sedutoras e vivazes que conheci. Valetudinário, discutia terapêutica e higiene como um técnico. Sua longas viagens à Europa e à África foram cursos de observação atenta, comunicados com um brilho simples e nítido. Já em 1890, 16 anos, possuía uma grande estante pesada de livros. Poetas, romancistas, viajantes.” (CASCUDO, 2008b, p. 61-2).

²² Mello (1953, p. 340-2) faz interessante síntese sobre o projeto da Escola Doméstica de Natal e a importância da educação prática que implementava, diferente do modelo intelectualista que dominava as escolas brasileiras. A despeito dessa argumentação, não se coloca a problemática da reprodução do lugar social da mulher. Já que essa educação prática era voltada para criar a mulher no bom desempenho das tarefas do lar. Mello, no entanto, sintetiza a proposta educacional daquela escola pioneira no Brasil. Um pioneirismo, na verdade, historicamente desfocado.

República e prefaciada por Olavo Bilac. Um terceiro irmão, também publicava livros e textos em jornais e revistas, Eloy de Souza. Foi senador da república. Portanto, formavam uma família diretamente vinculada às estruturas do poder local e que cultivava atividades da cultura letrada. Castriciano foi um grande incentivador das atividades literárias de Cascudo. Indicando livros e emprestando-os. Acompanhando o que Cascudo publicava.

A primeira língua estrangeira com a qual Cascudo teve contato, com estudo e leituras, foi o francês. Sua filha lembra que o francês era cultivado nas relações familiares e que a avó foi pedida em casamento em francês durante uma valsa. Costumava-se introduzir expressões francesas nos diálogos diários²³.

O pai contratou professor para que estudasse o latim. O latim já era objeto de ensino no Rio Grande do Norte desde a primeira metade do século XIX. Há relatos de sua prática no interior do Estado, na região do Seridó (AUGUSTO, 1954). As exigências do latim para se inserir na Igreja católica era uma das razões de sua presença. O domínio do latim e de outras línguas tornou-se, também, um elemento no argumento da diferenciação cultural de camadas sociais especiais não ignorantes²⁴. Isso leva também ao argumento tantas vezes aventado nos textos de Cascudo do trabalho intenso e desinteressado, obstinado e sofrido a que alguns homens especiais se dedicam realizando pesquisas e produção escrita. Esse argumento também aparece muitas vezes nos documentos de apologia a Cascudo no Rio Grande do Norte, que é a característica da grande maioria dos trabalhos que se pode encontrar sobre ele.

A primeira publicação de Cascudo foi de um artigo em 1918, no jornal *A Imprensa* de propriedade do pai. Uma crítica literária elogiando os livros, *Bosque Sagrado* e *A mulher na poesia brasileira*, de Leal de Souza. O jornal *A Imprensa* circulou em Natal

²³ Nas orelhas do livro com as cartas de Cascudo a Bernard Alléguede, a filha de Cascudo registra: “Impossível deixar de destacar a influência francesa na vida e obra de meu pai – aliás, no nosso recinto familiar.

Meu avô materno, juiz José Theothonio Freire, já pedira em casamento a inesquecível Maria Leopoldina Viana, durante uma valsa, em francês fluente. Até o final de sua vida – faleceu aos 97 anos – a avó Sinhá, como era conhecida – povoava de exclamações francesas suas observações mais casuais. Várias vezes assisti a diálogos deliciosos entre ela e papai” (SILVA, 2002).

²⁴ Cascudo faz uma referência ao latim na vida social dos fazendeiros. “Ao Latim entregava-se a coroa da sabedoria integral. Não saber uma palavra latina era índice insculpável de ignorância. Os velhos fazendeiros, iletrados e poderosos, sabiam empregar uma frase de Vergílio ou de Horácio, um provérbio, uma sentença bíblica, recitando orações no idioma clássico que tomava acentos imprevistos de ineditismo naqueles lábios habituados a comandar”. (CASCUDO, 1984, p. 265).

de 1914 a 1926. Segundo Cascudo, serviu para dar vazão à produção literária que ele e mais alguns amigos queria realizar. Mas, para o pai também era um meio de se fazer presente nas relações sociais e de poder local. Pela posição do pai pode-se inferir que o jornal aparecia como uma necessidade válida de investimentos econômicos, materiais e simbólicos. Os comentaristas de Cascudo, no entanto, apontam razões mais simples. Apenas que o pai providenciou um espaço de publicação para o filho. Mais uma ação de incentivo para o desenvolvimento cultural do filho. Mas, isso também envolve apropriações de capital econômico, social e cultural. Cascudo por diversas vezes se remete a esse jornal.

O jornal *A Imprensa*, 1914-1926, reuniu muita gente nova que hoje é citada com insistência por esse Brasil. Operários, comerciantes, funcionários públicos, começaram encontrando o campo para a decolagem feliz. O jornal, desorganizado e pobre, sem economia, sem os auxílios da finança oficial, animou como uma chain poderosa, possibilitando teatro amadorista, crítica social, projeção operária, compreensão de movimentos grevistas, revistas literárias e periódicos redigidos exclusivamente pelos tipógrafos da folha. (CASCUDO, 1980, p. 382).

No mesmo livro *História da Cidade do Natal*, que teve primeira edição em 1947, no capítulo “Imprensa política”, Cascudo cita o jornal, declarando que o mesmo não era político. Não no sentido partidário.

Político, na acepção partidária e de filiação em doutrina a um grupo, não foram a *Imprensa*, 1914-26, fundada e mantida por Francisco Cascudo, sem ganhos e sem retribuições, antes constituindo um amplo aprendizado para duas dezenas de nomes que não podem esquecer a velocidade inicial, o ambiente animador e fraternal, solidário com os vãos e encorajador de todos os remígios... (CASCUDO, 1980, p. 316).

A periodicidade do jornal era quase diária, mas de forma irregular, segundo pode-se induzir da relação bibliográfica dos artigos de Cascudo no período registrados em Mamede (1970)²⁵. Mas era um jornal estruturado com redação: “A ‘Farmácia Monteiro’

²⁵ Zila da Costa Mamede nasceu em Nova Palmeira em 1928 e faleceu em Natal em 1985. Com sete anos a família veio morar no Rio Grande do Norte. “Morou primeiro em Currais Novos, transferindo-se em 1943 para Natal. Completou os estudos secundários no Colégio da Conceição [colégio mantido por entidade religiosa]. Em 1953, como bolsista da Biblioteca Nacional, concluiu um curso de Biblioteconomia no Rio de Janeiro. Depois, cursou também Biblioteconomia nos Estados Unidos, como visitante e bolsista da Biblioteca do Congresso” (CARDOSO, 2000, p. 809-10). Depois, Mamede dirigiu no Rio Grande do Norte, as bibliotecas do Colégio Atheneu (ensino secundário), da Sociedade Cultural Brasil-Estados Unidos, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, a Biblioteca Pública Câmara Cascudo e foi membro do Conselho Estadual de Cultura. A biblioteca da Universidade Federal do Rio Grande do Norte hoje leva o seu nome. Também assessorou o Instituto Nacional do Livro, em Brasília. Além de uma “Bibliografia sobre Xico Santeiro”, dos Arquivos do Instituto de Antropologia, em Natal, publicou dois trabalhos de recenseamento bibliográfico: esse registrando os trabalhos de Cascudo e outro de João Cabral de Melo Neto, em 1987, edição póstuma. Igualmente publicou livros de poesia. A poesia

e a redação d'A IMPRENSA', onde eu trabalhava, eram prédios vizinhos na rua Doutor Barata. ..." (CASCUDO, 1966, p. 46).

A educação doméstica, a biblioteca na residência, o jornal do pai, a viabilização para a publicação de artigos e livros, tudo confluiu para criar um *habitus* do trabalho intelectual do ler e escrever e do publicar, dentro de características históricas e espaciais específicas. O momento e o local social do tipo de família no quadro de outras famílias²⁶ incentivaram o desenvolvimento da atividade intelectual de um componente que encontrou, de acordo com sua história e características, nos estudos um meio de se colocar de forma satisfatória no jogo social. Isso tudo inserido nos elementos mais amplos da vida social no Rio Grande do Norte e no Brasil. Entre outras coisas, por exemplo, não se podia pensar em galgar posições dominantes na sociedade sem se obter qualificações da educação escolar, sem realizar cursos superiores, embora nos polos centrais do domínio político não fosse esse o fator preponderante. Incluía também as exigências da retórica e do bem falar socialmente legitimado, uma escolaridade suficiente, pertença a grupos e famílias, história em um partido ou agrupamento, cargos anteriormente exercidos.

Em alguns períodos, Cascudo residiu em Salvador, Rio de Janeiro e Recife devido aos cursos superiores em que foi aluno. No final da década de 1910, em torno dos vinte anos de idade, morou na cidade de Salvador, na chamada Baixa do Sapateiro. Iniciava em 1918 o curso de Medicina²⁷. O objetivo era tornar-se analista laboratorial. De alguma forma essa escolha se relacionava a experiência dramática na família da morte de seus irmãos por doenças que poderiam ser evitadas ou tratadas por um conhecimento

foi o trabalho mais constante que realizou. O trabalho sobre Cascudo ainda é mais importante aqui por ter sido produzido junto a ele, de quem era amiga.

²⁶ Na sociologia de Elias encontra-se uma crítica às concepções de família que as análises costumam importar da própria vida social. No estudo de uma comunidade no interior da Inglaterra ele põe em ação a concepção relacional da vida social. "Na Zona 2, não só os laços de vizinhança, mas também os de parentesco, eram visivelmente mais fortes do que no restante de Winston Parva. Constatou-se que havia uma estreita ligação entre eles. E o exame dessa ligação ajudou a corrigir uma impressão de que a estrutura das famílias e a estrutura das comunidades em que elas vivem são totalmente desvinculadas. Na verdade, a natureza dos laços de família e a estrutura familiar não podem ser explicadas como se as famílias vivessem num vazio comunitário ou como se, por si só, sua estrutura determinasse a estrutura das comunidades em que vivem. O estudo de Winston Parva proporcionou oportunidades de comparação entre bairros de tipos diferentes. Essas comparações indicaram o quanto a estrutura familiar encontrada num determinado bairro era dependente da estrutura do bairro em que as famílias moravam." (Elias, 2000, p. 85-6).

²⁷ Cascudo escreve que era "calouro de Medicina na cidade do Salvador em 1918, morando na rua Carlos Gomes, [...] e Baixa do Sapateiro" (CASCUDO, 1970, p. 40). Também, lembra que sua "mãe comprara com suas economias um estojo cirúrgico para mim" (idem, p. 41).

nesse setor. Existia, de qualquer forma, uma forte demanda social para a solução de problemas dessa natureza. Depois, em 1919, transfere o curso para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde passará dois anos²⁸. Nesse período, no Rio de Janeiro estreitou contatos com o meio literário e intelectual da capital federal, o principal centro intelectual brasileiro. Mais pelo conjunto de relações sociais externas ao curso, do que pelo próprio curso em si, que não concluirá. Posteriormente argumentou que não era de sua vocação. Também que o pai se viu impossibilitado de montar um laboratório, como pensava. De 1924 a 1928, realizou curso de Direito na Faculdade de Direito de Recife. Graduou-se em Ciências Sociais e Jurídicas no ano de 1928 em Recife. Essa formação sedimentou a visão positivista da história, da sociedade e dos métodos de estudo que sempre o acompanhou.

Nesses locais constituiu várias relações sociais de amizade com pessoas das altas rodas sociais e dos poderes estabelecidos, como demonstra alguns de seus relatos da década de 1960 publicados em livros de memória²⁹. Sempre lendo literatura, escrevendo artigos de crítica literária e publicando dois livros nessa perspectiva e um de crônicas da história local, o curso de direito na Faculdade de Direito de Recife pareceu atender a essa tendência e gosto³⁰. O destino de muitos dos filhos estudantes das famílias das elites sociais no Rio Grande do Norte era fazer esse curso em Recife³¹.

²⁸ Num diário de 1969, Cascudo escrevia quando se encontrava no apartamento do filho no Rio de Janeiro: “Fumo o solitário charuto vendo nessa Copacabana a outra, inicial e legítima, de 1919-1922, quando praticamente vivi na Capital Federal, Centenário da Independência, irritando com minhas polainas brancas, gravata de voltas e o monóculo desafiador. [...]” (CASCUDO, 1998a, p. 42)

²⁹ Na segunda metade da década de 1960, quando completava 70 anos, Cascudo iniciou a publicação desses livros que pretendiam descrever lembranças das coisas vividas. Assim na segunda metade da década de 1960 e na primeira metade da década de 1970, foi lançando livros com os títulos: em 1968, *O Tempo e Eu: confidências e proposições*; em 1969, *Pequeno Manual do Doente Aprendiz: notas e maginações*; em 1970, *Na Ronda do Tempo (Diário de 1969)* e *Gente Viva*; em 1972, *Ontem (Maginações e Notas de um Professor de Província)*. Todos publicados por órgãos estatais da região Nordeste. Particularmente por editoras universitárias. Das universidades federais do Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. Nos livros se podem encontrar diversas referências a situações e pessoas vividas. No livro *Gente Viva* (CASCUDO, 1970), os capítulos têm o nome das pessoas falecidas, mas ainda vivas para ele. Nesse aspecto, de por nomes de pessoas como título de capítulos, o livro reproduz o modelo do primeiro livro de Cascudo em 1921.

³⁰ Mário Moacyr Porte destaca a dimensão cultural da Faculdade de Direito de Recife. A tradição de uma faculdade que marcou todo o campo intelectual no Nordeste e as modalidades de produção erudita que na região se realizou. O professor de Direito Civil e ex-reitor da Universidade Federal da Paraíba, Mario Moacir Porto, cassado pelo regime autoritário pós-1964, falecido há alguns anos, faz algumas declarações sobre a Faculdade de Direito de Recife: “Naquele meu tempo da faculdade era inteiramente diferente da faculdade de hoje. A Faculdade de Direito do Recife do meu tempo era mais uma Faculdade de Letras do que de Direito. Para ser franco, Direito mesmo a gente estudava pouco porque se estudava com muito interesse Literatura, Sociologia. Tanto assim que o próprio aluno de Direito fazia uma espécie de policiamento dos colegas. Por exemplo, um aluno que não gostava de Literatura, não se interessava por Filosofia, ele era marginalizado, era tido como um sujeito desprezível. Havia uma elite no melhor sentido da palavra.

Em 1940, Cascudo publica uma crônica sobre Rui Barbosa. Podemos imaginar um pouco algumas dimensões da presença de Cascudo nos meios intelectuais no Rio de Janeiro no início da década de 1920.

COMO CONHECI RUI BARBOSA

Foi em 1920. Feito o primeiro ano médico na Faculdade da Bahia, fui para o Rio de Janeiro. Morava na Rua Cassiano, nº 2, Glória, onde tive sarampo e aprendi a história das ruas cariocas com um irmão de Nicanor do Nascimento. Tinha poucas amizades e uma delas, a mais gloriosa, era a de Rocha Pombo, historiador por fora e santo por dentro. Nos princípios de cada mês encontrava-me com Rocha Pombo na livraria Garnier, na rua do Ouvidor. Junto a uma alta secretária, logo à direita, estavam três cadeiras tradicionais. Cada tarde, os escritores mais famosos aí conversavam, sentados, e familiares, expostos à curiosidade dos admiradores provincianos. Assim, pela mão de Rocha Pombo conheci Alberto de Oliveira, João Ribeiro, Hermes Fontes, Elisio de Carvalho, João do Rio – Henrique Castriciano apresentara-me a Nestor Vitor e este ao Grupo do Paraná, Tasso da Silveira, Andrade Murici e os amigos. Jackson de Figueiredo, Pontes de Miranda, todos remanescentes de uma revista ‘América Latina’ já morta.

Da Garnier ia-se à Brigueit, pertinho, logo na rua Sachet, hoje travessa do Ouvidor. Rocha Pombo foi conversar lá dentro e fiquei revirando os livros recém-chegados, quase todos em francês. Dois metros adiante, deslumbrado, tonto, identifiquei Rui Barbosa, em carne e osso, de fraque cinzento, colete branco, chapéu do Chile, tranquilo, lento, folheando brochuras.

Para os rapazes do meu tempo, Rui Barbosa era uma entidade olímpica, extra-humana, relampejando no cimo de uma montanha de cristal. Era a égide, o Mestre, o Infalível, a Glória viva, a própria encarnação do Gênio em sua materialidade perceptível, e na forma mais próxima à imortalidade, a força da eloquência. Fiquei todo olho, inventariando Rui Barbosa, desde o pé estreito e calçado com botinas interças [sic], até o chalé amplo, com as orlas levemente voltadas para cima. As mãos secas corriam, como maquinalmente, os livros

Havia uma preocupação pelos grandes problemas humanos, filosóficos, sociológicos, literários. Se estudava línguas incomparavelmente mais do que hoje; não Inglês. O prestígio da língua inglesa veio com a guerra e conseqüentemente o primado do norte-americano, que dominou o mundo. Naquele tempo se estudava Francês. Os livros eram em Francês, de maneira que nós éramos muito ligados no plano do Direito, da Literatura ou de qualquer outro ramo do conhecimento humano. Eu particularmente, porque a minha mãe falava Francês com absoluta fluência e ela foi educada num convento de freiras francesas.

Uma vez mounsier J. Desfort, que era um francês de nascimento, me disse: ‘O brasileiro que já vi melhor falar a língua francesa foi a sua mãe’. Então tudo isso influenciou na minha formação intelectual. De maneira que na Faculdade de Direito era sobretudo isso, uma faculdade literária, sociológica, filosófica.”(PORTO, 1990: p. 17-8).

³¹ Um intelectual do Rio Grande do Norte, Raimundo Nonato, publicou um livro registrando todas as pessoas desse Estado que foram realizar o curso superior em Recife: *Bacharéis de Olinda e Recife (Norte-Riograndenses formados de 1832 a 1932)*. Livro financiado pelo governo estadual do Rio Grande do Norte, com o nome do governador indicado na folha de rosto, e publicado em 1960 sob o selo da editora Pongetti do Rio de Janeiro. Esse livro, que se organiza com a apresentação dos nomes das pessoas, reproduz muitos trechos de textos já publicados do seu amigo Câmara Cascudo, também “biografado” no mesmo. Apesar dessa estrutura de exposição referenciando diretamente o nome das pessoas pouco se informa claramente sobre posições econômicas e sociais.

sopesando-os, voltando-os, remirando o dorso. As estantes da Brigiét eram altas e tinham uma saliência, pouco menos de palmo, onde os livros se equilibravam. Rui Barbosa continuava, mil léguas longe de mim, examinando as novidades. As pilhas se erguiam à direita e esquerda do leitor glorioso. Bruscamente, num gesto, uma ruma desabou e veio ao chão. Como um raio, voei, apanhei os volumes, ante a breve menção de Rui Barbosa curvar-se. Vendo que não se tratava de um empregado da Livraria, o Mestre dignou-se rosnar, rapidamente: — obrigando, oscilando a cabeça para baixo, num aceno cortez. Preparara eu uma frase e tive heroísmo de dizê-la, sílaba a sílaba, com o suor frio de quem faz exame. Não há de que, Senador. O maior desejo de minha vida era prestar um serviço a Rui Barbosa. O imenso orador tufou os bigodes. Devia estar sorrindo. Os bigodes eram meio amarelos, grossos, caindo em parênteses, pelo canto da boca, o lábio inferior saliente, num prognatismo visível.

Nesse minuto, misericordialmente, reaparece Rocha Pombo. Parou e cumprimentou, chamando Conselheiro e não Senador, como eu fizera. E fez minha ansiada apresentação. Menino que está estudando, nortista, grande devoto do Conselheiro. De onde? perguntou-me. Do Rio Grande do Norte. Rui Barbosa fora advogado vitorioso do Rio Grande do Norte. Devia ter recordações amáveis do sucesso. Sorriu e estendeu-me a mão. Sou um admirador do seu Estado. Terra de gente teimosa em viver, seu Pombo. O problema das secas não é uma penitência, é também uma prova. Gente de bronze.

Eu estava verificando a mentira das caricaturas que exageravam as dimensões da cabeça de Rui Barbosa, mingando-lhe o físico. Teria um metro e sessenta. A cabeça não era enorme nem desproporcional. Nem a voz era vibrante. Só quando discursava. Disse-lhe que estudava Medicina. Fez uma frase distraída: bem, especialmente se dedicar às pesquisas ou à cirurgia. Depois perguntou pelos livros de Rocha Pombo. A entrevista batia o final. Sem razão visível para mim, o Conselheiro pôs a mão no meu ombro e falou, dois palmos do rosto: — Vou lhe dar um conselho. Escreva pouco para o Juiz ler...

E, desta vez, sorriu, mais livremente.

Saimos. Foi esta a primeira vez que lhe falei. Vinte anos voaram. Oito anos depois era bacharel. Trabalho em Tribunal de Apelação. Pelas minhas mãos, centenas de razões, minutas e contra-minutas, reclamações e requerimentos, perpassam. Nunca esqueci o conselho do primeiro advogado brasileiro. E, quando encaminho os processos, certo da leitura demorada dos relatores e revisores, pergunto a mim mesmo, sem a possibilidade de resposta, - Qual teria sido o Juiz que não lera as razões escritas pelo Conselheiro Rui Barbosa? (CASCUDO, 1989, p. 130-2).

O primeiro livro que Cascudo publicou em 1921, com o título sugestivo de *Alma Patrícia: critica litteraria*, é uma análise de autores do Rio Grande do Norte. Em sua maioria autores de poesia. Poesias para serem tocadas ao violão como modinhas. Cascudo tenta criar uma tradição nas letras do estado. Mas o livro também traz alguns elementos que indicam a inserção de Cascudo no meio intelectual brasileiro. A própria

atividade de crítica literária, por exemplo, era uma das mais valorizadas³². Tenta fazer a crítica literária no Rio Grande do Norte.

O livro é dedicado aos pais, “à memória de Alexandrina Chaves” e a Joaquim Ferreira Chaves. O casal Joaquim Ferreira Chaves e Alexandrina Barreto Ferreira Chaves foram os padrinhos de batismo de Cascudo. Ferreira Chaves era desembargador e na ocasião do batismo, governador do Rio Grande do Norte. As epígrafes são de Machado de Assis e Mário de Alencar. Versam sobre a crítica literária. A epígrafe de Machado sobre a necessidade desta como “instituição formada e assentada” para um julgamento mais equilibrado sobre as produções culturais. A de Mário de Alencar, sublinha que a crítica é uma profissão penosa, ingrata e arriscada.

Os capítulos não são numerados e trazem no título o nome de cada autor tratado³³. São registradas algumas informações da vida desses personagens: datas de nascimento, filiações, atividades profissionais, meios urbanos ou rurais em que viviam, entre outras. Mas sempre de maneira muito rápida e fragmentada. E, mesmo assim, não em todos. A parte que ocupa mais espaço é a relativa a alguns aspectos do conteúdo dos trabalhos desses autores. No trabalho com as letras no Rio Grande do Norte são muito valorizadas as referências aos nomes próprios como fazedores da realidade. Não só da atividade intelectual como de todas as atividades sociais. As individualidade têm um perfil próprio que a fazem conduzir a realidade de acordo com a força desse perfil. O que ajuda a construir um espaço de prática cultural que legitima as diferenças sociais, porque compreende a história e a sociedade como construção de personalidades com suas idiossincrasias, entrando em relação. Outro aspecto central é a compreensão de valores superiores que estariam presentes na dimensão espiritual da cultura letrada. Não é à toa que o termo “alma” aparece no título do livro e o termo “espírito” seja uma constante no interior do texto e uma das características da perspectiva que rege a

³² Heloisa Pontes indica que a crítica literária estava no centro da vida intelectual brasileira nas décadas iniciais do século XX. “Até a implantação de uma mentalidade propriamente universitária e acadêmica, as revistas literárias e os rodapés dos jornais eram o lugar privilegiado para veiculação da produção dos críticos. Entre as várias modalidades de trabalho simbólico praticadas no período, *a crítica literária era a mais enraizada na tradição intelectual brasileira*. Pois o objeto de que se nutria, a literatura, aparecia como ‘o fenômeno central da vida do espírito no país’ [citando Antonio Candido, no livro *Literatura e Sociedade*, p. 130]. *Ao lado de sua contribuição decisiva para a formação de uma consciência nacional e para a pesquisa da vida e dos problemas brasileiros, a literatura e seu exercício constituíam um canal privilegiado para a aquisição de prestígio e reconhecimento no campo intelectual da época. ...*” (PONTES, 2010, p. 175, grifos meus).

³³ A sequência dos capítulos do livro é a seguinte: Sebastião Fernandes, Henrique Castriciano, Othoniel Menezes, Abner de Brito, Palmyra Wanderley, Virgílio Trindade, Uldarico Cavalcanti, Francisco Palma, Kerginaldo Cavalcanti, Francisco Ivo Cavalcanti, Ezequiel Wanderley, Segundo Wanderley, Ponciano Barbosa, Ferreira Itajubá, Auta de Souza, Pedro Alexandrino, Gothardo Neto, Murilo Aranha. (CASCUDO, 1998b).

montagem da abordagem dos autores. Há considerações sobre alguns aspectos da vida social, mas o personalismo já se declara no fato de dividir as partes pelos nomes próprios. O fato mais importante é esse de se afirmar a existência de uma tradição de pessoas escrevendo na “minha terra”. É um registro sobre pessoas que são próximas a sociabilidade de Cascudo. Pessoas que têm cargos no governo federal ou estadual, a maioria com curso em direito.

A publicação desse primeiro livro é um acontecimento muito importante para o pai de Cascudo. Um acontecimento que lhe tocou emocionalmente. Enchia-se de orgulho e prazer por ver o produto do filho. O filho se credenciava como um homem de letras. Isso é visto pela descrição que um amigo da família faz lembrando o momento em que o Coronel Cascudo recebia a primeira remessa do livro em sua mesa³⁴.

³⁴ No quarto volume de livros que reúne pequenos artigos que Cascudo publicou em mais de uma década, quase diariamente nos jornais de Natal *A República* e *Diário de Natal*, intitulado *O livro das velhas figuras* temos um texto assinado pelo senhor Thadeu Villar de Lemos um sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e amigo de Cascudo da época do chamado Principado de Tirol, na década de 1920. O texto tem como título “Em vez de uma apresentação”. Interessante a descrição da emoção do pai e do amigo com o livro que o filho publicava. Duas pilhas de livros em cima da mesa. O primeiro livro, com o título *Alma Patrícia* era entregue ao “mundo ledor”. O texto traz um mundo estranho, onde é selecionado algumas experiências depurada de muitas outras. O amigo conclui que para o pai “Não se tratava de uma vitória econômica ou política; mais do que tudo isso, no ‘Alma Patrícia’ o Coronel Cascudo anteviu a realização de tudo que desejava na vida do filho – ilustração e saber”. (LEMOS, 1978, p. 9)

Figura 3 - Cascudo numa foto dos anos 1920.

Esta foto publicada no livro “Câmara Cascudo: um brasileiro feliz” é acompanhada pela legenda: “De acordo com o figurino da época. Natal, anos 20”. Cascudo jovem, de monóculo, gravata e paletó. Os braços apoiados no que parece ser uma cadeira. A gravata parece de seda. O paletó, com camisa interna aparecendo nos punhos, apresenta traços largos em tecido grosso. O braço direito, com mão levemente fechada, ocupa a maior parte da superfície de apoio. A mão fica um pouco além da metade do peito. O paletó, com botões de punho aparentes, está levemente aberto. O braço esquerdo se posiciona como que paralelo ao corpo, e a mão, também levemente aberta, vendo-se mais os dedos, fornece leve apoio à frente esquerda de sua cabeça, escondendo a orelha esquerda. Numa primeira vista, a mão esquerda parece segurar o monóculo, usado no olho esquerdo. O olhar se perde olhando algo à esquerda do fotógrafo. Os cabelos pretos partidos ao meio estão bastante aparados acima das orelhas, e fartos na parte alta da cabeça. Os lábios finos esboçam um levíssimo sorriso. A cor branca da pele se harmoniza com o fundo branco. A foto transparece uma justeza de uma individualidade bem cuidada e equilibrada. Uma tranquilidade suprema de um rosto sem rugas, mas sério. Quem poderia tirar uma foto nos anos 1920? E quem poderia assim se apresentar numa tal fotografia? E pra que serve essa cultura fotográfica, no tipo em que a vemos em numerosas fotos dessa espécie? E as poses eram confeccionadas com muito mais demora como se fosse a pintar um quadro. O exercício da fotografia parece alimentar a crença na especialidade da individualidade. Legítima para os próprios fotografados a crença de que são especiais e diferentes.

1.2 “LUÍS NATAL”

Cascudo viveu a maior parte de sua vida em Natal. A cidade tinha uma população de mais ou menos dezesseis mil pessoas em 1900³⁵. Localizada entre um rio e o mar, a ensolarada “noiva do sol”³⁶ recebe as constantes brisas em suas ruas. Uma cidade bem aprazível e que décadas depois terá no turismo um dos seus principais setores econômicos, desenvolvido em função, principalmente, das belezas naturais de suas praias. Apesar disso as condições sanitárias da cidade eram extremamente deficientes, tendo um histórico de epidemias e mortes por doenças virais ou bacteriológicas. Há um documento muito significativo do sanitarista Januário Cicco sobre as péssimas condições sanitárias da cidade, escrito em 1920³⁷. Alguns livros de Cascudo, como os já citados *História do Rio Grande do Norte* e *História da Cidade do Natal*, também aludem diversas vezes as epidemias e mortes devido a essas doenças.

Natal se resumia no início do século XX, basicamente aos bairros da Ribeira, onde se localizava o porto e o centro comercial, e o da Cidade Alta, local da fundação da cidade, com instituições prisionais e igrejas³⁸. Câmara Cascudo nasceu na Ribeira, na Rua das Virgens, que em 31 de dezembro de 1955, de Rua Coronel Bonifácio, passou a chamar-se Rua Câmara Cascudo, em sua homenagem. Contava ele com 56 anos de idade e acabara de publicar o *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Essa rua se localiza bem próximo das margens do Rio Potengi e do porto. A cidade se desenvolveu inicialmente junto às margens desse rio. A “urbanização” da família de Cascudo acontece dentro de um processo de urbanização da cidade do Natal.

³⁵ Segundo dados do IBGE em 1900 Natal tinha uma população de 16.056. Enquanto Recife contava em torno de 113 mil habitantes em 1900 e 238 mil em 1920. Rio de Janeiro tinha uma população de 811.443 habitantes em 1900 e 1.157.873 em 1920. São Paulo apresentava 239.620 em 1900 e 579.033 em 1920. Para citar as cidades onde mais esteve Cascudo, inclusive morando em Salvador e Rio de Janeiro.

³⁶ Denominação de Cascudo numa crônica no final dos anos 1970, publicada num livro sobre Natal (CASCUDO, 1984, p. 2).

³⁷ Republicado pelo jornal Diário de Natal em 2001 (CICCO, 2001).

³⁸ Pedro Lima sintetiza os locais urbanos de Natal no início do século: “Na passagem do século XIX para o século XX, Natal ainda era uma cidade pequena com seus 16 mil habitantes. Existiam, basicamente, os bairros da Ribeira e da Cidade Alta, além de povoações de pescadores, então, muito afastadas da cidade, em Ponta Negra, Rocas e Areia Preta. Havia grandes vazios entre esses assentamentos; a Ribeira e a Cidade Alta só se articulavam precariamente, por causa das marés que alagavam a área hoje ocupada pela Praça Augusto Severo e pela antiga Estação Rodoviária” (LIMA, 2006, p. 105).

No livro *História da Cidade do Natal*, Cascudo registra que a rigor a cidade tinha apenas uns cem anos, apesar da fundação em 1599. E o livro de Pedro Lima também mostra que é no século XX que a cidade se constitui realmente. Passando por surtos abruptos de mudanças: aumentos populacionais e de estruturas materiais urbanas. Lima registra que só no ano de 1904 com a migração interna proveniente principalmente do sertão a cidade mais que duplicou sua população³⁹. O período da Segunda Guerra Mundial é outro exemplo de mudanças num curto espaço de tempo na cidade⁴⁰. De um momento para outro, a cidade vai conviver com mais de dez mil militares norte-americanos. Durante, principalmente, dois anos apenas. E logo perderá essa movimentação com o fim da guerra em 1945. Além dos militares norte-americanos também acontece intensa migração interna atraída pelas atividades que a base aérea desenvolvia.

As migrações internas são constantes na história populacional da cidade, aumentando com relativa rapidez o número de habitantes em períodos diversos. Usando os dados do IBGE, o trabalho de Edmilson Lopes registra em quadro a “evolução da população da Cidade de Natal” entre 1872 e 1991: em 1872 a cidade apresentava um número de 20.932 habitantes; em 1890, 13.725; em 1900, 16.056; em 1920, 30.696; em 1940, 54.836; em 1950, 103.215; em 1960, 160.253; em 1970, 264.379; em 1980, 416.898; em 1991, 606.556. A população em Natal no período 1900 a 1940 quase que triplica. Além disso, surgem novos bairros e diversifica-se o quadro institucional da cidade.

Em décadas posteriores, essas mudanças urbanas poderão ser sentidas bem concretamente no entorno da casa de Cascudo, onde ele, a mulher, filhos e empregados moraram desde a década de 1940. A casa, onde hoje funciona um Instituto Câmara Cascudo, localiza-se no início de uma rua que é o caminho principal para o

³⁹ “Em 1904, forçados pela seca que assolava toda a região Nordeste, chegaram à Natal mais de quinze mil retirantes vindos do sertão... Com sua população praticamente dobrada, a cidade viveu grandes dificuldades, que marcaram um momento decisivo no processo de formação dos espaços segregados de Natal” (LIMA, 2006, p. 109).

⁴⁰ O livro “Natal em Perfil, 1992” registra: “A ‘cidade’ que se montou como apoio à cerca de 10.000 norte-americanos envolvidos no esforço de guerra, iria sedimentar de vez o conjunto de condições atrativas ao deslocamento de mão-de-obra do interior e de estados vizinhos para Natal, e ao surgimento de um aglomerado urbano que serviria de pólo indutor para a criação do município em 1958, desmembrado de Natal” (PASSOS, 1992, p. 4) A instalação de uma base militar aérea dos Estados Unidos em um ponto próximo à cidade durante a Segunda Guerra Mundial, é um dos exemplos mais fortes dessas mudanças.

deslocamento entre o bairro da Ribeira e da Cidade Alta. A casa era da família da mulher de Cascudo e ele a comprou em 1945.

A frente do casarão de Cascudo presenciou as mudanças do espaço urbano, com o automóvel e o transporte coletivo. A evolução dos motores e outros componentes do automóvel, dentro da lógica da indústria automobilística capitalista. O uso do asfalto. A rua em frente à casa será passagem obrigatória para esses tipos de automóveis, subindo a ladeira para todos os destinos da cidade, com os seus barulhos ensurdecadores. Um acidente em frente à Casa com um neto de Cascudo é registrado numa carta de 1977 a um amigo.

O jorro da torneira epistolar passou a contagôta farmacêutico explicado por nevoeiro aflito que lentamente disfaz-se [sic]. Meu neto Newton, de 13 anos, foi apanhado por um automóvel esportista, jogando-o na calçada do nosso Sobradinho. Fratura no frontal, escoriações generalizadas, uma semana de Hospital. Voltou para casa e mesmo no Colégio, com recomendações especiais. Exame de encefalograma. Não me dão resultados mas as fisionomias da Mãe e da Avó denunciam alguma decepção com margem de esperança. A fratura determinará alguma modificação mórbida num menino em pleno desenvolvimento aquisitivo? Vamos confiar a vinda da negativa. Não havia, formalmente, clima para meu jubiloso e terapêutico exercício de conversar pela Remington. ... (FARIA, 2005, p. 45).

O barulho constante e em alto nível pode ter sido a causa da surdez crescente de Cascudo nos últimos vinte anos de vida. E o local onde trabalhava ocupava a parte mais próxima da calçada da rua⁴¹.

O bairro de Tirol constitui-se de um xadrez de ruas retas e amplas, na parte alta e plana da cidade. Nesse bairro, intitulado inicialmente Cidade Nova, o arquiteto Herculano Ramos⁴² construiu diversas casas em amplos terrenos que serviria de

⁴¹ No diário de 1969, Cascudo anota: “Moro na Av. Junqueira Aires, no início, a principal via de acesso entre os bairros baixos e altos. Diante da minha casa, os automóveis, ônibus, caminhões, tratores, lambretas, mudam a marcha, fazendo primeira, para vencer a subida da ladeira. Lembro que Natal é, em todo o Brasil, a cidade que possui o maior número de veículos motorizados, per capita. Incluem as buzinas e o tiroteio da escapeção. Haverá lugar mais recomendável para o estudo tranquilo?” (CASCUDO, 1998a, p. 119).

⁴² Herculano Ramos (1854-1928): “Formado em Arquitetura pela Academia Imperial de Belas Artes, no Rio, aperfeiçoou seus conhecimentos na área de Engenharia Civil na Europa. Residiu de 1904 a 1914 em Natal, onde projetou e construiu jardins, casas, palácios, cenários. Câmara Cascudo conta que em fins de 1913 o seu pai, Cel Cascudo, ‘adquiriu ao arquiteto Herculano Ramos a ‘Vila Amélia’ no Tirol, região de chácaras e quintais’. A propriedade ocupava três quartos do quarteirão entre as avenidas Campos Sales, Rodrigues Alves, Apodi e Jundiaí, n. 93. No livro ‘O Tempo e Eu’, Cascudo relembra Herculano sobretudo como o grande arborizador da cidade, ‘devastada pela incurável dendrofobia prefetural subsequente’. Conta que ele transformava terrenos arenosos em parques frondosos, como fez nas praças

residência para o grupo mais privilegiado na cidade e ligado às estruturas do poder estatal. Casas que construía para morar e depois as vendia. Em 1913 o coronel Cascudo comprou uma ampla residência de vários quartos projetada e construída pelo engenheiro. A compra incluiu toda a mobília em madeira e uma biblioteca. No livro *O Tempo e Eu*, há descrição da portentosa residência, vista como um paraíso perdido quando da falência do pai e a perda da casa hipotecada. Acontecimento que representa uma tragédia no mundo imediato de Cascudo. E logo depois, com a morte do pai, ele centraliza a responsabilidade do sustento da família. Esse acontecimento pode se relacionar com as modificações causadas pelas mudanças no poder federal em 1930. Mas, dentro das estruturas do governo interventor, Cascudo também terá seus espaços. Como professor no Ateneu, com função regularizada em 1934, e já era presença na comitiva que viajou o sertão em 1934, com o objetivo de inaugurar escolas.

Em fins de 1913 meu pai comprou ao arquiteto Herculano Ramos, por 20.000\$, a Vila Amélia no Tirol, região de chácaras e quintais. [...] instalou-se confortavelmente, com a mobília que pertencera ao senador Pedro Velho, de jacarandá entalhado, sofás imensos e cadeirões fofos [...] Sala de visitas pintada a óleo, com grinaldas e florões, pelo espanhol Rafael Fuster, pintor, barítono e artista teatral, encalhado em Natal. Novas ampliações para empregados. Árvores de frutos raras, um técnico italiano para podar os cajueiros e mangueiras. [Roseiral] cujo odor penetrante ainda sinto. [...] Luz elétrica, telefone e a carrocinha do gelo fazia entrega matinal. [...] Lustres de cristal. Dois salões de jantar. Nove criados. Moínho de vento [...] garantindo água encanada. Grande banheiro resplandecente. Mosaicos belgas em toda a extensão residencial. No saguão [...] abria-se a primitiva biblioteca de Herculano Ramos que escrevera no dintel a divisa desafiante: *Kulturkampf!* Ali amontoei os livros que, multiplicados, exigiam um cômodo especial. Guardei-os em caixotes, deixando-os num armazém amigo em 1932. Quando os abri, constituíam massas fervilhantes de vermes lustrosos. Muita literatura, escolhida por H. Castriciano e Pedro Alexandrino. O quarteirão paralelo, na avenida

André de Albuquerque, Augusto Severo e avenidas como a Sachet, hoje Duque de Caxias, surpreendendo a todos com a inovação de transplantar árvores adultas.

Um dos incrédulos foi o Capitão Brito – Antônio Pereira de Brito – ele apostou fios da própria barba que um trapiazeiro transplantado adulto em 1910 não resistiria mais que um ano. Quando Herculano deixou Natal em 1914 seguindo para o Ceará, a árvore continuava firme e forte. O Capitão embarcou para o Estado vizinho para entregar-lhe os fios da barba perdidos. ‘Tudo se transformou em abraços e cerveja Porter, no bar do navio’. Cascudo explica que a estória lhe foi narrada por Tavares de Lyra, que testemunhou a aposta.

Residiu em diversas capitais brasileiras: Rio, Recife, Belém, Fortaleza, sempre realizando construções e melhoramentos. Em Natal destacou-se na equipe técnica que procedeu melhorias no Porto de Natal.” (CARDOSO, 2000, p. 311.). O verbete ainda informa: “Listam-se, entre suas principais realizações, os projetos de reforma do Teatro Carlos Gomes (hoje, Alberto Maranhão) de 1910 a 1912, tombado a 27.07.1985; do Palacete do Congresso (hoje OAB, prédio tombado em 30.07.1992) do Tribunal de Apelação, atual Instituto Histórico e Geográfico do RN, do Parque e Grupo Escolar Augusto Severo (hoje, sede da Secretaria de Segurança Pública, na Ribeira, tombado em 06.12.1991); os jardins da Praça Augusto Severo, afora dezenas de casas particulares e palacetes” (CARDOSO, 2000, p. 311.).

Cascudo escreveu um artigo de jornal na década de 1940 sobre Herculano Ramos.

Rodrigues Alves, era quase todo de meu pai. [...] Mesa farta, serviço de copa interminável. Hóspedes ilustres e visitantes eminentes [...] Sem nunca haver bebido uma gota de álcool, meu pai amava a despensa repleta de preciosidades italianas, espanholas e portuguesas. Aqui outrora retumbaram hinos! Fundou-se o Principado do Tirol, com toda a hierarquia aristocrática, reuniões mensais com “frios” requintados [...] Meus primeiros artigos e livros nasceram nesse clima. Meu pai mantinha, à sua custa, o jornal *A Imprensa* (1914-1927), para a nossa inflação literária. Tenores, barítonos, sopranos, pianistas, declamadoras, artistas em excursão exibiam-se na Vila Cascudo. Sob as árvores de sombra, piqueniques, serenatas, violões famosos, tertúlias, improvisações. Dessa Vila Cascudo planejou-se muita festa vitoriosa e não mais repetidas [...] planos de renovação literária, apoio à Semana de Arte Moderna, leitura de originais de poemas de poetas dos Estados vizinhos, euforia, magnificência. Perto do largo portão da Rodrigues Alves, o estábulo de vacas holandesas, a estribaria do meu cavalo, galpão para o faetão, depois garagem, com três automóveis [...] Para ali fui rapazinho de 15 anos e saí aos 34, bacharel, professor, casado e com um filho. Meu pai hipotecara todo aquele mundo [...] não pôde saldar a dívida, executada. Não recebeu auxílio de ninguém. Mudamo-nos para a Junqueira Aires [...] onde ele faleceu, três anos depois, sem perder o aprumo senhorial, o olhar imperioso, de olhos azuis irresistíveis. Continuou uma das figuras mais prestigiosas e queridas da cidade. [...] Inexplicavelmente, da casa abandonada, na legitimidade da origem, veio uma velha chave. [...] Era a chave do eu quarto de solteiro, abrindo para o saguão. Nunca mais passei os portões do meu mundo perdido onde tudo se transformara. [...] Guardo eu a minha chave inútil. É tudo que me resta do meu *Paradise Lost*, mas continua servil e lógica. Abre, sob o impulso da lembrança, todas as portas do meu antigo lar paterno, ressuscitando as alegrias mortas dos dezenove anos vividos à sua sombra... [...] (Cascudo, 2008c, p. 60-2).

Em dezembro de 1928, é essa casa que hospedará Mário de Andrade, ficando em Natal e no Rio Grande do Norte em torno de vinte dias. Cascudo ganhou apelido de príncipe e a casa no bairro de Tirol era chamada de Principado de Tirol. Depoimentos de Cascudo e amigos falam das festas no principado. Da recepção a artistas que passavam na cidade: atores, músicos, etc.

Motivado pela grande fortuna que o Cel. Francisco Cascudo desfrutava, pelo alto conceito de que gozava nas rodas políticas do Estado, em meio às quais a sua palavra e suas ações sempre decididas e claras valiam por uma credencial de força, Cascudinho ficou sendo conhecido por ‘Príncipe do Tirol’.

Uns, assim o chamavam por amizade e admiração, pois êle era portador das simpatias e da estima dos natalenses. Outros, porém, os despeitados, diziam, criticando, chacoteando-o, vomitando a bÍlis de sua irreverência, por não conseguirem, nem ao menos, atingir-lhe os calcanhares.

Popularizou-se, então, de tal maneira a alcunha que, um dia, Câmara Cascudo resolveu congregar alguns amigos mais afeiçoados e criar, definitivamente, o 'PRINCIPADO DO TIROL' [...].

[...] meses depois, Câmara Cascudo previu a necessidade de apresentá-lo, oficialmente, ao 'grand monde' natalense, e o fez, realizando no 'foyer' do Teatro Carlos Gomes, uma sensacional vespéral, com um 'Thé Tango', cuja beleza e imponência ainda hoje se conservam na memória da geração que, vinda do passado, não se deslembra dos acontecimentos que destacavam aquela época, hoje perdida na dimensão do tempo.

Para a concretização desse surpreendente encontro social, Cascudo convocou o 'Principado' exigindo do Grão Duque Chanceler, a coleção da 'Ilustração Francesa', que ele a possuía, zelosamente encadernada, a fim de ser extraída, do seu conteúdo, a forma exata, de ser levada a efeito aquela diversão muito em voga em Paris.

Passado alguns dias, sobraçando um grosso volume da revista, Adauto Câmara entrou na Vila Cascudo, eufórico, como se viesse mascateando felicidade, por trazer a farta documentação, de que necessitava o 'Príncipe', para a efetivação de sua iniciativa.

Um dos números daquele importante magazine focalizava, além de fartos comentários a respeito de 'Thé Tango', realizado em Paris, diversas fotografias apanhadas durante a celebração da festividade, sendo desde logo planejado o programa da serenata que Cascudo imaginara, para a apresentação do 'Principado do Tirol' a 'haut gomme' potiguar.

[A festa aconteceu] contando com o que havia de mais selecionado no meio social da cidade, tendo [...] obtido um êxito espetacular.

A melhor orquestra da capital, composta de nove professores, tocou durante as danças, executando um programa de músicas inéditas, enquanto 'librés', com baixelas de prata, serviam o chá, nas mesas decoradas com toalhadinhos cor-de-tango, em xícaras de porcelana finíssima do Japão.

As danças tiveram início às 5 horas da tarde, em meio de muita elegância, prolongando-se até às 8 horas, conforme as normas estampadas na 'Ilustração Francesa', causando a maior impressão aos que dela participaram.

Antes do término da festividade, madame Louise Barreto, que havia chegado de Paris, há pouco tempo, e que fora especialmente convidada a participar daquela tarde, encareceu ao marido, prof. Abel Barreto, ser apresentada aos promotores daquele encontro social, tendo o mestre atendido, levando à sua presença o 'Príncipe' e o 'Grão Duque Chanceler', que foram recebidos em meio de grande alegria, tendo madame se congratulado com eles, afirmando: - 'Estou me sentindo dentro de uma tarde verdadeiramente parisiense'. (WANDERLEY, p. 29-30).

Depois de morar no Rio de Janeiro e interromper o curso que fazia voltando a Natal, Cascudo segue para fazer o curso de direito em Recife⁴³. Esse trajeto o porá em

⁴³ As narrações sobre o curso que fez em Recife só há sobre professores que teve nem uma mais. Mas no livro *Gente Viva*, pode-se encontrar uma narração do movimento dos estudantes em Recife. "Em 1924-28, a rua do Imperador no Recife, notadamente o quarteirão entre a esquina da *Lafayette* na 'Primeiro de

contato maior com duas tendências intelectuais da época, que propunham novas posições sobre a situação cultural brasileira. O modernismo, divulgado a partir de São Paulo, e o regionalismo, cujo documento principal é o manifesto regionalista de Recife. Estudos sobre o modernismo no Rio Grande do Norte citam os nomes de Cascudo e Jorge Fernandes (1887-1953) ⁴⁴ como intelectuais que no estado divulgaram o ideário

Março' e o *Jornal do Comércio*, na 'Marquês do Recife' era a nossa Montmartre, inocente e noturna. A calçada larga povoava-se de mesinhas, cadeiras, estudantes e repórteres de azougue e buscapé. Alastravam-se, contínuas, as nossas *Brasseries*, rumorosas e acolhedoras, porta-abertas até madrugada, camaradagem firme com os *garçons*, alguns autores de quadrinhas e sambas, metendo-se na conversa e opinando também. Para credenciar a *Rive gauche* do Capibaribe, depois de certo horário, fechados os cinemas, derramava-se a fauna indispensável e *familiar* das *trotteuses*, saudando os rapazes com olhares úmidos e adeusinhos, surpreendentes e valorizadores ao homenageado. Ali nasceram reações estéticas, repúdio ao 'Medalhão', planos de revistas, associações, louvores e massacres literários. A *gente nova* pernambucana, e dos Estados fornecedores da *estudantada*, apresentava-se tôdas as noites na consumação da cerveja morna e casquinhos de caranguejos, com parcimoniosa fração dêsses crustáceos. A movimentação, alacridade, ruído de vozes discutindo, berros de protesto, estridência de risos, exibição de cantos e mesmo toques de violão, centralizavam as preferências, provocando os encontros para confidências poéticas, combinar artigos de jornal, duelar entre as predileções artísticas. Ali gaguejaram os esforços iniciais muitos dos futuros orgulhos da região.[...]” (Cascudo, 1970, p. 77).

⁴⁴ Jorge Fernandes deixou apenas um *Livro de Poemas*, com primeira edição em 1927. Escreveu também peças teatrais e crônicas. Viveu em Natal. Trabalhou no comércio e em fábrica de cigarros. Juntou economias e se associou a um café em Natal e também possuiu um próprio. Negócios que parecem não ter progredido. O governador encontrando-o em dificuldades providenciou-lhe um emprego no qual se aposentou. “Os cafés de Jorge tiveram vida alegre e efêmera. Desempregado novamente, o poeta encontrou um dia, na rua, o Interventor Mário Câmara. Sabendo de sua situação, ofereceu-lhe um emprego no Estado, 4º escriturário do Tesouro, repartição onde trabalhou até a sua morte. Se teve promoções, devem ter sido por antiguidade. Jorge nunca subiu as escadas de Palácio para pedir coisa nenhuma a ninguém. Preferia viver esquecido no seu canto. E sua vida, nos últimos anos, era aquela, de casa para a repartição, apoiado numa bengala, puxando uma perna” (MELO, 1964, p. 14). A poesia dele recebeu elogios de Manuel Bandeira e Mário de Andrade. Alguns poemas foram publicados em jornais do movimento modernista na década de 1920. O *Livro de Poemas* “era, na verdade, simples caderno de oitenta e seis páginas, em brochura, mais largo do que comprido ... em papel de segunda categoria. Sabemos que Jorge não tinha condições para publicar, por conta própria, livro graficamente superior; dentro ou fora do Estado. Mas, há muita coisa intencional na forma humilde com que lançou o Livro de Poemas, que era muito mais caderno do que livro.” (MELO, 1970, p. 8).

Sobre Jorge Fernandes, Mário de Andrade anotou no seu diário de viagem: “Jorge Fernandes apeia do auto e fica entre nós. Abraço-o. Jorge Fernandes ri meio desapontado. É simples que nem a seca. A princípio parece árido, monótono mas que nem a seca mesmo, vai pouco a pouco mostrando aspectos interessantes, conta casos, curiosidades desta zona tão cheia de coisas maravilhosas.

Jorge Fernandes já é homem feito e vivido. Fala grave, ri discreto com uma experiência contadeira do nordeste. Viveu tudo isto por aqui e viveu de verdade, ficou tudo impresso na carne dele que é memória mais viva e menos literária.

O admirável Livro de poemas que publicou no ano passado é isso uma memória guardada nos músculos, nos nervos, no estômago, nos olhos, das coisas que viveu. O livro pode ser um bocado irregular pelos tiques de poética antiga inda sobrados nele, porém possui coisas esplêndidas, das mais nítidas, das mais humanamente brasileiras da poesia contemporânea. São os poemas, como falei, em que a memória do corpo abandonou a memória literalista da inteligência. Então Jorge Fernandes apresenta coisas puras, fortes, apenas a vida essencial, coincidindo com o lirismo popular...

O livro dele foi pouco lido... Quase nenhum crítico não falou nele. Então Jorge Fernandes se ri meio desapontado, me abraça, desce pra cite, vai lidar com as cifras verdadeiras duma fábrica de cigarros.” (Andrade, 2002, p. 211 e 213).

do movimento. Em Recife fez amizade com Ascenso Ferreira e Joaquim Inojosa, ambos associados a um modernismo nordestino⁴⁵.

O movimento regionalista tinha como figura principal o sociólogo Gilberto Freyre. Em 1925, lançou-se um manifesto regionalista. Os espaços regionais devem ser alvo de ocupação das forças culturais da sociedade, enfatizando-os para solidificar a nação brasileira. Cascudo não se vinculou organicamente ao movimento. Mas contribuiu com artigo e participou na década de 1930 de um congresso afro-brasileiro realizado em Recife. O fato, no entanto, é que a ênfase que Cascudo deu a partir do final da década de 1930 ao folclore em sua produção intelectual, só é compreensível, entre outras coisas, pela existência do movimento regionalista, que acabou tendo uma força maior na construção da imagem do Nordeste. Esses movimentos acabam confluindo para uma liberação de linguagem e temática. A legitimação em se ocupar das coisas locais. A criação de uma linguagem portuguesa brasileira. Trazendo à forma escrita o modo de organização gramatical que o Brasil praticava. Os dois movimentos eram nesse sentido liberadores para setores da intelectualidade da época. Cascudo escreveu poesias, que nunca publicou em forma de livro, e artigos que apareceram em jornais e revistas do movimento modernista, principalmente através de seu vínculo com Mário de Andrade.

⁴⁵ Nos trabalhos de Araújo e outros estudiosos da área acadêmica literária do Rio Grande do Norte (ARAÚJO, 1995; 1998; 2001) Cascudo é associado ao vanguardismo do movimento modernista. A amizade com Mário de Andrade e Joaquim Inojosa, no Recife; a produção de algumas poesias que tentavam acompanhar as características do movimento de renovação da linguagem e da cultura brasileira e que Mário de Andrade viabilizou a publicação em revistas do movimento modernista; a reunião de poetas em Natal, como Jorge Fernandes, incentivando a produção do novo lirismo: todos esses elementos proporcionam a denominação de Cascudo de modernista ou de representante do modernismo no Rio Grande do Norte nesses trabalhos.

Devido às críticas de Mário de Andrade que aparecem na correspondência entre ambos (CASCUDO, ANDRADE, 2010) e a atração social que o estudo da história e do folclore teve sobre ele, também os acontecimentos da Revolução de 1930 e sua participação política (chegou a ser deputado por três dias, destituído pelo movimento de 1930; as posições de apologia à monarquia; e a posterior associação no integralismo) Cascudo acabou desistindo de fazer poesia. Nunca publicou um livro e não mais tentou escrevê-las, embora tenha feito algumas traduções, como as de Walter Whitman, publicadas em 1945 no jornal *A República* de Natal. Cascudo acompanhou algumas mudanças da época e praticou uma linguagem não atrelada à tradição portuguesa literária, como abordou também Mário de Andrade na correspondência. E se sentiu à vontade de praticá-la também nos livros. Mas as publicações mais importantes, que são esses livros, vão do trato da vida literária e outros acontecimentos da histórica local, passam por uma crítica panfletária a Solano Lopes, dito ditador sanguinário do Paraguai, chegam as biografias laudatórias e genealógicas de figuras do poder imperial do século XIX, como Conde d'Eu e o Marquez de Olinda, e deságua no folclore como prática intelectual da cultura de determinadas elites sociais. Não significando que deixe de fazer a história da vida local. Apesar de vários elementos indicarem posições ideológicas sociais profundas, há de se lembrar também da significação das mudanças políticas de 1930. Evento tão impactante para a cultura, bem como em vários aspectos sociais, como sintetizou Antonio Candido no conhecido artigo sobre o tema (CANDIDO, 1984). Miceli também alude “à brusca ruptura na história intelectual brasileira em 1930 [...] as políticas públicas de iniciativa governamental alteraram de modo drástico o ofício e as práticas dos intelectuais” (MICELI, 2010, p. 16).

Paralela à atividade de escrever e publicar, Cascudo foi constituindo depois do curso de Direito, vínculos profissionais na área da advocacia, do jornalismo e do ensino em Natal. Como advogado, prestou serviços para empresa ferroviária com sede em Recife ainda na década de 1920 e 1930. Também ocupou cargos na área jurídica da administração estatal do Rio Grande do Norte a partir da década de 1930. Como jornalista, além de artigos em diversos jornais, principalmente em Natal, na década de 1920, dirigiu *A Imprensa* e foi correspondente da *United Press* para enviar notícias sobre as atividades na aviação em formação e que tinha Natal como um ponto de pouso e decolagem⁴⁶. E no final da década de 1920 já mantinha contrato para escrever artigos remunerados no jornal *A República*. Em 1927 torna-se sócio do Instituto Histórico do Rio Grande do Norte. Muito vinculado ao circuito dos institutos, na década de 1940, era sócio no Cerará, na Paraíba, em Pernambuco, Paraná, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro. E do Instituto Brasileiro.

Em 1928 assumia a função de professor de História do Brasil no Ateneu, colégio estadual de Natal e principal instituição de ensino na época. Como professor⁴⁷, ensinou história em Natal nos colégios secundários Ateneu (estatal) e Marista (mantido por entidade religiosa cristã). Ocupou também o cargo de diretor do Ateneu. Na década de 1930, ensinou História da Música num Instituto de Música criado pelo governo estadual. Na década de 1950 e 1960, ensinou Etnografia Geral e Direito Público Internacional em cursos superiores de filosofia e direito. Tornou-se professor da Universidade do Rio Grande do Norte, em cuja fundação em 1959, foi o orador oficial, fazendo o discurso com o título *Universidade e Civilização*. Universidade que logo no início da década de 1960 foi federalizada. Aposentou-se em 1966 como professor da Faculdade de Direito de Natal, fundada antes da universidade, mas que já fazia parte da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. As faculdades em Natal, que já funcionavam na década de 1950, foram todas incluídas como fazendo parte da universidade que surgia. Escrever para jornais, dar aulas e publicar livros foram as atividades que mais o ocuparam. Com elas modulou o tipo de inserção que o esperava nas relações sociais locais.

⁴⁶ “Dirigindo um diário e correspondente da United Press, fiz várias reportagens sobre a passagem de aviadores em Natal. Com muitos *reidmen* [pioneiros] conversei. ...” (CASCUDO, 2007, p. 17).

⁴⁷ Informações sobre Cascudo como professor nessa época podem ser encontradas além de outras fontes em Melo (1979).

Camará Cascudo ainda assumiu, em períodos diversos, cargos na administração estadual do Rio Grande do Norte. Em 1930, era delegado do estado numa “Semana de Educação” em Recife. Em 1934, dirigiu a Escola Normal. Em 1935, ocupava cargo de Secretário do Tribunal de Apelação. Na década de 1940, fazia parte de comissão do governo estadual para o planejamento e organização dos serviços de Biblioteca e Arquivo do Estado. Na administração federal participou em comissão local do salário mínimo do Ministério do Trabalho, no governo Getúlio Vargas⁴⁸. E durante a Segunda Guerra Mundial também assumiu um cargo de defensoria civil em Natal⁴⁹.

Cascudo casou-se em 1928 com Dália Freire, em Natal. Dália era filha do desembargador José Teotônio Freire e Maria Leopoldina Viana Freire. Eles tiveram dois filhos na década de 1930. O primeiro, um menino, nasceu em 1931 e o segundo, uma menina, em 1936. Seu pai depois de falência e da perda da mansão em que moravam, faleceu em 1935⁵⁰. Toda a família, então, passou a depender de Cascudo.

⁴⁸ Cascudo ganha uma posição de “presidente da Comissão de Salário Mínimo da 6ª região, Natal, Rio Grande do Norte (1941)” (MICELI, 2001, p. 276, nota 31).

⁴⁹ Natal foi base militar dos Estados Unidos e países aliados na Segunda Guerra Mundial. Os Estados Unidos construíram um campo de pouso e decolagem de aviões, instalando praticamente uma nova cidade de dez mil homens. O *Parnamirim Field* levou o nome de *Trampolim da Vitória*, por ser um ponto estratégico para o campo principal de batalha na Europa. Isso acarretou diversas modificações nas estruturas urbanas e sociais da cidade. Mas, tudo foi passageiro e não causou uma melhora efetiva. Herman Lima faz comentário no livro *Poeira do Tempo*. “O Ita no pôrto – isso em 1946, quando ainda há Itas pela costa do Brasil – carrega algodão do Seridó, numa demora forçada de quarenta e oito horas em Natal. Pequena cidade de Natal, com os seus arrabaldes bonitos, Petrópolis, Tirol, Alecrim, mas a gente corre tudo numa viagem de bonde de meia hora para cada um deles – e depois? É à-toa que se procura o rio de dólares que os americanos largaram por aqui. Um senhor já me explicou, há pedaço, que ninguém vê nada, porque ficou tudo nas mãos de quatro firmas.

Depois, chove furiosamente, acabado o almoço, ficamos ilhados duas horas no restaurante, quando cedo ao projeto de ir à casa de Luís da Câmara Cascudo, o folclorista de nome ligado a todos os centros de pesquisas etnográficas do mundo e que toda a gente aqui conhece familiarmente por Cascudinho. Toda a gente, não exagero, parece mesmo que seja a criatura mais popular desta cidade. A mais importante, pelo menos, é certo. Um rapaz da livraria onde passei pela manhã me diz que, muita vez, quando ele sai de casa para ir a algum lugar, volta sem ter ido, porque não deixam, todos querendo prendê-lo para o ouvir.

Somos cinco, uma pequena tropa invasora, a que se ajunta ainda um casal amigo, de S. Paulo, e não é sem um tanto de sobressa que o folclorista vê o automóvel despejar-nos, debaixo d’água, diante do seu portão. Vem, assim, ao nosso encontro, de cara meio amarrada, porque o dia de chuva, livrando-o de compromissos na rua, bem que era esplêndido para um mergulho regalado no seu intermúndio de lendas e de abusões. Mas, logo se abre num largo alvoreço, de sertanejo sem recalques, e ali mesmo, no alpendre da entrada, nos abarracamos, para uma prosa que vai das duas às sete da noite.

Lá fora continua a chover desbragadamente, sabe-se que meia cidade se acha inundada, quando voltamos para bordo, à noite, o carro iria rompendo o lagamar, como canoa em ‘sangria’ de lagoa no sertão. Temos assim pretexto para abusar da hospedagem, mas o fato é que ele próprio se esquece dos trabalhos, carregado na asa da fantasia com que vai, por esse sistema planetário de histórias de gente da terra e de gente ilustre da sua roda, que as horas voam também, por sortilégio.” (LIMA, 1967, p. 187-8).

⁵⁰ No livro “Pequeno Manual do Doente Aprendiz”, comentando um prêmio que ia ser instituído no Estado para estudos sobre ele, Cascudo lembra: “Em 1933, meu Pai deixava a nossa grande chácara no

As primeiras décadas de formação social e cultural de Cascudo coincidem com o processo de redefinição político-institucional da primeira república. No processo de instalação do poder republicano brasileiro, logo nos primeiros anos, as elites no poder no Rio Grande do Norte, fundam o jornal *A República*. Esse jornal, que logo depois se tornará o órgão oficial da administração estadual do estado, durará até a década de 1980. Na década de 1960, Cascudo publica um livro sobre *A História da República no Rio Grande do Norte*. Livro que já anunciava publicar na década de 1930⁵¹. O jornal seria uma explicitação de propaganda republicana, anunciando a adesão das elites no poder local com o poder central. *A República* foi o jornal onde Cascudo publicou a grande maioria dos artigos que escreveu.

Em 1932 acontece uma falência dos negócios do pai e a chamada Vila Cascudo é perdida em hipoteca. A família muda-se para uma Rua na Cidade Alta. O pai falece em 1935. Depois, em 1945 Cascudo e a família se estabelecem na Rua Junqueira Aires que liga os bairros da Ribeira a Cidade Alta. Cascudo compra a casa que pertencia a família da sua mulher e nela morará durante quarenta anos. A casa hoje faz parte do patrimônio histórico da cidade, junto com outras edificações nessa mesma rua. E nela se instalou um instituto em homenagem a Cascudo. A rua também passou a chamar-se Avenida Câmara Cascudo. Nessa casa, em sua biblioteca particular, escreveu diversas obras no período da década de 1940 a 1970. A questão da biblioteca particular, como coleção de livros inclusive, é um caso a parte nas práticas da atividade escrita local. São

Tirol. Ardera como palha seca quanto julgara amontoar em trigo, para o pão da velhice. Meio século de trabalho, dedicação, generosidade, desaparecia numa execução hipotecária.

Pela primeira vez, fomos morar em casa alheia. Quando, em 1945, comprei a que possuo, esgotando os recursos disponíveis, meu Pai já não existia. Perdera tudo, por não ter trinta contos de réis...”(CASCUDO, 1998, p. 34).

⁵¹ Em 1933, no livro *Conde d’Eu*, anunciava-se os seguintes livros a publicar: *O Marque de Olinda e seu Tempo*, *História da Literatura Norte Riograndense*, *História da República no Rio Grande do Norte*, *Toponímia Norte Riograndense*, *Poética Sertaneja (ensaio sobre a técnica da poesia sertaneja)*. Na mesma década publicaria o primeiro. O segundo nunca foi publicado. O terceiro, na década de 1960. Na década de 1970, Cascudo publicou um livro com o nome *Nomes da Terra*, que alude ao título do quarto livro anunciado. Na mesma década de 1930 publicaria o *Vaqueiros e Cantadores*, que faz um registro de da poética sertaneja. Numa carta a Mário de Andrade de cinco de dezembro de 1930, Cascudo escreve: “Agora lhe dou notícias dos meus trabalhos; - Feitos, datilografados e brochados tenho: *Marquês de Olinda e seu tempo*. *História da República no Rio Grande do Norte*. *História da literatura norte-riograndense*.”

Gostou? E espero melhores tempos para tentar a publicação. Na *História da Literatura* que lhe mandarei o índice incluí uma ‘função literária da modinha’ onde tive o prazer [de] citar o *Modinhas imperiais*. Como a política e as modinhas foram as únicas expressões intelectuais da província eu não poderia esquecer. E lá estão...” (CASCUDO E ANDRADE, 2010, p. 188).

comentadas algumas bibliotecas particulares na cidade. Um livro foi publicado sobre algumas delas. Determinado habitus de leitura, de estudo e de escrita recebe uma força do próprio espaço privado no trabalho de Cascudo, já que a casa que o pai comprou já tinha uma diversificada biblioteca.

A casa de Cascudo é o local onde se encontrava o seu escritório de trabalho intelectual. A partir do final da década de 1950, quando fica mais conhecido a casa onde morava passou a ser um ponto de muitas visitas, de pessoas do Rio Grande do Norte e de outros estados brasileiros. De amigos ou de pessoas que queriam conhecê-lo. E de pessoas da área cultural e política. Inclusive presidentes da República. O horário privilegiado para tal era o noturno e madrugada, a ponto de já estabelecer que só podia receber pessoas a partir da tarde. Era comum a presença em sua casa de conhecidos e amigos, além mesmo de pessoas a procura de conhecê-lo ou mesmo alunos querendo ouvi-lo. Além de pessoas do Brasil que costumavam o visitar. Cascudo foi uma pessoa muito empenhada no esforço, ou melhor, prazer, em provocar e manter amizades. E muito falastrão.

Cascudo não foi um provinciano no sentido de nunca ter saído do local onde nasceu. Pelo contrário, em diversos momentos, em longas ou curtas temporadas, esteve em outros locais do Brasil e em outros países. E não se pode compreendê-lo sem ter em consideração as transformações e alguns aspectos da vida social do Brasil como um todo: economia, política, cultura. Mas em Natal é que se sentia bem. Sentia-se acolhido, em casa, à vontade. E queria valorizar as coisas da vida local, que numa permanência simples, dava a tranquilidade de vida que cada um devia valorizar. Esse era um dos argumentos que diversas vezes lembrou nos últimos escritos e entrevistas, muito evitados de julgamentos morais. Amava os espaços urbanos em que circulava na cidade e os círculos de amizade que nela teve. Seu ar, seu clima praieiro, as tradições de convivência que sempre lamentava o progresso que transformava irremediavelmente e pra pior essa boa vida. Coisas que resultaram numa crescente intranquilidade em sua casa. Não só devido ao barulho dos automóveis, mas também a crescente violência na cidade. Isso causou inclusive uma brincadeira de um artista plástico que transformou uma das portas de sua casa num quadro pintando um cangaceiro do sertão nordestino para afugentar os perigos. Fez isso depois de reclamações temerosas de Cascudo quanto a esse aspecto. Nas últimas cartas a amigos encerrava-as assinando, entre outros termos, “Luís de Natal”.

Figura 4 – a pintura do cangaceiro na porta da casa de Cascudo. Foto: Giselda Sacramento da Rocha.

1.3 CASCUDO E MÁRIO DE ANDRADE

A amizade com Mário de Andrade foi fundamental para o andamento do trabalho intelectual de Cascudo. Inicia-se através de envio de cartas. A correspondência entre Mário de Andrade e Cascudo se inicia em 1924 e se estende até o ano de 1944, embora já nos anos finais da década de 1930 ela seja bem diminuta em comparação aos períodos anteriores. Mário de Andrade escreve uma primeira carta a Cascudo em agradecimento pelo artigo que este publicou sobre ele no jornal *A Imprensa*, em Natal. Mário diz que já conhecia Cascudo de artigos publicados na *Revista do Brasil*. Gostou bastante do artigo com o título de *Aboiador*⁵². Conhecia Cascudo da leitura desses artigos.

⁵² Cascudo não desenvolverá nos estudos folclóricos posteriores esse tipo de realismo que vemos no artigo *Aboiador*: “O terreiro da fazenda, todo em barro vermelho batido, chapeado por lages brancas, rebrilhava ao sol forte de Agosto. Das latadas, vinha o burburinho das gentes apinhadas. Uma multidão de vaqueiros encourados de novo, caracolava airosamente. Mocinhas de fita à cintura, de flor ao cabelo negro, olhavam, com o pasmo quieto dos espíritos mansos, para os cavalos suados que pulavam sob a pressão dos acicates. Era dia da apartação. De muitas léguas ao redor, tinham vindo pessoas assistir a festa. A música da vila mais próxima tocava. Numa atmosfera da alegria serena, toda a terra era um tapete verde, e de longe, grandes oitizeiras, robustos juazeiros, oiticicas imensas, esgalhavam-se gloriosamente como múltiplas mãos abençoando aquela terra fecunda. No curral de pau à pique, atropeladamente, entrevia-se o gado rebanhado. Bois enormes, pesados e magníficos como velhos sultões, touros ágeis, nervosos, de musculatura potente, de olhos brilhantes e pontas aguçadas, novinhos irrequietos, saltitantes, erguendo as narinas como se aspirassem o cheiro da várzea florida, todos se apertavam no estreito espaço da porteira, olhando pasmadamente ao aspecto festivo da fazenda calma. Parou a música. Dois vaqueiros pularam com varas de ferrão para o curral. Outros, encourados, vermelhos de sol, com os gibões enfeitados de fios de retrós branco, colocaram-se do lado da porteira. Uma novilha apareceu, pulou e num salto brusco desatou numa carreira terrível pelo campo. Os cavalos

iam-lhe no piso. O *esteira* conservou-a em linha reta, o outro baixou-se, apanhou a cauda, firmou-se na sela, e numa nuvem de pó as patas da novilha ergueram-se para o ar. Todo o dia este fato se repetiu inúmeras vezes. A tarde caía. O gado já se tinha apartado. Só uma grande parte pertencente ao dono da fazenda, é que se premia no curral. Deviam mandá-la ao rio que se estendia, preguiçoso e límpido, a alguma distância. Fizeram um círculo de vaqueiros. Falavam surdamente. De repente puxaram de um tamborete, um negro e o levaram para a costumada façanha. Era Joaquim do Riachão, o melhor aboiador das cercanias. O preto era baixo, magro, vestia calça de zuarde azul, cinto vermelho e uma camisa de algodãozinho que lhe mostrava o peito descarnado e as clavículas rompendo a pele. O pescoço fino, cheio de músculos, numa alto relevo de estatuária, prendia-lhe a cabeça poligonal, desbastada à largos golpes de camartelo, com o cabelo encarapinhado, o rosto chupado, com a arcada zigomática acusada através da epiderme franzina. Completava-o uns olhos claros, tristes, contemplativos como se evocassem silenciosamente a saudade da pátria distante, a África longínqua dos seus avós. Caminhou balouçantemente para o cercado. Trepou ao moirão da porteira. Tirou o seu chapéu de couro pontado de botões de madrepérola, bateu-o na coxa, pô-lo na cabeça, ergueu-a e soltou um grito moldurantemente forte, estridente, alto como uma fanfarra gloriosa de clarins em tarde de vitória. O gado continuava impaciente, pulando, apertando-se no estreito espaço do curral.

O negro aboiava.

Potente, sinuoso, dobrado em curvas felinas, o som se espalhava em tonalidades estranhamente emotivas. Dir-se-ia um rapsodo, o último cantor das terras do sertão, cantando sem uma palavra, somente encantando pelo som. Desdobrava-se o surto sonoro, num grito estridente. Depois descia, quebrava-se, vinha em volutas para um *smorzado* magoado, sentido, bizarro, esdrúxulo.

O negro aboiava.

Recordação musical das dores sofridas. Cantava naquela tarantela febril, a ânsia dolorida de uma raça. Febre, lutas, vibrações, sentimentos, a coragem eterna do trabalho heróico contra os elementos. Era um canto triste, uma melopéia vagamente monótona, que subia aos céus levando envolta em notas a saudade sem fim dos dias que passaram. Estalava no ar a voz de Riachão. De repente parava e no silêncio religioso do pátio repleto, só se ouvia o rumorejo farfalhante das ingazeiras distantes.

O negro aboiava.

Lembrança da terra querida. Impressão indelével dos trabalhos da seca. A morte do gado, os rios secos, o açude esgotado, o sol em fogo, a terra em brasa, os caminhos ladeados pelas ossadas brancas, o sussurro gemente do carnaúbal esguio, o grito agônico e último do derradeiro boi morrendo ao pé das árvores ressequidas.

Som, queixume, esperança, prece e desalento se alavam para aquele céu azul, meigo, sereno, bendito, o mesmo céu da seca passada, o mesmo azul, puro, tranqüilo, implacável. O gado se aquietava junto à porteira. Os focinhos se inclinavam para a terra como procurando as pegadas deixadas pelas retiradas dolorosas.

O negro aboiava.

Era um soluço. Um canto tristíssimo que impressionava. Cantos doloridos de pesar, era o aboio, o lamento lançado ao sol moribundo, como se imprecasse a sua luz que fecundava a terra e que depois a ressequia. Recordava o sofrer angustioso das retiradas, quando faiscava a luz da madrugada, e a levada dos retirantes, sem pão, sem lar, sem descanso, nua, esfarrapada, doente, cambaleando procurava o caminho de uma natureza mais clemente, das terras melhores, de um céu mais amigo. Desenrolava-se no ar a sonoridade doentia do aboio.

Riachão desceu devagar, abriu a porteira tirando pau a pau aboiando sempre, pôs a vara de ferrão no ombro ossudo de artrítico, e vagaresco, soberbo, andou para o caminho serpenteante que levava ao rio espelhento aos últimos raios do sol. O gado saiu do curral, todo ele, bois imensos, touros nervosos, novilhos tráfegos, cabisbaixo, pensativo, numa fila lenta, num mugido doloroso e foi seguindo no rasto do vaqueiro, o trilho sonoro do aboio. Nenhum correu, nenhum se apressou, nenhum daqueles animais rompeu a forma original daquela parada. Atravessaram o pátio cheio de vaqueiros descobertos, ladearam a casa de farinha e descenderam para o rio, entre as juremas em flor e o cheiro forte dos pereiros verdes.

E assim, homem e gado, desapareceram na volta da estrada, e no ar sereno da tarde luminosa, ficou perdurando a dolência rítmica do aboio, o canto distante da dor eterna das gentes do mato, tão saudoso, tão forte e tão sonoro, como se fosse a própria alma do sertão que ia cantando..." (CASCUDO, 1921).

Cascudo publicou na *Revista do Brasil* em 1921, o artigo "Aboiador"; em 1922, "Jesus Cristo no sertão" e em 1923 "Licantropia sertaneja". São artigos curtos mais que permite perceber essas características de linguagem que Mário de Andrade indica.

Uma edição com as cartas enviadas por Mário de Andrade para Cascudo, e ainda assim com lacunas, foi publicada em 1991 pela editora Itatiaia, mas em 2010, a editora Global, publicou uma edição completa com as cartas de ambos. As cartas estão reproduzidas na sequência das datas em que foram enviadas. Se o material é importante para estudos sobre a vida literária e a história cultural dos intelectuais escritores é porque se trata de uma correspondência entre pessoas que já estavam envolvidas através da partilha em meios intelectuais desse tipo e na publicação de materiais por eles escritos. E aí as cartas trazem elementos diretamente relacionados a esses fatos. Elas permitem que se faça uma série de considerações sobre as práticas intelectuais no Brasil do século XX, principalmente em suas primeiras décadas, bem como sobre a presença do discurso sobre a cultura popular em setores dessa intelectualidade. As cartas e o diário de viagem de Mário de Andrade pelo Norte e Nordeste brasileiro, publicado apenas na década de 1970 sob o título de *O Turista Aprendiz*, o mesmo da coluna de Mário no jornal *Diário Nacional*, quando enviava os artigos da viagem que ia fazendo, mostra o envolvimento de Mário com diversos aspectos das realidades de variados locais que via como elementos a serem resgatados num estabelecimento de uma brasilidade. Observar esses documentos ajuda a estabelecer e compreender os laços conflituosos de motivações que produziram e reproduziram a atividade intelectual nas décadas de 1920 e 1930 no Brasil.

Mário de Andrade, em toda a vida intelectual, se ocupou de forma especial com a comunicação através de cartas. Com muito cuidado e repetições produzia as cartas e o volume era muito grande. Teve momentos que o secretário ficava incumbido de acompanhar e encaminhar as respostas. Não deixava carta sem resposta⁵³. E, além daqueles intelectuais que com ele estiveram juntos em publicações que comumente se coloca dentro do movimento modernista em São Paulo, e outros já conhecidos na vida intelectual brasileira da época, recebia muitas cartas de autores novos, que enviavam trabalhos para apreciações. Muitos desses conjuntos de correspondências têm sido publicados em livros e constituem importantes documentos históricos e literários das relações sociais envolvidas na vida intelectual brasileira. Materiais importantes também para a compreensão de outros aspectos da formação social do país. Mário de Andrade desenvolveu a atividade intelectual principalmente nas décadas de 1920 e 1930, tendo falecido em 1945. Embora a influência intelectual dele se estenda durante todo o século

⁵³ Conferir o estudo dessa dimensão intelectual de Mário de Andrade publicado por Marcos Antonio de Moraes em 2007.

XX, inclusive com publicação de novos trabalhos e novos materiais da correspondência que continuam aparecendo e sendo publicados ainda nos anos recentes. Sergio Miceli chama a atenção para as correspondências de Mário de Andrade com diversos intelectuais brasileiros: “Embora até hoje tenham sido publicados apenas três volumes da correspondência ativa e passiva, envolvendo destinatários estratégicos para dilatar o raio de sua influência no modernismo literário e artístico – Manuel Bandeira, Drummond e Tarsila do Amaral –, o conjunto dessa empreitada epistolar constitui um extraordinário documento a respeito da vida intelectual brasileira. ...” (MICELI, 2009, p. 168).

Câmara Cascudo também manteve correspondência com diversos intelectuais desde a década de 1920. Diversas vezes, usava também das cartas para conseguir informações sobre detalhes que estavam envolvidos em pesquisas que realizava. Quase sempre em função de produzir um determinado livro. Principalmente os livros de biografias, mas também sobre temas do folclore que envolvia sociedades atuais e passadas. Como o seu método procurava as origens de determinado costume ou atos culturais coletivos ou individuais e a sociedade brasileira se formou a partir de várias culturas anteriores, através de Portugal, também internacionalmente houve pesquisas de procura de origens. As que foram editadas, no entanto, são aquelas em que envolveram relações de amizade e mais espaços para tratar de assuntos culturais em termos mais gerais. Além dos registros da correspondência com Mário de Andrade, encontramos com os amigos Bernarde Aléguède, já citado, Thadeu Villar de Lemos (1972), Raimundo Soares de Brito (1986), Oswaldo Lamartine de Faria (2005) e sínteses dos assuntos tratados na correspondência com João Lyra Filho em Silva (2000). Além das trocas de informações relativas às relações de amizade, as cartas deles registram alguns aspectos da vida intelectual brasileira do período. Há abordagens sobre livros, artigos, modos de tratar temas e sobre características desse trabalho.

Mário de Andrade passou por Natal pela primeira vez no meio do ano de 1927. E se hospedou na casa de Cascudo durante uns vinte dias, de dezembro de 1928 a janeiro de 1929. Nessas viagens também passou dias em Pernambuco e Paraíba. Viagens em que pretendia colher registros das expressões culturais e musicais na região. Na viagem ao Nordeste, Mário de Andrade realizou registros musicais, instrumentais, vocais, e expressões dramáticas populares, imbuída da ideia de estabelecer uma cultura genuinamente brasileira, que pudesse oferecer uma contribuição no concerto mundial.

Esse trabalho, que acabou sem ser completamente vertido em estudos sistemáticos por Mário de Andrade, também resultou em considerações sobre outros aspectos da vida social. A partir daí seus escritos posteriores levarão sempre as marcas dessas experiências pelo Nordeste e Norte do país. Um dos seus livros não completamente concluído, inclusive, é sobre um cantador de cocos que conheceu no Rio Grande do Norte, na fazenda Bom Jardim. Propriedade da família de Bento Júnior, um dos amigos que fará no estado, através de Câmara Cascudo. Mário de Andrade ofereceu poema no livro *Clã do Jabuti* a Bento Júnior que também inspirou personagem no livro *Macunaíma*, nas versões posteriores⁵⁴.

Na correspondência se encontra uma crítica de Mário de Andrade para que Cascudo redefina suas temáticas de pesquisas e ofereça mais atenção à vida social e cultural que ele pode encontrar na sociedade onde vive. Nos livros de Cascudo nas décadas de 1920 e 1930 as temáticas dominantes eram a crítica literária no Rio Grande do Norte, aspectos culturais da região Nordeste, particularmente do sertão, e biografias personalistas de personagens da monarquia como Conde d'Eu e o Marquês de Olinda⁵⁵. Esses dois últimos tornaram-se livros, mais extensos e em editora de alcance nacional. Na Editora Nacional. Numa coleção de nome Brasileira, os números 11 (1933) e 107 (1938), respectivamente. As temáticas da cultura regionalista eram as menos tratadas. Quando Mário de Andrade explicita mais claramente as críticas, numa carta de 1937, é quando Cascudo já tem publicado em editora nacional a biografia, muito mais genealogia, sobre o Conde d'Eu (CASCUDO, 1933).

O primeiro organizador das cartas de Mário a Cascudo, edição de 1991, apontou uma carta de Mário em 1937, como um elemento definidor nas mudanças de rumo do trabalho intelectual de Cascudo e sua especialização folclorista. Resultando na

⁵⁴ Poema “Coco do Major”, em Andrade (1987, p. 197).

⁵⁵ Pode-se argumentar aqui o que argumentou Miceli sobre as biografias das elites eclesiásticas: “... As obras dedicadas a essas figuras do clero foram quase sempre elaboradas nos moldes das ‘vidas de santos’, com ênfase nos predicados e virtudes excepcionais [tornadas excepcionais] que remontariam ao ‘desabrochar’ de suas vocações, sendo que as etapas posteriores de toda uma ‘vida modelar’ viriam apenas afirmar os sinais de um ‘mandado divino’.

Trata-se, pois, de um conjunto homogêneo de narrativas biográficas produzidas com intenções edificantes, frequentemente a versão oficiosa encomendada pela hierarquia a respeito de acontecimentos que deram margem a interpretações controversas e capazes de contrariar os interesses e as posições de facções do clero ou de comprometer a imagem pública da organização” (MICELI, 1988, p. 14).

publicação em 1939 do livro *Vaqueiros e Cantadores*. As apreciações críticas de Mário de Andrade em relação ao que vai produzindo Cascudo são constantes na correspondência e a questão não pode ser vista como um ato isolado de um intelectual que provoca em outro a elaboração de um livro. Desde as primeiras cartas, Mário de Andrade faz críticas aos trabalhos de Cascudo e a necessidade de olhar e pesquisar essas coisas que estão ali, perto dele. Acontece que, na oportunidade daquela carta de 1937, que é realmente mais demorada nos aspectos que Mário quer criticar, outros elementos históricos se apresentavam no momento pós Revolução de 1930. E no próprio meio intelectual: nova fase no mercado editorial, solidificação dos editores brasileiros, novos livros relendo a história brasileira, a nova presença dos romancistas brasileiros (e notadamente do Nordeste) com grandes sucessos editoriais; a nova crítica literária; a formação da universidade brasileira; etc.

Depois de uma pequena carta em que Cascudo pedia ajuda devido sua situação financeira onde “dez pessoas” da família estavam sendo sustentado por ele – “Ganho uma miséria como professor e as dez pessoas de família que sustento não podem esperar pão de outra parte” (CASCUDO, ANDRADE, 2010, p. 291) – Mário de Andrade escreve carta mais longa, oferecendo um espaço no jornal *Estado de S. Paulo* – “sou amigo íntimo do Sérgio Milliet e ele amigo íntimo de Léo Vaz, secretário do jornal” (idem, p. 292) – e na *Revista do Arquivo*.

[...] Prefiro trabalhos sobre folclore. E, apesar da tristeza não ser momento bom para rispidez, você vai me permitir, duma vez por todas, que fale com franqueza sobre os seus artigos. Geralmente não gosto abertamente deles, e agora careço dizer por que. Você aliás deve ter notado isso porque nunca deixei de por um ar de vago ao falar em trabalhos de você. Minhas cartas, nesse sentido, sempre foram com algumas reticências, que no entanto, jamais existiram quando eu te incitava a trabalhar e dava deixas sobre assuntos em que você podia produzir obras de real valor. Porque não terei sido totalmente franco? Meu deus! Nem sei bem... Um pouco de fadiga, um pouco de medo de ferir você porque sinto você um bocado vaidoso, talvez erre. Mas nunca deixei de considerar o valor de você e a sua Inteligência. Minha convicção é que você vale muito mais de que o que já produziu. Há nos trabalhos de você dois erros que em assuntos técnicos, me parecem fundamentais, a falta de paciência e o desprezo da medida. Me explico. O desprezo da medida, aliás, em grande parte deriva da nossa pobreza de bibliografia. Vou dar exemplos do seu descomedimento: a sua monografia sobre o Conde d’Eu.

[...] por que você atacou um assunto tão desimportante, uma figura de nenhum alcance fundamental pra pesquisar tantos dados e dadinhos sobre ela! E depois reincidiu com o Stradelli. Por que em vez do Stradelli você não pegou o Von den Steinen, o Koch Grünberg, tão mais fundamentais. Por que em vez do príncipe vazio você não pegou a Nísia Floresta cheia [...]? Está claro que se já nós tivéssemos

20 volumes sobre Varnhagen, outros tantos sobre Pedro I ou José Bonifácio e assim fosse a nossa bibliografia: então sim, se compreendia a dedicação por um príncipe vazio. Mas você não mediu os pesos e lá veio um livro trabalhado mas de alcance quase nenhum.

Outro exemplo ainda mais típico? A sua ‘Uma interpretação da couvade’. Veja bem o nome do artigo. Quem lê pressupõe logo que você vai dar de-fato *uma*, isto é, *mais uma* interpretação nova da couvade. O ‘*uma*’ aí define psicologicamente o caráter monográfico do assunto. Vai-se ver, não passa dum trabalho de vulgarização do já existente. [...] (CASCUDO, ANDRADE, 2010, p. 292-3).

Em Mário de Andrade e Cascudo encontramos modalidades de discurso sobre a cultura popular. Câmara Cascudo desenvolveu uma perspectiva de discurso do popular que se caracteriza pelo fato da não historicização dos exemplos culturais pesquisados, pela desconsideração dos outros fatores sociais da vida dos agrupamentos produtores dessa cultura, pela fragmentação dos diversos componentes (uma dança, uma música, um registro de literatura oral, etc.), tudo dentro de uma estruturação enciclopédica e dicionarizada. Esse tipo de perspectiva acabou servindo mesmo para entreter as atividades desses intelectuais e suas justificativas sociais. Mário de Andrade, no entanto, fez grandes esforços de fundamentação cultural para o Brasil e sempre procurou fazer os ligamentos de um fato cultural com diversas outras instâncias sociais. Mário de Andrade terá outra forma de declaração de “amor ao povo”. A posição de Cascudo, além de sua apreciação crítica em relação ao descaso pela tradição e pelas coisas criadas pelo próprio povo – que também nele é uma categoria muito indefinida implicando senhor de engenho e escravo, fazendeiro e vaqueiro, numa comunidade de vivências irmanadas – é mais para de um estudioso que se “decidiu”, devido sua posição no mercado intelectual e editorial brasileiro em formação na década de 1930, por pesquisar estas áreas e isso só vai ficar mais explícito quando da sua inserção nesses mercados, através dos vários livros que publicará sobre o folclore e de suas participações na perspectiva folclórica que se intensifica nas décadas de 1940 e 1950. Existia, no entanto, uma forte crença em Cascudo em criticar o progresso e o fim de uma tradição e de valorização da cultura regional. Mas que, na verdade, era a cultura regional dos senhores de terra e da hierarquia religiosa.

Em carta de 26 de junho de 1925, Mário de Andrade exterioriza sua dedicação ao Brasil: “Meu Deus! Tenho momentos em que eu tenho fome, mas positivamente fome física, fome estomacal de Brasil agora”; “este Brasil monstruoso tão esfacelado, tão diferente, sem nada nem sequer ainda uma língua que ligue tudo...” (CASCUDO,

ANDRADE, 2010, p. 47). E em outra carta Mário pede a Cascudo qualquer coisa da região em fotos de pessoas, de casas, de árvores, etc., dentro dessa fome por coisas brasileiras. Vários elementos podem estar na base desse desejo de Brasil que Mário de Andrade exterioriza não só aí como no decorrer de todas as cartas e em vários momentos, senão em todo o seu trabalho intelectual. Um trabalho que caminha para a criação de uma sociedade imaginada. Não se pode imaginar, também, esse gosto criado sem uma armação de ordem internacional fundado na existência dos países e das nacionalidades.

Na fundamental leitura que faz Florestan Fernandes dos intelectuais folcloristas no seu livro *O Folclore em Questão*, reunião de seus principais artigos sobre o tema, publicados em revistas especializadas e na imprensa no espaço da segunda metade da década de 1940 até o início da década de 1960, a avaliação que faz de Mário de Andrade destoa do modo como dialoga com essa tradição nos outros artigos sobre outros autores e sobre a relação do folclore com a ciência. No entanto, o livro acaba sendo uma discussão de história das ideias e não de uma sociologia do conhecimento que evidenciasse as injunções sociais que envolvem os intelectuais e os faz existir. Mas deixa contribuições importantes. Num artigo em que analisa as “Publicações póstumas de Mário de Andrade” e especificamente sobre o livro *Danças Dramáticas do Brasil*, artigo publicado em 1960 no *Suplemento literário* de *O Estado de S. Paulo*, Florestan inclusive pondera: “... A riqueza e a falta de conformismo em seus ensaios [os de Mário de Andrade] sobre o folclore brasileiro impediram que se lhe desse um lugar de proeminência, entre os nossos grandes folcloristas, como um Sílvia Romero, um João Ribeiro ou mesmo um Amadeu Amaral” (FLORESTAN, 2003, p. 190). Riqueza e inconformismo marcaram a produção de Mário de Andrade. Riqueza e conformismo marcaram a produção de Cascudo. E é preciso examinar os tipos diferentes de “riqueza”.

Na parte do livro *O Turista Aprendiz* (ANDRDADE, 2002) relativa aos seus dias passados em Natal e no Rio Grande do Norte, Mário de Andrade mostra-se um intelectual com sua atenção voltada para diversos aspectos da vida social, associando os aspectos culturais a outros econômicos e políticos. Assim, por exemplo, temos registros das condições de trabalho na produção do sal em Areia Branca na costa norte-riograndense, sobre aspectos da paisagem, sobre a religiosidade na vida urbana, sobre

construções arquitetônicas, etc. Seus registros diretamente ligados a expressões musicais vão aparecer em outros livros, como o posteriormente editado por sua aluna e amiga Oneyda Alvarenga, com o título *Cocos*, que constitui parte do seu projeto de um grande livro que teria o título de *Na Pancada do Ganzá*. Posteriormente também será publicado o livro *Vida do Cantador*, se referindo mais especificamente ao cantador de cocos que conheceu em uma fazenda do Rio Grande do Norte. No livro *O Turista Aprendiz* ficou o registro sobre Chico Antonio, encerrando uma perspectiva de relação diferente com a música e o artista regional e popular.

Não sabe que vale uma dúzia de Carusos. Vem da terra, canta por cantar, por uma cachaça, por coisa nenhuma e passa uma noite cantando sem parada. Já são 23 horas e desde as 19 que canta. Os cocos se sucedem tirados pela voz firme dele. Às vezes o coro não consegue responder na hora o refrão curto. Chico Antônio pega o fio da embolada, passa pitos no pessoal e ‘vira o coco’. Com uma habilidade maravilhosa vai deformando a melodia em que está, quando a gente põe reparo é outra inteiramente, Chico virou o coco...Que artista. A voz dele é quente e duma simpatia incomparável. A respiração é tão longa que mesmo depois da embolada inda Chico Antônio sustenta a nota final enquanto o coro entra no refrão.... (ANDRADE, 2002, p. 244-5).

E no registro do dia seguinte:

Porque Chico Antônio não é só a voz maravilhosa e a arte esplêndida de cantar: é um coqueiro muito original na gesticulação e no processo de tirar um coco. Não canta nunca sentado e não gosta de cantar parado. Forma os respondedores, dois, três, em fila, se coloca em último lugar e uma ronda principia entontecedora, apertada, sempre a mesma. Além dessa ronda, inda Chico Antônio vai girando sobre si mesmo. Ele procura de fato ficar tonto porque, quanto mais gira e mais tonto, mais o verso da embolada fica sobrerrealista, um sonho luminoso de frases, de palavras soltas, em dicção magnífica. Poemas que nenhum Aragon já fez tão vivo, tão convincente e maluco. É prodigioso. (Andrade, 2002, p. 247).

Em outra passagem de *O Turista Aprendiz*, Mário de Andrade registra o canto de uma velha próxima a uma moça aleijada em um carrinho de mão, que encontrou na viagem que fez pelo sertão do Rio Grande do Norte. Cada esmola colocada, a velha principia um canto. Sobre o canto da velha diz:

Então esta canta um ‘bendito’ de gratidão. Tem a voz nítida e o bendito musicalmente é maravilhoso. Alimentamos a continuação dele com esmolas enquanto pego meu caderno pautado, e anoto a cantiga. O povo me cerca sarapantado, bêbados, meninos, mulheres, tudo espiando o caderno esquisito. Só mesmo a boniteza do canto me sustenta no escândalo. Termino de anotar a melodia e fico maravilhado contemplando a simplicidade genial dela. Que perfeição de linha, que equilíbrio de composição! E que desmentido pra certas

teorias. Canto em maior e rápido e apesar disso duma dor magnífica, pobre, mesquinha, triste mesmo (ANDRADE, 2002, p. 261).

Mário de Andrade em muitos outros momentos de seus escritos vai exteriorizar seu espanto por um gosto de estar com o povo e que diz não saber explicar de onde vem isso.

Eu digo que apesar de todas as notas ajuntadas ao livro pra elucidar e facilitar o caminho dos estudiosos, isto não chega a ser uma obra de estudo porque é por demais uma obra de amor. Escutando e recordando estes cantos muitos tosquíssimos, defeituosos às vezes pelas puerilidades e influências, constantemente vulgares, não sei o que eles me dizem que minha alma se enche de comoções entusiasmadas e eu vibro com uma tenacidade tão profundamente humana como raro, a obra de arte erudita pode me dar. Não sei que apelo tradicional, que coincidência de raça e de corpo ou mesmo que piedade carinhosa me leva, sei mas e que em vão reconheço a precariedade muitas vezes primaríssima dos cantos de minha gente. Eles me comovem mais que nada e mesmo neste momento só por falar neles e os sentir revoando em torno de mim sinto próxima a lágrima e é a competição dos preconceitos que a afugenta ou vence e não sinto nada mais que um vago desprazer de mim mesmo. (ANDRADE, 1984, p. 420)

Cascudo jamais escreveu ou escreveria uma apreciação desse tipo, dessa perspectiva. O contentamento da escrita de Cascudo é com um realismo frouxo, desatado de relacionamentos que puxaria implicações sociais de todo tipo. É a perspectiva folclórica propriamente dita.

Em 1924, quando começam a se corresponder, Câmara Cascudo tinha lançado o livro *Alma Patrícia*, em 1921, de alcance regional, tentando traçar um quadro da produção literária, mais poética, do Rio Grande do Norte. Em 1924, publicaria mais dois livros: um, *Joio (paginas de literatura e critica)*, também de crítica literária e de alcance local, e outro publicado pela editora de Monteiro Lobato, *História que o tempo leva... (da história do Rio Grande do Norte)*, com crônicas históricas de acontecimentos da história do estado. Este, publicado em São Paulo. Numa carta a Cascudo de 26 de setembro de 1924, Mário de Andrade sistematiza opiniões atentas a esses dois livros.

[...] Acho desagradável essa mania de grudar crônicas em livro. Crônica é pra jornal. Livro é uma concepção mais inteiriça e completa. As Histórias são um livro. As suas crônicas ficaram muito bem num jornal. Em livro a maior parte delas perde 90% da graça e oportunidade. As crônicas estarão bem num livro póstumo, se o autor delas aingiu a celebridade. Então interessam por outro lado: evolução do autor, suas várias facetas etc.[...] Do seu Joio no entanto uma página me interessou vivamente: ‘Doutor João’. Muito bem contado e caso

interessantíssimo. Comoveu-me. [...] A parte sobre a Argentina já é melhor. A mim foi útil. Quanto às Histórias que o tempo leva, livro interessantíssimo sob todos os aspectos. Gozei de princípio a fim. Excelente repositório de esclarecimentos. Utilíssimo. E sob o ponto de vista artístico boa [real]lização [sic; organizador esclarece complementação de trechos não claros ou danificados]. O que mais me atrai nos seus escritos deste livro, e mesmo do Joio, Luís da Câmara Cascudo, é a sua despreocupação da literatura. Não há esse preconceito de fazer literatura que é a maior praga da arte de escrever. Nada de frases bem acabadinhas, ritmos preconcebidos, adjetivos para em[cantar;] linguagem direta, pessoal, enérgica, simples, [eficaz. Mui]to bem. Admiro o seu livro. [...]

Você também está escrevendo brasileiro. Procure vivificar ainda mais esse propósito. Lembre-se que o português não pôde ser, tal como ritmado e movido em Portugal, o nosso meio oral de expressão: outra terra, clima, novos costumes, preocupações, ideais.[...] As suas ‘Reminiscências’ me causaram uma impressão profunda. [Não tenho] a menor hesitação em dizer que consider[o essa págin]a admirabilíssima. É uma realização quase perfeita e comove imensamente na sua sinceridade, no seu vácuo. Não tem nada lá dentro? É como esses silêncios noturnos das nossas terras do interior, você conhece bem isso. Silêncio, não há nada. De repente você percebe que aquela vacuidade está cheia de coisas, de barulhinhos, perfumes, vidas, vida. É estupendo. Assim é o seu vácuo infantil. Admirável e comovente. [...] Chamo a sua atenção para certas imagens protocolares que são insuficientes, literárias, eruditas e nada dizem. “Tínhamos o aspecto duma cidadela sitiada por uma arrancada mourisca”; “o busto largo e possante como um guerreiro medievo”. O que quer dizer isso? Nada. Absolutamente nada. Já porém o ‘numa rápida carícia de leão enfasiado’ é melhorzinha, embora ainda protocolar. Meu Deus! Quando quiser comparar compare com as coisas que você vê, sente, toca, não com o que leu nos livros. Isso é vago e inútil. [...]

Agora uma pergunta, que não inclui censura: Você escreve a todo momento: “d’imenso”, “d’agoiros” por “de imenso”, “de agoiros”. Essa elisão se faz aí no Norte? Interessa-me saber disso. É de uso popular ou costume seu pessoal? Responda-me que observo esses usos com atenção.[...] (CASCUDO, ANDRADE, 2010, p. 36-39)

No que diz respeito ao mercado intelectual, as cartas trazem registros importantes quando discutem projetos de livros ou livros publicados, projetos de revistas e publicação nessas revistas, ações intelectuais que são também políticas.

A “especialização” de Cascudo no mercado editorial e intelectual brasileiro na área dos estudos folclóricos só se inicia em 1939 com a publicação do livro *Vaqueiros e Cantadores: Folclore Poético do Sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará*, pela editora Globo de Porto Alegre. As editoras brasileiras que vinham se fundando nesse período acabavam sempre incluindo em seus projetos editoriais a

publicação de autores brasileiros que viessem contribuir para construir social e historicamente o Brasil, em termos de discurso e ideologia. E os intelectuais realizavam suas atividades, como mostrou Miceli (2001), muito relacionados as estruturas estatais e as alocações materiais e simbólicos que diversos vinculações viabilizavam.

Antes de *Vaqueiros e Cantadores* a temática folclorista pouco vai aparecer. E quando apareceram é com diferenças significativas em relação aos períodos das décadas de 1950, 1960 e 1970. O folclore na década de 1920 está mais próximo do regionalismo que aparecia e de um realismo moderno.

Interessante ver um sumário que Cascudo envia para Mário junto à carta de 12 de julho de 1925, expressando em pontos o seu projeto de fazer um trabalho sobre as “Crendices e Tradições” no Nordeste brasileiro. Os pontos mais gerais: Tradições dos cultos esquecidos; Lendas; Parlendas e brincos infantis; Estórias tradicionais do sertão; Tradição dos Santos favoritos; Animais fabulosos do Norte; Festas do ritual e da tradição; Como se vive no Sertão. O projeto não vai se realizar e pontos como “tradições dos cultos esquecidos” ou “como se vive no Sertão”, não irão aparecer nos trabalhos posteriores de Cascudo. Não vai se explicitar de forma tão direta essa referência às tradições que aparecem diretamente em quatro pontos desses oitos nem uma referência às condições de vida no sertão. Apreciaremos bem esses aspectos com um pequeno livro de Cascudo publicado em Natal em 1934 e que pretendia relatar a viagem que faz com interventor estadual e outros funcionários do “primeiro escalão” do governo estadual, pelo interior do estado entre outras coisas inaugurando uma série de escolas, livro a que deu o título de *Viajando o Sertão*.

Numa carta de Cascudo enviada em 26 de junho de 1926, há a observação feita de outras vezes sobre um sertão que está se acabando:

[...] o sertão está morrendo engolido pelos açudes, pisado pelo Ford, cego pela lâmpada elétrica. A menina qu’eu vi reparando na gente pela fricha da porta, vive na capital, usa sapatinho vermelho e está ensinando shimmy às primas da fazenda”. E continua: “A casa grande derribou-se. Agora inaugura-se o estilo bolo de noiva com requififes e pendurucalhos nas paredes. Vaqueiros? Sumiram-se. Estamos comprando zebu, caracu, hereford etc. bicho de comer em cocho e beber parado. Não sabe ouvir aboio nem corre no fechado da caatinga. Morre a vaquejada e com ela duzentos anos de alegria despreocupada e afoita.[...] (Cascudo, Andrade, 2010, p. 111).

Esse argumento de coisas que estão se acabando - e que são sempre as coisas boas - vai acompanhar os trabalhos de Cascudo. A dimensão enciclopédica, dicionarizada,

comum nos estudos folclóricos, usa esse argumento para o trabalho de registro dessas coisas que depois não mais será possível se registrarem, pois se acabarão.

1.4 INTEGRALISMO E FOLCLORISMO

Gumercindo Saraiva, um ex-aluno de Cascudo, publicou um livro em 1969 que reúne uma série de escritos do professor onde o tema era a música: *Câmara Cascudo – Musicólogo Desconhecido*. O livro foi composto e impresso nas oficinas gráficas da Companhia Editora de Pernambuco. Gumercindo foi aluno dele em Natal, na década de 1930. No curso de *História da Música* que Cascudo lecionava no *Instituto de Música do Rio Grande do Norte*, fundado naquela década. O instituto era uma organização do estado. Cascudo chegou a dirigi-lo. Gumercindo Saraiva nasceu na cidade de João Câmara, no Rio Grande do Norte, em 1915 e faleceu em Natal, em 1988⁵⁶. No livro, encontramos uma passagem que proporciona nos inteirarmos um pouco do momento social e político conflituoso em Natal, quando da ascensão da Ação Integralista Brasileira e da posição integralista de Cascudo.

⁵⁶ “Musicólogo, musicista, historiador, comerciante de instrumentos musicais e bibliófilo, Gumercindo Saraiva tinha ‘a chama sagrada do entusiasmo pelas coisas artísticas’, na feliz definição de Câmara Cascudo.

Até os 14 anos, residiu com seus pais entre Lajes e Extremoz [cidades do interior do Rio Grande do Norte]. Em 1929, a família mudou-se para Natal. Começa a trabalhar então na tipografia de ‘A República’, e pouco a pouco trava conhecimento com o meio jornalístico da cidade, onde sobressaem Cristóvão Dantas, Adauto da Câmara, Edgar Barbosa, Otacílio Alecrim, entre outros.

Em 1935, deixa o trabalho no jornal para ingressar no comércio, fundando a ‘Casa da Música’, loja especializada em instrumentos musicais. A par disso, escrevia artigos para as revistas literárias, como ‘Bando’ e, segundo seu biógrafo João Batista Cabral, foi ‘um dos sustentáculos da mais importante publicação especializada em música em nosso Estado, a revista ‘Som’, onde trabalhou com Otto Guerra, Waldemar de Almeida e Câmara Cascudo’.

A amizade com Câmara Cascudo propiciada pela revista, resultaria, mais tarde, numa biografia diferente do escritor, o ‘Câmara Cascudo Musicólogo Desconhecido’, que Gumercindo escreveria. Além da música, a cultura popular, em suas vertentes dos mitos e da gíria, despertaram seu interesse de pesquisador.

No dia 08 de dezembro de 1976, ingressou na Academia Norte-rio-grandense de Letras, onde ocupou a cadeira nº 06.

Morreu como gostaria de morrer, abraçado ao seu violino, em um evento artístico-cultural, na Fundação José Augusto.” (CARDOSO, 2000, p. 297).

Esse texto foi escrito por Deífilo Gurgel, um pesquisador de Natal na área folclórica, e aqui serve apenas para situar de alguma forma o autor desse livro. Mas há mistura de coisas, como quando abre o parágrafo com a data de 1935, mas não informa que a revista *Bando* circulou na década de 1950 e a *Som* na década de 1930. Já consultei alguns números da revista *Som* e não encontrei seu nome constando nem na apresentação nem no interior da revista, nem o nome de Otto Guerra. Os nomes na revista são os de Waldemar de Almeida e Câmara Cascudo. O livro *Câmara Cascudo – Musicólogo Desconhecido* não é uma “biografia diferente”, apenas traz um texto introdutório sobre Cascudo e reúne uma série de artigos deste, que é quase o livro todo. Também, nesse livro ele explica que Cascudo foi seu professor e inclusive o defendeu quando um professor, com o qual não se desentendia, quis lhe reprovar em um exame.

Câmara Cascudo, quando Ravel morreu (1933), já contava 33 anos de idade e chorou seu desaparecimento, escrevendo sobre o infausto acontecimento. No Brasil, havia uma grande inquietação política e social. O Estado de São Paulo, assistindo seus filhos se degladiarem [sic] por uma causa que muitos julgavam injusta. O Rio Grande do Norte, com duas facções da política internacional dividindo-se em Integralismo e Comunismo. Nosso ilustre homem de letras aliás, chefiava o 'Triunvirato' no Estado. Por este motivo o maestro Waldemar de Almeida, diretor do 'Instituto de Música', teve sua vida ameaçada por comunistas ferrenhos, viajando incontinente ao sul do país, após o pixamento [sic] da fachada de sua moradia, à Av. Deodoro, onde hoje é sede do Clube dos Advogados. Não havia garantia para permanência em Natal, onde os comunistas abertamente entoavam canções internacionais, entusiasmando os operários e alguns incautos da doutrina vermelha.

Também num casarão velho da Praça 7 de Setembro, esquina do Palácio do Governo os integralistas sob o fervor dos livros de Plínio Salgado, inflamavam a mocidade e uma ala bem unificada dos literatos provincianos. Enquanto os comunistas encobertos por pseudos idealistas cantavam em vozes estridentes o "Internacional", os 'camisas verdes', mais brasileiros interpretavam o 'Hino Nacional' e as canções patriotas, até que nos deparamos com a noite fatídica de 27 de novembro, quando um grupo de soldados do exército apoderou-se sem nenhuma reação do Quartel do 21 Batalhão de Caçadores. Câmara Cascudo estava com 37 anos de idade, faltando poucos meses para a comemoração desta data tão festiva no aconchêgo do lar. (Saraiva, 1969, p. 17).

A opção política de Cascudo pelo integralismo nos anos 1930 não destoava de sua posição e sua trajetória social. E se insere no conflito que perpassava a sociedade em geral entre os movimentos proletários com definição comunista e os esforços de manutenção das estruturas capitalistas e de seus agentes diretores. Conflitos de alcance mundial entre os movimentos proletários e as vias autoritárias de domínio em franca ascensão na Europa. O movimento integralista tem um vínculo principalmente com o fascismo italiano⁵⁷, que na época destroçava as forças populares organizadas por suas expressões intelectuais e partidárias. A atração que o movimento exerce sobre grandes contingentes sociais se insere na existência de uma contraposição aos movimentos comunistas nacionais e internacionais e na assunção de um forte nacionalismo, de afirmação das características genuinamente brasileiras porque surgidas no interior do desenvolvimento dessa sociedade e bem de acordo com o seu meio geográfico, social e histórico.

⁵⁷ Como mostra Trindade (1974) há uma vinculação direta entre o principal organizador, Plínio Salgado, e o fascismo italiano.

No livro *Joio* (1924), encontramos um escrito em que Cascudo aborda a obra de Gustavo Barroso “Ao som da viola”, elogiando o mesmo, que trata da viola na cultura nordestina, apontando a importante tradição desses estudos no Brasil, com importantes nomes intelectuais que relaciona. O texto leva o mesmo título do livro de Barroso, que recebe de Cascudo todos os elogios. Segundo Cascudo, o livro fala das coisas do sertão. Seria um livro sobre o folclore nordestino. O texto critica as concepções que veem a cultura popular como indigna de ser tratada pelo mundo erudito.

Sei que muitos espíritos illustres, sapientes mystagogos, reputariam frívolo e banal, inútil e menineiro, o esforço espendido num trabalho, num artigo, num ensaio que estudasse lobishomens e mulas sem cabeça.

Não vale que se aponte entre os demologos brasileiros os nomes de João Ribeiro, Araripe Junior, Alberto Faria, Sylvio Romero, Barão de Studart, Rodrigues de Carvalho, João Brigido, Pereira da Costa, toda uma brilhante pleyade de cultos, mas é esta myopia convencional, a verdade é a mais relativa das cousas. (Cascudo, 1924, p. 100).

Barroso se tornará um dos principais líderes da Ação Integralista Brasileira. A mulher de Cascudo fala que foi a amizade entre ele e Gustavo Barroso que incentivou a participação no movimento integralista⁵⁸. Os dois se encontraram algumas vezes em Natal no início da década de 1930⁵⁹. Gustavo Barroso publicou diversos trabalhos sobre o folclore. É um exemplo da integração entre uma visão romântica de amor ao povo e uma tendência autoritária no Brasil⁶⁰.

⁵⁸ Um trabalho sobre a participação de Cascudo no integralismo também remete as Influências de Barroso e de outros agentes do Rio Grande do Norte: “A sua entrada na Ação Integralista Brasileira/RN, em 14 de julho de 1993, teria sido influenciada pelo seu vasto círculo de amizade no mundo intelectual e católico do Rio Grande do Norte, onde despontavam nomes como Otto de Brito Guerra, Manoel Rodrigues de Melo, Miguel Seabra Fagundes, Ulisses de Góis, dom Marcolino Esmeraldo Dantas e outros.” (Melo, 2004, p. 20). “Cascudo entrou na AIB por influência do intelectual cearense Gustavo Barroso, muito amigo dele, segundo informação prestada pelo dr. Otto de Brito Guerra ao autor, no primeiro semestre de 1990, durante o lançamento do livro de Nestor dos Santos Lima, ‘Esqueçam a primavera irmão’, no Teatro Alberto Maranhão” (Melo, 2004, p. 24).

⁵⁹ Gustavo Barroso hóspede de Cascudo em 1929. Registro no jornal *A República*. Destaque para passagem de Gustavo Barroso por Natal, a caminho de Ceará onde proferirá palestra na comemoração do centenário de nascimento de José de Alencar. Barroso é diretor do Museu Histórico. 12 anos ausente de Fortaleza. Hóspede de Luís da Câmara Cascudo durante as horas em que em Natal esteve. Passeou de automóvel. Visitou o Aeroclub onde dançaram. Chistovam Dantas, Cascudo, Antonio Bento e Adauto Câmara. (DR. Gustavo Barroso, 1929, p. 1). No livro “Brasil, colônia de banqueiros” de Gustavo Barroso, oferecido a Cascudo, encontra-se a dedicatória de Barroso “Ao querido Cascudo, Anauê! Gustavo”.

⁶⁰ No *Dicionário do Folclore Brasileiro* assim Cascudo apresenta Gustavo Barroso: “Nasceu em Fortaleza, Ceará, a 29 de dezembro de 1888, e faleceu no Rio de Janeiro, a 3 de dezembro de 1959. Terminou no Rio de Janeiro (1911) o curso jurídico que iniciara em Fortaleza. Desde muito moço participou do jornalismo cearense, escrevendo e desenhando. Militou na imprensa nacional até os últimos meses, numa atividade incessante, colaborando em revistas, pesquisando ângulos pouco conhecidos da história, sociologia e folclore. Sua bibliografia, cerca de 100 volumes, compreende quase todos os

Mas Cascudo se entusiasma com a mensagem de Plínio Salgado, como vemos nessa passagem no livro *Viajando o Sertão*: “Depois do jantar fico dentro do automóvel parado com Alcides Franco falando sobre Integralismo, liberalismo e república democrática. Para mim é um encanto narrar como Plínio Salgado começou com nove rapazes e tem duzentos mil em dois anos, com o silêncio dos jornais e todas as baterias do ridículo assestadas contra ele. Há um baile.” (CASCUDO, 1975, p. 19). O discurso de Cascudo enfileira-se com a crítica do comunismo internacional e com o enaltecimento da tradição cultural brasileira que seria sinónimo de uma nação forte. O livro *Viajando o Sertão* publicado em 1934, por editora do governo interventor federal do Rio Grande do Norte aparece como um escrito muito importante para analisar a intersecção de um tipo de prática intelectual com o ideário integralista brasileiro. É exemplar para expressar o regionalismo unido com o tradicionalismo e a crítica ao progresso. Sem referências a situação social da maioria da população.

O livro *Viajando o Sertão* reúne textos publicados em jornal do Rio Grande do Norte, referindo-se a uma viagem feita pelo sertão desse Estado. O livro foi publicado pela Imprensa Oficial, em Natal, órgão do poder estadual. A viagem foi realizada no mesmo ano e os textos foram publicados em 31 de maio e durante todo o mês de junho também do mesmo ano, no jornal *A República*, do Rio Grande do Norte. Como um objeto cultural provindo da produção de um letrado, o título expressa uma vinculação com um determinado meio selecionando aspectos geográficos, históricos e sociais. Estabelecer o “sertão” como tema e tema digno e atraente para constar em um título,

motivos intelectuais que o apaixonaram, da antropologia cultural à poesia, romance, conto, fábula, viagens, etc. Exerceu vários cargos de relevância, figurando em comissões no estrangeiro, congressos e conferências internacionais. Pertenceu a um grande número de associações literárias e científicas, brasileiras e estrangeiras. Membro da Academia Brasileira de Letras (1923) e do Instituto Histórico Brasileiro (1932), sendo o primeiro diretor do Museu Histórico (1922), organizando-o e tornando-o um estabelecimento modelar na espécie. Foi um mestre incontestável do folclore brasileiro, valorizando-o em fase que ninguém percebia interesse e valia, enriquecendo-o com livros de *notável erudição* [grifo meu], divulgando os confrontos temáticos que revelavam a universalidade e velhice do que se julgava local e apenas pitoresco no momento. Um estilo ágil e claro, de discreta elegância vocabular, trazia uma força de comunicabilidade admirável. Sua bibliografia essencial para o folclore: *Terra do Sol*, Rio de Janeiro, 1912, 5.a ed., idem, 1956; *Heróis e Bandidos*, Rio de Janeiro, 1917; *Casa de Marimbondos*, S. Paulo, 1921; *Ao Som da Viola*, Rio de Janeiro, 1921 (a primeira antologia folclórica publicada no Brasil); *O Sertão e o Mundo*, Rio de Janeiro, 1924; *Através dos Folclores*, S. Paulo, 1927; *Almas de Lama e de Aço*, S. Paulo, 1928; *Mythes, Cantes et Legendes des Indiens du Brésil*, Paris, 1930; *Aquém da Atlântida*, S. Paulo, 1931; *As Colunas do Templo*, Rio de Janeiro, 1933; *O Livro dos Enforcados*, Rio de Janeiro, 1939; *Coração de Menino*, Rio de Janeiro, 1939; *Liceu do Ceará*, Rio de Janeiro, 1941; *Consulado da China*, Rio de Janeiro, 1941. Os restos mortais do escritor estão depositados, dezembro de 1965, no pedestal da estátua na praça do seu nome em Fortaleza.” (CASCUDO, 1979, p. 372). A primeira edição do Dicionário do Folclore Brasileiro não traz verbete sobre Gustavo Barroso. Pode seguir uma regra de outros trabalhos de Cascudo em só apresentar resumos biográficos de pessoas falecidas. A primeira edição é de 1954.

revela uma tendência histórica da vida intelectual brasileira na década de 1930. Este livro encontra-se bastante inserido no momento em que Cascudo se vincula a Ação Integralista Brasileira, como já registramos aqui. Sendo assim, é fundamental atentarmos para o conteúdo do livro, tendo em vista nosso objetivo de perceber uma unidade na perspectiva folclórica desenvolvida pelo autor e a opção política e social presente na assunção do ideário integralista e vinculação as suas estruturas organizativas.

Em 1934, o Interventor Mário Câmara convoca o então escritor Luís da Câmara Cascudo a percorrer os sertões potiguares e registrar a situação educacional do Estado em livro, que se chamou 'Viajando o Sertão'. Foram 1.307 km de trilha, completos em 13 dias de viagem, onde um Ford velho foi responsável maior pela locomoção dos integrantes da comitiva. ...

A comitiva do interventor Mário Câmara precisou usar canoa, rebocador, trem e até hidro-avião para livrar-se dos chãos lamacentos, xique-xiques, escalar penhascos e ultrapassar obstáculos os mais variados, que formavam o cenário sertanejo em 1934. ...

... A expedição de Cascudo sucedeu uma outra feita em 1861, pelo Presidente Pedro Leão Veloso, no interior da Província, onde levou em sua comitiva o historiador Manoel Ferreira Nobre e o poeta e jornalista Francisco Otílio Álvares da Silva, autor da primeira reportagem escrita e conhecida sobre o sertão do Rio Grande do Norte. (PÉ na trilha de Cascudo, 2005, p. 3).

Há na prática intelectual brasileira naquele momento histórico, uma valorização em olhar para a cultura regional e popular, como índice para uma verdadeira nação. O movimento integralista assume esse ideário da criação de uma nação forte, valorizando a tradição que se formou na terra. Em suas raízes históricas que coadunavam com as forças próprias da nação. O folclore e o ideário integralista acabam convergindo dentro desse ideário de tradição, nação e autoritarismo. Em Cascudo o Integralismo é um meio de tornar palpável o nacionalismo eivado de tradicionalismo no sentido de manter os aspectos formadores do Brasil como fatores de sua identidade.

Cascudo foi membro da Câmara dos Quatrocentos (MICELI, 2001), dentro da estrutura organizativa da Ação Integralista Brasileira. Segundo Trindade (1974) esta comissão contemplava as principais lideranças regionais. Do Rio Grande do Norte também consta o nome de Otto Guerra nessa câmara. Bacharel em Direito, Otto Guerra era muito ligado também as estruturas da Igreja católica. A vinculação do integralismo

com a Igreja católica aparece bastante presente no Rio Grande Norte. De 1933 a 1937, Luís da Câmara Cascudo participou ativamente do movimento integralista brasileiro. Um jornalista do Rio Grande do Norte escreveu trabalho sobre essa participação, intitulado *Cascudo: o camisa verde* (2004). O autor inclusive foi filho de uma pessoa que participou ativamente da organização do Integralismo no Rio Grande do Norte, mais fortemente em Natal. Também num livro sobre a história do Rio Grande do Norte publicado há alguns anos há um registro fotográfico com Cascudo de camisa verde e um bigode, bem ao estilo de Adolf Hitler. Cascudo publicou artigos em publicações do movimento integralista, alguns estão registrados no livro citado de Melo.

Denise Mattos Monteiro, professora na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, publicou recentemente um livro sobre a história do Rio Grande do Norte, que oferece um quadro de registros mais diversificados e variados e com maior abrangência analítica que as histórias escritas anteriormente. Mesmo assim, sabendo de várias limitações, apesar do passo a frente em relação aos outros trabalhos já publicados, intitula seu trabalho de *Introdução à história do Rio Grande do Norte*. O momento em que comenta o Integralismo no Rio Grande do Norte mostra a vinculação da figura de Câmara Cascudo no movimento.

Em 1933, foi fundado o núcleo da AIB no Rio Grande do Norte, que obteve apoio, sobretudo, de parte das camadas médias urbanas. O movimento conseguiu organizar núcleos em várias cidades do estado e editou dois jornais: *A Renovação*, em Natal, e *A voz integral*, em Mossoró. Representando o pensamento conservador e contando com a simpatia de padres e bispos, foi particularmente forte no Seridó, onde o padre Walfredo Gurgel exercia importante liderança entre os católicos. Nas eleições de 1934, a AIB lançou três candidatos a deputado constituinte estadual. [Em nota a autora cita esses candidatos: Otto de Brito Guerra, Waldemar de Almeida e Ewerton Cortês].

Dentre seus líderes, estava o escritor e professor Luís da Câmara Cascudo, membro do primeiro triunvirato que dirigiu o movimento no estado. Em 1934, aos 36 anos de idade, ele se tornou o primeiro ‘chefe provincial’ do integralismo estadual. Nessa função, foi um dos principais divulgadores da ideologia fascista/integralista, não apenas entre os jovens estudantes do Colégio Atheneu, mas, sobretudo, em cidades do interior, as quais percorreu pregando o fascismo brasileiro. Além disso, colaborou ativamente, com seus artigos, em jornais e revistas da Ação Integralista Brasileira, especialmente no jornal “*A ofensiva*”, porta-voz nacional do movimento. (MONTEIRO, 2007, p. 152)

Denise Monteiro não caracteriza o “pensamento conservador”, como se ele fosse claro e coeso, de uma forma bem definida e para todos evidente. Mesmo que ele fosse um só para todos os agentes, necessário é abordar o modo como a cada momento e em cada situação e em cada agente esse conservadorismo se apresenta.

Figura 5 - A foto de Câmara Cascudo e outros integralistas norte-rio-grandenses no livro de Denise Monteiro. Página 153. Abaixo da foto: “Um bigode ao estilo de Hitler, como o de Câmara Cascudo, o quarto na fila da frente, da direita para a esquerda, seria também um símbolo de opção política? (Camisas verdes)”.

Tendo necessidade de fazer um esclarecimento sobre acusações divulgadas na imprensa, Cascudo expressa a sua condição de Chefe Provincial Integralista.

Por convite do Sr. Interventor e do Diretor do Departamento de Educação, tenho visitado o sertão e assistido a inaugurações de quinze prédios escolares. Tenho feito vários discursos em presença de chefes locais do Partido Popular e Povo, e desafio, de maneira formal, que qualquer um desses senhores afirme, sob sua assinatura, que me ouviu abordar qualquer tema que se referisse ao momento político atual. Se o tivesse feito, assumiria absolutamente toda e completa responsabilidade.

Chefe Provincial Integralista, miliciano convicto, considero os Partidos Políticos meras fórmulas desacreditadas e incapazes de uma renovação social. Não pertenço a nenhuma agremiação partidária e mantenho relações íntimas com vários próceres que não ignoram a retidão de minha atitude, assumida publicamente a 14 de julho de 1933.

Aos ‘camisas-verdes’ de minha Província não dou explicação, porque eles me conhecem de perto. Aos políticos é desnecessário qualquer justificação em contrário às suas afirmativas, porque “política é isso mesmo” (Cascudo apud MELO, 1975, p. 8).

Assim encerrava Cascudo um artigo que publicou no jornal *A República*, de Natal, em quatro de setembro de 1934. O artigo se intitula “Suborno” e visa responder acusações do Deputado José Augusto Bezerra de Medeiros. Manoel Rodrigues de Melo, outra liderança da Ação Integralista Brasileira no Rio Grande do Norte, assim escreve sobre as acusações de José Augusto Bezerra, nessa “Nota” introdutória a segunda edição de 1975.

Este político apeado do poder pela revolução de 1930, julgando-se herdeiro natural da política do Seridó, não poderia admitir que, num regime de direito e franquias legais, lhe escapassem das mãos as rédeas e a liderança da política do Estado.

E assim procedeu, representando contra o Interventor Mário Câmara junto ao Presidente do Superior Tribunal Eleitoral, envolvendo nessa representação o nome do Chefe Provincial do Integralismo, que, segundo o postulante, além de receber “pagamento de quatro contos e tantos mil réis” do governo do Estado, “desde logo se transforma em orador das caravanas interventórias” (MELO, 1975, p. 6).

Cascudo responde no artigo citado, explicando que o pagamento que recebeu foi devido à suspensão dos pagamentos mensais como professor no ano de 1930. Explica que assim como “todos os funcionários estaduais haviam requerido e recebido seus honorários, requeri o pagamento do que me era legal e insofismavelmente devido...” Cascudo reproduz o decreto do Interventor Federal do Rio Grande do Norte, que no artigo primeiro consta: “Fica aberto o crédito especial da importância de 4.948\$110 (quatro contos novecentos e quarenta e oito mil cento e dez réis) pra atender ao pagamento a que tem direito o Bacharel Luís da Câmara Cascudo, lente do Ateneu Norte-Riograndense, de vencimentos e gratificações que deixou de receber no exercício de 1930, como diretor desse estabelecimento e por substituições em diversas cadeiras durante o impedimento dos respectivos titulares.” (Cascudo apud MELO, 1975, p. 7).

Cascudo publicou diversos artigos na imprensa integralista. O trabalho de Melo (2004) faz o registro da maioria desses artigos. “Datam de 1934, os primeiros artigos de Luiz da Câmara Cascudo no jornal ‘A Ofensiva’, de acordo com as pesquisas que efetuamos na coleção incompleta do veículo porta-voz da AIB, em nosso poder e que pertenceu ao meu pai, Manoel Genésio Cortez Gomes, comerciante e ex-agenciador de assinaturas do jornal católico ‘A Ordem’, de Natal e último chefe integralista no RN.” (MELO, 2004, p. 24).

No artigo “Integralismo é Cópia?”, publicado em *A Ofensiva* em 18 de outubro de 1934, Cascudo argumenta que

o integralismo não é uma cópia. É a fórmula brasileira do Fascismo. Aceitamos muitas soluções internacionais da doutrina sem perder de vista o elemento nacional onde ela é chamada a operar.

Cópia é o bolchevismo teórico de certos internacionais de pacotilha. Cópia é a elegância dos nossos ‘almofadas’, eternos ‘faris’ das ‘marionetes’ analfabetas de Hollywood.

Nós somos universalmente interdependentes. É uma fatalidade social e biológica. Não creio na autarquia de nenhum povo porque teremos sempre a impossibilidade de conciliar produção com mercados. Se nós brasileiros usássemos o material exclusivamente nacional, teríamos outra forma de civilização. Portugal nos deu o idioma que negros e índios colaboram. A Europa nos manda tipos de indumentos e de idéias. Devendo atender aos reclamos desses aprioristas, falaríamos Tupy, cercando a cultura com a euduape, a cabeça com a acanquatará e na mão o tacape dos Tuixáuas. Tudo em nós é uma herança de milênios. Vive no menor dos nossos gestos um memorial de gerações anônimas e colaboradoras.

Tradições, culinárias, roupas, costumes, artes, tudo veio de longe, em vias misteriosas ou naturais. Tudo tem passado por um processo secular de assimilação e de acomodação lectivas.

Perguntem ao crítico, que nos diz copiadores, de onde lhe veio o fumo de seu cigarro, a linha do seu traje, a palha de seu chapéu, o corte de seu sapato, o modelo de seu colarinho? Diga que tudo lhe chegou de fora e de longe, hoje ou ontem, em sementes ou figurinos, amostras ou contrabando. Ele não criou nada. O indumento, o idioma, a culinária, folclore possuem leis de circulação e fusão ambientais. São idéias, formas materiais, universais e que pertencem, pela peculiaridade que assumem, a todos os povos.

Assim o integralismo surgiu brasileiro, para cumprir o seu ciclo heroico, sem deixar de ser um pensamento de todos os povos que se renovam. É uma idéia geral mais instintiva como a legítima defesa. Vive em toda parte, mas adquire cambiantes próprios das regiões onde se levanta, como uma afirmação de fé, ante a matilha troante dos insultadores da Pátria e da raça.

Nós não copiamos nenhum fascismo. Sir Mosley, o grande camisa-negra inglês, já disse entre aplausos, que a saudação romana era um patriotismo comum aos povos cultos. Antes de levantar a mão para o alto do que ter os dedos metidos na algibeira do capitalista ou na jaqueta do operário, pedindo dinheiro ou votos, servos de uma gleba imóvel e com eterno dono – ‘está-se usando’.

Integralismo é uma força que está em nós mesmos. O raio é a extensão do Brasil. A trajetória é o infinito de nossas almas que se libertaram de todos os terrores “cósmicos” ou políticos e se orientam para um horizonte de trabalho e de justiça social. (CASCUDO apud MELO, 2004, p. 21-2).

Melo sublinha que “Cascudo não se preocupava apenas com o avanço do movimento integralista no Brasil. Os variados tipos de fascismos eram motivos de abordagens e

comentários nas colunas de A Ofensiva. A situação política da Europa, na Turquia, no Irã, na antiga URSS, interessava tanto quanto na vizinha República da Argentina, como verificamos no artigo publicado em 15 de novembro de 1934” (MELO, 2004, p. 22-3). Melo escreve que “Na edição de 5 de julho de 1934, Cascudo saudou a consolidação do regime de Mustafá Kemal Pachá, ‘o grande ditador da Turquia Moderna’, no artigo ‘Turquia Moderna’” (Melo, 2004, p. 24).

Melo faz considerações sobre as oscilações de posições de Cascudo na conjuntura de 1930 e 1940.

Câmara Cascudo foi intelectual admirador do fascismo italiano, não tenho a menor dúvida, pois ele mesmo assegurou que o integralismo é a fórmula brasileira do fascismo. Cascudo também foi agraciado com uma medalha enviada especialmente por Mussolini e que está depositada no Museu [sic] Câmara Cascudo, no Centro de Natal/RN. Extinta a AIB pelo golpe de estado de novembro de 1937, Cascudo ainda colaborou em revistas literárias controladas por ex-integralistas, como ‘Cadernos da Hora Presente’. Mas, logo após o início da Segunda Guerra Mundial, o ex-chefe provincial da AIB/RN foi designado Secretário da Defesa Passiva Anti-Aérea de Natal, atuando em perfeita sintonia com as autoridades militares e civis brasileiras e americanas. [...] (MELO, 2004, p. 25-6).

Melo põe em destaque um dos argumentos que segundo ele mais aparece nos artigos de Cascudo na imprensa integralista.

A maioria dos artigos e editoriais assinados por Luiz da Câmara Cascudo, na época em [que] foi admirador [de] Benito Mussolini e Adolfo Hitler e jornalista integralista, denota a sua preocupação com a União Soviética e o movimento comunista internacional. Em 20 de dezembro de 1934, A Ofensiva, p. 02, Cascudo comenta o tiroteio ocorrido na Praça da Sé, em São Paulo, entre integralistas e comunistas, que resultou em diversas mortes, e culpa os comunistas por tentarem massacrar os ‘verdes’ paulistas. O artigo tem o título ‘A violência comunista’. Diz Cascudo o seguinte: ‘Na praça da Sé, os comunistas mataram o comunismo no Brasil... A técnica é a mesma. Sangue, violação, massacre, estupidez e bestialidade. Na pequenina cidade de Areia Branca, no rio Grande do Norte, os comunistas escreveram a lista das pessoas que deviam ser sacrificadas e espalharam. São os mesmos em toda parte’. ” (MELO, 2004, p. 26).

Melo sintetiza a importância de Cascudo nas publicações da Ação Integralista Brasileira.

... Comparando os seus textos com os demais intelectuais brasileiros que atuaram na Ação Integralista, a produção cascudiana é inigualável, pois é concisa, enxuta, clara e informativa. Câmara sem[pre] foi um repóster e não um genial filósofo.

Assinando matérias em publicações em que despontavam Miguel Reale, Ovídio Cunha, Menotti Del Picchia, Roland Corbisier, Gustavo Barroso, além do próprio líder nacional, Plínio Salgado, o escritor Luiz da Câmara Cascudo tornou-se um nome nacional, um jornalista conhecido nos meios culturais e políticos da capital da República, o Rio de Janeiro, onde se concentrava a elite da intelectualidade brasileira.

Enquanto existiu a AIB, Cascudo, o tarimbado repórter natalense, escreveu artigos que repercutiam na direção do movimento integralista. Alguns artigos eram identificados pelas iniciais L.C.C. Vários foram publicados na primeira página do jornal *A Ofensiva*, porta-voz da AIB, enquanto que outros textos mereceram destaques nas revistas ‘Anauê’ (1934) e ‘Panorama’. Essas duas publicações eram responsáveis pela veiculação dos trabalhos teóricos dos intelectuais integralistas.

Após a extinção da AIB, Cascudo publicou artigos e ensaios na revista de grupos remanescentes do integralismo, como ‘Cadernos da Hora Presente’, de São Paulo/SP, que circulou até meados da década de quarenta (MELO, 2004, p. 29-30).

A postura integralista continuará acompanhando Cascudo. No início da década de 1960, encontramos no escrito que será publicado com o título *Cultura e Civilização*⁶¹, que ele estabelece como o seu trabalho definitivo na área, duas passagens que fazem referência ao fascismo italiano.

Vende-se, dá-se, permuta-se um objeto ou uma doutrina, norma ou técnica, mas nunca o espírito criador que é a medula da civilização. No próprio processo imitativo, ao repetir-se o modelo estranho, o espírito da inventiva local incide em pequeninas diferenças que são inconscientemente a presença da força criadora nacional. A imitação quase sempre é uma humilde mas sensível recriação, uma acomodação instintiva ao sabor, ao gosto, à visão regional. A mesma estória desloca-se e viaja através de variantes que são outras tantas fórmulas de adaptação, de fixação nacionalizante. Sem Mussolini não haveria Hitler, mas nada menos parecidos que fascistas italianos e nazistas alemães. O mesmo para os comunistas soviéticos e chineses. O negro do Haiti e o da Libéria. (Cascudo, 1983, p. 47).

Cascudo não explica as diferenças entre os eventos sociais que reaparecem nesse caso. Em que sentido são diferentes o fascismo italiano e o nazismo alemão. No mesmo livro Mussolini volta a ser citado:

Um centro de debates é o estado de necessidade determinar a invenção, o descobrimento, uso da agricultura. É dado folclórico

⁶¹ Quando fazia o curso de ciências sociais em Natal, estive pra comprar esse livro, que encontrava em apenas em uma livraria. Não sei do mal que teria feito em um graduando a leitura de um livro cheio de concepções sem fundamentos tão bem fundamentadas e de alcance tão geral. Mas a simpatia com a filosofia marxiana talvez impedisse o envolvimento sem críticas com uma descrição de tal tipo.

atestado pelos provérbios em quase todos os idiomas conhecidos. Petrônio resumia a opinião tradicional em Roma, afirmando que a pobreza é a mãe da indústria e a invenção de várias artes deve sua origem à fome (*Satyricon*, CXXXV). Em 1932, Mussolini dizia a Emil Ludwig que a fome era excelente educadora. Educadora, disciplinadora, valorizadora mas não criadora de possibilidades econômicas, devia completar. Virgílio afirmava o contrário, malesuada fames, Fome, má conselheira (*Eneida*, VI, 276). Sauer insurge-se contra a tradição, argumentando que um povo faminto não terá capacidade inventiva. As plantas enobrecidas pela cultura foram resultados de tarefas de gentes de vida equilibrada, confortável, tendo as disponibilidades para o esforço criador (*Agricultural Origins and Dispersal*). (Cascudo, 1983, p. 350).

2 – O VAQUEIRO, O INTELLECTUAL E O POLÍTICO

Apesar de nos anos anteriores ter publicado textos abordando aspectos do que se costuma chamar de cultura popular, a especialização folclórica de Cascudo só se inicia mesmo quando publica em 1939 o livro *Vaqueiros e Cantadores*, esforço continuado na década de 1940 e estendido na de 1950. Em 1941 Cascudo funda uma Sociedade Brasileira de Folclore, que apesar da existência pouca efetiva, expressa a perspectiva folclórica que abraçava. Em 1944, publica uma *Antologia do Folclore Brasileiro*. Neste mesmo ano, publica uma coletânea com o título *Os melhores Contos Populares de Portugal*. Em 1946, outra coletânea: *Contos Tradicionais do Brasil*. Em 1947, publica o primeiro livro pela J. Olympio, *Geografia dos Mitos Brasileiros*⁶². Na década de 1950, as publicações na área vão se repetir quase todo ano. E o ano de 1954 é o da primeira edição do *Dicionário do Folclore Brasileiro*, com o qual Cascudo ficará mais identificado.

As publicações anteriores ao livro *Vaqueiros e Cantadores* que poderíamos enquadrar como de folclore regionalista. Enfatizando aspectos culturais da vida no sertão nordestino. E não eram temas de publicações em livros. No livro *Alma Patrícia*, publicado em 1921 pretende realizar uma crítica literária no Rio Grande do Norte; *Joio*, em 1924, com subtítulo “paginas de literatura e critica”, tenta estender as análises de

⁶² Livro que recebeu nesse mesmo ano o prêmio João Ribeiro da Academia Brasileira de Letras. Gustavo Sorá aponta no livro *Brasileiras: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro* sobre essa editora e a formação do mercado editorial brasileiro, que uma das estratégias de divulgação dos livros usadas por José Olympio, viabilizado por sua rede de contatos, era proporcionar aos livros prêmios pela Academia Brasileira de Letras.

literatura para outros locais, inclusive com uma parte sobre a Argentina⁶³, embora também apareça algumas referências ao Rio Grande do Norte. Também em 1924, *Histórias que o tempo leva*, são crônicas sobre aspectos da história local. Em 1927, *Lopez do Paraguai* e *Versos Reunidos*: o primeiro um livro de opinião política sobre o líder paraguaio e o segundo uma organização da produção de um poeta natalense. Em 1933, *Conde d'Eu*, uma narração biográfica. Em 1934, *Viajando o Sertão*, considerações sobre alguns aspectos culturais do sertão do Rio Grande do Norte a partir de uma viagem que realiza com o governador-interventor e alguns de seus assessores. Em 1938, *Marquez de Olinda e Seu Tempo*, outra narração biográfica personalista com muita descrição de natureza genealógica.

Durante o século XX, se desenvolverá no Brasil uma produção e mercado próprio do livro. Nas primeiras décadas do século se iniciará a formação propriamente dita do mercado editorial. A figura mais representativa da década de 1920 é Monteiro Lobato e a empresa que organiza voltada para editoração (AZEVEDO, CAMARGOS, SACCHETTA, 2001; KOSHIYAMA, 2006). Mas a década de 1930 é onde se solidifica o início desse mercado. A figura de José Olympio e a editora que tem o seu nome é a maior representação desse movimento.

Paulatinamente se constituirá casas editoras nacionais e a importação dos livros estrangeiros será em grande parte substituída pela edição nacional. Organiza-se a vinculação com o sistema de ensino e os livros didáticos, aumenta os volumes de livros publicados e o número de homens envolvidos em sua produção. Nacionalização e nacionalismo vão aparecer bastante no interior dessa atividade e socialmente veremos um tortuoso processo de estabelecimento da figura do escritor. O universo desses “produtores intelectuais” e os tipos de instituições variadas que se envolvem e se

⁶³ Monteiro Lobato parece ter chamado a atenção de Cascudo para a Argentina. Numa carta de 1920 a Cascudo. “Monteiro Lobato, já proprietário da Revista do Brasil e muito conhecido, escreve a Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) um intelectual então ainda inédito de uma longínqua província do nordeste brasileiro (Rio Grande do Norte). a carta é pequena, mas já documenta o empenho de Lobato na construção de uma rede entre intelectuais de diferentes pontos da América: ele anuncia o envio para Câmara Cascudo, de uma obra argentina da qual tinha recebido alguns exemplares para distribuição no Brasil:

E espero mandar-lhe um livro interessante que a ‘Nosotros’, revista argentina, encarregou-me de distribuir entre nossos homens de letras.

Esta promessa fixa a figura de Monteiro Lobato como intermediário e difusor da literatura Argentina no território brasileiro, pondo escritores do país vizinho em circulação não só além das fronteiras argentinas, mas também além do eixo Rio-São Paulo.” (Marisa Lajolo, 2004).

vinculam é bastante variado, bem como diversas são as situações quando se olha para espaços sociais específicos nesse universo⁶⁴.

2.1 ENTRE O REGIONALISMO E O FOLCLORISMO

O livro *Vaqueiros e Cantadores: folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará*, foi um dos produtos iniciais da inserção de Cascudo como um folclorista⁶⁵ no mercado editorial e intelectual brasileiro. Expressou uma valorização intelectual de alguns elementos da cultura popular que não tinham sido ainda abordados dentro de um registro erudito. A erudição se coloca a serviço da expressão da vida de vaqueiros e cantadores no sertão de alguns estados nordestinos. A possibilidade de produção de um trabalho dentro dessa temática também expressa a crescente legitimidade de tratar da cultura regional. Desde a década de 1920, o regionalismo é colocado como questão na vida intelectual brasileira. A região Nordeste é a que se torna *a região* por excelência desse movimento regionalista. Processo que

⁶⁴ Para uma visão geral das transformações culturais no mercado intelectual, desde as origens familiares dos escritores até as situações editoriais e as relações com políticas estatais, ver Miceli, (1988, 2001, 2004, 2005); para uma avaliação sintética do nacionalismo nas coleções das editoras no período, Pontes (1989). A década de 1930 apresenta diversos momentos que caracterizam a exacerbação de conflitos sociais e políticos. Vemos a revolução de 1930, a revolução constitucionalista paulista de 1932, a organização do integralismo, de inspiração fascista, o movimento de insurreição de direção comunista de 1935, os conflitos integralistas/comunistas, a instalação de um regime ditatorial em 1937, o Estado Novo e a repressão sobre comunistas, principalmente, e a alguns integralistas. A década termina com a solidificação da via autoritária na direção estatal. Com a hegemonia de certo tipo de discurso nacionalista, apresentando-se como populista mas não democrático, nem universalista. Com a primeira solução populista autoritária organizada em Estado na figura do presidente Getúlio Vargas. Era o andamento de ferrenhos conflitos políticos pela hegemonia do poder estatal. É nessa década de 1930, por exemplo, que Mário de Andrade dirige órgão de política cultural em São Paulo, depois rejeita proposta parecida para o governo federal. Ocupa-se mais demoradamente com as pesquisas do folclore musical popular. E funda uma Sociedade de Etnologia e Folclore. São expressões da importância crescente do folclorismo na cultura brasileira e muito vinculado a políticas estatais.

⁶⁵ O pensamento folclórico, surgido como um ramo de estudos definidos no século XIX na Europa é um componente dos movimentos de “ida ao povo” em sua dimensão política e cultural na contemporaneidade. E no Brasil, acabou sendo assumido inclusive por políticas estatais. As análises de Lepenies sobre o surgimento na Alemanha da disciplina folclore mostram que “ela estava já ultrapassada no momento em que surgia. Trazia em demasia traços do sistema de ciência pré-moderno para poder se tornar, no século XIX, uma verdadeira disciplina-chave: não se distanciava de suas formas literárias primitivas, mas – ao contrário – salientava seus traços poéticos; permitia ao especialista não somente ser considerado um escritor, mas descrevia o escritor científico como seu ideal; não separava de forma alguma afirmações sobre fatos de juízos de valor, e mantinha uma orientação normativa, deliberadamente e de boa fé, pois todo autêntico folclore era, como prescrevia Riehl, moralizante.

Ao mesmo tempo em que deploravam a degeneração da sociologia alemã – a influência marxista e judaica era para eles a causa disso – os nazistas elogiavam sociólogos com Max Rumpf, Gunther Ipsen e Hans Freyer, que se vinculavam a W. H. Riehl e tentavam unificar folclore e teoria social. Em contraposição ao internacionalismo degenerado dos sociólogos ocidentais, o regionalismo de inspiração riehliana e ‘popular’ era considerado por eles como modelo.” (LEPENIES, 1996, p. 201-2).

assiste a ascensão durante a década de 1930 do romance nordestino e da figura de Gilberto Freyre. O livro *Casa-Grande e Senzala*, de Freyre, como se sabe influenciará o meio intelectual brasileiro desde a sua publicação.

Gilberto Freyre encabeça o movimento regionalista em Recife na década de 1920, influenciando toda a região e o Brasil do ponto de vista da cultura intelectual. O Manifesto Regionalista de 1925 contribui para o processo de valorização da região Nordeste como temática cultural. Cascudo não participa explicitamente desse movimento, mas o trabalho que realiza só é possível devido a esse movimento ideológico que legitima determinados temas como dignos de receberem considerações da cultura erudita. Aspectos da cultura Nordestina tornam-se tema legítimo de livros no mercado editorial brasileiro. O movimento modernista na época é outro importante movimento intelectual que, principalmente, coloca na ordem do dia a necessidade da prática de uma linguagem escrita que representasse culturalmente o português brasileiro. O modernismo e o regionalismo acabaram andando juntos para a valorização de temas da cultura popular⁶⁶. E motivou bastante o trabalho para o folclorismo nas décadas posteriores.

O livro *Vaqueiros e Cantadores* inicia-se com um texto introdutório indicando que se trata de um trabalho de mais de quinze anos. Resultado de sua constante ocupação e gosto de estar perto do “povo” e das “coisas do povo”. Cabe questionar porque só naquele momento um trabalho dessa natureza seria publicado. Cascudo poderia ter publicado antes um livro sobre algum aspecto da cultura popular. Em 1925, como temos registrado em carta a Mário de Andrade já tem quase pronto um livro sobre credences populares no sertão nordestino⁶⁷.

⁶⁶ “É com o movimento modernista nos anos 1920 que uma nova sensibilidade se configura em relação às chamadas culturas populares. A partir da obra de autores como Mário de Andrade, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, entre outros, essas manifestações culturais passam a ser consideradas não mais como sinais de um suposto ‘atraso’ cultural, mas como fontes da identidade nacional brasileira. Uma mudança significativa se processava no próprio modo de entender a noção de ‘cultura’, agora não mais como uma dimensão que se confundia com a noção de ‘raça’ em seu sentido biológico. O próprio tema da ‘mestiçagem’ virá a ganhar um sentido culturalmente positivo na obra de um autor como Gilberto Freyre.

É nesse contexto intelectual inovador que emerge a obra de Luís da Câmara Cascudo, que pode ser considerada, no século XX, como aquela de maior abrangência e de maior alcance, não exatamente do ponto de vista teórico e analítico, mas certamente no que respeita ao amplo trabalho de pesquisa, observação e registro das diversas modalidades de práticas sociais e representações classificadas como ‘folclore’ ou ‘cultura popular’ no Brasil” (GONÇALVES, 2009, p. 178).

⁶⁷ E um livro de contos onde já aparecia o título do livro de quatorze anos depois. Em carta de 30 de dezembro de 1925: “Eu tenho (pronto há 15 meses) um livro de contos do sertão. Estou balançando a

O livro faz o registro de diversos aspectos da cultura sertaneja nordestina que são temas em versos, cantados ou não. Os versos populares são os “melhores documentos da vida sertaneja de outrora” (CASCUDO, 1984a, p. 108).

É constante em Cascudo a referência a uma vida que estava se perdendo, tradições que faziam a vida mais gostosa de ser vivida, mais companheira, mais calma. Se perdendo devido ao progresso que força um regime de vida que traz sofrimento, desunião, desagregação social. Perda de elementos que permitia uma vida mais equilibrada com o meio físico e social.

Veja-se esse exemplo. Na parte dedicada ao “Ciclo do Gado” na literatura popular, Cascudo vai tratar do fim da apartação, uma festa de utilidades práticas.

Nenhuma festa tinha as finalidades práticas das ‘apartações’ do Nordeste. Criado em comum nos campos indivisos, o gado, em junho, sendo o inverno cedo, era tocado para grandes currais, escolhendo-se a fazenda maior e de mais espaçoso pátio de toda ribeira. Dezenas e dezenas de vaqueiros passavam semanas reunindo a gadaria esparsa pelas serras e tabuleiros, com episódios empolgantes de correrias vertiginosas. Era também a hora dos negócios. Comprava-se, vendia-se, trocava-se. Guardadas as reses, separava-se um certo número para a ‘vaquejada’. Puxar gado, correr ao boi, eram sinônimos. A ‘apartação’ consistia na identificação do gado de cada patrão dos vaqueiros presentes. Marcados pelo ‘ferro’ na anca, o ‘sinal’ recortado na orelha, a ‘letra’ da ribeira, o animal era reconhecido e entregue ao vaqueiro. A reunião de tantos homens, ausência de divertimentos, a distância vencida, tudo concorria para aproveitar-se o momento. Era um jantar sem fim, farto e pesado, bebidas de vinho tinto e genebra, aguardente e ‘cachimbo’ (aguardente com mel de abelha). Antes, pela manhã e mais habitualmente à tarde, corria-se o gado.

Vacas, bezerros, bois velhos, eram afastados. Só os touros, novilhos e bois de era mereciam as honras do ‘folgado’. Alguns homens, dentro do curral onde os touros e novilhos se agitavam, inquietos e famintos, tangiam, com grandes brados, um animal para fora da porteira. Arrancava este como um foguetão. Um par de vaqueiros corria, lado a lado. Um seria o ‘esteira’ para manter o bicho numa determinada direção. O outro derrubaria. Os cavalos de campo, afeitos à luta, seguiam como sombras, arfando, numa obstinação de cães de caça. Aproximando-se do animal em disparada, o vaqueiro apanha-lhe a cauda, (bassôra) envolve-a na mão, e puxa, num puxão brusco e forte, é a *mucica*. Desequilibrado, o touro cai, virando para o ar as pernas, entre poeira e aclamações dos assistentes. Se o animal rebola no solo, partas para cima, diz-se que o *mocotó passou*. É um título de vitória integral. Palmas, vivas, e corre-se outro bicho. Quando não conseguem atingir o touro espavorido pela gritaria, dizem que o vaqueiro ‘*botou no mato*’. E é caso de vaia...

cabeça feito lagartixa entre estes dois nomes – *Vaqueiros e cantadores e Sertão de inverno. ...*” (ANDRADE; CASCUDO, p. 82-3).

Ao pôr-do-sol, acabava-se. O jantar mantinha-os em jovialidade, narrando façanha, revelando derrotas alheias. Indispensavelmente havia um ou dois cantadores para ‘divertir’. O cantador, analfabeto quase sempre, recordava outras apartações, outras vaquejadas famosas, ressuscitando nomes de vaqueiros célebres, de cavalos glorificados pela valentia. Cantava-se a desafio até madrugada. Pela manhã, ao lento passo da boiada, os vaqueiros se dispersavam, aboiando [...] (Cascudo, 1984a, p. 106-7)

E Cascudo lamentava que “todo sertão está sendo cercado”.

Não há ‘apartação’ sem vaquejada mas são atos diversos. Vaquejar, na acepção legítima, é apenas procurar o gado para levá-lo ao curral. Hoje a apartação rareia. Todo o sertão está sendo cercado. A pecuária possui métodos modernos. Já apareceram veterinários. A maioria do gado é ‘raceado’, filho de reprodutores europeus ou adquiridos em Minas Gerais. Não sabem esses bois atender ao ‘aboio’. Não são bons para puxar. São touros pesadões e caros, ciúme dos donos que não desejam ver perna quebrada em quem lhes custou dinheiro grosso. O algodão assenhoreou-se das terras. O vaqueiro ‘encourado’, com sua armadura cor de tijolo, suas esporas de prateleira, seu gibão medieval, seu guantes que apenas cobrem o dorso da mão, recua. Recuam os vaqueiros e com eles desaparece a ‘gesta’ secular e anônima dos heroísmos sem testemunhas e das coragens solitárias e atrevidas. (Cascudo, 1984a, p. 108).

A própria vivência de Cascudo, emocionado com um último suspiro da tradição, é trazida ao texto para exemplificar as transformações:

Voltando do sertão do Seridó, tardinha, o auto, numa curva, deteve-se para uma verificação. Cada minuto os caminhões, os ônibus cheios de passageiros, passavam, levantando poeira nas estradas vermelhas e batidas. Iam fazer em horas o que se fazia em dias inteiros de comboio. Bruscamente, numa capoeira saiu um boi mascarado. O pequeno tampo de couro não o deixava ver senão para baixo. Vinha tropeçando, num choto curto e áspero. Perto, encourado, orgulhoso, um vaqueiro moço, louro, a pele queimada de sol, seguia, num galope-em-cima-da-mão, aboiando. Todas as cidades derredor estavam iluminadas a luz elétrica e conhecem o avião, o gelo e o cinema. O vaqueiro aboiando, como há séculos, para humanizar o gado bravo, era um protesto, um documento vivo da continuidade do espírito, a perpetuidade do hábito, a obstinação da herança tradicional. Fiquei ouvindo, numa emoção indizível. Mas o automóvel recomeçou o ronco do motor. E no ar melancólico a plangência do aboio era apenas uma recordação [...] (Cascudo, 1984a, p. 108-9)

Em diversos momentos a expressão da realidade em Cascudo assume uma narração romanceada. Os períodos curtos procuram abranger em tomadas rápidas uma gama de significados que o leitor deve criar em sua visão, com os recursos que puder contar. Se não, não fica compreensível a leitura.

A temática brasileira ganha uma força muito forte nessa década de 1930. Era uma tendência histórica que agora assumia força e amplitude muito maiores. O próprio mercado editorial tomava fôlego novo, representados principalmente pelas editoras José Olympio, Editora Nacional, Globo, Martins. E nesse início de formação desse mercado a questão da afirmação de uma nacionalidade assumia espaço importante.

E Cascudo se ocupa num livro extenso com temáticas como cultura popular e vida social regional. Mas mesmo em livros anteriores o nacionalismo se faz presente: a visão de Solano Lopez como um ditador selvagem; a abordagem das biografias com uma visão romântica dos poderes reais, mas também uma aclamação da nacionalidade brasileira. O movimento integralista também que utilizou um discurso nacionalista.

Mais uma constante nas pesquisas de Cascudo era perquirir as origens de um costume popular — e o popular aqui estava em todos os seres sociais que encontrava. As origens na história. E, muitas vezes, mostrava como determinado costume já se encontrava em sociedades antigas e até na pré-história, como no livro *Civilização e Cultura* escrito na década de 1950 e 1960. Livro que oferece um panorama de vida humana desde os primeiros tempos.

Era mais um momento de por em ação uma erudição. Envolvido na questão de identificar onde se originou determinado costume, a isso dava largos espaços e demonstrava que determinado costume já estava presente em sociedades muito antigas. Vinha de longe. Isso comportava um exercício de historicidade. Mas essa historicidade era contrariada por tratar o costume de forma fragmentária. Por dar a entender que éramos sempre o mesmo homem por toda a história. Por deixar de tratar de outros aspectos das sociedades que tornariam mais compreensivo o conteúdo e a forma assumida. A possibilidade de um trabalho intelectual que pretendia abordar a cultura popular encontrava curso aceitável e conveniente num tipo de dicionarização e enciclopedização das culturas humanas que limpava as análises dos inconvenientes do conflito e do sofrimento.

A partir da década de 1930 suas pesquisas sobre a cultura popular vão se intensificando e diversificando. Isso se reflete nos estudos sobre o Brasil, principalmente os estudos dos viajantes e outros documentos desde a época colonial. O *Dicionário do Folclore Brasileiro*, que publica em 1954 é o resultado, ao nível do registro escrito porque outras forças entram para que fosse composto o que o torna na verdade um empreendimento coletivo inclusive na própria feitura textual, de uma montagem de arquivo que Cascudo passou a acumular para oferecer base de apoio nas pesquisas folclóricas. “Publicado em 1939 *Vaqueiros e Cantadores* (Livraria do Globo, Pôrto Alegre), comecei lentamente a pôr em ordem um temário do Folclore brasileiro para simplificar as consultas pessoais. Lendas, mitos, superstições, indumentária, bebidas e comidas tradicionais, os santos favoritos do hagiolégio nacional, os folcloristas, vinte outros temas foram sendo colocados em ordem alfabética, com a indispensável bibliografia” (CASCUDO, 1954, p. XI)

No livro *Vaqueiros e Cantadores* encontra-se essa procura pelas origens de determinado costume. Numa pesquisa apaixonada e erudita. Procurando qualquer informação que pudesse ratificar a existência do costume em sociedades cada vez mais antigas. Assim, ele abre o ponto “Canto e Acompanhamento” asseverando a origem na Grécia antiga da forma do canto no sertão do Nordeste brasileiro.

Na ‘cantoria’ não há acompanhamento musical durante a solfa. Os instrumentos executam pequeninos trechos, antes e depois, do canto. São reminiscências dos prelúdios e poslúdios com que os Rapsodos gregos desviavam a monotonia das longas histórias cantadas?

O trecho tocado é rápido e sempre em ritmo diverso do que foi usado no canto. A disparidade estabelece um interesse maior, despertando atenções e preparando o ambiente para a continuação. Essa música tem outra finalidade. É o tempo de espera para o outro cantador armar os primeiros versos da resposta improvisada. No desafio, no canto dos romances tradicionais, na cantoria sertaneja enfim, não há acompanhamento durante a emissão da voz humana.

O canto amebeu dos pastores gregos, origem do desafio sertanejo, fora dessa forma. A explicação é que tocavam flauta, sirinx, instrumentos de sopro. Nenhum pastor, de Teócrito ou dos idílios e aoristos gregos, aparece senão com a flauta. Não há instrumento de corda. A harpa é posterior e pertenceu ao rapsodo, às vezes cego e, compensativamente, de melhor e mais límpida memória.

Aos pastores do canto amebeu era impossível o acompanhamento, simultâneo com os versos, uma vez que o instrumento era de sopro. Assim começara o canto alternado...

Os gregos falam de Arquíloco (falecido em 560 a.C.) e especialmente numa inovação genial. A inovação consistia à *faire déclamer le vers pendant que la cithare et d'autres instruments, quelquefois réunis à ele, faisaient entendre des espèces d'intermèdes*

(Fetis, opus cit. v. III, p. 322). O canto acompanhado teria tido, desta forma, seu início popular.

O rapsodo grego cantava ao mesmo tempo que arpejava. Ainda havia um traço do canto primitivo, isolado e solto. Como os Gregos colocavam o apoio tonal no agudo, quando nós o fazemos no grave, os sons do acompanhamento eram dados no agudo, acima da melodia entoada pelo cantador.[Cascudo remete aqui a Mário de Andrade em seu *Compêndio de História da Música*].

O rapsodo cantava acompanhado simultaneamente. Em várias passagens da ‘Odisséia’ Homero descreve o canto junto à música das harpas.

[...]

Na Idade Média os cantores acompanhavam o canto com a música instrumental. [...]

[...]

No sertão o cantador independe do acompanhamento. No fim de cada pé, findando cada linha do verso, dá um arpejo na viola ou um acorde na rabeca. Entre um verso e o seguinte, entoado pelo antagonista, executa-se um trecho musical, alguns compassos. Durante o canto, junto com a voz humana, nada, absolutamente nada. Em nenhuma outra parte, exceto o Nordeste, o desafio possui essa característica singular. Em qualquer outra parte do Brasil o canto é acompanhado juntamente.” (CASCUDO, 1984a, p. 190-1).

Cascudo tocava as modinhas brasileiras ao piano e apreciava a música clássica. Na primeira metade da década de 1930, organiza com um músico um instituto estatal para ensinar a música clássica em Natal⁶⁸. A revista Sociedade de Música – SOM, que ele e o músico fez circular é um dos documentos desse instituto. Carlos Gomes aparece com reverência em suas páginas. Aliás, o primeiro teatro construído em Natal no início do século teve como nome Teatro Carlos Gomes. Depois ganhou o nome do governador que deliberou a sua construção: Teatro Alberto Maranhão. No instituto de música Cascudo ensinou História da Música e recebeu apoio de Mário de Andrade em alguns aspectos organizativos. Cascudo homenageou Mário de Andrade no nome da sala onde ensinava, encomendando placa em Recife para ser afixada na fachada⁶⁹. Mas Cascudo

⁶⁸ Em carta de 2 março de 1933, Cascudo escreve a Mário de Andrade: “Fui nomeado professor de História da Música e adotarei seu *Compêndio*. Se V. tiver um livrinho outro que me ajude, mande.” (ANDRADE; CASCUDO, 2010, p. 244).

⁶⁹ Cascudo escreve a Mário em carta de 14 de fevereiro de 1936: “Junto encontrará você a sua revista em Natal [era a revista SOM do Instituto de Música]. É minha e do Valdemar de Almeida, seu ‘íntimo’. O pedido fora para você abrir a revisteca com duas parolagens. Não foi possível. Distribuímo-la no dia 11 p.p. Você nos faria uma caridade escrevendo qualquer coisa para o outro número e mandando, com licença da palavra, um clichê. Não se zangue. Nós não podemos comprar e o clichê é indispensável. Veja se gosta da revista. À página 4 estará a famosa decisão da congregação criando a ‘Sala Mário de Andrade’. A placa já chegou de Recife. É bonitinha como quê. Mande coisas e proteja o Instituto.” (ANDRADE; CASCUDO, 2010, p. 272). “... sob palmas todos os presentes foi descoberta a placa que tem o nome d’esse homem extraordinário, batalhador incansável pelas cousas de arte no Brasil e um dos maiores orgulho da literatura nacional” (Revista Som, n. 3, p. 9).

não dedicou um livro especificamente ao tema musical, apesar do número de publicações que chegou a mais de cem livros. Posteriormente, um de seus alunos Gumericino Saraiva, publicou uma coletânea de artigos que Cascudo escreveu dentro da temática musical.

Um dos materiais mais utilizados no livro *Vaqueiros e Cantadores* são as versões de romances que remontam a tradição vinda de Portugal. Para Cascudo não se compreende bem o sertanejo se não se considerar esse tipo de romance. “O sertão recebeu e adaptou ao seu espírito as velhas histórias que encantaram os rudes colonos nos sertões das aldeias minhotas e alentejanas. Floresceram, noutra indumentária, as tradições seculares que tantas inteligências rudes haviam comovido. [...]” (Cascudo, 1984, p. 28).

A parte final do livro trata do “desafio” entre os cantadores e tocadores de viola e rebeca. Depois de uma introdução, trata dos antecedentes identificando a origem dos desafios sertanejos na Grécia antiga. No Brasil ele vem da Europa e de Portugal em particular e não se vê nada nem no indígena nem no negro africano. Num dos artigos que escreve sobre o livro, Mário de Andrade reporta a uma presença cultural de desafios em outras culturas e não como uma coisa única do Nordeste brasileiro (ANDRADE, 1955).

No livro estão registrados os versos rimados que os cantadores sertanejos proferem em seus desafios que poderiam durar horas e até dias envolvendo uma audiência interessada. O ponto que interessa aqui é o fato do registro intelectual, erudito, que o livro pretende fazer. Mário de Andrade, além das críticas que escreve ao livro, enfatiza a importância do autor fazer esses registros. Ajudam a oferecer uma existência social e histórica aos cantadores e violeiros do sertão nordestino. Significam também a exteriorização em livro de um gosto muito vivo nos setores intelectuais do Brasil por coisas que se apontavam como feitas pelo povo e por um povo que significava uma força genuinamente brasileira. Que se ligava a outras realizações culturais históricas, como o rapsodo da Grécia antiga ou os cantadores medievais, através da colonização do português europeu, e que fazia aqui no Brasil uma feição particular dessa herança histórico-cultural.

Cascudo registra a história de Pedro Malazarte. Também a história da filha cujo pai queria casar com ela. Estão registrados na parte “documentário”. Uma parte

principal do livro é a que trata do desafio. Mas temos a parte também sobre religião, com a figura do Padre Cícero e a parte dos versos populares sobre os cangaceiros e Lampião, principalmente. Mas o leitor termina o livro muito pouco esclarecido sobre as dimensões sociais dos *vaqueiros* e dos *cantadores*. Associações são feitas a Portugal, a era medieval, a antiguidade grega, mas com o canto, o verso, o instrumento musical como entidades fechadas e isoladas do restante da sociedade.

O livro *Vaqueiros e Cantadores* foi publicado pela editora Globo, de Porto Alegre. O livro é o sexto número de uma coleção dirigida pelo professor Josué de Castro. Coleção com o nome Biblioteca de Investigação e Cultura. Por essa coleção tinham sido publicados os seguintes livros: 1) “Loucura e Crime” de Arthur Ramos; 2) “A Paraíba e seus Problemas”, de José Américo de Almeida; 3) “Mortalidade Infantil” de João de Barros Barreto; 4) “Recenseamento Torácico”, de Manuel de Abreu e o 5) “Namoros com a Medicina”, de Mario de Andrade. Na década de 1930, Josué de Castro, tendo concluído Medicina em 1929, já exercia a profissão de professor de Fisiologia, Geografia Humana, Antropologia, em sequência, nas faculdades de Recife e Rio de Janeiro. E tinha publicado vários livros, inclusive dois pela Globo.

Câmara Cascudo é apresentado da seguinte forma, ao final do livro, com alguns trabalhos publicados.

De Luis da Câmara Cascudo:

(do Instituto Histórico Brasileiro, Societé des Américanistes de Paris, Academia Nacional de História y Geografia do México, Gaea, Sociedad Argentina de Estudios Geográficos de Buenos Aires, Centro Italiano di Studi Americani de Roma, Instituto Português d’Arqueologia, Historia e Etnografia de Lisboa).

FOLCLORE (publicado)

- Animais fabulosos do Norte (Revista do Centro Polimático, Natal, 1921)
- El Caipora, Dios Selvaje (“Caras y Caretas”, n. 1331. Buenos Aires, abril de 1921).
- Jesus Cristo no Sertão (“Revista do Brasil”, S. Paulo, julho de 1922).
- Licantopia Sertaneja (“Revista do Brasil”, n. 94. S. Paulo, 1923).
- Dos cultos desaparecidos no Nordeste brasileiro (edição do centenário do ‘Diário de Pernambuco’, Recife, novembro de 1925).
- Instrumentos negros no nordeste brasileiro (“Movimento Brasileiro”, n. 3, março de 1929. Rio de Janeiro).
- As tradições do Tabu no nordeste do Brasil. ‘O Tacape’, n. 20, outubro de 1928. Recife).
- Superstições meteorológicas (‘Boletim do Museu Nacional’, março de 1929. Rio de Janeiro[...]) (CASCUDO, 1939, p. 271).

Nas cartas a Mário de Andrade, Cascudo se remete por diversas vezes a um trabalho que pretende publicar e numa carta de 12 de julho de 1925, apresenta um índice e indica quais itens que já tinha terminado. “Mando incluso o índice do meu livresco. Desde 1920 que lia e reunia notas, viajava e observava. Vamos ver [se] o *bicho* viverá...” (ANDRADE; CASCUDO, 2010, p. 51). No final da carta, temos o seguinte esquema:

“Crendices e Tradições

Tradições dos cultos esquecidos *

A. Selenolatria sertaneja *

B. Potamolatria sertaneja *

C. Tradições do Fogo, do Sol e das Estrelas *

Lendas

A. Lendas de origem indígena *

B. " " " portuguesa (europeia) *

C. " " " negra *

D. " " formação brasileira (adaptação) *

E. Lendas apoloéticas e místicas *

Parlendas e brincos infantis *

Estórias tradicionais do sertão

A. Estórias de encantamento, de castigo e de astúcia

B. Estórias e tipos populares

C. Contos etiológicos *

D. Moral e técnica das estórias sertanejas

Tradição dos Santos favoritos *

Animais fabulosos do Norte *

A. Licantropia sertaneja *

B. Caipora, deus selvagem *

Festas do ritual e da tradição

Como se vive no Sertão *

Notas e adendos”

Logo em seguida, Câmara Cascudo anota: “Os títulos sublinhados são estudos da crendice coletivamente. As crendices e tradições abrangem de Pernambuco ao Ceará, especialmente e caracteristicamente o meu Estado. Há muita novidade. O sinal * avisa os trabalhos terminados” (Cascudo e Andrade, 2010, p. 52).

Nenhum dos termos: selenolatria (idolatria da lua), patomolatria (idolatria dos rios), parlenda (palavreado), licantropia (doença mental em que o enfermo se supõe transformado em lobo; no caso aplicado a estórias folclóricas), ganharão verbetes no *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Também não tem verbete o termo “Tradição”, nem “Cultura Popular”. “Sertão” diz ser melhor referir-se a “interior”, mas este não ganha um verbete.

Cascudo e Mário de Andrade debateram em artigos a questão das disputas de violas. Mário de Andrade escreve dois artigos sobre o livro *Vaqueiros e Cantadores*. A discussão é sobre a origem da disputa nos cantadores de viola. Cascudo os caracteriza como uma existência cultural única do Nordeste brasileiro. O uso da viola é simples, com poucas notas sendo usadas. Os versos são cantados sem acompanhamento. O som entra depois de cada sequência dos versos cantados. A discussão se desenvolve com os versos criados por cada cantador, sempre um contra um. O debate envolveu também o francês Roger Bastide, que ensinava e pesquisava aspectos culturais da sociedade brasileira, e é citado diversas vezes no artigo de Mário de Andrade, publicado pela primeira vez em 1941. Bastide aceita a lógica da argumentação de Cascudo. “O desafio dos gregos antigos, tal e qual o desafio brasileiro, deve ser ligado, para que se compreenda bem, à existência de uma sociedade dualística em que ritos de união são precedidos de ritos de luta amistosa” (BASTIDE apud ANDRADEa, 1955, p. 270). “Conforme Câmara Cascudo, o desafio é de pura importação ibérica, pois nada encontrou de equiparável a ele entre os ameríndios do Brasil e os negro-africanos. Dando como certas estas afirmações do admirável pesquisador norte-rio-grandense, procura o prof. Roger Bastide explicar semelhante curiosidade” (ANDRADEa, 1955, p. 270). Mário de Andrade se contrapõe a argumentação e vai apresentar possibilidades de presença do desafio nas culturas negras africanas e no ameríndia. Principalmente em relação a cultura de origem africana. “Eu creio que são muito numerosos os exploradores e viajantes que nos contam ser a improvisação textual um dos processos mais tradicionanlizados no canto dos negros da África.[...]” (ANDRADEa, 1955, p. 271), e apresenta fontes. Em outro artigo, publicado pela primeira vez em 1940 no *Diário de*

Notícias, Mário de Andrade antes de criticar alguns pontos que não revogam de forma alguma a contribuição do trabalho, faz uma síntese do livro.

Escrito naquela linguagem, tão alerta e pitoresca, a que já nos acostumou o ensaísta potiguar, *Vaqueiros e cantadores* lê-se de uma assentada, com o encanto mais inconsequente da literatura de ficção. E não é qualidade de menor valia, a graça, o a propósito com que Luíz da Câmara Cascudo sabe bordar as suas digressões e ensinamentos técnicos, com observações vivazes, anedotas bem caracterizadoras e os recursos vários do seu estilo. Mas, a verdade é que um livro, como o que ele acaba de nos dar, disfarça em sua leitura agradável estudos numerosíssimos, pesquisas exaustivas, de uma sinceridade muito honesta, de que raros ainda são capazes entre nós, em assuntos de folclore. E, como soma de tudo isso, *Vaqueiros e cantadores* reúne uma quantidade de informações de primeira mão, referências e verificações de ordem crítica, que o tornam especialmente valioso para o conhecimento da matéria popular brasileira. (ANDRADE, 1955b, p. 191).

E no artigo *O canto do cantador*, publicado por Mário de Andrade no jornal *Folha da Manhã* em 1944, este critica a apreciação de Cascudo em ver os cantadores nordestinos como possuindo cantos rudes.

Luíz da Câmara Cascudo, nos seus “Vaqueiros e Cantadores” não sei bem porque, passa uma enorme descompostura na voz e na maneira de cantar dos cantadores nordestinos. Embora ele conheça dez vezes mais o assunto que eu, não creio tenha muita razão, pois pude escutar numerosos cantadores no Nordeste e nada percebi de “voz dura, hirta, sem maleabilidade, sem floreios, sem suavidade” nem várias outras expressões com que o meu amigo potiguar xingou os cantadores em geral. Eu imagino que ele se postou num ângulo preconceituoso de crítica, o mesmo do antiquado Fétis que ele cita, ajuizando do cantador conforme um belcanto de escola. Não é possível. (ANDRADE, 1984, p. 381).

Os escritos de Cascudo nas décadas de 1920 e 1930 se apresentam com os seguintes componentes temáticos: apreciações literárias; cultura regional e folclore; biografias históricas; crônicas sobre a cidade de Natal. O texto curto e rápido é a forma dominante. O que mostra já neste momento uma tendência que acompanhará o autor em todos os trabalhos que realizará. Tendência que a própria condição regional enfatizará. Sendo que o folclorismo era uma parte mínima no interior desses temas, compostos por uma atenção a poesia do seu estado; a defesa da monarquia; a crítica aos defensores de Lopez do Paraguai; biografias reduzidas a atos individuais com ênfase nas ligações e descendência familiares.

Desde o início da década de 1920, Cascudo publica artigos que podem ser chamados de folclóricos. Mas, nesse espaço de vinte e um anos que vai de 1918, quando publica o primeiro artigo no jornal do pai, até 1939 quando publica esse primeiro livro folclórico, são relativamente poucos os textos nessa temática. E nenhum dos livros remetem especificamente ao folclore. O folclore de Cascudo se desenvolve também no clima da ascensão do regionalismo nordestino.

Alguns textos publicados anteriores a publicação de *Vaqueiros e Cantadores*, que podem ser remetidos à temática folclórica:

- Em 1918, no jornal *A Imprensa*, publica “A Missa do Galo”: “A civilização afugenta as festas de tradições populares” (Mamede, 1970, p. 168).

- Em 1920, numa “Revista do Centro Polymathico” de Natal publica um texto com o título “Animais fabulosos do Norte”.

- No livro “*Joio: páginas de literatura e crítica*”, publicado em 1924 pela gráfica do jornal *A Imprensa*, temos um texto cheio de elogios sobre o livro de Gustavo Barroso *Ao Som da Viola*. O texto tem o mesmo título do livro de Barroso e critica o pensamento que coloca os estudos sobre a cultura popular como sem importância e estabelece uma tradição nesses estudos citando alguns autores.

- Na *Revista do Brasil*, que desde 1918 é propriedade de Monteiro Lobato, publica o texto “Aboiador”, em julho de 1921. “Jesus Cristo no sertão”, em julho de 1922 e “Licantropia sertaneja”, em outubro de 1923.

- Em 1924, na revista “*Caras y caretas*” publica “El Caipira”.

- Em 1928, na revista “*Tacape*” publica “As tradições do tabu no Nordeste do Brasil”.

- Em 1929, na revista “*Movimento brasileiro*”, publica “Instrumentos musicais dos negros no Brasil”. No mesmo ano no “*B. Mus. Nac.*” publica “Superstições meteorológicas”. Também nesse ano no jornal *A República*, publicou “A tradição das estrelas cadentes e dos remoinhos”; também “Notas de filologia”: “registos termos e frases clássicas ainda existentes no sertão nordestino” (Mamede, 1970, p. 189).

- Em 1930, no jornal *A República*: “Piauy, terra esquecida...”: “Notas sobre sua história e folclore”.

- Em 1932, no “Boletim do Ariel”, publica “Versos Viajantes”. Também nesse ano na “Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte”, publica “A tradição popular norte-riograndense sobre D. Antônio Felipe Camarão”.

- Em 1934, na “R. nac.” publica “Um conto indiano no sertão brasileiro”; na “R. do Instituto Archeologico, Histórico e Geográfico de Pernambuco”, publica “Anhaga, mito de confusão verbal”.

- Em 1935, no “Boletim de Ariel o texto “Estudos aposentados”, sobre a importância de se publicar “as obras mestras da etnografia brasileira”, (Mamede, 1970, p. 100); na “Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte”, “As lendas de Extremôz”.

- Em 1936, pela revista “Panorama”, publicou o texto “As aves no folclore brasileiro”; também nessa revista, “Os índios conheciam a propriedade privada?” e ainda “A criação do homem entre os índios do Brasil”; pela “Revista do Arquivo Municipal”, o texto “Uma interpretação da couvade”. Textos que serão republicados no livro *Informação de História e Etnografia* (Cascudo, 1944).

- Em 1937 publica “Notas sobre o catimbó” (Freyre, Gilberto et al. Novos estudos afro-brasileiros (segundo tomo). Trabalho brasileira, p. 75-129 (Bibl. divulg. Cient. 9)” (Mamede, 1970, p. 565).

- Em 1938, na “R. marit. Bras.” O texto “Peixe no idioma tupi”.

São os seguintes os livros publicados por Cascudo até 1939:

Em 1921, *Alma Patrícia, critica litteraria*, publicado em Natal pelo Atelier Typ. M. Victorino. Em 1924, *História que o tempo leva... (Da história do Rio G. do Norte)*; publicado em São Paulo pela editora Monteiro Lobato & Co. Também no mesmo ano *Joio (paginas de literatura e critica)*, publicado em Natal, pela Off. Graph. D’A Imprensa. Em 1927, *Lopez do Paraguay...* publicado em Natal na Typ. d’ “A Republica”. Em 1933, *Conde d’Eu*, publicado em São Paulo pela Ed. Nacional dentro

da coleção Brasileira, número 11. E em Natal, pela Imprensa Oficial, *A Intencionalidade no descobrimento do Brasil*, com 30 páginas. Em 1934, *O mais antigo marco colonial do Brasil*, publicado em Natal: Centro de Imprensa, com 18 páginas. E *Viajando o Sertão*, em Natal, pela Imprensa Oficial, com 52 páginas. Em 1936, *O Brasão Holandês do Rio Grande do Norte (Tentativa de interpretação)*, publicado em Natal, pela Imprensa Oficial, com 15 páginas. E *Em memória de Stradelli. Biographia, jornadas geográficas, tradições, depoimentos, bibliografia...*, publicado em Manaus, pela Livraria Clássica. Em 1938, *O Doutor Barata, político, democrata e jornalista, Bahia - 1762, Natal - 1838*, publicado na Bahia pela Imprensa Oficial do Estado, com 68 páginas. Também, *O Marquez de Olinda e seu tempo (1793-1870)*, publicado em São Paulo pela Ed. Nacional, na coleção Brasileira, número 107. Em 1939, *Governo do Rio Grande do Norte (Cronologia dos capitães-mores, presidentes provinciais, governadores republicanos e interventores federais, de 1897 a 1939), com 195 biografias e dados administrativos, históricos e econômicos*, publicado em Natal, pela Livraria Cosmopolita.

As publicações dos livros de Cascudo em sua maioria aconteceram em Natal. Mas dois dos trabalhos mais longos foram publicados em São Paulo. São dez publicados em Natal, três em São Paulo, um em Manaus, um em Salvador e um em Porto Alegre que é o *Vaqueiros e Cantadores*. A presença de publicações de livro na capital federal, que aparecerá em maior número em períodos subsequentes, aqui não tinha ainda começado.

Publicados em editoras privadas são seis, incluindo um pela gráfica do jornal do pai. E por editoras estatais são oito. Das seis editoras privadas, três são em São Paulo e três são em Natal. Os livros publicados em Salvador e Manaus têm financiamento dos governos estaduais.

Depois do livro *Vaqueiros e Cantadores* muitos outros se seguirão, abordando diversos temas do folclore. De início fontes que serviria as pesquisas folclóricas, como reuniões de contos e trabalhos de narração de viagens, memórias ou interpretações históricas.

2.2 A VAQUEJADA NORDESTINA

O tema do vaqueiro e da vaquejada foi uma constante nas elaborações de Cascudo. O mercado editorial nacional pedia para que contasse das coisas de sua região. Coisas de que gostava, mas que no período de 1920 não lhe apareciam como podendo ser tema para um livro. As demandas que partiam de individualidades representavam na verdade um novo clima intelectual no Brasil. em Cascudo tinha impacto os trabalhos de Gustavo Barroso. As posturas e incentivos de Mário de Andrade. Na década de 1930 também o mercado editorial e a própria ideologia do Estado Novo, com o apelo nacionalista de uma cultura nacional. Com a atividade de professor de história em Natal e com todos os vínculos que lá estabelecia na vida social e nas estruturas de poder, não seria no romance nordestino que Cascudo se colocaria no mercado editorial. Na década de 1930 o Nordeste é instituído na cultura nacional (Sorá, 2010) e o romance nordestino se estabelece no mercado cultural e editorial. A conjunção dessas coisas leva Cascudo a trabalhar com o folclore brasileiro e particularmente da região nordeste. As décadas de 1940 e 1950 vão significar para ele o aprofundamento completo nesse setor. A ação do Estado brasileiro nesse trabalho cultural é patente. No caso de Cascudo, muitos dos livros que publicou talvez não tivessem existido se não fosse os espaços que as estruturas estatais abrirão para esses tipos de trabalho. No estado do Rio Grande do Norte são os exemplos mais significativos os livros *História da Cidade do Natal*, publicado pela prefeitura de Natal em 1947, e *História do Rio Grande do Norte*, publicado em 1955. Sendo que este último editado pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura. A dedicatória é para o governador do Rio Grande do Norte: “ao Sylvio Piza Pedroza, a quem dediquei a ‘História da Cidade do Natal’ ofereço esta ‘História do Rio Grande do Norte’ porque ambas ressurgiram sob a égide de sua vontade generosa” (CASCUDO apud MAMEDE, 1970, p. 64). O Dicionário do Folclore Brasileiro, publicado em 1954, pelo Instituto Nacional do Livro, do Ministério da Educação e Cultura, como o grande exemplo de publicação possível pela ação do estado federal. Durante a década de 1950 o Serviço de Informação Agrícola, do Ministério da Agricultura, mantinha a coleção Documentação da Vida Rural⁷⁰. Nela

⁷⁰ “Organizado em 1951, o plano de DOCUMENTAÇÃO DA VIDA RURAL tem sua execução a cargo do Serviço de Informação Agrícola, do Ministério da Agricultura.

Cascudo publicou dois livros: *Tradições Populares da Pecuária Nordestina* (1956) e *Jangadeiros* (1957). Nesse primeiro livro consta a foto de Cascudo ao lado de um vaqueiro, expressando a relação entre o intelectual erudito que se aproxima, que estão junto ao povo. E não se importa de colocar-se abaixo daqueles que considera o dono da criação cultural mais legítima. Numa época de populismo político, o populismo intelectual se realiza. E o folclore é o único veio intelectual que pode dar conta desse tipo de relação, que convém a esse tipo de relação. A foto é populista porque a relação se dá sobre a égide do folclore. Que possibilita a fragmentação da cultura, na elaboração e na representação social, dissociação a estrutura social da vida cultural. E afastando as implicações que tais relacionamentos trariam.

Figura 6 – o intelectual e o vaqueiro.

Em 1969, o então Instituto Joaquim Nabuco e Pesquisas Sociais, publica conjuntamente com o Ministério de Educação e Cultura, um pequeno livro de Cascudo com o tema *A Vaquejada Nordestina e sua Origem*. O livro contém um texto introdutório de Sylvio Rabello intitulado “Duas palavras sobre novo ensaio de Luis da Câmara Cascudo”. Sylvio Rabello remete-se a “problemas regionais”, a “problemas do

Destina-se este plano à elaboração de amplo documentário da vida rural brasileira, no que ela tenha de expressivo e fundamental, abrangendo não somente aspectos gerais de estabelecimentos agropecuários – engenhos, fazendas, garimpos, estâncias, sítios, etc. – como, também, aspectos peculiares de atividades do meio rural – feiras, meios de transporte, habitações, trabalho, etc. – destacando-se, ainda, as manifestações folclóricas ligadas aos respectivos ambientes, tais como danças, festas, cantos de trabalho, etc.

O plano de DOCUMENTAÇÃO DA VIDA RURAL compreende estudos, monografias, filmes e gravações”. Veja-se orelha do livro (CASCUDO, 1956).

Nordeste agrário e pastoril”, falando do trabalho do Instituto Joaquim Nabuco voltado a esses problemas. E sobre o texto de Cascudo, diz:

Trabalho publicado em primeira mão na revista portuguesa ‘Douro-Litoral’ e posteriormente em avulso pela Imprensa Universitária de Pernambuco, agora com o título de A Vaquejada Nordestina e sua Origem, reaparece refundido com informações mais precisas e notas eruditas que lhe dão novo interesse não só como exemplar a mais da numerosa bibliografia de Câmara Cascudo, mas como contribuição mais rica ao assunto de etnografia que é a vaquejada. [...] (RABELO, 1969, p. 2).

O interesse no livro vem pelo fato de ser mais um exemplar na “numerosa bibliografia de Câmara Cascudo” e de trazer uma “contribuição mais rica ao assunto de etnografia que é a vaquejada”. Numa passagem que vem logo depois, o texto oferece até um cheiro aos livros de Cascudo, o cheiro de terra. E segundo o autor Cascudo tomou a realidade “viva e bulindo”.

É na verdade para admirar que tendo escolhido a pequena província natal como residência efetiva, pudesse Câmara Cascudo adquirir o material bibliográfico que possui e sobretudo o gosto por setor de conhecimento pode se dizer virgem ou pelo menos mal explorado entre nós. E ainda: que Câmara Cascudo, fazendo exceção aos velhos hábitos livrescos de nossos autores, tivesse tomado a realidade mesma, viva e bulindo, para objeto de suas pesquisas. Não é por outro motivo que os livros de Câmara Cascudo cheiram à terra, à seiva vegetal, a suor de bicho, e tão fielmente quanto possível reproduzem a cultura nordestina naquilo que ela tem de mais popular, ou de mais ligado à vida do homem desta região, seja este morador dos povoados, ou das áreas agrícolas e do criatório. (RABELO, 1969, p. 3).

No final do livro de 48 páginas aparecem quatro fotos ocupando cada uma a página inteira e no verso das três primeiras fotos alguns comentários:

Na primeira foto um homem montado em cavalo que corre, segura o rabo de um boi, pronto para derrubá-lo. No verso da foto: “Silvio Piza Pedrosa, educado em Londres, deputado, Prefeito de Natal, Governador do Rio Grande do Norte, 1951-1956), exibe a técnica impecável da tradição vaqueira nordestina”.

Em outra Foto um homem cavalgando e o boi já derrubado. No verso da foto: “O Deputado Roberto Varela, usineiro no Rio Grande do Norte, mostra sua perícia na vaquejada”.

E mais uma foto traz homem montado em cavalo correndo e segurando o rabo de um boi. No verso da foto: “Vaqueiro-usineiro, em plena ‘mucíca’ espetacular”.

Figura 7 e 8 – governador vaqueiro.

Duas fotos do livro. Uma delas com Sylvio Pedrosa, que foi aluno de Cascudo, prefeito de Natal e governador do Estado do Rio Grande do Norte. Aparece montando cavalo e executando a mucica (pegar o boi pelo rabo e derruba-lo, numa corrida em que um segundo vaqueiro mantém o boi num caminho). Isso contém várias significações sociais. Nos textos de Cascudo sempre a expressão cultura popular é aplicada a realização culturais que não exatamente provenham do popular. Determinadas elites são também o “povo” e fazem cultura popular. O homem da elite, assim nessas fotografias, é o próprio homem do povo. Sabe e faz aquilo que é do povo. Do vaqueiro. Mas o vaqueiro, por sua vez, na verdade, também é uma categoria social bem diferenciada dentro do povo. E inserido num momento histórico e espaço social específico. Isso coexiste com todo o arco ideológico que sedimenta a perspectiva folclórica.

2.3 DEFINIÇÕES DOS TRABALHOS FOLCLÓRICOS

A inserção no mercado editorial brasileiro das décadas de 1930, 1940 e 1950, acontece pela realização de trabalhos na área do folclore. No mesmo momento em que

publica o livro *Vaqueiros e Cantadores* em 1939, Cascudo inicia uma ação sistemática de pesquisas e arquivamentos visando novos trabalhos sobre o folclore.

Em 1941, reuniu algumas pessoas em Natal e formou uma Sociedade Brasileira de Folclore. O lema em latim era *Pedibus tardus, tenax cursus*. Os passos podem ser lentos, mas a marcha é firme⁷¹. Subscrevendo o estatuto de abril de 1941, estão os seguintes nomes: Luiz da Câmara Cascudo, Luiz Tavares de Lira, Eloy de Souza, Antônio Gomes da Rocha Fagundes, Antonio Soares de Araújo, Felipe Guerra, Juvenal Lamartine de Faria, Nestor dos Santos Lima, Valdemar de Almeida, Paulo Pinheiro Viveiros, Américo de Oliveria costa, Clementino Câmara, Aderbal de França, Jeronimo Rodrigues, Luiz Veiga, Sergio Severo de Albuquerque Maranhão, Manuel Rodrigues de Melo e Aluizio Alves. A SBF não vai se efetivar realmente e até agora não encontrei nenhuma indicação de suas realizações, nem mesmo nos escritos de seu presidente. Agora, junto ao estatuto encontra-se uma série de indicações dos procedimentos para pesquisadores folcloristas que se mostra de grande interesse explicitar. O nome de Cascudo aparece apenas na relação das pessoas, como o Presidente. O trabalho de Mamede (1970), faz constar como obra de Cascudo, que é o que deixa transparecer. Inclusive em alguns momentos dos textos que acompanham o estatuto se assume um autoria individual.

SUGESTÕES PARA A COLHEITA DE MATERIAL FOLCLÓRICO

É preferível, inicialmente, a manografia, ilustrada com fotografias e musicas, sempre que o assunto comportar.

Qualquer espécie animal ou vegetal citada num trabalho deverá ser acompanhada pela sua classificação científica, no texto ou no final do livro. Essa exigência simplificará a dificuldade da identificação.

Mesmo não publicando a precedência da informação é aconselhável ao autor anotar a data, local e nome do formador, guardando o original. Destina-se essa sugestão às possibilidade de estudar variantes e deformações de um costume ou de um mito, no mesmo ponto ou noutra região, sabendo-se a data em que a nota inicial fôra registrada.

A virtude máxima do folclorista é a fidelidade. Não admitir a colaboração espontânea, inconsciente e poderosa da própria imaginação no material obtido. Não terminar as frases registradas. Fixar talqualmente ouviu. Pode ser que o 'regionalismo' seja apenas um arcaísmo legítimo. Pode ser que o habito julgado exótico reflita a sobre vivencia secular.

⁷¹ Estudando latim desde a infância, o uso de termos nessa língua, além, principalmente, do francês é uma constante nos escritos de Cascudo. O fato é que o latim se associa a erudição, a especialização social e a distinção nos círculos intelectuais dominantes com relações com o poder político.. Essas citações não se acompanhavam de traduções.

O trabalho inicial do folclorista é o de um fotógrafo sem o recurso dos retoques.

Colhendo musica não pretenda facilitar o registo dos compassos modificando o andamento. Não consulte sua estética pessoal. Ouvindo canto popular, vozes nazaladas, processos imprevistos de portamento, terminação, ampliação vocal, registre como fôr possível mas informe integralmente sobre o que encontrou. Às vezes surge um método que tudo explica se não levarmos nosso gosto pessoal, deturpando o material vivo.

Os grandes folcloristas, veteranos na obtenção de informes com o povo, ensinam a necessidade de inspirar confiança, ambientando o informador com nossa própria participação. Antes de perguntar, converse, mostre que ama o assunto, sabendo alguma narrativa, feita com simplicidade, empregando verbalismo locais, sem a pretensão de impressionar pela inteligência e sabedoria, ganhamos imensamente.

Não pergunte afirmando. É uma sugestão para a concordância, psicologicamente natural entre a gente do Povo. Conte, bem nitidamente, o que está estudando, e inicie o questionário respondendo às suas próprias perguntas, dizendo noutras terras, municípios ou Estados, o que há relativamente ao tema que é objeto do seu estudo.

Aproveite o ambiente para colheita de informações. Casamentos, batizados, doenças, mortes, trabalhos rurais estão indicando a orientação para as nossas perguntas.

Sébillot, Santyves, Van Gennep, técnicos em ouvir e registrar a tradição popular, aconselham em promover as palestras fora das residências ou âmbito de trabalho dos informantes. Levá-los para nossa casa, passear, e melhor que ouvi-los em suas próprias moradas porque, dizem eles, a presença de pessoas da família ou do próprio consulente no cenário domestico, perturba a confidencia. Lembremos que um inquérito de FOLK-LORE exige uma confiança suprema. O nosso trabalhador rural, pescador, soldado, marinheiro, caçador, mulheres de varias profissões, julgam que aquelas perguntas constituem uma zombaria do letrado ou uma forma inédita de humilhá-los ou compremete-los. Há quem resista às perguntas pensando tratar-se de um função de policia secreta ou lançamento de um imposto, imprevisto e capcioso.

Nunca aceitar informações de uma só conversa. Tente-se endossá-las com o segundo, e discreto, interrogatório. Haverá sempre pequenas modificações, para melhor.

Na colheita musical escrever sempre um dos versos na pauta para que seja mais claro compreender-se a divisão poética ou peculiaridades na silabação.

Impressione-se com as narrativas trágicas e tenha pavor do que parecer apavorar o narrador. Sem essa participação a confidencia vai esfriando.

Cuidado com o riso. Uma gargalhada incontida põe toda uma boiada a perder...

Para a colheita de assuntos religiosos, macumbas, candombés, xangôs, catimbós, fique solidário com a turma informante. Coma, beba, dance, caretêie, salte, se tanto verificar seja indispensável para inspirar amizade. Seabrook, no Haiti, bebeu sangue quente de boi. O padre Colbacchini, entre os Orarimugudoges do Mato Grosso bebeu aluá de milho mastigado pelas velhas. Folk Lore e Etnografia tem seus mártires. Sacrifique-se...

Jamais deduza na presença dos seus informantes. Em musica não proponha soluções clarificadoras do desenho melódico ou mais uma pancada no batoque. O informador pode concordar e essa nota está viciada, incompleta e falha.

Só interessa o Folclorista escrevendo sobre material honestamente registado. Examine minuciosamente sua colaboração pessoal. Verifique se há reminiscência de leitura ou o terrível **penso-que-ouvi**, que é o macaco na loja de louça.

Não espere que seus amigos e conterrâneos julguem sua atividade meritória e digna de premio. Rudyard Kipling chamava ao Triunfo e á Derrota **those two impostors**. E são imprevisíveis em suas consequencias. O essencial, no trabalho, é a convicção de sua necessidade humana e simples. O julgamento consagrador é dispensavel. Ou adiavel.

O lema da SOCIEDADE BRASILEIRA DE FOLKLORE é apenas pedibus tardus, tenax cursu. O jabuti, por exemplo, venceu o veado em velocidade. Não é verdade que o Tempo não respeita o que foi feito sem sua colaboração?

O FOLK LORE é uma constante. Municípios, Estados, Países entreligam-se, amalgamados pela tradição poderosa. Estuda-la, fixa-la, é uma fórmula de amar racionalmente nossa terra e nossa gente. (CASCUDO, 1942, 7-9)

Ainda consta nos documentos da SBF um “Plano Geral do Inqueritos”, abordando diversos pontos: o envolvimento do folclore com a etnografia, indicando que não se deve preocupar em delimitar fronteiras; uma definição do folclore como ciência; um conceito de homem com “três vidas, harmônicas mas caracterizadas [...] vida material, espiritual e social”; a atividade deve visar “a pesquisa e o registo, o arquivamento”. Dentro do plano geral é definido a “sistemática”: a recolha “o mais possível”, mas “convem orientar a exposição, mostrando um sentido único. Esse ‘único’ é infinito porque abrange todos os aspectos da lírica, da satírica, da mística ou da religiosa populares”. E ainda trata do modo como se apresenta os versos populares, remetendo ao livro *Vaqueiros e Cantadores*; sobre a literatura oral, significando a popular e tradicional: a necessidade dela manter um laço com expressões universais: “Interessa recolher essa literatura oral desde que seja evidenciada sua área de aceitação memorial bem vasta”, suas diversas expressões e características “pertencem a um gênero universal e que devemos recolher”. O ponto “Histórias de Trancoso”: “narrativas de fadas e gênios, de animais fabulosos, tesouros encantados, príncipes valentes e pastoras modestas, um mundo gentil e sofredor onde a gloria pertence aos bons, aos fracos, aos pacientes”. E o ponto mais longo “Superstições”, tema que será uma constante nos escritos de Cascudo desenvolvidos com grande interesse, título de livros, assuntos em vários. “Superstição é o vestígio de um mito desaparecido. O gesto supersticioso é o

derradeiro traço de um rito cuja liturgia desapareceu, diluída na religião que vive em nós”. Ponto inclui o “Quadro das Superstições”, pontuando diversos elementos onde superstições se realizam, como terra, água, firmamento, vento, tempo, atos proibidos, vegetais, etc e etc e etc. “são apenas linhas gerais para pesquisas, naturalmente ampliadas e desdobradas pela observação imediata” (CASCUDO, 1942, p. 9-14).

Para quem acompanha a trajetória intelectual de Cascudo, esse documento representa uma mudança de rumo muito clara. Uma definição muito precisa de uma área de atuação, de estudos e pesquisas. Deixa transparecer leituras na área folclórica. Nesse período, Cascudo também se aproxima de Renato de Almeida, que também começa a se identificar com a área folclórica e próximo de políticas estatais. Renato de Almeida tornar-se-ia o principal organizador do movimento intelectual folclorista no Brasil. ingressou no Ministério das Relações Exteriores em 1927, “como chefe dos Serviços de Imprensa e Documentação e Arquivo” (Nogueira, 2003, p. XX). Em 1926, Renato de Almeida publicou *História da Música Brasileira*, com segunda edição em 1942⁷².

O estatuto da Sociedade Brasileira de Folclore foi impresso na gráfica do jornal oficial *A República*. O estatuto estabelece em seu artigo 16, que “as verbas serão obtidas: - a) entre os sócios, b) por subvenção oficial, c) doações, d) publicações por assinaturas, e) venda de seus impressos” (Cascudo, 1942, p. 5). A revista que pretende lançar, mas que não será publicada nenhum número, aparece com o nome “*Arquivos*”. A SBF estabelece também a possibilidade de filiações institucionais.

A decisão por uma especialidade de folclorista se deve a uma série de fatos sociais. Mas, a atuação e presença de Mário de Andrade com certeza muito influenciou Cascudo nesse direcionamento para a produção na área folclórica. Tem um artigo longo de Mário fazendo um resumo sobre a situação dos estudos folclóricos no Brasil no início da década de 40. E ele faz referências a Cascudo e a Sociedade Brasileira de Folclore, de forma a destacar o trabalho bem acertado que o mesmo está desenvolvendo. A atuação estatal de Mário, os trabalhos que sistematizava e os que implementavam no Departamento de Cultura, foi sem dúvida um incentivo para Cascudo estabelecer uma

⁷² “No Rio de Janeiro, Renato assumiu um compromisso bem distante talvez daquele que ambicionava quando ali chegou, tendo convivido por mais de quarenta anos com as facilidades e os infortúnios da carreira no Itamarati. O ex-redator da América foi funcionário do Ministério durante os desmandos do Estado Novo e esforçou-se por conciliar a diplomacia e o fomento à pesquisa da cultura popular brasileira, dedicando-se especialmente às manifestações folclóricas. Ao longo de suas atividades no Ministério das Relações Exteriores, entre outros êxitos, Renato foi responsável pela fundação da Comissão Nacional do Folclore, I Congresso Brasileiro de Folclore (1951) e do Congresso Internacional de Folclore (1954)”. (NOGUEIRA, 2003, p. XX).

sociedade em Natal. Mário, o incansável anotador que conviveu ali com Cascudo em poucos dias, mas de forma diária. Podendo apreciar parte de seu modo de registro intelectual e de pesquisa. E as análises culturais que remetia por carta a Cascudo.

2.4 O HISTORIADOR⁷³ DO RIO GRANDE DO NORTE

Em 1947, Cascudo publica uma *História da Cidade do Natal*, com dedicatória a Sylvio Piza Pedroza⁷⁴, “cuja alegria em amar e servir a Cidade do Natal é herança espiritual de três gerações fieis ao mesmo sentimento, ofereço, dedico, consagro esta viagem no Tempo, olhando a terra comum...” (Cascudo, 1999, p. 31)⁷⁵. A primeira edição de *História da Cidade do Natal*, com 411 páginas, foi publicada pela Prefeitura Municipal do Natal. Edição bastante ilustrada com fotos de Natal. Zila Mamede registra um comentário de Hélio Viana sobre a obra: “Hélio Viana comenta que o Dr. Sílvio Pedroza, prefeito do Natal, em tempo fêz editar essa *História da Cidade do Natal*, escrita por um especialista cujo renome já ultrapassou as fronteiras do Brasil, firmando-se como uma das maiores autoridades folclóricas, acrescentando que obra de tal qualidade e autoridade deve ser encarada como exemplo, por outras municipalidades brasileiras, cujas crônicas ainda permanecem engavetadas” (apud Mamede, 1970, p. 50).

Câmara Cascudo procurou sempre estar próximo da Prefeitura Municipal de Natal. Os prefeitos Sylvio Pedroza e Djalma Maranhão foi os que mais ele se relacionou, e principalmente o primeiro. Nos anos 1940 e início dos anos 1950, Sylvio Pedroza. A partir da segunda metade da década de 1950 até o golpe de estado de 1964 com Djalma Maranhão. Praticamente 20 anos interrompidos que Cascudo aparece como um participante direto das coisas da prefeitura da cidade. O prefeito Sylvio Pedroza tinha encontros

⁷³ Vários livros de Cascudo receberam a denominação “história” em seu título: “*Historias que o tempo leva... (Da historia do Rio G. do Norte)*” de 1924; “*Informação de História e Etnografia*”, de 1940; “*História da Cidade do Natal*”, de 1947; “*História de um homem (João Severiano da Camara)*” de 1954; “*História do Rio Grande do Norte*”, de 1955; “*Notas e documentos para a história de Mossoró*”, de 1955; “*Dois ensaios de história...*” e “*História da República no Rio Grande do Norte*”, de 1965; “*História da Alimentação no Brasil*”, de 1967; “*História dos Nossos Gestos*”, de 1976.

⁷⁴ Em 1952, era governador do Rio Grande do Norte o senhor Sylvio Piza Pedroza, Prefeito de Natal: Creso Bezerra de Melo, Secretário Geral do Estado: Américo de Oliveira Costa, Diretor do Departamento de Educação: Prof. Severino Bezerra de Melo.

⁷⁵ Edição comemorativa do Centenário de nascimento de Luís da Câmara Cascudo (1998), do IV Centenário da construção da Fortaleza dos Reis Magos (1998) e da fundação da Cidade do Natal (1999); Edição do Instituto Histórico e Geográfico/RN.

diários com Cascudo. Conhecido é o comentário de que saiam todo tarde para ver o por do sol no Rio Potengi ou outro local da cidade. O prefeito também conta quando leva o projeto de construção de uma avenida à beira-mar que estava para construir, para a casa de Cascudo. Ele abre espaço na mesa onde escrevia para olhar os mapas e papeladas. (PEDROZA, 1989 e 1984).

Na década de 1940 o Sr. Sylvio Pedroza é o prefeito de Natal e, logo depois, o governador do Estado do Rio Grande do Norte e uma pessoa muito próxima, um amigo de Câmara Cascudo, do qual foi aluno. Do prefeito Sylvio Pedroza partiu a deliberação de proporcionar a Cascudo o título de historiador de Natal. Também quando prefeito encomendou a Cascudo uma *História da Cidade do Natal* e, quando governador, na primeira metade da década de 1950, uma *História do Rio Grande do Norte*, publicado em 1957 pelo governo do estado e Ministério da Educação e Cultura. Em livro de Cascudo da década de 1960 sobre a vaquejada no Nordeste encontramos outra referência a Sylvio Pedroza: uma foto de Syvio Pedroza cavalgando e derrubando um boi.

Nas fotos abaixo temos três registros explicitando a presença de Cascudo junto ao poder estatal. Em outras fotos, Cascudo aparece muitas vezes ao lado do Sylvio Pedroza, mostrando sua participação ativa na administração como um verdadeiro conselheiro permanente. Nas duas primeiras, o livro é um dos destaques. Trata-se da cerimônia onde faz a entrega dos originais das história de Natal e do Rio Grande do Norte.

Figura 9 - Esta foto encontra-se reproduzida em um livro sobre o prefeito Sylvio Pedroza, reunindo textos dele. Com o seguinte comentário: “Entrega por Luís da Câmara Cascudo dos originais da História da Cidade do Natal”

Figura 10 - Outra foto registra outra produção encomendada pelo poder estadual: “Entrega dos originais da História do Rio Grande do Norte”

Figura 11 - Outro momento da participação do intelectual no poder estadual: “Assinatura da lei Sylvio Pedroza instituindo prêmios literários. Presentes os presidentes do Instituto Histórico e Geográfico, Nestor Lima, Associação Brasileira de Folclore, Luís da Câmara Cascudo e Academia Norte-Rio-grandense de Letras, Manoel Rodrigues de Melo”.

2.5 SOBRE O LIVRO *HISTÓRIA DA CIDADE DO NATAL*

Num estilo de crônicas para jornal, o livro trata de diversas coisas da cidade e pode oferecer elementos para redimensionar a percepção e a vivência política e cultural do homem nessa cidade. Merece o livro uma nova edição bem cuidada e que esteja permanente no mercado livreiro do Rio Grande do Norte, que é o espaço social para a qual ela foi realmente feita. E ainda mais particularmente para quem vive em Natal.

A abordagem da obra se lastreia no fato de que a história só é história se disser dos fatos, dos homens como eles foram e aconteceram, superando a parcialidade presente nos desejos dos particulares, seja indivíduo ou grupo. Dai a épigrafe de um francês, Pierre Lavendan: “La ville est un être vivant. Comme tout être vivant, elle naît, elle grandit, elle meurt”. Mas o homem não é apenas um ser vivo, é um ser social vivo. E é ele que constrói e modela a cidade. A cidade na verdade não vive esse curso natural. Existe cidade que quiseram ser e não foram, que surgiram e rapidamente se extinguíram. As cidades estão sempre em transformação. E em períodos diversos elas já podem ser o que não eram. Não há para a história e para a cidade esse curso natural. A sociedade, assim como realidades do mundo natural, só morrem para apontar algo que venha a existir. Natal não está fadada a morrer e ao mesmo tempo se fez morrer muito do que era, em várias fases.

O livro não procura a explicação dos processos históricos e sociais que definem as diferenças que descreve nos variados momentos. O fato existente é o que basta para dizer da história e da existência de determinada realidade. Isso, não faz desinteressante para o natalense ou quem se interesse pela cidade, ler a descrição desses fatos.

O livro não merece a denominação que leva no título de uma obra de história. O texto parece ganhar uma dimensão melhor percebida como romance. Um livro de contos bem escrito, bom de ler, que cativa o leitor e o atrai a seguir as histórias. O leitor interessado em Natal. No entanto, reafirmando a necessidade dos estudos históricos e sociais, o esforço deveria se concentrar também na explicitação das forças que levam os homens a agir; na tematização de um país colonial e colonizado; das estruturas econômicas como forças históricas; em estabelecer a dimensão social dos indivíduos particulares, nomeados, citados no decorrer do texto. Trata-se de uma maneira particular de escrever a história, mas que não oferece poder heurístico na elaboração dos elementos explicativos dessa história.

Trata-se de uma obra de história ou de acontecimentos passados romanceados? Os fundamentos da existência dos grupos e instituições não merecem do autor um tratamento sistemático. Muitos de seus capítulos têm conteúdos jornalísticos, inclusive fizeram parte de artigos publicados em jornais. A narrativa histórica se confunde com as impressões sentimentais, sensuais, empíricas do autor em sua trajetória de vida onde os espaços urbanos de Natal são partes integrantes e amadas. Propõe a história do registro do dado em si, e pensa fazer isso, mas sua condescendência às instituições tradicionais desempenha um papel ativo na construção de uma interpretação histórica e social que não foge a interesses específicos de dominação cultural. O livro é belo, é de ótima leitura, mas deve ser encarado como um romance a partir de dados concretos de existência comprovada.

Os títulos dos capítulos já indicam uma característica do livro em não estabelecer a compreensão histórica por trabalhos com conceitos historicamente construídos. Pretende-se fazer a história da cidade pelos seus espaços arquiteturais em interação com a vida dos indivíduos. Nos títulos dos capítulos vemos expressar-se mais um romance do que uma obra histórica, uma poesia presente (como sublinha Ênio Silveira na orelha do livro), um autor caminhando pela cidade e lembrando as épocas antigas dos espaços agora vividos. Assim se intitulam os capítulos:

O Santos Reis. Fundação e nome da cidade. Antes dos Holandeses. Nova Amsterdã. Guerra dos Cariris. O Senado da Câmara. Na era de Setecentos. A sociedade e os costumes. Marcha demográfica. Igrejas e vigário. A terra e a gente. Festas Religiosas. Festas populares. Como a padroeira chegou. Cidade Alta e Ribeira. Mercados da cidade. Pena de morte. Onde morava o Governo. Ensino. Médico e Saúde Pública. Teatro. Xarias e Canguleiros. Comércio e comerciantes. Bairros exteriores e centrais. Cemitério do Alecrim. Hospital. Revoluções. Luzes da cidade. Água. Transtornos urbanos. Divertimentos. Imprensa política. Correio e telégrafo. Polícia. Cidade Nova e Alecrim. Em nome da Lei. Abolição e República. Assistência. Outro rebanho de Deus. Musa, canta os poetas e escritores. Álbum de retratos. From Parnamirim Field. Trem, vapor, avião.

A cidade de Natal, como muitas cidades brasileiras, teve o seu andamento histórico definido por forças exteriores, do próprio Brasil como do exterior, principalmente Portugal. O livro mostra isso, mas com o esforço do leitor, não porque raciocine sobre isso.

O autor define vários temas a serem pesquisados. É importante saber como se deu o processo de pesquisa para colher as informações que ele registra. A escolha das temáticas que acabam nomeando os capítulos revela em muito a natureza da obra. Pode-se tomar qualquer tema em específico e mostrar como o autor o aborda revelando uma incipiência na elaboração e a ausência de questionamentos sistemáticos sobre o que vai sendo pesquisado e desenvolvido. Cascudo, ao que nos parece, não executou trabalhos sistemáticos de reelaboração de seus escritos, tratando de publicá-los em suas primeiras elaborações. Na história, sua limitação científica estabelece-se por uma atitude passiva frente ao dado, que acaba sendo fator ativo na elaboração das explicações discursivas da elite para a sociedade e para si mesma. No campo da história não se vê Cascudo trabalhando a explicação histórica tendo em vista os parâmetros das construções conceituais de uma cultura científica moderna. Cascudo não trabalha a história identificando as lutas sociais dos grupos e situando os conflitos nas razões históricas da história moderna.

3 – LIVROS E IDÉIAS DE CASCUDO

“...você é um exemplo quanto pode um homem estudioso fazer pela sua terra e país dentro de um quarto modesto, no meio de livros antigos e novos com uma máquina de escrever e um cérebro em função.”

Eloy de Souza citado em Cascudo, *Acta Diurna*, 1946.

3.1 PUBLICAR É PRECISO...

Cascudo esteve envolvido durante toda a sua vida em produções intelectuais. O jornal, o livro, a revista, o ensino, as encomendas para o governo municipal, estadual e federal, para a Igreja, para agentes privados como Assis Chateaubriand. As publicações em revistas de institutos históricos e geográficos, principalmente o do Rio Grande do Norte.

A atividade intelectual de Câmara Cascudo esteve vinculada desde o início diretamente à publicação. Publicou dezenas de livros e centenas de artigos em jornais e

revistas entre as décadas de 1910 e 1970. A pertença ou associação com instâncias sociais, como a própria família, permitiu que tivesse acesso a um serviço extremamente custoso que era a impressão gráfica e a confecção de livros desde os primeiros anos que começou a publicar.

O levantamento dessa produção bibliográfica feito por Zila Mamede e publicado em 1970 pela Fundação José Augusto, órgão da administração estadual do Rio Grande do Norte criado na década de 1960 e que acabou ficando responsável em gerir as coisas comumente tidas como culturais (bibliotecas, museus, revista, jornal, teatros, gráfica e publicações), teve a participação próxima do próprio Cascudo, do qual Zila se tornou amiga e para a qual ele deu acesso a sua biblioteca e arquivos. O trabalho, com o título *Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual 1918/1968*, registra as referências bibliográficas das publicações de Cascudo por ano e tipo de produção até o final da década de 1960. Indica as publicações anteriores e republicações dos textos, além de outras informações. Apesar desses elementos, notamos a falta das referências bibliográficas de artigos de Cascudo publicados em periódicos identificados com o movimento modernista paulista e com o movimento integralista. Também tecnicamente não se sabe por que as publicações periódicas, jornais e revistas, não trazem o local de publicação⁷⁶.

Os artigos de Cascudo tratavam de assuntos literários, análise de livros e autores, crônicas da cidade do Natal, biografias do Rio Grande do Norte, principalmente, sertão nordestino, regionalismo nordestino e folclore. Eram pequenos artigos de uma a duas laudas. Grande parte do material foi reaproveitada em livros. Na bibliografia de Cascudo são muito frequentes as republicações. Os temas mais constantes são as biografias e história do Rio Grande do Norte e o folclore. Podem-se observar momentos de maior intensificação de um ou outro. Diversos textos, em livros ou artigos, tem uma forma mais explícita de vinculação a ideários políticos.

⁷⁶⁷⁶ Ausência também dos artigos no *Diário Nacional*. Numa carta de Mário de Andrade a Cascudo de dois de junho de 1930, temos: “Fica tudo decidido assim: sua colaboração no *Diário Nacional* sai às quintas-feiras. Não deixe de mandar sempre com bom cálculo pra que o jornal não quebre a linha. Imagine só: foi reservado o canto de cima, direita do leitor, diariamente pro que no *Diário* estão chamando ‘o primeiro team’. Somos: você, Manuel Bandeira, Ronald de Carvalho, Alcântara Machado, Carlos Drummond de Andrade, e eu. Cada um tem seu dia certo e quando falha, você compreende: é um desastre. Escangalha a página, a sensação do leitor fino que só procura a gente no jornal, é o diabo. A seção está fazendo furor, comentada, lida, aplaudida. Não esqueça de quando em vez um bocado de história daí que o público daqui gosta muito. O artigo do cangaceiro está ótimo. ...” (Cascudo e Andrade, 2010, p. 178).

3.1.1 Um quadro geral da quantidade das publicações de Cascudo em jornal

De 1918 a 1923, Cascudo tem no jornal *A Imprensa* o único espaço de publicação. São 154 artigos. Em 1918, publica 45 artigos; em 1919, 32 artigos; em 1920, 30 artigos; em 1921, 24 artigos; em 1922, 13 artigos e em 1923, 10 artigos. O número menor nestes últimos anos pode indicar que o jornal encontrava-se com dificuldades de manter a circulação. Parece ter funcionado efetivamente até o ano de 1925, porque não aparece a partir daí nenhum artigo de Cascudo publicado nesse jornal. Em 1925, Cascudo publica um primeiro artigo em outro jornal, no *Diário de Pernambuco*, intitulado “*Dos cultos desaparecidos no Nordeste*”. Em 1927, aparece apenas um artigo de Cascudo no *Diário da Manhã*.

Em 1928 é contratado pelo jornal *A República*, de Natal, e inicia uma coluna diária. Assim, nesse ano, publica três artigos nesse jornal; em 1929, 49 artigos; em 1930, 50 artigos. A diminuição no número de artigos em 1931, apenas 11, parece relacionar-se com a movimentação política pela qual passava o Brasil. O jornal *A República* era o jornal oficial das estruturas estatais no Rio Grande do Norte. Estas tinham a predominância de um grupo familiar: o dos Albuquerque Maranhão, que foi preterida na conjuntura pós-revolução de 1930. Em toda a trajetória intelectual de Cascudo, o jornal *A República* é, de longe, em que mais publica. Serão 1.545 artigos. Em termos numéricos é seguido pelo jornal *Diário de Natal*, com 683 artigos publicados. Isso mostra que sua atuação intelectual acaba se circunscrevendo ao Rio Grande do Norte e mais particularmente a Natal. Em relação aos livros, como veremos mais a frente, os números se igualam: no cômputo geral as publicações no Estado e no Brasil. Mas, as principais publicações na área folclórica tem todas locais fora do Rio Grande do Norte. O Rio de Janeiro aparecendo como o local dominante.

Durante a década de 1930 o número de artigos vai mantendo essa variação inicial: 1932, apenas quatro artigos; 1933, 11 artigos; 1934, 8 artigos; em 1935, o número sobe um pouco para 15 artigos; 1937, apenas 1 artigo. Nesse ano aparecem dois artigos no *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro. Em 1938, são oito artigos no jornal *A República*. Mas em 1939 aparece uma brusca mudança nesses números, 76 artigos publicados neste jornal, o que indica um vínculo profissional maior e um aumento na produção de Cascudo, ou até que o jornal saía de um período de circulação irregular. Nesse ano ainda aparecem dois artigos no *Diário de Notícias*. O número de artigos em 1939

coincide com a publicação do primeiro livro folclórico, *Vaqueiros e Cantadores*. E o número segue aumentando em sua quantidade: em 1940, 176 artigos em *A República* e dois no *Jornal do Comércio*; em 1941, 44 em *A República*; três artigos no *Jornal do Comércio*, de Pernambuco; na *Folha da Manhã*, um artigo e um no *Diário de Notícias*. Em 1942, são 108 artigos no jornal *A República* e sete no *Diário de Notícias*. Em 1943, chega ao número de 223 artigos publicados em *A República*; 14 no *Diário de Notícias* e dois no *União*. Em 1944, são 161 em *A República*; dois no *Manhã* e dois no *Diário de Notícias*. Em 1945, 121 em *A República*. Em 1946, 66 em *A República*. Em 1947, pela primeira vez aparece o jornal *Diário de Natal*, com 117 artigos publicados. Esse jornal passa a fazer parte do conglomerado dos Diários Associados de Assis Chateaubriand. O número indica contrato exclusivo de trabalho fixado por Cascudo. Mas, já no ano seguinte, volta a publicar em *A República*. Em 1948, são 198 no *Diário de Natal*; 64 em *A República* e um no *Jornal do Comércio*. Em 1949, são 117 no *Diário de Natal*; 75 em *A República*; dois na *Folha da Manhã* e dois na *Tribuna de Petrópolis*.

Em 1950, são 103 artigos publicados no *Diário de Natal*; 32 em *A república* e oito na *Tribuna do Norte*. O jornal *Tribuna do Norte* foi fundado em 1950 pela liderança populista emergente de Aluizio Alves, que seria governador do Rio Grande do Norte na primeira metade da década de 1960 e um dos que não foram cassados com o golpe de Estado de 1964⁷⁷. Em 1951, são 34 artigos no *Diário de Natal* e um na *Folha da Manhã*. Em 1952, 39 no *Diário de Natal* e dois na *Tribuna do Norte*. Em 1953, apenas cinco no *Diário de Natal*. Em 1954, são 27 em *O Poti*, a edição dominical do *Diário de Natal*, e um no *Diário de Natal*. Em 1955, 4 em *O Poti* e um no *Diário de Natal*. Essa diminuição dos números de artigos publicados pode estar relacionada à intensificação das publicações de livros em editoras nacionais. Apesar da maioria dos livros serem resultado de trabalhos que demoraram anos, há obviamente o esforço concentrado das versões finais dos textos. Lembramos no período, entre outras, as publicações dos livros *Cinco Livros do Povo* e *Literatura Oral*, ambos pela José Olympio, e o *Dicionário do Folclore Brasileiro*, pelo Instituto Nacional do Livro do Ministério da Educação e Cultura.

Em 1956, são 48 artigos publicados no jornal *A República*. Em 1957, 17 em *A república* e cinco em *O Estado de São Paulo*. Em 1958, são 32 artigos em *O Estado de São Paulo*, o que indica contrato com esse jornal, e três em *A República*, um no

⁷⁷ Ver Dreifuss e Germano.

Shopping News e um na *Tribuna do Norte*. Em 1959, *A República* volta com toda força, são 150 artigos publicados nesse jornal, três em *O Estado de São Paulo* e um em *A Gazeta*, de São Paulo. Em 1960, 85 em *A República*; três no *Correio da Manhã*. A década de 1960 mostra o encerramento de publicações em jornais. Em 1961, foi apenas um no *Diário de Natal*. Em 1962, 67 no *Diário de Natal*. Em 1965, apenas um no *Jornal do Comércio* e um no *Correio Brasiliense*.

Na década de 1970, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte iniciou a publicação de uma série de livros reunindo esses artigos, com o título de *O Livro das Velhas Figuras*. São os artigos que apareceram sob a coluna *Acta Diurna*, nome que inicia a utilizar em 1938.

Os contratos mais longos e que provocarão o maior número dos artigos são com o jornal *A República*, depois com o *Diário de Natal*. A grande maioria dessas publicações aconteceu em Natal. O volume maior se estende de 1939 a 1959.

3.1.2 Um quadro geral da quantidade das publicações de Cascudo em revistas

O livro de Zila Mamede relaciona artigos publicados em revistas de 1920 a 1965. Em termos numéricos as publicações em revistas são bem menores que em jornais.

A década em que mais publicou foi a de 1950: 70 artigos. Seguido pela década de 1940, com 62 artigos e a década de 1930 com 54 artigos. A de 1920, soma 18 artigos. E a década de 1960, quando diminui bastante esse tipo de publicação, apresenta 19 artigos até 1965.

A região Nordeste é o local aonde mais publica. Sendo o Rio Grande do Norte responsável por mais de 70 por cento dessas publicações. Os anos de 1949 e 1951 são os que aparecem mais artigos: quinze. Muitos publicados em revistas dos Institutos Histórico e Geográfico, sendo a *Revista do Instituto Histórico do Rio Grande do Norte*, o veículo onde mais publicou: 22 artigos. Três publicações do Rio Grande do Norte somam 56 dos 224 artigos totais. Com maior número em revistas de Natal: *Bando* e *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*.

Os temas gerais dominantes são: crítica literária, biografia no Rio Grande do Norte, folclore, história no Rio Grande do Norte, biografia no Brasil, política, história brasileira, etnologia.

De 1920 a 1929, temos a maior presença de temas folclóricos regionalistas, embora em número relativamente diminuto em relação a outros períodos, oito artigos. Duas biografias do Rio Grande do Norte e duas do Brasil.

No período de 1930 a 1935, o tema do folclore aparece cinco vezes. Em 1933, aparecem três artigos de defesa do poder imperial. Biografias de personalidades internacionais aparecem quatro, com três em 1935. Em 1936, se concentra um número de seis artigos dentro do tema folclórico. Quase não aparecendo os outros anos. Em 1940, temos dois e em 1941, três. As biografias do Rio Grande do Norte e Brasil, mantém a constância de um a dois artigos por ano. Os números de artigos do folclore vão paulatinamente aumentando na década de 1940 e em 1951 aparecem sete artigos publicados nesse tema. As biografias do Rio Grande do Norte vão aumentando também, embora em menor número, e chegam a quatro artigos em 1951. A década de 1950 é de domínio do tema folclórico. De 1952 a 1959, são trinta artigos publicados em revistas nesse tema. Ainda aparecem sete artigos de biografias do Rio Grande do Norte. Na década de 1960, o tema folclórico domina quase totalmente, apesar dos números escassos de publicação, porque é a década em que Cascudo praticamente deixa de publicar artigos em jornais e revistas. Já se acusava a predominância no trabalho de produção de livros. E é o momento dos livros mais extensos de sua carreira, como o *Civilização e Cultura* e *História da Alimentação no Brasil*. Mais é o momento em que o seu reconhecimento no meio cultural brasileiro aumenta, em que se aposenta e em que aparecem problemas na saúde que o acompanharão até a década de 1980. De 1960 a 1965, são 14 artigos dentro do tema folclórico; biografias do Rio Grande do Norte, três.

3.1.3 Um quadro geral da quantidade das publicações de Cascudo em livro

Os textos que Cascudo publicou em forma de livros, a modalidade de publicação que mais será abordada, tratam de temáticas como o folclore, a história do Rio Grande do Norte, biografias, história do Brasil, autobiografia e diversos outros aspectos da vida social, principalmente da região Nordeste. O tema de maior incidência é o da cultura popular numa perspectiva que o instituiu como um intelectual folclorista no mercado intelectual e editorial brasileiro, tendo participado do movimento organizacional dos intelectuais folcloristas no Brasil na década de 1950. Câmara Cascudo permanece no mercado livreiro brasileiro atual como um especialista na área folclórica, autor de um *Dicionário do Folclore Brasileiro*, seu trabalho mais reeditado. Identificação também

reafirmada pelas referências a ele frequentemente encontráveis quando se faz qualquer coisa que se intitule de cultura folclórica.

Podem-se quantificar os livros publicados por Cascudo estabelecendo-se alguns critérios. Um critério inicial de número de páginas considerando os livros a partir de cem páginas. Outro critério é que sejam texto integral de Cascudo e não antologias por ele organizadas ou outro material. Um terceiro critério: reedições, que são em pequeno número e só começam a acontecer mesmo na década de 1970, não serão consideradas. Também não se registrou as traduções, que são três.

Quanto ao critério de número de páginas, nesse momento não se estabelece de antemão a importância de um livro por sua extensão em números de páginas. A relatividade desse critério se constata mais uma vez também em relação aos trabalhos de Cascudo. Dois pequenos livros poderiam ser citados: *Viajando o Sertão* (1934) e *Universidade e Civilização* (discurso na fundação da Universidade do Rio Grande do Norte em 1959, publicado posteriormente). Apesar de relativamente pequenos eles encerram um significado sintético de algumas características da trajetória desse intelectual. mas, dos demais livros com menos de cem páginas, que geralmente se encontram nas relações de trabalhos do autor, muitos são opúsculos que não passam de cinquenta páginas e muitas vezes republicados em outros livros.

Dentro desses critérios, temos então, num cômputo total, sessenta e quatro livros publicados por Cascudo. A concentração maior das publicações se encontra nas décadas de 1950, 1960 e 1970. Livros em sua maioria publicados nos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, entre outros. Na década de 1920 foram quatro. Na década de 1930, cinco. Na década de 1940, três. Na década de 1950, dezoito. Na década de 1960, quinze. Na década de 1970, dezessete livros. E nos anos iniciais da década de 1980, dois. Além de edições anotadas e reunião de contos: *Antologia do Folclore Brasileiro*, primeira edição em 1944; *Os melhores contos populares de Portugal*, também em 1944; *Contos tradicionais do Brasil*, de 1946; *Trinta 'estórias' brasileiras*, de 1955 e edições anotadas de Lourival Açucena, em 1927, poeta de Natal; Alexandre José de Mello Moraes Filho (o livro *Festas e tradições populares do Brasil*, em 1946); Pedro Velho Albuquerque Maranhão, em 1954; Silvio Romero (em 1954, pela José Olympio, os livros *Cantos populares do Brasil* e *Contos populares do Brasil*); Domingos Caldas Barbosa, em 1958, para coleção na editora agir; em 1959, na mesma coleção, reunindo

poesia de Antônio Nobre; e Erland Nordenskiöld (o livro *Paliçadas e gases asfixiantes entre os indígenas da América do Sul*) em 1961.

A década de 1950 foi a que Cascudo publicou o maior número de livros. A partir desse momento, e nas décadas de 1960 e 1970, o seu nome passa a ser mais conhecido no mercado intelectual dos livros. O número de livros publicados por Cascudo nessas décadas estão muito próximos. As edições proporcionadas por órgãos estatais são em número superior as de editoras privadas. E algumas das privadas são associadas a financiamento estatais.

Na década de 1970 o mercado editorial, como todo o mercado de cultura no Brasil, vai assumindo uma dimensão mais industrializada no sentido capitalista. O *Dicionário do Folclore Brasileiro* é o que mais aparece dentro desse circuito, inclusive com edição de bolso. O livro assumia uma serventia didática evidente como apoio a determinadas pesquisas no sistema de ensino.

Pode-se constatar que o maior número de livros foi publicado na região Sudeste, nos estados de São Paulo e, principalmente, Rio de Janeiro. No Nordeste, a quase totalidade foi publicada em Natal. Rio de Janeiro e Natal são os dois estados que publicaram a quase totalidade dos trabalhos de Cascudo em livro.

No Rio de Janeiro são 26 livros publicados: um na década de 1940, 13 na década de 1950, oito na década de 1960 e quatro na década de 1970. O Rio de Janeiro foi local também de oito outras edições: duas de reuniões de contos e uma de edição anotada na década de 1940; quatro de dição anotada na década de 1950 e uma também de edição anotada em 1961. Veja-se que a concentração maior do número de publicações no Rio de Janeiro foi na década de 1950, coincidindo com o período de uma relação mais democrática na política estatal e num estado mais votado a seus fundamentos públicos. No que diz respeito às publicações de seus livros Cascudo é carioca. O local privilegiado é a capital federal do Brasil.

O total de livros publicados em Natal é 20. Três na década de 1920, um na década de 1930, um na década de 1940, quatro, na de 1950, três, na década de 1960 e sete, na década de 1970. No último período da vida, no que diz respeito a publicações de livros, é que Cascudo é provinciano. Livre do jogo nacional, já aposentado, pode se dedicar ao seu gosto mais forte. Ao moralismo e memorialismo. No final da década de 1960 e mais ainda na década de 1970, Cascudo realiza várias publicações dentro da temática memorialística. E o meio local, agora estruturado com gráfica no governo estadual e na UFRN, torna-se um leito normal para encaminhamento desses tipos de trabalho.

O total por local de publicação fica o seguinte: 26 no Rio De Janeiro, 20 em Natal, 5 em São Paulo, 5 em Recife; 2 em Porto Alegre; 2 em João Pessoa (na década de 1960 e 1970); um em Manaus e um em Aracaju. No total Cascudo também é carioca.

Considerando as editoras no geral, temos: Livros Publicados por órgãos estatais: 32; publicados por editoras privadas: 30; Publicado por editora do próprio autor: 1 (o primeiro livro); publicados pela J. Olympio: 7. Um na década de 1940, quatro na década de 1950, um na de 1960 e um na de 1970. Novamente a década de 1950 aparece como a de maior número de publicações na editora privada em que mais publicou Cascudo. O trabalho de Gustavo sorá sobre a J. Olympio também sublinha o trabalho que esse o editor que deu nome a editora sempre teve junto as figuras e aso órgãos do poder. E muitas de suas edições foram realizadas junto ao financiamento do setor estatal. Por essa editora tivemos também a *Antologia do Folclore Brasileiro*; e as edições anotadas e prefaciadas dos trabalhos de Silvio Romero; e uma *Seleção* na década de 1970. Algumas edições com selo editorias privados, são financiados diretamente por algum nível estatal.

É preciso ponderar a dimensão privada das editoras, como a J. Olympio, que teve uma história muito próxima dos financiamentos do governo federal, através de diversos tipos de contratos.

Década de 1920:

1. (1921). *Alma Patricia*. Natal, Atelier Typ. M. Victorino.
2. (1924). *Joio (paginas de literatura e critica)*. Natal, Off. Graph. d'A Imprensa.
3. (1924). *Histórias que o tempo leva... (Da historia do Rio G. do Norte)*. São Paulo: Monteiro Lobato & Co.
4. (1927). *Lopez do Paraguay...* Natal, Typ. d' "A Republica".

Foram Três publicações em editoras privadas e uma estatal (governo estadual do Rio Grande do Norte). E quanto ao local de publicação foram Três em Natal e uma em São Paulo.

Década de 1930:

1. (1933). *O Conde d'Eu*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. (Brasiliiana 11).
2. (1936). *Em Memória de Stradelli. Biographia, jornadas geográficas, tradições, depoimentos, bibliografia...* Manaus: Livraria Classica.
3. (1938). *O Marquez de Olinda e Seu Tempo (1793-1870)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. (Brasiliiana, 107).
4. (1939). *Governo do Rio Grande do Norte (Cronologia dos capitães-mores, presidentes provinciais, governadores republicanos e interventores federais, de 1897 a 1939), com 195 biograficos (sic) e dados administrativos, históricos e econômicos...* Natal, Livraria Cosmopolita.
5. (1939). *Vaqueiros e Cantadores; folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará*. Porto Alegre, Globo.

Cinco livros publicados em editoras privadas. Sendo que uma com financiamento estatal (governo-interventor estadual do Rio Grande do Norte). O livro sobre o governo do Rio Grande do Norte, foi financiado pelo poder estatal: “Mandado publicar pelo Interventor Federal Dr. Rafael Fernandes Gurjão” (Mamede, 1970, p. 43). E o livro *Em memória de Stradelli*, foi financiado pelo governo do Amazonas: “Mandado editar pelo Governo do Estado do Amazonas” (Mamede, 1970, p. 39).

Duas publicações em São Paulo (privada). Uma em Manaus (estatal). Uma em Natal (estatal). E uma em Porto Alegre (privada).

Década de 1940:

1. (1940). *Informação de História e Etnografia*. Recife, of. De Renda, Priori. (1940 e reedição em 1944, editora Tradição)
2. (1947). *Geografia dos Mitos Brasileiros*. Rio de Janeiro, J. Olympio.
3. (1947). *História da Cidade do Natal*. Natal, Ed. da Prefeitura Municipal de Natal.

Foram duas publicações em editoras privadas e uma publicação em editora estatal (prefeitura de Natal). Uma publicação em Recife (privada). Uma no Rio de Janeiro (privada). Uma em Natal (estatal).

Década de 1950:

1. (1951). *Anubis e outros ensaios; mitologia e folclore*. Rio de Janeiro, Ed. O Cruzeiro.
2. (1951). *Meleagro*; depoimento e pesquisa sobre a magia branca no Brasil. Rio de Janeiro, Agir.
3. (1952). *Literatura Oral*. Rio de Janeiro, J. Olympio. (Coleção doc. Brasileiros, dir. por O. Tarquínio de Souza, 63A). (História da Literatura Brasileira, com a dir. de Alvaro Lins, v. 6).
4. (1953). *Cinco Livros do Povo. Introdução ao estudo da novelística no Brasil, Pesquisas e notas....* Rio de Janeiro. J. Olympio. (Coleção doc. Brasileiros, dir. por O. Tarquínio de Souza, v. 72).
5. (1953). *Em Sergipe del Rey*. Aracaju, Ed. do Movimento Cultural Sergipe. (Movimento cultural de Sergipe, 4).
6. (1954). *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro. Instituto Nacional do Livro. Ministério da Educação e Cultura.
7. (1954). *História de um homem (João Severiano da Camara)*. Natal, Departamento de Imprensa.
8. (1955). *História do Rio Grande do Norte*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação.
9. (1955). *Notas e documentos para a história de Mossoró*. Natal, Departamento de Imprensa. (Col. Mossoroense, sér. C, 2).
10. (1955). *Notícia histórica do município de Santana do Matos*. Natal, Departamento de Imprensa.
11. (1956). *Geografia do Brasil Holandês*. Rio de Janeiro, J. Olympio. (Coleção doc. Brasileiros, dir. por O. Tarquínio de Souza, v. 79).
12. (1956). *Tradições populares da pecuária nordestina*. Rio de Janeiro, Serviço de Informação Agrícola. (Brasil. Doc. Vida rural, 9). (exceção no número de páginas: menos de cem).
13. (1956). *Vida de Pedro Velho*. Natal, Departamento de Imprensa.
14. (1957). *Jangada; uma pesquisa etnográfica*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação. (Col. "Vida Brasileira", dir. de J. Simeão Leal).
15. (1957). *Jangadeiros*. Rio de Janeiro, Serviço de Informação Agrícola. (Brasil. Doc. Vida rural, 11). (exceção no número de páginas: menos de cem).

16. (1958). *Superstições e costumes (Pesquisas e notas de etnografia brasileira)*. Rio de Janeiro, Antunes.
17. (1959). *Canto de Muro, romance de costumes*. Rio de Janeiro. J. Olympio.
18. (1959). *Rêde-de-dormir; uma pesquisa etnográfica*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação. (Col. "Vida Brasileira", dir. de J. Simeão Leal).

Na década de 1950 foram sete publicações em editoras privadas. Onze em editoras estatais (quatro do governo estadual do Rio Grande do Norte; seis do governo federal; uma do governo de Sergipe). Treze publicações no Rio de Janeiro (sete privadas; seis estatais). Quatro em Natal (estatal) e uma em Aracaju (estatal).

Década de 1960:

1. (1961) *Vida Breve de Auta de Souza, 1876-1901*. Recife, Imprensa Oficial.
2. (1963) Dante Alighieri e a tradição popular no Brasil: La Divina Comédia. La Vita Nuova. Il Convivio. Pôrto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
3. (1965) *História da República no Rio Grande do Norte*. Da propaganda à primeira eleição direta para governador. Rio de Janeiro, Ed. do Val.
4. (1965) *Made in Africa*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira.
5. (1965) *Nosso Amigo Castriciano, 1874-1947; reminiscências e notas*. Recife, Imprensa Universitária.
6. (1966) *Flor de Romances Trágicos*. Rio de Janeiro, Editora do Autor.
7. (1966) *Voz de Nessus*. Inicial de um dicionário brasileiro de superstições. João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, Departamento Cultural.
8. (1967) *Folclore do Brasil (Pesquisas e notas)*. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura.
9. (1967) *História da Alimentação no Brasil*. Rio de Janeiro. J. Olympio.
10. (1967) *Jerônimo Rosado (1861-1930): Uma ação brasileira na província*. Rio de Janeiro: Pongetti. (Col. Mossoroense, sér. C., v. 18).
11. (1968) *Nomes da Terra: história, geografia e toponímia do Rio Grande do Norte*. Natal: Fundação José Augusto.
12. (1968) *Coisas que o povo diz*. Rio de Janeiro, Bloch.

13. (1968) *Prelúdio da Cachaça*. Etnografia, história e sociologia da aguardente no Brasil. Instituto do Açúcar e do Alcool, Divisão Administrativa, Serviço de Documentação. (Col. Canavieira, 1).
14. (1968) *O tempo e eu. Confidências e proposições*. Natal: Imprensa Universitária.
15. (1969). *Pequeno Manual do Doente Aprendiz (notas e maginações)*. Natal: Imprensa Universitária.

Na década de 1960 foram oito publicações em editoras privadas e sete em editoras da administração estatal (uma do governo estadual do Rio Grande do Norte; duas da UFRN; uma em órgão do governo federal; uma pelo governo estadual de Pernambuco; uma pela Universidade Federal de Pernambuco; uma pela Universidade Federal da Paraíba). Três publicações em Natal (estatal). Oito no Rio de Janeiro (sete privadas e uma estatal). Uma em João Pessoa (estatal). Duas em Recife (estatal). Uma em Porto Alegre (privada).

Década de 1970:

1. (1970). *Gente Viva*. Recife, Universidade Federal de Pernambuco.
2. (1970). *Locuções Tradicionais no Brasil*. Recife, Universidade Federal de Pernambuco.
3. (1971). *Na ronda do tempo (diário de 1969)*. Natal, Imprensa Universitária.
4. (1971). *Sociologia do Açúcar (Pesquisa e dedução)*. Rio de Janeiro. Instituto do Açúcar e do Alcool.
5. (1971). *Tradição, Ciência do Povo (pesquisa na cultura popular do Brasil)*. São Paulo: Perspectiva.
6. (1972). *Ontem: maginações e notas de um professor de província*. Natal. Imprensa Universitária.
7. (1972). *Uma História da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte (conclusões, pesquisa, documentários)*. Natal, Fundação José Augusto.
8. (1973). *Civilização e Cultura (pesquisas e notas de Etnografia Geral)*. Rio de Janeiro. J. Oympio.
9. (1974). *Meu amigo Thaville (evocações e panoramas)*. Rio de Janeiro: Pongetti.
10. (1974). *Religião no povo*. João Pessoa, Imprensa Universitária da Paraíba.

11. (1974). *O Livro das Velhas Figuras* (pesquisas e lembranças na História do Rio Grande do Norte). Natal, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Fundação José Augusto.
12. (1974). *Prelúdio e Fuga do Real*. Natal: Fundação José Augusto.
13. (1976). *História dos Nossos Gestos; uma pesquisa da mímica no Brasil*. São Paulo: Edições Melhoramentos.
14. (1976). *O Livro das Velhas Figuras* (pesquisas e lembranças na História do Rio Grande do Norte). Natal, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Fundação José Augusto. V. 2.
15. (1977). *O Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied no Brasil (1815-1817)*. Rio de Janeiro. Kosmos.
16. (1977). *O Livro das Velhas Figuras* (pesquisas e lembranças na História do Rio Grande do Norte). Natal, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Fundação José Augusto. V. 3.

Na década de 1970, das publicações de livros, cinco publicações foram em editoras privadas. E onze em algum órgão da administração estatal. Oito publicações foram em Natal. Quatro publicações, no Rio de Janeiro, duas em São Paulo, uma em João Pessoa, e duas em Recife.

Na Década de 1980, temos os seguintes livros publicados:

1. (1980). *O Livro das Velhas Figuras* (pesquisas e lembranças na História do Rio Grande do Norte). Natal, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Fundação José Augusto. V. 4.
2. (1981). *O Livro das Velhas Figuras* (pesquisas e lembranças na História do Rio Grande do Norte). Natal, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Fundação José Augusto. V. 5.

As reedições, traduções, antologias e edições organizadas e anotadas podem ajudar a perceber momentos diferenciados da presença de Cascudo no mercado editorial e intelectual brasileiro, mesmo que em modalidades e setores específicos. A maioria das reedições só acontecem na década de 1970. O *Dicionário do Folclore Brasileiro*, com

primeira edição em 1954, tem uma segunda edição revista e aumentada em 1962. E outras, também modificadas, na década de 1970. É um dos poucos livros de Cascudo a sofrer alterações mais significativas para uma segunda edição. O restante, que foi reeditado na década de 1970, não recebe nenhuma alteração.

A antologia mais conhecida de Cascudo é a *Antologia do Folclore Brasileiro*. Com primeira edição em 1944, pela Martins, numa coleção de nome “A marcha do espírito”, número 15. Segunda edição revista e aumentada, pela mesma editora, em 1956, na Coleção Obras Primas, número 12. Uma terceira edição aparece em 1965 em dois volumes, também pela Martins, igualmente com modificações. Em 1944, Cascudo publica outra antologia: *Os melhores cantos populares de Portugal*. Pela editora Dois mundos do Rio de Janeiro, dentro da Coleção Clássicos e Contemporâneos, número 16, dirigida por Jaime Cortesão. Em 1946, publica outra antologia: *Contos tradicionais do Brasil; confronto e notas*. Pela editora Americ-Edit, dentro da Coleção Joaquim Nabuco, dirigida por Álvaro Lins, número 8. Publicou uma segunda edição desses contos, revista e aumentada, em Salvador, pela editora Progresso, em 1955. Outra antologia é o *Trinta “estórias” brasileiras*, publicado em 1955, pela editora Portucalense, Lisboa. São trinta estórias contadas por Luísa Freire, que trabalhou na casa do pai e de Cascudo até a sua morte em 1953.

Nas edições anotadas, temos:

Em 1927, *Versos Reunidos*. Publicado em Natal, pela Typ. d’A Imprensa, o livro reuni poesias de Joaquim Eduvirgens de Mello Açucena, pseudônimo Luorival Açucena (1827-1907), poeta natalense. Em 1946, faz a revisão e notas para a edição de *Festas e tradições populares do Brasil* de Alexandre José de Melo Moraes. Era a terceira edição do livro. No Rio de Janeiro pela editora Briguiet. Em 1954, Cascudo organiza e anota uma *Antologia* reunindo textos de Pedro Velho Albuquerque Maranhão, principal chefe político estatal das primeiras décadas republicanas no Rio Grande do Norte. Foi publicado em Natal, pelo Departamento de Imprensa do governo estadual. Também em 1954, Cascudo anota a edição de *Cantos populares do Brasil*, de Silvio Romero. Publicado no Rio de Janeiro, pela editora José Olympio, em dois volumes. É o número 75 e 75A da coleção Documentos brasileiros, dirigida por Octavio Tarquínio de Sousa. No mesmo ano, a mesma editora e dentro da mesma coleção, número 75B, Cascudo

anota edição de *Contos populares do Brasil*, de Silvio Romero. Em 1958, compila com o título *Poesia* escritos do autor Domingos Caldas Barbosa, publicado no Rio de Janeiro, pela editora Agir. Pela coleção Nossos Clássicos, dirigida por Alceu Amoroso Lima e R. Alvin Corrêa, número 16. Em 1959, também pela editora Agir e na mesma coleção, número 41, compila a *Poesia* de Antônio Nobre. São estas duas últimas edições organizadas para fins didáticos. Em 1961, introduz e anota o livro de Erland Nordenskiöld *Paliçadas e gases asfixiantes entre os indígenas da América do Sul*, traduzida pelo professor Protásio de Melo. Publicado no Rio de Janeiro, pela Biblioteca do Exército, na Coleção Taunay.

Cascudo publicou também alguns traduções do inglês, do espanhol e do francês:

Em 1940, a revista *Cadernos da Hora Presente*, publica uma tradução de Câmara Cascudo, de texto de Michael de Montaigne, com o título *Montaigne e o índio brasileiro*. Em 1942, a Companhia Editora Nacional publica dentro da coleção Brasiliana, número 221, a tradução de Cascudo do livro de Henry Koster, *Travels in Brazil*, com o título *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Sobre a tradução do livro *Travels in Brazil* Álvaro Lins diz que “ele realizou quase que uma nova obra empregando nela as suas conhecidas qualidades de historiador, sobretudo a erudição, o espírito crítico, o bom-gosto, o conhecimento do passado nas suas fontes originais, o estilo em conexão com o seu assunto” cf. Mamede (1970:640). Em 1944, a revista *Pensamento da América* publica tradução de “No átrio”, de Fábio Fiallo⁷⁸. Em 1945, o jornal *A República* publicou em três edições, tradução de três poemas de Walter Whitman. Em 1952, o Arquivo Público Estadual, de Recife publica a tradução de *Amazonian Tortoise Myths, Os mitos amazônicos da tartaruga*, de Charles Frederick Hartt.

Encomendas no Rio Grande do Norte:

O poder estatal foi um dos setores de que Cascudo recebeu encomendas para produção de livros. No Rio Grande do Norte são exemplos os livros *História do Rio Grande do Norte* (1955) e *História da Cidade do Natal* (1947). Também, *História da*

⁷⁸ Poema “En El Atrio” de Fábio Fiallo: Deslumbradora de hermosura y gracia,/ en el átrio del templo apareció,/ y todos a su passo se inclinaron,/ menos yo./ Como enjambre de alegres mariposas,/ volaron los elogios en redor:/ un homenaje le rindieron todos,/ menos yo./ Y tranquilo después, indiferente,/ a su morada cada cual volvió,/ a indiferentes viven y tranquilos/ ¡ay! todos, menos yo.

República no Rio Grande do Norte (1965) e *Uma História da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte* (1972). Publicou ainda alguns livros biográficos demandados pelo estado, como os sobre Pedro Velho (1956), Henrique Castriciano (1965) e Auta de Souza (1961). Além desses livros, escreveu diversos pequenos artigos de biografias sobre pessoas do mundo local. A igreja católica também foi uma agente que encomendou trabalhos à Cascudo. Em 1955, publicou dois pequenos livros sobre as paróquias no Rio Grande do Norte.

Cascudo construiu através desses trabalhos, e de elementos técnicos como domínio de línguas e de literaturas, uma consideração em determinados setores da sociedade de ser um erudito, dono de um vasto saber. A área em que se constituiu foi a do folclore. A de um estudioso da cultura popular.

São dezenas de títulos que o autor produziu e conseguiu publicar através de órgãos estatais regionais e nacionais e de editoras privadas pequenas ou grandes, de abrangência regional ou nacional. Os livros se referem a temas da história regional ou nacional, mais da primeira; a biografias e memórias; resultados de traduções; com temas da chamada “cultura popular” e o folclore, estes em sua grande maioria. As obras “folclóricas” vão tratar de diversos aspectos da chamada cultura popular, como: violeiros, cantadores, literatura de cordel, superstições, jangada, manifestações religiosas, alimentação, gestos, mitos, etc. Com tudo isso os meios de construção de opinião acabaram o denominando de folclorista e em torno desse tipo de temática se atualiza a representação social legítima de seu nome, através de órgãos estatais do Estado do Rio Grande do Norte e dos jornais empresariais, principalmente.

3.2 Um exemplo: intelectualidade do açúcar e do folclore

Em 1971, foi publicado pelo Instituto do Açúcar e do Alcool um livro de Câmara Cascudo com o título “Sociologia do Açúcar: pesquisa e dedução”. O livro era o quinto de uma coleção com o nome “Coleção Canavieira”, que se iniciou com o livro *Prelúdio da Cachaça*, também de Cascudo. Os publicados até aquele momento eram os seguintes, na seqüência de publicação: *Prelúdio da Cachaça*; *Açúcar* de Gilberto Freyre; *Cachaça* de Mário Souto Maior; *Açúcar e Alcool*, de Hamilton Fernandes. O volume do *Sociologia do Açúcar* de Cascudo também anuncia os próximos a serem

publicados: *Pragas da Cana-de-Açúcar* de Pietro Guagliumi e *Defesa da Produção Açucareira* de Leonardo Truda”(CASCUDO, 1971, quarta capa). A maioria desses títulos aponta para temas de natureza cultural e folclórica. Uma coisa que pode ser vista na revista que o instituto mantinha. O Instituto do Açúcar e do Alcool mantinha a revista *Brasil Açucareiro*, que na época aparecia com uma linha editorial de espaços para estudos bem característicos da tradição dos intelectuais folcloristas brasileiros. Desde 1965, inclusive, todo mês de agosto, que teve por decreto federal o dia 22 como o “Dia do Folclore”, a revista vinha fazendo uma edição especial com produções intelectuais folclorísticas⁷⁹. Por isso, entre outros fatores, essas duas obras editadas de Cascudo na “Coleção Canavieira”.

A historiadora Vera Lúcia Amaral Ferlini, que escreveu texto sobre o livro, publicado no *Dicionário Crítico Câmara Cascudo*, aponta no *Sociologia do Açúcar* uma interpretação do engenho de cana-de-açúcar no Brasil como desprovido de conflitos e contrariado pelas relações mercantilizadas, com o advento das usinas. E arremata: “Elogio da tradição e nostalgia do domínio senhorial dos bangüês, a obra de Cascudo, sob a fala macia e cativante da varanda senhorial, entremeada pelo pitoresco e folclórico, expõe a sociologia da saudade de um mundo de dominação que, apesar do açúcar, não era tão doce” (FERLINI, 2003. p. 270). O livro realmente apresenta uma realidade desprovida de conflitos, um doce engenho que fez o Brasil existir na comunhão dos espaços de convivência e de trabalho, apresentando muito mais a comunhão dos e nos espaços do que as relações de trabalho que ali se constituíram. Um doce e idílico engenho, que ao final permite até um sub-capítulo reunindo poesias que fizeram referência ao açúcar de poetas do Rio Grande do Norte e a reprodução de uma crônica sobre uma senhora de engenho falecida em 1959. O texto final intitula-se “Réquiem por Madalena Pereira” e foi publicado anteriormente em uma seção diária

⁷⁹ A própria revista, no número de agosto de 1971, registra em nota intitulada “EM AGÔSTO FOLCLORE TEM SEU DIA”: “Instituído pelo Decreto nº. 56.747, de 1965, o ‘Dia do Folclore’ é comemorado a 22 de agosto em todo o país com solenidades públicas e particulares. Ao instituir o ‘Dia do Folclore’, o Governo Federal considerou a importância crescente dos estudos e das pesquisas de Folclore, em seus aspectos antropológico, social e artístico. Fixou o dia 22, recordando nesta data o lançamento, pela primeira vez, em 1946, da palavra Folk-Lore, proposta pelo arqueólogo inglês William John Thoms. Neste decreto, o Governo determina à Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, do Ministério da Educação e Cultura, e à Comissão Nacional de Folclore, do IBECC, bem como às respectivas entidades estaduais, não só comemorem o ‘Dia do Folclore’, como associem-se a promoções de iniciativa oficial ou privada, estimulando, ainda, nos estabelecimentos de curso primário, médio e superior, trabalhos que realcem a importância do folclore na formação cultural do país.

Brasil Açucareiro, como órgão oficial do Instituto do Açúcar e do Alcool, associando-se às celebrações do ‘Dia do Folclore’ há mais de um lustro, lança mais esta edição cultural, dedicada, em grande parte, a divulgação de assuntos do nosso folclore ligados direta ou indiretamente aos aspectos humanos e sócio-econômicos da lavoura canavieira” (BRASIL AÇUCAREIRO, 1971, p.3)

que Cascudo mantinha no jornal do Rio Grande do Norte “A República”, seção “Acta Diurna”. Muitas vezes chamada de “hora da saudade”, numa alusão a seção radiofônica e em impressos que fazia a saudação dos mortos (CASCUDO, 1972, p. 186). O início já mostra o teor do texto:

Maria Madalena Antunes Pereira faleceu hoje, 11 de junho de 1959. nascera a 25 de maio de 1880.

Não posso ir vê-la, pela primeira vez imóvel e silenciosa, os olhos claros apagados e a voz sem as águas vivas da comunicação criadora.

Morreu uma dama que vencera o Tempo, Sinhá-moça do OITEIRO, menina de engenho sonoro, colméia de escravos sem tronco e sem chibata, na labuta dos eitos sem lágrimas.

Morreu aos 79 anos ainda moça. Muito mais mûça do que suas trinetas. Conservava a fôrça estuante de um júbilo espontâneo e poderoso que se derramava ao derredor como uma luz cheia de benções.

Última, derradeira sobrevivente da aristocracia rural do Ceará-mirim [região próxima a capital do Rio Grande do Norte, Natal], morre fidalga e plebéia, irmã das escravas e senhora das amigas que dominavam pelo espírito.

[Tendo escrito] o primeiro livro de memórias femininas do norte brasileiro...

... Madalena Pereira lia muito, mas a sua cultura era uma soma de intuições surpreendentes. O livro pouco trazia de ensino. Era sua vida interior que a iluminava tôda, como uma lâmpada de prata derrama a transparência clarificadora pelo [sic] amplidão informe. (CASCUDO, 1971, p. 475-6).

Além da reafirmação desse aspecto geral, pode-se mapear em detalhes o conteúdo do livro *Sociologia do Açúcar*, suas palavras, o tipo de linguagem e mesmo de algumas imagens desenhadas nas ilustrações de Hugo de Paulo de Oliveira, que colaborava permanentemente nas edições da revista *Brasil Açucareiro*, geralmente com pequenos contos que queria entrar no cotidiano da vida dos engenhos, dos finais dos anos 1960 e inícios dos anos 1970. Essa linguagem e imagens pretende expressar um realismo, mas não só tratavam de fragmentos do real e de uma forma que mais dificulta que facilita uma compreensão da vida social (AUERBACH, 2004), como também quer definir as existências sociais e históricas, pondo em ação uma crença positivista de dizer as coisas como elas são.

Uma primeira coisa que se coloca já no título do livro de Cascudo é a sua referência à sociologia. Cascudo faz referências no interior do livro a alguns nomes da tradição intelectual da Europa, mas não a Marx, ou a Durkheim, ou a Weber, mas a Tarde, a Bergson, a um freudismo, e mesmo assim muito superficialmente. Pelo conteúdo que o livro desenvolve essa referência a uma “sociologia” em seu título nada significa, porque longe Cascudo passa de uma elaboração sociológica. Parece que ele visualiza uma sociologia numa perspectiva folclórica, no sentido de uma apreciação

geral bem encontrável em alguns agentes da própria vida social. O fato também de fazer uma referência a que essa sociologia seria “do açúcar”, oferece uma força a uma coisa, o açúcar, em detrimento dos fundamentos das relações sociais que se estabeleceram na região brasileira para a produção desse produto. A sociologia deve objetar a compreensão da vida social e esse tipo de título acaba já sendo um obstáculo a essa compreensão. O “açúcar” compreende, no caso, mesmo em comentários muito limitados, uma sociologia do senhor de engenho, do escravo negro, da senhora do engenho e além de toda a limitação nos comentários a esses agentes sociais é o açúcar que acaba sendo a principal personagem e não em todos os momentos, desse romance das coisas. E a própria cana-de-açúcar é superada pelo doce. Como em vários momentos de seu estudo sobre a *História da Alimentação no Brasil*, publicada em 1967, em relação a outros alimentos, o açúcar consegue aparecer em vários momentos como um ser com vida própria a interferir junto aos homens, a definir os rumos de suas trajetórias. Os exemplos são muitos. Veja-se este: “O açúcar vem para o Brasil como um colono rico e não emigrante tolerado. Solicita unicamente o solo para a residência. Trás a matéria prima e compra na África o trabalhador. O brasileiro legítimo, indígena, não entra na comandita...” (CASCUDO, 1971, p.337). Cascudo mesmo escreve, não nesses termos, que não vai abordar os processos de produção da cana-de-açúcar. Cria um realismo que pensa dizer exatamente como as coisas acontecem, mas não passa da exposição de determinados caracteres que, mesmo esses, totalmente isolados, perdidos seus laços com os outros aspectos sociais e históricos, perdem toda a sua significação e a possibilidade de se tornarem fatores de compreensão da realidade. Comparações do livro de Cascudo com outras obras sobre o desenvolvimento social e histórico do Brasil mostrariam muito cabalmente como quase nada desse livro oferece de compreensão dos processos históricos e sociais. Isso mostra que o seu realismo apresenta-se muito limitado e hiper fragmentado, o que inclusive facilita esses seus exercícios, esses seus jogos de entretenimento particular, que junta um fragmento de costumes acontecido em variadas sociedades, tanto contemporâneas como de muitos tempos e espaços passados. Um tipo de pós-modernismo cultural, que satisfaz a um trabalho intelectual que não se importou em atualizar-se ou mesmo estar presente nas questões de seu tempo. Aliás, uma nova analogia aqui aparece para expressar os trabalhos de outros intelectuais que, segundo ele, se contentam em citar o já feito e não tratam de fazer algo novo, que são os que apenas buzina. “...Quase 70% da bibliografia contemporânea é de exegése e não

de construção. Mais buzinas que motores. Menos informação itinerante que comentários.” (CASCUDO, 1971, p.54).

Em raros momentos de seus textos Cascudo remete ao termo “sociologia” e nunca compôs livro ou ensaio ou artigo usando esse termo no título. *Sociologia do Açúcar* fica como único num imenso rol de material produzido. Não usa o termo, nem trabalha métodos e perspectivas sociológicas. O que temos no livro, na verdade, é uma anti-sociologia, na medida em que não se ocupa com as relações sociais e sim com as relações entre as coisas. Cita Gabriel Tarde, cita Ruth Benedict, em outros trabalhos, Marcel Mauss, mas muito raramente e sem aprofundar dimensões que são fundamentais nem aplicar, o que bastava, as perspectivas sociológicas, ou mesmo outras do pensamento moderno, na execução do olhar sobre os variados assuntos de que pensava estar tratando. Novamente, aqui, como na maioria de seus livros, Cascudo põe em funcionamento uma erudição no comentário de certas coisas que faz essa erudição cair num vazio. Por exemplo, no início do livro se ocupa em várias páginas em falar do costume de se mastigar a cana. Costume que se espalha por várias regiões onde a cana foi plantada, em diferentes regiões e diferentes tempos históricos. Nesse sentido, vemos um exemplo do tipo de relação que se estabelece entre erudição e cultura popular, na seguinte passagem que vem bem destacada na página 447, separada por três asteriscos em parágrafo isolado: “Zucker, sucre, sugar, zuccher, açúcar, açúcar, em alemão, francês, inglês, italiano, espanhol, português. Açúcar, açúcar, sucre, suca, o doce, na linguagem popular brasileira.” (CASCUDO, 1971, p.447).

A grande maioria dos trabalhos de Cascudo foram produzidos sob encomenda direta de diferentes agentes sociais. Já na década de 1920, ele destaca em carta a Joaquim Inojosa, pernambucano que ficou identificado com a divulgação do movimento modernista em Recife, que um dos seus livros, o terceiro a publicar, *Histórias que o tempo leva...*, foi uma encomenda do governo do Estado do Rio Grande do Norte (INOJOSA, 1968). Se não foi uma encomenda direta, o *Sociologia do açúcar* aparece como tal pelo tema diretamente ligado a instituição do governo federal, o Instituto do Açúcar e do Alcool, do Ministério da Indústria e do Comércio. E também pelo clima intelectual folclorista que animava as suas publicações.

O livro se constitui de trinta e dois capítulos, não numerados, de tamanhos que vão de pouco mais de uma página a umas duas dezenas, e com os seguintes títulos: Presença; Cana-de-Açúcar, Primeiro Sabor; Conquista sem Luta; Anatomia do Açúcar; Senhor de

Engenho; Capítulo de Bagaceira; Rapadura; Voz do Canavial; Doce... Doce; Senhora de Engenho; Indústrias de Sobremesa; Comida de Engenho; Negro de Engenho; Interlúdio da Crioula e Caiana; Sabor; Canta, Canavial!; Fantasma de Engenho; Dinheiro e Solidarismo Canavieiro; Casa-Grande e Cidade; Mel e Açúcar. Função Social do Doce; Canavial, Trabalho Macho!; Carro de Bois; Cortesia; Imagem e Representação; Religião e Moral; Parêntese do Sincretismo; Água do Lima no Capibaribe; As Mortas Dimensões da Casa-Grande; Torrão de Açúcar (Doce colaboração poética); Moagem (Pequenina antologia); Garapa; Elogio da Gulodice. Pelo menos onze desses capítulos tratam diretamente do açúcar como alimento, como doce, etc. Além de aparecer esse assunto em diversos outros momentos.

As orelhas do livro são escritas por Luiz Luna, que recorda Cascudo e a convivência na Faculdade de Direito de Recife na década de 1920, quando ele iniciava a fazer o curso pouco depois de Cascudo tê-lo concluído. Vemos uma exaltação da “personalidade” de Cascudo como um ser muito especial. O prefácio e os desenhos que aparecem no livro foram feitos por Hugo Paulo de Oliveira, que como dissemos, era um intelectual bem envolvido na revista *Brasil Açucareiro*, sempre escrevendo e publicando na revista pequenos contos sobre alguns aspectos da vida nordestina e sobre a vida nos engenhos e usinas de produção açucareira da região. Seus desenhos aparecem na abertura de alguns capítulos. No final do prefácio, escreve: “Luis da Câmara Cascudo tem enriquecido a nossa cultura com obras de inestimável valor folclórico, etnográfico, documentário, histórico e literário. A êsse precioso acervo, acrescenta, agora, a ‘Sociologia do Açúcar’ que representa o mais completo estudo jamais produzido sobre o tema, um facho luminoso de sua fulgurante inteligência a projetar, como lanterna mágica, as imagens dos Idos na utilidade atual.” (OLIVEIRA, 1971, p. 13-4).

No Capítulo “Cana-de-açúcar, primeiro sabor” temos o desenho de um negro sem camisa mastigando uma vara de cana-de-açúcar (p. 31). No capítulo “Senhor de Engenho”, aparece a ilustração de um homem de chapéu, barbudo, de casaca, calça e bota, montado em cavalo branco, segurando um chicote na extremidade de uma vara; ao fundo, vasto campo com uma casa toda avarandada e uma chaminé saindo fumaça (p. 59). No capítulo “Capítulo da Bagaceira” o desenho retrata em primeiro plano várias pessoas, um negro, sem camisa e com calça, braços cruzados, mulher com vestido, homem com longa casaca, outro com chapéu, casaca e bota, de costas, outra mulher, negra com vestido; ao fundo, casa avarandada com chaminé, entre ambos planos,

montes de cana (p. 103). No capítulo “Senhora de Engenho”, desenho sempre abaixo do título dos capítulos: no plano médio, grande varanda, grossas pilastras arredondadas, dois homens conversando; no primeiro plano, mulher, longos cabelos amarrados, vestido a partir do pescoço, só as mãos ficam de fora, vestido com muitos detalhes de linhas, segura um prato com o que parece um açucareiro (p. 151). Depois, encontraremos ilustrações nos capítulos “Comida de Engenho”: interior de uma cozinha grande sala, grande fogão de alvenaria, mulheres trabalhando à mesa (p. 169). No capítulo “Os Fantasmas de Engenho”: visão noturna com morcego, coruja, homem barbudo, mulher seminua, mais dois seres assombrosos e assombrados, um levando um burrico (p. 245). Depois no capítulo “Canavial, Trabalho Macho!”: dois negros sem camisa, com calça, de chapéu, cortam cana-de-açúcar no canavial (p. 305). No capítulo “Carro de Bois”: carroça levada por dois pares de bois, grandes rodas, num canavial, pessoa em pé; a carroça, ou carro de boi, carrega grande quantidade de cana-de-açúcar (p. 313). Depois, no capítulo “Religião e moral”: primeiro plano, mulher ajoelhada, mas aparece só sua cabeça e mão, segura mão de homem com chapéu na cabeça, barba, cassaco, a mulher faz gesto no sentido de saldar esse homem; ao fundo, uma igreja (p. 359). E no capítulo “As Mortas Dimensões da Casa-Grande” vemos uma paisagem bem idílica: no primeiro plano um cavalo sem cela ou arreios, pastando numa grama baixa; no meio, uma cerca, uma roda um muro vazado por círculos e ao fundo, num calmo e doce horizonte, grande casa avarandada, a Casa-Grande; nenhuma figura humana, algumas pequenos arbustos, nuvens no céu (p. 409).

O livro *Sociologia do Açúcar* apresenta-se como um mal reunido conjunto de textos sem nenhuma precisão na exposição dos dados históricos, nem no uso de autores citados. Isso tudo não significa que não existam afirmações sobre a sociedade e o desenvolvimento histórico brasileiro que o autor procura defender como se fosse uma coisa evidente, um acontecimento como assim se deu. Mas, aparecem como “teses” com fracas defesas além de não ter qualquer influência nas discussões no campo intelectual que discute essa história e essa sociedade. O livro praticamente não é referenciado nos estudos sobre a sociedade brasileira posteriores a sua publicação. Essa contribuição praticamente nula talvez se deva ao fato de que inexistia no livro um diálogo com a tradição de estudos sobre o Brasil produzido durante o século XX. Gilberto Freyre, por exemplo, chega a ser citado, mas é muito pouco explorado. Além disso, não é só a questão dessa ausência de citação dos autores, o próprio conteúdo do texto não reflete o

nível de discussão sobre a história e a sociedade brasileira que o campo intelectual brasileiro já tinha alcançado.

Uma das “teses”, por exemplo, mas têm-se muitas outras, que cito é a de que o uso da transformação do negro africano em escravo foi promovido pelos interesses de grupos que chefiavam tribos no continente africano: “... O branco plantou, por ação catalítica do Engenho distante, as futuras cidades ao longo das praias ocidentais e orientais do continente negro. ...” (CASCUDO, 1971, p. 193). Tanto que se formaram no litoral africano, onde nenhum grupo social vivia toda uma estrutura voltada ao tráfico negreiro. Líderes de comunidades africanas negociaram milhares de pessoas, palavra que ele não usa, para servirem ao trabalho escravo. Também o autor sugere que o trabalho do negro no Brasil, a palavra “escravo” quase nunca usa, proporcionou para eles elementos positivos, pelo regime social e de trabalho a que tiveram que se adaptar. O mais importante é ver o quanto dessas “teses” estariam presentes numa legitimação das estruturas sociais brasileiras. Inclusive, no fato de ter sido produzida por um intelectual apto a produzir artefatos culturais, por toda uma acumulação de condições sociais, e que materializa esses tipos de comentários.

4.CONCLUSÕES

“Não seria justo que no afã de nos democratizarmos e de nos socializarmos perdêssemos o respeito pela inteligência e pela cultura só porque estas se realizam por processos de ascensão e seleção que importam na sobrevivência de aristocratas entre os homens: os biologicamente superiores pelo gênio e pelo aproveitamento de oportunidades apenas teoricamente ao alcance de todos”
Gilberto Freyre. *Inglêses*

A vida social é concepção e é movimento prático, é luta de concepções e possibilidades de movimentos práticos. Lutas que não são conscientes, nem consciência de sua própria natureza de luta. Possibilidades de movimentos práticos que são também limites. A atividade intelectual, entendida num sentido restrito de empreender leituras, de ter acessos a livros, de sabê-los ler – aqui bem localizada na existência de biblioteca privada e doméstica –, e de publicar textos escritos em jornais, revistas e em forma de livros, revela-se uma atividade de acesso restrito e valorizada como símbolo de distinção social e de pertença a grupo especial. Inconscientemente determinada de diversas formas e imbuída da crença de atividade desprestigiada, desprendida, sem objetivo de lucros, vivenciando um dos pontos do cardápio das mais altas criações humanas, a criação escrita que materializa e imortaliza a atividade do pensamento. O pensamento é esse ser puro, pensamento puro, desprovido de interesses materiais ou morais. Realização do interesse espiritual do conhecer.

A atividade intelectual que Cascudo desenvolveu só foi possível devido exatamente a uma posição social determinada e delimitada, que implicava determinantes sociais materiais e simbólicos-culturais e esses determinantes e limites

delimitaram os marcos de compreensão e de construção explicativa. A atividade foi caracterizada desde o início por uma luta de posição, de colocação em posição de existência no espaço social. Desde o início empreendeu diversas estratégias, de tudo que tivesse ao seu alcance, para ganhar existência frente a escritores e instituições envolvidas na atividade intelectual em outros espaços no Brasil. Nada faria do que fez se não fosse essa busca de ocupação de espaços num campo intelectual brasileiro em formação, ocupação que implica ser ocupado.

A divisão da exposição do trabalho sobre a trajetória intelectual de Cascudo foi toda feita em função das dominâncias de temáticas das publicações. Mas o papel fundamental que desempenha no trabalho o conteúdo interno dos livros, não significa uma autonomia da obra ou uma análise interna de seu conteúdo. O estudo parte do conteúdo da letra para inferir dela características que estão fora dela. Mostra que o conteúdo da letra só se explica inserido num conjunto de relações sociais, das quais ela faz uma espécie muito particular de refração. Particular, específica, mas encaixada nessas relações sociais da vida intelectual, no encaixe mais imediato, mas também encaixado nas transformações sociais e políticas mais gerais. Procurou-se ver nas características do texto as características da vida intelectual vivida, que se sedimenta não em uma individualidade isolada, mas num conjunto de indivíduos e instituições. A atividade intelectual realizou-se através de mediações com outras esferas da sociedade. Os níveis e os momentos e as intensidades de afetação de cada esfera na esfera da atividade intelectual são muito variados, mas só esse conjunto explica a existência da atividade intelectual na forma e no conteúdo em que se realizou. A tese se baseia nessas “condições sociais”, se afastando da definição subjetiva muito comum em análises sobre o intelectual, o escritor, etc.

A atividade de produção escrita de Luís da Câmara Cascudo se explica, em parte, dentro do processo de formação do mercado editorial brasileiro das décadas de 1920 a 1940. O discurso folclórico de Cascudo de amor às coisas do povo refletia uma determinada posição no interior das classes dominantes na realização da atividade intelectual. Incluía-se nas características que assumiam um trabalho de erudição numa situação social específica caracterizada pelo analfabetismo, pela ausência de um mercado editorial autônomo, pela limitada presença de instituições de ensino.

A prática intelectual que caracterizou Cascudo, apesar de aparecer assumindo uma posição de amor às coisas culturais produzidas pelo povo, se coloca bem na lógica das

conveniências das relações sociais de dominação em diferentes esferas. A cultura popular é um produto do povo. Mas o que se apresenta é uma leitura específica de coisas que se estabelecem como sendo do povo. E a categoria povo não é passível de uma determinação delineada. A perspectiva de Cascudo é aquela que identifica o povo em locais em que ele menos se encontra. Também, essa perspectiva evita tratar das formas sociais conflituosas de dominação. Não se vê as formas de violência econômica, simbólica, que um determinado sistema de relações sociais encerra.

Pode-se identificar na produção intelectual de Cascudo uma cultura partilhada por determinados setores sociais numa prática de discurso de poder. Em como organiza e aborda as temáticas folclóricas e na própria assunção dessa linha de estudo. Nas biografias laudatórias, em sua grande maioria de figuras das elites dirigentes e donos do poder. Na história da sociedade local. Também numa filosofia moralista que procura se sustentar em avaliações tidas científicas. No miúdo cite-se a transposição do social para o reino animal com comparações e moralidades. O animal serve como exemplo e comprovação da vida social. Cite-se igualmente a crença na ação criadora da subjetividade especial. Também, lembrem-se todos os processos de homenagens de que a individualidade de Cascudo recebeu e recebe⁸⁰; nos livros encomendados pelo poder estatal; no acesso aos centros de produção intelectual e editorial; no jogo de relações pessoais específicos nas altas rodas.

A abordagem é realizada com a consideração de que a sociedade é perpassada pelo conflito. No próprio exame dos acontecimentos aparecem conflitos de toda ordem inclusive com violência física, que é sempre política em seus vários níveis. O conflito na sociedade tem base na própria sociedade. Talvez os conflitos e as constrições se escondam nos planos mais fundos da vida social. Na parte mais externa temos os encaixes, as justificações prazerosas, etc. Os indivíduos, que são definidos pelas relações sociais (a começar pelo nome dito inclusive como “nome de batismo”, o que já inclui um componente religioso), sofrem e se envolvem de diversas formas nos variados conflitos que recebem a carga histórica passada e presente.

⁸⁰ São exemplos: Azevedo (1998); Barreto (2003); Cascudo (2007); Cicco (1947); Costa (1969); Dantas (1947); Ferreira (1986); França (1947 e 1969); Gico; Leite (1992); Lima (1969; 1998 e 2007); Medeiros Filho (1998); Melo (1947a, 1947b, 1947c e 1975); Melo (1979); Nonato (1958); Oliveira (1999); Pereira (1969 e 1970); Pereira (1992); Petrovich (1969 e 2007); Saraiva (1969); Serejo (2007); Silva (2002); Silveira (1993); Wanderley (1968). Não é objetivo aqui analisar todo esse material. No momento serviu mais para fornecer alguns elementos sobre as condições sociais e culturais que provocaram a produção intelectual de Câmara Cascudo.

A sociologia sempre fugiu do discurso individualista. As contribuições mais recentes de Norbert Elias e Pierre Bourdieu trazem novas perspectivas para se fugir ao essencialismo de uma postura individualista. Ainda é muito difícil falar às pessoas que não são pessoas. Pensar-se individualmente como aquele que faz coisas é extremamente salutar, mas não se deve esquecer que somos expressão de um feixe de relações, que só encontramos sentido no interior dessas relações, que somos porque somos dentro delas. Bourdieu diz que quando mais se aprofunda a análise mais se vê estruturas e não individualidades. Só podemos nos compreender se compreendermos isso que é só o início, porque é uma introdução a dimensão conflitual.

A referência a uma “trajetória” e a uma “individualidade” não deve fazer que esqueçamos de reflexionar categorias que se fazem presente no que Bourdieu tão bem caracterizou como uma “ilusão biográfica”. Arrematando sua análise, Bourdieu desenvolve:

Tentar compreender uma vida como uma série única e, por si só, suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outra ligação que a vinculação a um ‘sujeito’ cuja única constância é a do nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diversas estações. Os acontecimentos biográficos definem-se antes como *alocações* e como *deslocamentos* no espaço social, isto é, mais precisamente, nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição dos diferentes tipos de capital que estão em jogo no campo considerado. É evidente que o sentido dos movimentos que levam de uma posição a outra (de um editor a outro, de uma revista a outra, de um bispo a outro etc.) define-se na relação objetiva entre o sentido dessas posições no momento considerado, no interior de um espaço orientado. Isto é, não podemos compreender uma trajetória (ou seja, o *envelhecimento social* que, ainda que inevitavelmente o acompanhe, é independente do envelhecimento biológico), a menos que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou; logo, o conjunto de relações objetivas que vincularam o agente considerado – pelo menos em certo número de estados pertinentes do campo – ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e que se defrontaram no mesmo espaço de possíveis. Essa construção prévia é também condição de qualquer avaliação rigorosa do que poderíamos chamar de *superfície social*, como descrição rigorosa da *personalidade* designada pelo nome próprio, isto é, o conjunto de posições simultaneamente ocupadas, em um momento dado do tempo, por uma individualidade biológica socialmente instituída, que age como suporte de um conjunto de atributos e de atribuições que permitem sua intervenção como agente eficiente nos diferentes campos”.(Bourdieu, 1996: 81-2).

Analisar a significação de um trabalho intelectual leva a uma reconstituição biográfica. Mas isso não pode realizar uma “ilusão biográfica”. Uma crença numa existência individual autônoma, subjetiva e linear. Levando do “verde” ao “maduro”, numa sucessão de datas e eventos. Registrar datas, acontecimentos, etc, é um momento da compreensão, que mesmo que fosse para contar a história de uma pessoa, nisto não poderia se manter. Em cada unidade de pessoa e em cada momento considerado se encontra uma história social. Com seus conflitos e contradições, encaixes e equilíbrios que redimensionam a cada momento a significação do ser e da situação. Procurou-se nisso construir analiticamente as injunções sociais inerentes a prática intelectual em questão, fazendo-se inclusive muito uso de todo um discurso apologético em relação a Cascudo, muito em circulação em Natal, já antes de sua morte.

REFERÊNCIAS⁸¹

ALMEIDA, W. de. “Luiz da Camara Cascudo no meio da musica”. In: MELO, M. Rodrigues de et al. **Luis da Câmara Cascudo: depoimentos: homenagem de seus amigos**. Natal: Centro de Imprensa, 1947.

ANDRADE, M. de. “O desafio brasileiro”. In: _____. **O Empalhador de Passarinho**. São Paulo: Martins, 1955a.

_____. “Vaqueiros e cantadores”. In: _____. **O Empalhador de Passarinho**. São Paulo: Martins, 1955b.

_____. **Os Cocos**. São Paulo: Duas Cidades; Brasília: INL, Fundação Pró-Memória, 1984.

_____. **Poesias Completas**: edição crítica de Diléa Zanotto Manfio. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

_____. **O Turista Aprendiz**. Belo Horizonte: Itatiaia. 2002.

ANDRADE, M. O. de. **Anotações sobre a obra etnográfica de Câmara Cascudo**. Natal: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte; Salvador: Fundação João Fernandes da Cunha, 1999.

ANGELO, A.. “O velho que sabe tudo”. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, domingo, 7 de janeiro de 1979. Folhetim. (Entrevista com Câmara Cascudo).

ARAÚJO, H. H. de (1995). **Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte**. Natal: Editora da UFRN, 1995.

_____. **Asas de Sófia: ensaios cascudianos**. Natal: FIERN; SESI, 1998.

_____. (org.). **História de letras: pesquisas sobre a literatura no Rio Grande do Norte**. Natal: Scriptorin Candinha Bezerra; Fundação Hélio Galvão, 2001.

⁸¹ De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6023.

ARRAIS, R.. “O nascimento do cronista e o nascimento da cidade de Natal”. In: CASCUDO, Luis da Câmara. **Crônicas de origem: a cidade de Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20**. Natal: EDUFRN, 2005.

AUERBACH, E.. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

AUGUSTO, J.. “A Cadeira de Gramática Latina da Vila do Príncipe”. In: _____. **Seridó**, Vol. I. Rio de Janeiro: Borsoi, 1954.

AZEVEDO, C. L. de, CAMARGOS, M. M. de R., SACCHETTA, V.. **Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia**. 3. ed. São Paulo: Editroa SENAC, 2001.

AZEVEDO, R. T. de (coord.). **I Pannel sobre Vida e Obra de Câmara Cascudo**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

BARRETO, A. M. C.. **O Colecionador de Crepúsculos: fotobiografia de Luís da Câmara Cascudo**. Brasília: s. ed, 2003.

BLOCH, P. “Grandes entrevistas – Câmara Cascudo”. **Manchete**, n. 619, 29 fev. 1964.

BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.

BRASIL AÇUCAREIRO, Rio de Janeiro, ago. 1971, Seção “Notas e Comentários”, p.3.

BRITO, R. S. de. **Apostila do afeto: Câmara Cascudo (Cartas a Raimundo Nonato) 1972-1979**. Mossoró: Coleção Mossoroense, 1986.

CANDIDO, A.. “A Revolução de 1930”. **Novos Estudos Cebrap**, 1984, n. 4, pp. 27-36.

CARDOSO, R. (coord.). **400 Nomes de Natal**. Prefeitura Municipal de Natal, 2000.

CASCUDO, L. da C.. “O Aboiador”. **Revista do Brasil**, N. 67, Julho, 1921, Editor: Monteiro Lobato & Comp., São Paulo.

_____. **Historias que o tempo leva... (da história do Rio G. do Norte)**. São Paulo: Monteiro Lobato, 1924.

_____. **Joio (paginas de literatura e critica)**. Natal: Off. Graph. d’A Imprensa, 1924.

_____. **Conde d’Eu**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.

_____. **Sociedade Brasileira de Folk-Lore (Pedibus Tardus, Tenax Cursu)**. Natal: Oficinas do D.E.I.P., 1942.

_____. **Informação de História e Etnografia**. Recife, 1944.

_____. **Contos Tradicionais do Brasil: confronto e notas.** Rio de Janeiro: Americ-Edit, 1946.

_____. **História da Cidade do Natal.** Natal: Prefeitura Municipal do Natal, 1947.

_____. **Dicionário do Folclore Brasileiro.** Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1954.

_____. **Tradições Populares da Pecuária Nordestina.** Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura; Serviço de Informação Agrícola, 1956.

_____. **Jangadeiros.** Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura; Serviço de Informação Agrícola, 1957.

_____. **História da República no Rio Grande do Norte – da propaganda à primeira eleição direta para governador.** Rio de Janeiro: Edições do Val, 1965.

_____. **Flor de Romances Trágicos.** Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966.

_____. **Prelúdio da Cachaça (etnografia, história e sociologia da aguardente no Brasil).** Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool. Coleção Canavieira, 1968.

_____. **A Vaquejada Nordestina e sua Origem.** Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais; MEC, 1969.

_____. **Gente Viva.** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970.

_____. **Sociologia do Açúcar: Pesquisa e Dedução.** Rio de Janeiro: Ministério da Indústria e do Comércio, Instituto do Açúcar e do Alcool, 1971.

_____. **Ontem (Maginações e Notas de um Professor de Província).** Natal: Imprensa Universitária, 1972.

_____. **Viajando o Sertão.** 2.ed. Natal: Fundação José Augusto, 1975.

_____. **Dicionário do Folclore Brasileiro.** 4. ed. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: INL/MEC, 1979. (Edição revista e ampliada).

_____. **História da Cidade do Natal.** 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: Instituto Nacional do Livro; Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1980.

_____. **Geografia dos Mitos Brasileiros.** Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1983a.

_____. **História da alimentação no Brasil.** Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1983b.

_____. **Civilização e Cultura: Pesquisas e notas de Etnografia Geral.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.

_____. **Vaqueiros e cantadores.** Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1984a.

_____. **Literatura Oral no Brasil.** 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1984b.

_____. **História do Rio Grande do Norte.** 2. ed. Natal: Fundação José Augusto; Rio de Janeiro: Achiamé, 1984c.

_____. “Abrindo as portas”. In: ____ et al. **Nossa Cidade Natal: Crônicas.** Natal: Prefeitura Municipal da Cidade do Natal.

_____. **Superstição no Brasil.** Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1985.

_____. **Locuções Tradicionais no Brasil.** Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1986a.

_____. **Contos Tradicionais do Brasil.** Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1986b.

_____. **Prelúdio da Cachaça.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1986c.

_____. **História dos nossos gestos.** Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1987.

_____. **Dicionário do Folclore Brasileiro.** 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1988a.

_____. **Pequeno manual do doente aprendiz: notas e maginações.** Natal: Edufrn, 1988b.

_____. **O Livro das Velhas Figuras – VI – (Pesquisas e lembranças na história do Rio Grande do Norte).** Natal: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1989.

_____. **Na Ronda do Tempo: diário de 1969.** Natal: EDUFRN, 1998a.

_____. **Alma patricia. Crítica literária.** 2. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1998b.

_____. **História da Cidade do Natal.** 3. ed. Natal: RN Econômico, 1999. [Edição comemorativa do Centenário de nascimento de Luís da Câmara Cascudo (1998), do IV Centenário da construção da Fortaleza dos Reis Magos (1998) e da fundação da Cidade do Natal (1999); Edição do Instituto Histórico e Geográfico/RN].

_____. **No Caminho do Avião: notas de reportagem aérea (1922-1933).** Natal: EDUFRN – Editora da UFRN, 2007.

_____. **Vida de Pedro Velho**. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2008a.

_____. **Vida Breve de Auta de Souza – 1876-1901**. 2 ed. Natal: EDUFRN, 2008b.

_____. **O Tempo e Eu: confidências e proposições**. Natal: EDUFRN, 2008c.

CASCUDO, L. da C., ANDRADE, M. de. **Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas 1924-1944**. São Paulo: Global, 2010.

CICCO, J. “Luiz da Camara Cascudo na intimidade”. In: MELO, M. Rodrigues de et al. **Luis da Câmara Cascudo: depoimentos: homenagem de seus amigos**. Natal: Centro de Imprensa, 1947.

CICCO, J. “Como se Hygienizaria Natal: algumas considerações sobre seu saneamento. **Especial Diário de Natal**, Natal, 22 mar. 2001.

COSTA, A. de O. **Viagem ao universo de Câmara Cascudo: tentativa de ensaio biobibliográfico**. Natal: Fundação José Augusto, 1969.

_____. “Notícia liminar”. In: CASCUDO, Luís da Câmara. **Três Ensaio Franceses**. Natal: Fundação José Augusto, 1977.

DR. Gustavo Barroso. **A República**, Natal, 28 abr. 1929. p. 1.

FARIA, O. L. **De Cascudo para Oswaldo**. Natal: Sebo Vermelho; Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado; Fundação Guimarães Duque, 2005.

FERLINI, V. L. A. “Sociologia do Açúcar”. In: SILVA, Marcos (org.). **Dicionário Crítico Câmara Cascudo**. São Paulo: Perspectiva, FFLCH/USP, Fapesp; Natal: Edufrn, Fundação José Augusto, 2003.

FERREIRA, S. M. F.. **De como Câmara Cascudo se tornou um autor consagrado**. Natal: Clima, 1986.

FRANÇA, A. “Luiz da Camara Cascudo e a Província”. In: MELO, M. Rodrigues de et al. **Luis da Câmara Cascudo: depoimentos: homenagem de seus amigos**. Natal: Centro de Imprensa, 1947.

_____. **Câmara Cascudo e a Academia Norte-Riograndense de Letras**. In: PETROVICH, Enélio Lima et al. **Luís da Câmara Cascudo (sua vida e sua obra) – Homenagem do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1969.

FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO. CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS JUVENAL LAMARTINE. **Fundação José Augusto: 40 anos, 1963-2003**. Natal: Fundação José Augusto, 2004.

GICO, V. **Luís da Câmara Cascudo: Bibliografia comentada: 1968/1995**. Natal: EDUFRN, 1996.

_____. **Luís da Câmara Cascudo: itinerário de um pensador**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1998. Tese de doutorado.

GÓES, M. de. “Natal celebra Cascudo e seus 20 anos de ‘encantamento’ ”. In: CASCUDO, Daliana (org.). **Câmara Cascudo: 20 anos de encantamento**. Natal: EDUFRN, 2007.

GUERRA, O. “Luiz da Camara Cascudo – Professor”. MELO, M. Rodrigues de et al. **Luis da Câmara Cascudo: depoimentos: homenagem de seus amigos**. Natal: Centro de Imprensa, 1947.

_____. “Prefácio”. In: GUANABARA, Gileno. **Faculdade de Direito de Natal. Lutas e tradições: 1949-1973**. Natal: RN Gráfica e Editora, 1988.

GURGEL, A. Um olhar sobre as bibliotecas potiguares. **Papangu**, Ano 2, N. 14, março, 2005. p. 20-1.

GURGEL, T. **Informação da literatura potiguar**. Natal: Argos, 2001.

INOJOSA, J. **O Movimento Modernista em Pernambuco – Recife, Rio, São Paulo**. Rio de Janeiro: s. ed, 1968.

KOSHIYAMA, A. M. **Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor**. São Paulo: Edusp, Com-Arte, 2006.

Lajolo, M. “De São Paulo ao Aconcágua: uma trajetória latino americana para Monteiro Lobato”. Texto apresentado na 8ª versão das **Jornadas Andinas de Literatura Latino Americana**, Lima 9 a 13 de agosto de 2004, p. 3-4. www.unicamp.br/monteirolobato/outros/limaportugues.pdf

LEITE, N. C. R.. **Lembranças do meu avô**. Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 1992.

LE MOS, T. V. de. **Mensagens de Câmara Cascudo e Cosme Lemos** – coletânea de Thadeu Villar de Lemos, volume I. Rio de Janeiro: Pongetti.

_____. (1978) “Em vez de apresentação”. In: CASCUDO, Luís da Câmara. **O Livro das Velhas Figuras (Pesquisas e lembranças na História do Rio Grande do Norte)**. Natal: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

LEPENIES, W. **As Três Culturas**. São Paulo: Edusp. 1996.

LIMA, D. da C. “Câmara Cascudo em família”. In: PETROVICH, Enélio Lima et al. **Luís da Câmara Cascudo (sua vida e sua obra)**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1969.

_____. **Câmara Cascudo: um brasileiro feliz**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lidador, 1998.

LIMA, H.. **Poeira do Tempo: memórias**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1967.

LIMA, N. “Esboço biográfico”. In: MELO, M. Rodrigues de et al. **Luiz da Câmara Cascudo: depoimentos: homenagem de seus amigos**. Natal: Centro de Imprensa, 1947.

LIMA, P. de. **Luís da Câmara Cascudo e a questão urbana em Natal**. Natal: EDUFRN, 2006.

LYRA, C. (org.). **Luis da Câmara Cascudo: depoimentos**. Natal, Editora da UFRN, 1999.

_____. **Uma Câmara Vê Cascudo**. Natal: Sebo Vermelho, 2002.

MAMEDE, Z. **Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual 1918/1968**. Natal: Fundação José Augusto, 1970.

MEDEIROS FILHO, J. **Contribuição à História Intelectual do Rio Grande do Norte**. Natal: s. ed, 1983.

MEDEIROS FILHO, O. de. “Câmara Cascudo e o Seridó”. **O Potiguar**. Natal, dez. 2004. Ano VIII, n. 41. p.4.

MELLO, A. da S. **Nordeste Brasileiro: Estudos e impressões de viagem**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

MELO, L. G. C. G. de. **Câmara Cascudo, o camisa verde**. 2. ed. Natal: Edição Sebo Verde Amarelo, 2004.

_____. “Cascudo não devolveu comenda de Moussolini”. **O Poti**, Natal, 4 jul. 2000. Caderno Muito, p. 1, 2000.

MELO, M. R. de. “Dois grandes aspectos da vida e da obra de Luiz da Camara Cascudo”. In: MELO, M. Rodrigues de et al. **Luis da Câmara Cascudo: depoimentos: homenagem de seus amigos**. Natal: Centro de Imprensa, 1947.

_____. “Nota”. In: CASCUDO, Luís da Câmara. **Viajando o Sertão**. Natal: Fundação José Augusto, 1975.

MELO, V. de. “Jorge Fernandes – um dos precursores do movimento modernista no Brasil”. In: _____. **Dois Poetas do Nordeste (Jorge Fernandes e Ascenso Ferreira)**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, 1964.

_____. “Introdução”. In: FERNANDES, Jorge. **Livro de Poemas e outras poesias**. Natal: Fundação José Augusto, 1970.

_____. **Patronos e Acadêmicos: Academia Norte-Riograndense de Letras (Antologia e Biografia)**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1972.

_____. **Cascudo em dois tempos: o professor, o epistológrafo**. Natal: Edições de “A República”, 1979.

MELQUIADES, J. **Saturnino, Cascudo e o Clube dos Inocentes**. Porto Alegre: CFP SENAI de Artes Gráficas “Henrique d’Ávila Bertaso”, 1992.

MICELI, S. **A Elite Eclesiástica Brasileira**. Rio de Janeiro: Bertand, 1988.

_____. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. “Experiência social e imaginário literário nos livros de estréia dos modernistas em São Paulo”. **Tempo Social**, vol.16, n.1 São Paulo, jun. 2004. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702004000100010>.

_____. **A noite da madrinha e outros ensaios sobre o éter nacional**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. “Mário de Andrade: a invenção do moderno intelectual brasileiro”. In: BOTELHO, André, SCHWARCZ, Lilia Moritz (orgs.). **Um Enigma Chamado Brasil: 29 intérpretes e um país**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. “O enigma portenho”. In: SARLO, Beatriz. **Modernidade periférica: Buenos Aires 1920 e 1930**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

MONTEIRO, D. M. **Introdução à história do Rio Grande do Norte**. 3. ed. Natal: EDUFRRN, 2007.

MORAES, M. A. de. **Orgulho de Jamais Aconselhar: A Epistolografia de Mário de Andrade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; FAPESP, 2007.

NEGREIROS, Armando. **Na companhia dos imortais**. Natal: AS Editores, 2003.

NEVES, A. G. **Câmara Cascudo e Oscar Ribas: diálogos no Atlântico**. Universidade de São Paulo; Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas; Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa, 2008.

NOGUEIRA, M. G. P. **Edição anotada da Correspondência Mário de Andrade e Renato de Almeida**. São Paulo: FFLCH-USP, 2003. (Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo).

NONATO, R. **Figuras e Tradições do Nordeste**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1958.

_____. **Bacharéis de Olinda e Recife (Norte-Riograndenses formados de 1832 a 1932)**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1960.

OLIVEIRA, G. **Câmara Cascudo: um homem chamado Brasil**. Brasília: Brasília Jurídica, 1999.

OLIVEIRA, H. P. de. “Prefácio”. In: CASCUDO, L. C. _____. **Sociologia do Açúcar: Pesquisa e Dedução**. Rio de Janeiro: Ministério da Indústria e do Comércio, Instituto do Açúcar e do Alcool, 1971.

OLIVEIRA, L.. **Bibliotecas vivas do Rio Grande do Norte**. Natal: Sebo Vermelho, 2005.

PASSOS, R. de S. (org.). **Natal em Perfil 1992**. Natal: Mandato Popular do Partido dos Trabalhadores – PT, Vereador Fernando Mineiro, 1992.

PEDROZA, S. P. **Pensamento e Ação: marcos de uma trajetória de governo**. Natal: Fundação José Augusto, 1984.

_____. “À guisa de prefácio”. In: CASCUDO, Luís da Câmara. **O Livro das Velhas Figuras - VI** -. Natal: Instituto Histórico e Geográfico, 1989.

PÉ na trilha de Cascudo. **Diário de Natal**, Natal, 2005. DN Educação, p. 3.

PEREIRA, N. “Câmara Cascudo: homem da província”. In: PETROVICH, Enélio Lima et al. **Luís da Câmara Cascudo (sua vida e sua obra)**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1969.

_____. “Cascudo, a província e o mundo”. In: _____. **Espírito de província**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970.

PEREIRA, R. “Larim, Toré, Babá”. **O Galo: Revista de Cultura**, Natal, Ano V, N. 02, ago. 1992. p. 28-9. Governo do Estado do Rio Grande do Norte, Fundação José Augusto, 1992.

PONTES, H. “Retratos do Brasil: editores, editoras e “Coleções Brasileira” nas décadas de 30, 40 e 50”. In: MICELI, Sergio (org.). **História das ciências sociais no Brasil**. São Paulo: Vértice, 1989.

_____. **Intérpretes da Metrópole: história social e relações de gênero no teatro e no campo intelectual, 1940-1968**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; FAPESP, 2010.

PORTO, M. M. “Os golpistas estão na menopausa”. **RN-Econômico**, abril 1990. Ano XXI, n. 220. p 17-24.

PROVÍNCIA 2. Edição Fac-similar Comemorativa dos 100 anos (1898-1998) Luís da câmara Cascudo. Natal: Edfurn, 1998.

Rabello, S. “Duas palavras sobre novo ensaio de Luis da Câmara Cascudo”. In: CASCUDO, Luís da Câmara. **A Vaquejada Nordestina e sua Origem**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais; MEC, 1969.

SALES, A. V. **Câmara Cascudo: o que é folclore, lenda, mito e a presença lendária dos holandeses no Brasil**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007.

SARAIVA, G. **Câmara Cascudo: musicólogo desconhecido**. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1969.

SILVA, R. (org.). **Jardins do Sobradinho: cartas de Luís da Câmara Cascudo a João Lyra Filho**. Natal: Sebo Vermelho, 2000.

_____. **Luís, toujours lui: cartas de Câmara Cascudo a Bernard Alléguede**. Natal: Sebo Vermelho, 2002.

SILVA, M. **Câmara Cascudo, Dona Nazaré de Souza & Cia. (Guerras do Alecrim)**. Natal: Edufrn; São Paulo: Terceira Margem, 2007.

SILVEIRA, C. da. “Cascudo – sabedoria e humildade”. **Diário de Natal**, 30 jul. 1993. p. 04.

SORÁ, G. **Brasileiras: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

SOUSA, O. de. “Câmara Cascudo e o musicista”. In: PETROVICH, Enélio Lima et al. **Luís da Câmara Cascudo (sua vida e sua obra)**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1969.

TRINDADE, H. **Integralismo (O fascismo brasileiro na década de 30)**. São Paulo: Difusão Européia do Livro; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974.

WANDERLEY, J. dos G. “O príncipe do Tirol”. **Província**, Natal: Fundação José Augusto, 1968.

WANDERLEY, R. C. **Panorama da Poesia Norte-Rio-Grandense**. Rio de Janeiro: Edições do Val, 1965.